

FERNANDO OLIVEIRA DA COSTA



AS CONSTRUÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES CULTURAIS NEGRAS NO DISTRITO DO GRAJÁU

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

FERNANDO OLIVEIRA DA COSTA

**AS CONSTRUÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES CULTURAIS NEGRAS
NO DISTRITO DO GRAJAÚ**

SÃO CARLOS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

**AS CONSTRUÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES CULTURAIS NEGRAS
NO DISTRITO DO GRAJAÚ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia - Centro de Educação e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Valter Roberto Silvério.

SÃO CARLOS

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Fernando Oliveira da Costa, realizada em 28/02/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Valter Roberto Silverio (UFSCar)

Prof. Dr. Cauê Gomes Flor (UFPR)

Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que preciso agradecer. A começar por aqueles e aquelas que considero meus ancestrais afrodescendentes. Em pensamento, expresso profunda gratidão a todas as pessoas, entidades e orixás que descobri nesses últimos anos.

Quero agradecer à minha família biológica: minha mãe Maria Pereira da Costa e meu pai Elias Pereira da Costa. A vocês devo exatamente tudo e sem vocês muitas coisas boas não teriam acontecido na minha vida. Sempre me pego pensando (sem respostas) sobre que tipo de retribuição poderia oferecer a vocês, considerando a atividade de estudo e a vida profissional que escolhi e que, por vezes, parece se apresentar de maneira enigmática.

Agradeço à minha irmã Eliane Oliveira da Costa pelas intensas discussões e debates que fazíamos em casa e sob a presença de nossos filhos e pais. Tenho certeza que nos fortalecemos nesse processo.

Agradeço também ao meu filho Otto Oliveira da Costa Silva Rosa e aos meus sobrinhos Davi Oliveira da Costa Nunes e Arthur Oliveira da Costa Nunes. Sou muito grato pelos aprendizados e pela compreensão e paciência com minhas ausências e pequenos distanciamentos. Saibam que vocês sempre estarão no horizonte dos meus pensamentos. Quero continuar parceiro das brincadeiras e projetos de vida de vocês.

Devo saúde, dinheiro e obrigação à família da capoeira Angola. O grupo Semente do Jogo de Angola, de mestre Jogo de Dentro. Tudo começou com um convite desacreditado “eu vou recomeçar as atividades de capoeira lá na minha casa. Como eu poderia me esquecer desta frase, naquele dia, naquele local em meio a tantos amigos e situação limiar?! Meu profundo e infinito agradecimento ao contramestre Alan Amaro dos Santos pelos ensinamentos e pelas referências (no amor e na dor).

A capoeira de Angola me inseriu e abriu caminhos para os estudos sobre história(s) da(s) África(s) e dos afrodescendentes na diáspora. Pude conhecer, aprender e conviver com mestre Jogo de Dentro (Jorge Egídio dos Santos) – elo forte da ancestralidade afrodescendente - mestre Fábio Formigão (Fábio Tomé

Pita dos Santos), Simone Iara, Liliane Rodrigues, Ingridy Oliveira, Wilson Oliveira, Roberto Cavalcante, Naila e Samya Aori, Davi Lemos, Carol Avelino, Victor Crispin, Beth e Sabrina Medeiros, Mariana, Sabrina, Luan e Leonel.

Faço um agradecimento especial à Vanessa Candida Lourenço, que sem saber me encorajou a voltar a estudar Ciências Sociais depois de um longo período afastado do universo acadêmico e que, ao mesmo tempo, reavivou e resignificou em mim os sentimentos de afeto, amor, conhecimento e respeito. Seus ensinamentos, carinho, amizade e compreensão levarei todos até o fim da vida. Você é meu divisor de águas.

Agradeço ao coletivo Identidade Oculta pelos ensinamentos, broncas e vivências experimentadas na confecção da dramaturgia "Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar" cito Janaina Soares, Paulo Henrique Sant'anna e Alene Alves, Ariadne Caroline, Salloma Sallomão, Djamila Ribeiro, Monilson, mestre Pedro Peu, Maria Thaís. Sem vocês esta dissertação de mestrado não teria ocorrido. No mais agradeço a importância de terem me ensinado que existe vida do pescoço para baixo e a importância disso para os processos de "desescolarização do corpo".

Agradeço aos entrevistados que pacientemente, cada um a seu modo e contexto, cederam algumas horas das suas vidas para me ajudar na realização desta pesquisa; Antônio Augusto, Fátima Rosa, Salloma Sallomão, Liliane Rodrigues, Ariadne Caroline, Allan Amaro dos Santos, Lucimeire Juventino, Liliane e Kleber do coletivo "Malungo Não Deixe Sua Cor Passar em Branco", ao grupo Xame La Mi, Xeque Mate La Mission" e toda a família de Seu Flanela em especial. Agradeço à União dos Coletivos Pan-Africanistas de São Paulo UCPA pela iniciativa de tradução e publicação de títulos e autores Pretos da diáspora. Vocês abriram caminhos e permitiram acessos a fontes, informações e discussões relevantes para todo o povo Preto, sobretudo para aqueles que não estão (e talvez nem queiram estar) na academia.

Sou muito grato pelos aprendizados e devo muito a vocês. Sei que o conhecimento deve ir muito mais além do que os muros da academia (branca) nos impõem.

Agradeço a todos das famílias dos terreiros de Candomblé Ilè Asè Ominté e Ilè Obá Ketu Axé Omi Nlá pela recepção e paciência frente às minhas buscas e inquietações acadêmicas e não acadêmicas. Não menos importante, agradeço a Seu Raimundo de Ogun.

Aproveito também para agradecer aos colegas de turma do mestrado 2020-2022 da Universidade Federal de São Carlos, amigos que fiz mesmo a distância devido ao surto de Covid19: Florença, Luana, João, Hasani, Carol Mello, Iberê, Carol Anjos e Giza. Agradeço os professores do departamento de Sociologia da UFSCAR que participaram deste processo, assim como os professores da banca de qualificação Fábio Bechara (UFSCar) e Cauê Gomes Flor (Unesp) pelas valiosas discussões.

Por fim, quero agradecer ao professor Valter Roberto Silvério pelos ensinamentos, paciência e oportunidade. Nunca esqueci suas palavras mesmo que tenha demorado para compreender a profundidade e a riqueza de todas elas. Acredite, tentei dar o melhor de mim e seguirei tentando!

Resumo

O presente estudo, denominado “As construções e representações sociais de identidades culturais negras no subdistrito do Grajaú” consiste em uma pesquisa que objetivou articular estudos desenvolvidos no campo das relações raciais, estudos da diáspora e estudos urbanos a um objeto empírico de pesquisa, no caso, as práticas culturais negras observadas no subdistrito do Grajaú, da zona sul de São Paulo, capital. Três enfoques de pesquisas são desenvolvidos. O primeiro enfoque descreve o processo e articulação entre o sujeito da pesquisa com os enfoques de análise autobiográfica e os estudos sobre racialização. O segundo enfoque desenvolve uma releitura do estudos (teses e dissertações) feitos sobre o distrito do Grajaú fazendo uso de quadros teóricos de referência produzidos por intelectuais negros interessados em investigar sobre “população negra” e “negros na cidades” em vista de verificar como a população negra situada na região do distrito do Grajaú foi representada (ou não) nas teses e dissertações produzidas sobre essa região ao longo da década de 1990 até o ano de 2019. O terceiro enfoque apresenta uma descrição empírica, realizada por meio de trabalho de campo constituído por observação participante, uso de dados secundários e entrevistas sobre as representações sociais e práticas culturais negras situadas no distrito do Grajaú.

Palavras-chave: identidade; representações sociais; práticas culturais; relações raciais; diáspora como categoria analítica.

Abstract

This study, called “The constructions and social representations of black cultural identities in the Grajaú subdistrict”, consists of a research that aimed to articulate studies developed in the field of racial relations, diaspora studies and urban studies to an empirical research object, in this case, the black cultural practices observed in the subdistrict of Grajaú in the south zone of São Paulo, capital. Three research approaches are developed. The first approach describes the process and articulation between the subject of the research with the approaches of autobiographical analysis and studies on racialization. The second approach develops a re-reading of studies (theses and dissertations) carried out in the district of Grajaú, making use of theoretical frameworks of reference produced by black intellectuals interested in investigating the subjects “black population” and “blacks in the cities” in order to verify how the black population located in the Grajaú district region was represented (or not) in the theses and dissertations produced on this region throughout the 1990 decade until the year 2019. The third focus presents an empirical description through fieldwork consisting of participant observation, use of secondary data and interviews on social representations and black cultural practices located in the district of Grajaú.

Keywords: identity; social representations; cultural practices; racial relations; diaspora as an analytical category.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	20
Figura 2.....	21
Figura 3.....	22
Figura 4.....	22
Figura 5.....	31
Figura 6.....	32
Figura 7.....	34
Figura 8.....	54
Figura 9.....	54
Figura 10.....	54
Figura 11.....	55
Figura 12.....	80
Figura 13.....	81
Figura 14.....	82
Figura 15.....	84
Figura 16.....	85
Figura 17.....	86
Figura 18.....	87
Figura 19.....	87
Figura 20.....	91
Figura 21.....	91
Figura 22.....	92
Figura 23.....	93
Figura 24.....	94
Figura 25a.....	96
Figura 25b.....	96
Figura 26.....	97
Figura 27.....	97
Figura 28.....	98
Figura 29.....	100
Figura 30.....	122
Figura 31.....	122
Figura 32.....	123
Figura 33.....	123
Figura 34.....	124
Figura 35.....	124
Figura 36.....	125
Figura 37a.....	125
Figura 37b.....	125
Figura 38.....	126
Figura 39.....	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ONDE E PORQUE ESTA PESQUISA COMEÇA	14
1.1. Nosso ponto de partida	14
1.2. Entre identidade e identificação	18
1.3. Experiências sociais no subdistrito de Grajaú	25
1.4. Capoeira Angola e as práticas culturais	26
1.5. O teatro afro-periférico e suas práticas culturais	26
2. QUÃO NEGRO É O DISTRITO DO GRAJAÚ? LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES ENTRE 1992 E 2019	30
2.1. Apresentando os problemas, os níveis e enfoques de análise	30
2.2. Dados censitários e processos de urbanização	31
2.3. Dados demográficos e a partir de classificação étnico-racial (IBGE e SEADE) nos distritos de Grajaú e Capela do Socorro	33
2.4. Contextualizando historicamente o território da pesquisa	34
2.5. Representações midiáticas	35
2.6. Alguns dados históricos	37
2.6.1. Os anos 1960	37
2.6.2. Os anos 1970	44
2.6.3. Os anos 1980	46
2.6.4. Os anos 1990	48
2.6.5. Os anos 2000	51
2.6.6. Dos anos 2010 a 2020	53
2.7. Perguntas de base para análise das dissertações e teses	60
3. CARTOGRAFIA DAS PRÁTICAS CULTURAIS NEGRAS, LEVANTAMENTOS E ENTREVISTA	71
3.1. Cartografia como pressuposto teórico da localização das práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú	71
3.2. Conexões para a passagem teórica às análises empíricas: os usos da cartografia e da autoetnografia	75
3.3. Notas etnográficas e representações cartográficas	76

3.4. Oficinas promovidas pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá	81
3.5. Deslocamentos semânticos pensados nas artes cênicas: das referências biomecânicas de Stanislavski e Meirhold à ideia de “aparição” do Nego Fugido .	87
3.6. Sobre as práticas culturais e a problemática da racialização: o projeto Grajaú Contra o Racismo	95
3.7. O levantamento de dados sobre grupos culturais no distrito do Grajaú	101
3.8. Base de dados do VAI	101
3.9. Sobre o critério de busca e análise das sinopses fornecidas pela VAI	102
3.10. Os grupos culturais no subdistrito do Grajaú de acordo com a base de dados do CEMDM	116
3.11. O uso do esquema analítico dos Estudos Culturais	126
3.12. Aplicação do “circuito da cultura” as práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú	129
3.13. Entrevistas	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187
ANEXO	199

INTRODUÇÃO

[...] tem algum erro aí – eu disse. – estou confuso.

E eu queria dizer outras coisas, mas a gargalhada no andar de cima se tornou alta demais e, para mim, parecia gemido. Tentei sair dali, mas não conseguia. A medida que saía, sentia o desejo urgente de perguntar a ela o que era a liberdade e voltei. Ela estava sentada com a cabeça entre as mãos, gemendo brandamente; seu rosto da cor do couro estava cheio de tristeza.

- Mulher que liberdade é essa que tanto amas? Perguntei lá num canto da minha cabeça.

Ela parecia surpresa, depois pensativa, em seguida confusa.

- Esqueci, filho. Tá tudo misturado. Primeiro penso que é uma coisa, depois acho que é outra. Minha cabeça tá girando. Vejo Agora que não é nada, só sei dizer o que tenho na minha cabeça. Mas isso é uma coisa difícil, filho. Aconteceu muita coisa num tempo curto demais. (ELLISON, Ralph. **Homem Invisível**, 1947/2013).

A presente dissertação, intitulada “As construções e representações sociais de identidades culturais negras no distrito do Grajaú”, é resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do PPGS-UFSCAR na linha “Cultura, Diferença e Desigualdades”.

A linha de pesquisa específica denominada “Estudo da Diáspora Africana e das Diferenças” procura desenvolver aspectos do projeto de pesquisa desenvolvido por Silvério (2018b; 2020c) que trata de “Intelectuais e ativistas na construção do transnacionalismo negro e da diáspora africana no século XX”.

O objetivo geral da presente pesquisa observou como o legado teórico e prático apresentado pelo enfoque de pesquisa sobre intelectuais negros podem ser operados em processos de investigação empírica da sociologia em intersecção ao campo dos Estudos Culturais.

Daí a escolha do distrito do Grajaú e as práticas culturais negras lá observadas.

Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- 1) Identificar quais teses e dissertações associadas às práticas das culturas negras, ou temáticas situadas no campo de estudos afro-brasileiros, já foram realizadas sobre a região do subdistrito de Grajaú.
- 2) Identificar as representações e práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú por meio de pesquisa de campo utilizando pesquisa etnográfica e levantamento de dados secundários tais como base de dados de políticas públicas e entrevistas com sujeitos inseridos na promoção de práticas de culturas negras na região.

Os resultados do estudo estão organizados em 3 capítulos que são os seguintes:

1) Capítulo de apresentação do processo social e epistêmico da construção do objeto de pesquisa.

Esta estratégia de pesquisa buscou explicitar a relação entre a experiência social do sujeito proponente da pesquisa em relação às práticas sociais vivenciadas e observadas entre os sujeitos desta região e território e que se tornaram elementos de interesse tanto dos aspectos empíricos da pesquisa como dos âmbitos teóricos.

2) O segundo capítulo, de levantamento e análise de teses e dissertações entre 1992-2019 procura descrever as seguintes questões:

- Quais os temas e problemas foram tratados em relação ao distrito do Grajaú?
- Quais temas e problemas se relacionam às questões étnico raciais ou às populações afrodescendentes considerando esta região?

3) O terceiro capítulo procura apresentar uma descrição dos grupos culturais situados no subdistrito do Grajaú, em particular aqueles que reivindicam uma identificação ou são associados a identificações com as práticas de culturas negras e afro-brasileiras.

No capítulo de considerações finais procura-se apresentar uma amarração dos resultados quanto às questões ainda em aberto e que foram suscitadas durante o processo da pesquisa.

1. ONDE, PORQUE E COMO ESSA PESQUISA COMEÇA: OU ESBOÇOS DE UMA RELEITURA AUTOBIOGRAFICA COMO MÉTODO PARA A CONSTRUÇÃO DE PESQUISA

Longe de ser uma preocupação narcisista ou trivial, posicionar o “eu” no centro da análise é fundamental para a compreensão de uma série de outras relações. DeVeaux prossegue “Temos de entender qual é o nosso lugar como indivíduo e qual é o lugar da pessoa que esta perto de nós. Precisamos entender o espaço entre cada um, antes de entendermos grupos mais complexos ou maiores. (COLLINS, Patricia H. **Pensamento Feminista Negro**, 1990/2019).

O sábio que se debruça sobre os problemas afro-americanos encontra-se, pois, implicado, queira ou não, em um debate angustiante, pois será da solução que lhe será dada que sairá a América de amanhã. Ele deve tomar consciência de suas decisões — não para dissimular o que lhe parece a realidade — mas para perseguir, no decorrer de suas pesquisas, uma outra pesquisa, paralela, sobre ele mesmo; uma espécie de “autopsicanálise” intelectual, e isto, seja ele branco ou negro. (BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**, 1967/1974).

1.1. Ponto de partida

A presente pesquisa se orienta pelas seguintes perguntas: Como identidade(s) e representações têm sido elaboradas através de práticas reivindicadas como culturas negras no distrito do Grajaú? Como o conceito de diáspora na chave da diferença permite desenvolver análises sobre os processos de construção e afirmação de identidades culturais?

O procedimento de pesquisa para responder estas questões tomou como referência a noção de experiência do sujeito.

Considerando que a noção de experiência é constituída pelas relações sociais estabelecidas entre o “eu” e os “outros” em diferentes instâncias, momentos e espacialidades da vida social, a apresentação de uma perspectiva autobiográfica acerca do sujeito social e do sujeito pesquisador se fez necessária paralelamente ao objeto de pesquisa que compreendemos como tema central de análise.

Para tanto tomamos como referência aspectos da perspectiva de autores como W.E.B Du Bois, Franz Fanon e Stuart Hall.

O uso da noção de *autobiografia* pressuposta em nossa pesquisa toma como referência alguns elementos fundamentais da obra **The Soul of Black Folks** (1903) de W.E.B Du Bois. Uma reflexão que o autor apresenta no prefácio da referida obra aponta: “encontram-se soterradas aqui muitas coisas que, se lida com paciência, podem revelar o estranho significado de ser negro” (Du Bois, 2021[1903], p.15)

O termo “soterrar”¹ utilizado na tradução do texto de Du Bois contribui para releitura de minha trajetória e experiência social porque ele incita pensar o termo contrário, isto é, “desenterrar”.

O segundo ponto apresentado por Du Bois, agora orientado ao interesse que tem de compreender a história do povo descendente de africano na América sinaliza para

[...] o ideal do “tornar-se culto”; a curiosidade nascida da ignorância que lhe fora imposta, de conhecer e testar o poder das cabalísticas letras dos brancos, o desejo de saber. [...] ainda que o panorama não revelasse nenhum objetivo, nenhuma perspectiva de descanso, e o máximo que se conseguia eram alguns incentivos e críticas, a jornada pelo menos ofereceu a oportunidade de reflexão e autoanálise (DUBOIS, 2021[1903] p. 27).

E outros aspectos sobre a experiência do sujeito:

transformou o filho da Emancipação em um jovem com princípio de consciência de si mesmo, de autorrealização e de respeito próprio. [...] começou alimentar uma vaga sensação de que para conquistar seu lugar no mundo, precisaria ser ele mesmo e não outra pessoa (DUBOIS, 2021[1903] p. 27).

A leitura de Du Bois me motivou a tentar repensar aspectos da minha trajetória de vida levando em consideração a minha relação com a região do

¹ Na versão original da obra **The Souls of Black Folk**, da edição Oxford (2007), os primeiros parágrafos do prefácio apontam o seguinte “*Here in lie buried many things which if read with patience may show the strange meaning of being black here in the dawning of the Twentieth Century*” (2007, p. 40, grifo nosso). Na tradução brasileira de Heloísa Toller Gomes, publicada em 1999, o primeiro parágrafo do prefácio aponta o seguinte “Aqui estão enterradas muitas coisas que, se lidas com paciência, poderão mostrar o significado de ser negro agora ao alvorecer do século XX” (1999, p. 49, grifo nosso). As palavras sublinhadas, no caso o verbo conjugado no passado “*buried*” em inglês e traduzido como “enterrado” em língua portuguesa, nos permite explicitar o sentido que acreditamos ter o termo contrário. No caso, “desenterrar” permite potencializar o sentido e a referência em que a perspectiva autobiográfica nesta unidade do estudo pretende discutir.

subdistrito do Grajaú.

Essa questão nunca esteve fora de meus pensamentos mais íntimos enquanto projeto para algum momento da vida. Mesmo sob ciência de que, entre as ideias que circulam pela mente e os processos de exteriorização de percepções e representações em forma de palavras, resultantes das meditações sobre si próprio, as pesquisas sobre si a partir do diálogo com os entes próximos quase sempre colidiam com os outros afazeres que se mostravam mais urgentes.

No entanto, uma experiência vivenciada no ano de 2018 através da participação de um processo artístico junto a dois coletivos culturais situados no distrito do Grajaú sinalizaram no sentido da relevância de tal questão: “Quando você se deu conta de sua negritude?”

Esta foi a interpelação dirigida a mim feita pelos diretores artísticos do processo criativo da proposta dramaturgicada denominada “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar”².

Se, por um lado, o objetivo específico da interpelação visava contribuir com o processo de construção dramaturgicada tomando como referência a história de vida dos artistas criadores envolvidos no projeto; por outro lado, esta mesma questão incitou a reconsiderar dois tipos de experiências sociais vivenciadas tanto dentro quanto fora da região do distrito do Grajaú, há cerca de 30 anos atrás.

A primeira experiência que compreendo como significativa para o processo de caráter reconstitutivo se refere à minha inserção no curso de Ciências Sociais no início do século XXI, entre os anos de 2001 e 2013.

Neste período e contexto espacial, as questões sobre “etnia”, “raça” e estudos desenvolvidos por intelectuais africanos, assim como sobre a diáspora africana, não estavam presentes no conteúdo bibliográfico do curso de Ciências

² Trata-se de um projeto artístico que se inicia no ano de 2018, do qual participei junto ao coletivo de teatro Identidade Oculta e do coletivo Espaço Cultural Cazuá, na região do distrito do Grajaú. Decorre das vivências experimentadas nestes coletivos durante o processo criativo para elaboração do espetáculo e, posteriormente, do circuito percorrido para apresentação da peça dentro e fora do distrito no 2º semestre de 2019. Tal vivência faz parte significativa das questões que a presente pesquisa procurou desenvolver, tanto no âmbito da experiência subjetiva do pesquisador quanto no âmbito de formulação de questões sociológicas interessadas em pesquisas sobre a história dos afrodescendentes, sua incidência em São Paulo, a história sobre bairros negros e, mais tarde, sobre estudos da diáspora africana. No terceiro capítulo, serão apresentados os grupos e práticas de culturas negras situado no distrito do Grajaú.

Sociais.

A segunda experiência significativa à qual estive exposto refere-se à minha inserção na prática de capoeira Angola com o grupo Semente do Jogo de Angola a partir do ano de 2014³.

Neste âmbito social, as experiências iniciais ou de socialização também se constituíram por indagações. Os questionamentos e interpelações provindos deste convívio se apresentavam a mim a partir das críticas sobre as maneiras como as Ciências Sociais teriam obtido conhecimento sobre as práticas culturais afrodescendentes, assim como as representações sociais construídas sobre a região.

Neste sentido, foram os conhecimentos constituídos sob outras bases (que não aquelas produzidas por meio das técnicas de escrita e da escrita como principal meio de comunicação) que o universo social da capoeira Angola apresentou experiências sociais passíveis de serem pensadas, a partir da noção de “diferença” em termos de construção do conhecimento e de experiências de grupos sociais acerca da história e culturas afrodescendentes.

Os conhecimentos orais e corporais transmitidos e praticados no processo de aprendizado apresentado pelos chamados mestres de Capoeira Angola, que apresentavam perspectivas histórica, cultural e ética em uma outra chave de compreensão acerca da presença e das agências dos sujeitos afrodescendentes no Brasil e no mundo⁴, passam então a se apresentar como representações no sentido descrito por Stuart Hall, em que:

³ O grupo de capoeira Semente do Jogo de Angola foi fundado em 20 de setembro de 1990, em Salvador, na Bahia, por Jorge Egídio dos Santos, conhecido no mundo da capoeira como mestre Jogo de Dentro. Jogo de Dentro foi aluno de mestre João Pequeno de Pastinha, também em Salvador, nos anos 1980. Em fins dos anos 1990, Jogo de Dentro migra para a cidade de São Paulo em vista de difundir a prática de capoeira Angola. Nas primeiras décadas do século XXI, titulará uma mestra de capoeira no Canadá e alguns contramestres de capoeira Angola na cidade de São Paulo. Estes terão a responsabilidade de difundir os valores e a prática da capoeira Angola. Alan Amaro dos Santos será um dos alunos de mestre Jogo de Dentro que assumirá esta responsabilidade e desenvolverá este trabalho no bairro do Jardim Eliana, distrito de Grajaú, Zona Sul da capital de São Paulo. Retomaremos esta questão no terceiro capítulo, referente às entrevistas e à questão das práticas das culturas negras.

⁴ Fundamentalmente as interpelações ocorriam sobre tudo no contexto em que propunhamos desenvolver seminários e grupos de estudos sobre a história e a cultura da África e dos afrodescendentes no Brasil atividade constitutiva das práticas culturais do grupo de capoeira Semente do Jogo de Angola.

os discursos e as práticas produzem conhecimento e (...) formações discursivas poder/conhecimento a ideia de regime de verdade, a forma pela qual o discurso também produz sujeitos e define posições dos sujeitos (HALL, 2016, p110 [1997b]).

Assim como problematizado por David Scott, quando identificamos na relação entre os discursos das Ciências Sociais e os discursos produzidos pela comunidade de capoeira Angola e as suas respectivas relações e tensões:

O primeiro é, estritamente falando, antropológico, pois relacionado à construção disciplinar de um objeto teórico singular, a saber, “o Negro do Novo Mundo” (para usar seu nome inaugural) e ao aparato conceitual empregado para identificá-lo e representá-lo. Poderíamos dizer que outro seria extra-antropológico, transdisciplinar, por vezes positivamente antidisciplinar, e relacionado a variados discursos políticos-culturais de identidade e de tradição. (SCOTT, 1991/2017, p. 4).

Mas como estas percepções sobre identificação afrodescendente se constituíram? Considerando que elas foram constituídas de algum modo e em algum momento e a partir de algum lugar do meu processo de socialização, é razoável também reconhecer que existiu uma construção social de mundo anterior a essas narradas acima.

1.2. Entre identidade e identificação

A busca de referências negras positivas também ocorreu ao longo da minha transição entre a infância e a juventude.

Se, por um lado, não havia respostas sobre os efeitos das situações sociais que hoje compreendo como situações sociais racializadas e, em alguns casos, racismo, que me acometiam cotidianamente e provocavam um certo silêncio interno decorrente de um não saber dizer nem reagir as situações externas, por outro lado, a mesma fonte provinda da cultura de massa, a televisão e outros meios de comunicação, me mostravam alguns referenciais que me identificavam para além das representações dúbias que associavam a mim.

Neste sentido as reflexões desenvolvidas por Stuart Hall sobre a questão das “novas identidades” e “processos de identificação” são ilustrativos:

na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se

multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente; “multiplicação dos sistemas de significação e representação os quais podemos nos identificar”. (HALL, 2006, p.13[1992])

Duas referências significativas em termos de expressividade da juventude negra do contexto dos anos 1990 se constituíram como parte do meu processo de construção de uma identidade e identificação com expressões das culturas negras urbanas; o grupo paulista de rap Racionais MC's⁵ e o grupo nova-iorquino Public Enemy⁶.

O processo de identificação com as produções musicais e com a estética dos Racionais MC's e do Public Enemy no início dos anos 1990 se deu através dos diferentes meios de comunicação enquanto instâncias de produção de significados, representação e identificação tal como são apresentadas por Hall (2019 p106 - [1997a]).

Do ponto de vista dos meios de comunicação pelos quais o conteúdo era por mim acessado, no caso, o rádio, os discos de vinis e as fitas cassetes, eles consistiam em fonte de construção de identificação.

Quanto a isso vale recuperar o esquema metodológico de análise das práticas culturais desenvolvido por Du Gay e Stuart Hall denominado “circuito da cultura” compreendido pelos autores da seguinte maneira:

Os principais processos culturais [...] representação, identidade, produção, consumo e regulação [...] considerados em conjuntos compõem um circuito que denominamos de circuito da cultura [...] como argumentamos para estudar culturalmente o *walkman* precisamos explorar como ele é representado, e quais identidades sociais o associam, como é produzido e

⁵ De acordo com site oficial do grupo “O Racionais MC's é um grupo brasileiro de RAP que surgiu no final dos anos 80. Antes da formação eles gravaram em 1988 duas faixas na coletânea 'Consciência Black', 'Pânico na Zona Sul' e 'Tempos Difíceis'. Formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e DJ KL Jay, respectivamente Zona Sul e Zona Norte, eles impressionaram de imediato com a realidade de suas letras nas quais narram a dura vida de quem é negro e pobre no Brasil. O discurso dos rappers tem a preocupação de denunciar o racismo e o sistema capitalista opressor que patrocina a miséria que está automaticamente ligada com a violência e o crime.” Cf.: <https://www.racionaisoficial.com.br/timeline/?p=502> , acesso em: 29/10/2021.

⁶ O Public Enemy foi fundado no início dos anos 1980 do século XX na cidade de Nova York, EUA. Composto por seis jovens negros, na época moradores da região de Long Island.

consumido e qual mecanismo o regula, sua distribuição e uso. (DU GAY *et al.*, 2013, p 30.[1997])

O aspecto rítmico, a composição musical, as letras, as imagens dos encartes, e os videoclipes dos grupos musicais mencionados foram, portanto, os “dispositivos discursivos” centrais.



Figura 1. Frames do videoclipe “Brothers Gonna Work it Out”, do Public Enemy
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=flG1ltnFyb4&ab_channel=PublicEnemyVEVO.



Figura 2. Cena do videoclipe “Brothers Gonna Work it Out”, do Public Enemy⁷

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=mmo3HFfa2vjg&ab_channel=PublicEnemyVEVO

No que diz respeito ao gênero musical, a música RAP vinculada ao hip-hop já se apresentava no cenário juvenil brasileiro desde o fim dos anos 1980⁸ (NUNES DE ANDRADE, 1999).

Contudo, meu acesso a este universo em termos de experiência social enquanto processo de socialização e elaboração de significado construído por meio da interação social face a face não ocorria devido a minha idade, mas sobretudo, pela representação social negativa reproduzida pelos meus pais, bem como pelos meios de comunicação do período.

Dadas as minhas restrições de convivência à época, apenas agora (através de um olhar retrospectivo e mediado por processos de entrevistas com frequentadores dos bailes *blacks* e redes de contato estabelecidas com pessoas envolvidas na prática da capoeira e no projeto de teatro no distrito do Grajaú)

⁷ Ao fundo, imagem de Al Hajj Malik Al Shabazz, mais conhecido como Malcon X, liderança intelectual e política (nacionalismo negro) de afrodescendentes na América do Norte durante os anos 1950 e 1960.

⁸ As pesquisas em torno da temática sobre a história do hip-hop na cidade de São Paulo, remontam, de acordo com o levantamento que fizemos, ao final da década de 1990. Elaine Nunes de Andrade apresentou em sua dissertação de mestrado “Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo”, FEA-USP, em 1996. Andrade é responsável também pela coletânea **Rap é educação**, 1999, editora Selo Negro, coletânea que apresenta um conjunto de ensaios e artigos sobre estudos desenvolvidos que passaram a estudar o fenômeno do hip-hop no Brasil articulando questões em torno das juventude negras, práticas culturais negras (bailes *blacks*) em contextos urbanos brasileiros, em específico na cidade de São Paulo.

compreendo o significado social dos processos de socializações nas quermesses e bailes promovidos nas escolas da região do subdistrito do Grajaú, vinculados às práticas de culturas negras presentes no território como parte da experiência social da região desde a sua origem nos anos 1970⁹.



Figura 3. Capa do álbum **Escolha Seu Caminho**, do Racionais MC's.

Fonte: <https://genius.com/Racionais-mcs-capa-tracklist-escolha-o-seu-caminho-annotated>.



Figura 4. Contracapa do álbum **Escolha Seu Caminho**, do Racionais MC's.¹⁰

Fonte: <https://genius.com/Racionais-mcs-capa-tracklist-escolha-o-seu-caminho-annotated>.

Os elementos de construção de representação social que elaborei durante a primeira fase da minha juventude constituíram-se por meio da escuta da música, da

⁹ Esta questão será apresentada no terceiro capítulo da presente pesquisa, resultado das entrevistas e de trabalho de campo realizadas na região do distrito do Grajaú.

¹⁰ Fonte: Acesso em: 14/10/21.

leitura das letras das músicas e da capa do encarte do grupo Racionais MC's.

O convívio e o diálogo com o primeiro professor afrodescendente com quem tive contato na Educação Básica (na disciplina de História) também morador da região do distrito do Grajaú e simpatizante do gênero musical RAP, constituíram a minha primeira experiência e processo de construção de identificação.

O material em questão consistia no segundo álbum do grupo Racionais MC's denominado "Escolha seu caminho", lançado no ano de 1992.

Composto por apenas duas faixas musicais: "Voz Ativa" e "Negro Limitado", o álbum apresenta, por um lado, uma crítica social relacionada ao problema do racismo sofrido pela população afrodescendente no Brasil. De acordo com o trecho da letra da música "Voz Ativa" aponta-se:

Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua
Entre madames fodidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz
Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?
Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda
Prefere não se envolver
Finge não ser você
E eu pergunto por que?
(...) Eu não sou racista
Mas meu ponto de vista é que
Esse é o Brasil que eles querem que exista
Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque
Eles te mostram um país que não existe
Esconde nossa raiz
Milhões de negros assistem
Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam.

(RACIONAIS MC'S, 1992)

Por outro lado, o álbum apresenta a possibilidade de combate ao racismo a partir da construção de uma autoestima obtida pelo caminho do estudo e pela busca por informação através de um ponto de vista orientado às práticas sociais e políticas afrodescendentes, também apontadas pelos referido *rappers*:

Cultura, educação, livros, escola.

Crocodilagem demais.
Vagabundas e drogas.
A segunda opção é o caminho mais rápido.
E fácil, a morte percorre a mesma estrada é inevitável.
Planejam nossa restrição.
Esse é o título.
Da nossa revolução, segundo versículo.
Leia, se forme, se atualize, decore.
Antes que os racistas otários fardados de
cérebro atrofiado
os seu miolos estourem e estará tudo
acabado.
Cuidado...!
O Boletim de Ocorrência com seu nome
em algum livro,
Em qualquer distrito, em qualquer arquivo,
Caso encerrado, nada mais que isso.
Um negro a menos contarão com
satisfação.
Porque é a nossa destruição que eles
querem.
Física e mentalmente, o mais que
puderem.
Você sabe do que estou falando.
Não são um dia nem dois.
São mais de 400 anos.

(RACIONAIS MC's, 1992)

Este álbum tornou-se uma das primeiras referências para o meu processo constitutivo de uma identificação política positiva de negritude.

O processo de diálogo sobre este álbum do Racionais MC's com o professor de História e eu não se constituiu através de nenhum referencial baseado em programa ou proposta curricular do ensino de História. Assim, este processo de elaboração de referências e identificação intersubjetiva foi se constituindo nos momentos de diálogos entre professor e alunos naquilo que podemos denominar como a "liminaridade", nos termos de Victor Turner (1974 p116-117 [1969]), ocorrida por vezes no cotidiano escolar e com o interesse na pessoa, não no aluno.

Talvez seja decorrente deste fato que, embora tenhamos estabelecido outra relação a partir de nossa conversa sobre um gênero musical, sobre o conteúdo semântico contido na capa do LP e as suas respectivas músicas, mesmo assim não transcendemos nossas trocas, na época, para o centro de atividades possíveis, para

a sala da aula, para a proposta curricular, para a socialização entre um coletivo de alunos todos moradores da mesma região e com a mesma afinidade e conhecimento sobre a existência do gênero rap e do hip-hop como uma expressividade negra.

Novamente, o esquema heurístico em torno do “circuito da cultura”, de Du Gay e Hall, se faz presente como representação e articulação metodológica de reconstrução autobiográfica.

1.3. Da periferia da cidade para o centro da cidade

O deslocamento geográfico se deu em relação à região do subdistrito do Grajaú, como lugar de moradia, e a região central da cidade como lugar de socialização educacional e cultural que apresentou também outras implicações em termos de construção da experiência e das representações sociais a elas associadas.

O processo de deslocamento gerou uma representação e identificação com ideias expressas em livros sobre o pensamento social e político do anarquismo e sobre os movimentos *straight edge* e anarcopunk, expressões culturais de juventudes urbanas¹¹.

Contudo, as sociabilidades estabelecidas na região central e por meio das interações com os movimentos citados, que contribuíram para a construção do meu interesse e identificação pelo estudo de Ciências Sociais, não apresentavam diretamente questões associadas à problemática da racialização, mesmo que em termos de discurso político apresentassem a condenação ao racismo por meio do referente das ideias políticas do anarquismo.

Para além disso, os contextos de socialização sob este universo cultural eram formados predominantemente por jovens brancos e de classe média. O trabalho etnográfico desenvolvido por Bruna Mantese de Souza (2007) apresenta

¹¹ Cf. “*Straight edges* e suas relações na cidade”. In: **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. (Org. José Guilherme Magnani; Bruna Mantese de Souza). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

algumas considerações sobre este aspecto¹².

1.4. As experiências sociais no distrito do Grajaú: de educador social a professor da educação básica e o deslocamento do centro para a periferia da cidade

No ano de 2007, passo a atuar como educador social na região do subdistrito do Grajaú. Este momento é o período em que estou efetuando o processo de “retorno” para a região do subdistrito do Grajaú.¹³

Este trabalho me permitiu desenvolver as primeiras percepções sobre os contrastes presente em um mesmo distrito, no caso, no distrito de Capela do Socorro, que é composto por três sub-regiões, sendo elas: Grajaú, Cidade Dutra e Socorro.

Parte da proposta de ação do projeto assistencial consistia em conhecer e estabelecer contato com grupos de famílias atendidas pelo programa vinculado às ações de prevenção e atendimento de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil nas imediações do distrito e fora dele, mediação entre as famílias e as instituições de educação e de assistência social quando necessário.

Esta experiência e este período de atuação no campo da Assistência Social se orientaram em termos de compreensão e leitura sobre a região, sendo que o público atendido e as questões sociais associadas à vulnerabilidade social são caracterizadas tão somente pelo enfoque das desigualdades socioeconômicas.

Do ponto de vista dos direitos sociais enquanto expressão de assistência por parte do Estado e suas instituições públicas, as ações orbitavam em torno da tentativa de ampliação e aplicação dos direitos da criança e do adolescente

¹² Cf. **Jovens na metrópole:** etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. (Org. José Guilherme Magnani; Bruna Mantese de Souza). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

¹³ De modo geral, o profissional em Educação Social consiste em uma atividade que se vale de conhecimentos provindos da área de pedagogia aplicados a situações de ensino-aprendizagem, em contextos de educação não escolar, ou de educação não formal. Tem sua origem em Portugal no final dos anos 1970. A prática de educação social chegou ao Brasil nos anos 1980 e apresenta maior incidência em decorrência do crescimento dos serviços sociais prestados no terceiro setor como no caso de organizações não governamentais, entre o fim da década de 1990 e início dos anos 2000 sobretudo em regiões de periferia da cidade de São Paulo. (APTESES; AEESP Disponíveis em: <http://www.aptses.pt/informacoes-sobre-a-profissao/#1622647394692-9da7779c-8256> e <http://aeessp.org.br/>. Acessos em: 13/04/22).

consolidados pelo ECA, em 1992, e pelas secretarias regionais, órgãos consultivos no campo da defesa da criança e do adolescente no contexto histórico da primeira década dos anos 2000. Estas instâncias públicas também não apresentavam explicitamente uma preocupação em torno da articulação entre questões étnico raciais e políticas públicas.

A Capoeira Angola e as suas práticas culturais.

Uma experiência a partir do universo escolar a qual vivenciei na condição de docente de sociologia se deu por ocasião da organização da semana da Consciência Negra no ano de 2013.

Este evento contou com a participação dos pais dos alunos. Através desta interação tive a oportunidade de entrar em contato com um pai de uma educanda que é professor de capoeira.

Esta experiência teve como objetivo apresentar a história e a prática da capoeira a partir do ponto de vista dos praticantes. Durante a atividade desenvolvida na escola percebi um primeiro elemento de diferença entre as representações sociais adquiridas por uma formação acadêmica acerca da capoeira e as práticas culturais da capoeira exercida por diferentes grupos no distrito do Grajaú.

Ao mesmo tempo ao ouvir e receber os materiais de referência da educanda e o seu grupo de capoeira sobre as suas respectivas referências históricas sobre a capoeira identificava também outros circuitos de produção social de significados sobre a história da capoeira. A exemplo aqueles referidos a territórios distintos da região do distrito do Grajaú, como no caso o documentário “Mestre Pastinha: uma vida pela Capoeira” produzido por Antônio Muricy no ano de 1998¹⁴.

Deste modo o primeiro tensionamento ao assistir este documentário se deu a medida em que percebia que as maneiras de representar as questões da cultura afro-brasileira por parte dos mestres de capoeiras.

Para eles a capoeira –em específico a capoeira Angola apresentavam um sentido e significado diferente das representações sociais difundida pelas mídias

¹⁴ Cf; https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI&t=41s&ab_channel=ToninhoMuricy acesso em 09/11/21.

sociais as quais tendiam a enquadrar a capoeira como uma atividade esportiva, arte marcial, ou atividade física incorporada a ciência da educação física.

Sob esta questão mestre Curió um dos discípulos de mestre Pastinha nos aponta um tensionamento e produção de diferença;

“ [...] eu fui num debate e que eles disseram que o camarada para ensinar a capoeira na Universidade tinha que ter um curso de professor de educação física e tinha que ser universitário. Eu debati. Porque eles dizem que eu sou analfabeto. Eu sou analfabeto, eu posso ser analfabeto na leitura mas na capoeira..quando vir discutir comigo se segure porque eu não ando com livro na mão não... porque o livro apaga...e aqui(apontando para a cabeça) não, apaga só quando eu morrer. (depoimento de mestre Curió – Documentário 1998)”

No plano das análises situadas no campo das ciências sociais observei também que a atribuição da prática da capoeira como símbolo nacional da identidade social brasileira pensada por meio das análises de cientistas sociais como Peter Fry, Renato Ortiz apresentava também tensionamentos se não perspectivas distintas ou que ultrapassavam as reflexões as quais apontavam para o caráter da miscigenação cultural proferida pelo discurso do Estado nacional dos anos 30. (SOUZA-REIS – 1993)

O segundo tensionamento entre os referenciais das ciências sociais e os referenciais dos sujeitos situados no distrito do Grajaú e vinculados a prática da capoeira Angola se dará no ano de 2014 período em que decido me tornar um aluno de capoeira.

As razões do tensionamento estavam associadas ao meu pressuposto de que as reflexões derivada do campo das ciências sociais sobre práticas culturais brasileiras permitiriam “decodificar” os sentido e as referências das práticas discursivas da capoeira Angola.

Contudo ao passar a participar do grupo de capoeira observei que como parte do processo formativo no grupo Semente do Jogo de Angola haviam atividades de seminários e estudo da história da capoeira referido a homens e mulheres que estiveram envolvidos no processo de preservação e transmissão

desta prática ao longo do tempo¹⁵.

O ponto de tensionamento específico passa a ocorrer nos processos de socialização das minhas referências que acreditava saber sobre história e cultura do negro no Brasil frente as referências e narrativas que os capoeiristas “mais velhos” apresentavam sobre este mesmo assunto.¹⁶

De acordo o ensaio de Vansina apresentado no 1º volume da História Geral da África a “tradição oral e a sua metodologia” referido a estudos de algumas sociedades do continente africano, observamos que alguns apontamentos apresentados pelo autor sobre sociedades africanas nos permitem pensar ao menos delinear hipóteses sobre semelhanças no modo de construção de identidades na capoeira Angola.

Vansina nos aponta; “Seria um erro reduzir a civilização da palavra falada simplesmente a uma negativa, “ausência do escrever”, e perpetuar o desdém inato dos letrados pelos iletrados[..]”, (BRASIL – UNESCO - 2010 [1981] p193) quanto a essa questão a experiência constituída no contexto de aprendizagem sobre o sentido e significado do “tornar-se um capoeira de Angola” no subdistrito do Grajaú, no espaço cultural Cazuá se apresentava por meio das vivências e escuta sobre capoeira apresentada pelos mestres de capoeira Angola.

Em muitos casos trata se de homens acima dos 60 anos de idade, nascidos nas regiões do interior da Bahia e em alguns casos com baixo contato com o mundo letrado variando entre homens com alfabetização elementar e outros com um pouco mais domínio no campo das letras.

¹⁵ É preciso dizer que existe tanto no campo das áreas acadêmicas como História, Antropologia, Educação Física e Pedagogia assim como entre os praticantes de capoeira que desenvolvem estudos não acadêmicos sobre a capoeira diversos debates em torno da origem da capoeira e se a mesma teria sido exportada do continente Africano pelas sociedades africanas que foram deslocadas pelo trafego transatlântico nos séculos XVI adiante ou se a capoeira teria sido gestada por afrodescendentes durante os séculos posteriores na América portuguesa posteriormente Brasil. Cf; Rego (1968), Carneiro (1974), Soares (1993), Pires (1996), Vieira e Assunção (1998), Assunção (2005) Brito e Apud (2019). Alguns estudos não acadêmicos sobre capoeira cf; Pastinha (1960), Abreu (2005), Egidio (2010, 2020).

¹⁶ O termo “mais velho” no contexto da capoeira Angola se assemelha ao sentido dado a hierarquia de relação social no Candomblé onde aquele que dispõem de mais tempo de iniciação e feitura dispõem de mais saber os quais são adquiridos ao longo do tempo social.



*Retratos dos mestres da linhagem de Capoeira Angola – Salvador, São Paulo e Canadá¹⁷

Não obstante o aspecto do tensionamento o qual colocava o problema da “fonte” como condição de validação de uma história ou narrativa sobre a história da capoeira era contraposta por uma rede social de relações e por meio destas constituição de narrativas.

Por um lado a historiografia orientada a pesquisa documental por outro lado as história de experiência de vida e capoeira narrada pelos mestres e os entre

¹⁷ Como parte da atividade do grupo de estudos do Semente do Jogo de Angola o estudo sobre as biografias e trajetória dos referidos mestres e mestra apontado acima proporcionavam também a pesquisa sobre regiões e cidades da Bahia e com isso os aspectos histórico, sociais e políticos da cidade de Salvador considerada como região de maior concentração de população negra fora do continente Africano. Outro aspecto refere-se as práticas culturais específicas da capoeira associadas as musicas e danças como samba de roda, o campo da espiritualidade como os terreiros de candombé, as relações com o meio natural como a extração de Biriba (arvore que constitui o arco do berimbau). No plano político as informações sobre as maltas no século XIX formadas por capoeiristas assim como a participação de negros na guerra do Paraguai. Eventos históricos narrados em forma de cantigas de capoeira assim como elementos da religiosidade afrobrasileira também cantada nos chamados corridos e ladainhas pelos respectivos mestres e trasmitidos oralmente. Cf; <https://www.palmares.gov.br/?p=53773> acesso 10/07/2022.

cruzamentos das narrativas com as experiências sociais comuns entre os mestres.

As narrativas dos respectivos mestres as quais apontam para histórias de vida em comum isto é referidas a regiões do interior e cidade de Salvador, processos de migração do campo para a cidade, práticas culturais memoradas e informadas entre mestres e entre os alunos capoeiras permite também apontar outro aspecto apresentado por Vansina sobre tradição; "A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra." (IDEM)



*Retrato da linhagem descendência em capoeira Angola. Grupo Semente do Jogo de Angola – Salão interno do Espaço Cultural Cazuá subdistrito do Grajaú – 2020.

Do ponto de vista dos mestres de capoeira Angola a tradição consiste em assegurar que os ensinamentos que foi aprendido com o mestre seja igualmente apreendido e preservado os preceitos, quando for ensinar a seus alunos buscando assim sempre uma referência de um retorno a memória daquele que veio antes.

Nos termos de Vansina

"A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. As tradições desconcertam o historiador contemporâneo – imerso em tão grande número de evidências escritas, vendo-se obrigado, por isso, a desenvolver técnicas de leitura rápida – pelo simples fato de bastar à compreensão a repetição dos mesmos dados em diversas mensagens. As tradições requerem um retorno contínuo à fonte". (BRASIL – UNESCO - 2010 [1981] p194)"

Foi sob esse contexto em que meus referenciais sobre a história social do negro no Brasil referido a discussão em torno da miscigenação e mestiçagem será

contrastada quando não confrontada com os referenciais sobre os estudos do "Quilombos dos Palmares", "Zumbi dos Palmares", "Diáspora africana e a escravidão no Brasil".

A discussão sobre as referências das fontes isto é entre as perspectivas de reflexões acadêmicas constituídas em alguns casos por um enfoque "color blind" nos termos apontado por Segato (1998) que afirma "[...] um campo unificado de crença, uma ideologia hegemônica ou sistema de valores, onde todos em uma dada sociedade, independente da posição dessa pessoa, pode encontrar expressão."¹⁸ (SEGATO – 1998 p137)

O apontamento de Segato nos permite pensar a relação contrastiva e os processos regulativos entre a maneira como as análises orientadas política e ideologicamente a esquerda e a direita sobre os afrodescendentes se apresentavam em sistemas bibliográfico básico do curso das ciências sociais frente a outros casos de sistemas bibliográficos.

Refiro me novamente sobre a questão da "representação" apontada por Hall(2016 - [1997]) aplicada a questão das análises interpretativas sobre os afrodescendentes, a perspectiva dos movimentos negros e as suas referências bibliográficas estas últimas pouco difundidas para além de círculos acadêmicos específicos assim como círculos de militantes dos movimentos negros¹⁹.

É decorrente dos desdobramentos de uma atividade experimentada no âmbito escolar por meio de uma atividade promovida pelos estudantes sobre a

¹⁸ "I call the color-blind myth a unified field of belief, a hegemonic ideology or system of values, where everyone in a given society, independent of that persons position, may find expression." (tradução livre)

¹⁹ Aqui nossa universo de referência é o texto de introdução do livro "Liberdade por um fio" de João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (1996) a respeito do balanço de estudos sobre quilombos que apresentam até os anos 90 e as variações de enfoques de análises sobre os quilombos e as implicações ideológicas de análise. Para os autores a perspectiva de R k Kent, Eugene Genovese eram de orientação afrocentrica e no enfoque de Clovis Moura um enfoque marxista. Tais debates perpassavam também ao universo das discussões sobre quilombo nos encontros de estudo desenvolvido no contexto da prática da capoeira Angola. O dialogo critico se estabeleceria também entre a interpretação da historiadora Beatriz Nascimento para quem a concepção de "escravo fugido" seria um pressuposto do ponto de vista branco e não dos quilombolas. Cf; "Por uma história do homen negro" in Revista de Cultura Vozes, [1974] (republicado em Beatriz Nascimento. Quilombola e Intelectual. Possibilidade nos dias da destruição. Editora Filhos da África – 2018.

semana da consciência negra que inicio de maneira não linear entre 2009 até 2016 as primeiras intenções e buscas por uma formação no campo de estudos sobre história e cultura afro-brasileiros e história da África.

Ocorre o retorno para os estudos do curso de extensão do centro de Estudos Africanos da USP – ainda assim as diferenças e tensões entre os estudos situados no ambiente universitário e os conhecimentos adquiridos pela experiência cotidiana do grupo de capoeira no subdistrito do Grajaú se manterão.

O teatro afro-periférico e as suas práticas culturais

O terceiro tensionamento ocorre anos mais tarde, quando sou convidado a participar de um projeto de teatro organizado pelos coletivos “Identidade Oculta” e “Espaço Cultural Cazuá”, no ano de 2018²⁰.

A junção dos dois coletivos por ocasião de uma seleção de um edital cultural me colocou na condição de contribuir com os processos de pesquisas e referências bibliográficas no campo das Ciências Sociais para a realização do processo formativo e de constituição de uma dramaturgia denominada: “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos negros jogados ao mar”²¹

Decorrente da situação do processo formativo, cada membro do grupo buscava a partir de suas próprias referências e experiências sociais apreender quais contextos de uso os respectivos termos da dramaturgia acima citada se apresentam em escala macro, isto é, considerando a trajetória dos africanos na travessia do

²⁰ De acordo as informações fornecidas pela rede social do Coletivo Identidade Oculta aponta “Somos um grupo de teatro, das margens do Grajaú/SP, em busca de um fazer artístico que dialogue com o meio que estamos inseridos” (Coletivo Identidade Oculta, s/d. Facebook. Disponível em: https://web.facebook.com/grupoidentidadeoculta/about/?ref=page_internal. Acesso em: 03/05/2021). Sobre o Espaço cultural Cazuá aponta-se “O Espaço Cultural Cazuá é uma casa voltada para a produção, difusão, divulgação e realização de atividades culturais no Grajaú. O Espaço está em atividade desde 2014, com vivências constantes de Capoeira Angola, percussão, pesquisas e debates sobre africanidade, Samba de Roda, produção e afinação de instrumentos de percussão, realização de gravações em home Stúdio próprio, atendimento terapêutico (acupuntura, massoterapia, entre outras). Também é local de realização de atividades pontuais, como temporadas de Peças de Teatro e festas temáticas ligada à Cultura Popular!”. (Espaço Cultural Cazuá, s/d. Facebook. Disponível em: https://web.facebook.com/cazuacultural/about/?ref=page_internal. Acesso em 03/05/2021).

²¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0epBa_XHVS1&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oCulturalCafund%C3%B3s Acesso em 03/05/2021).

Atlântico, a escravização de sociedades africanas no “novo mundo”, os processos de resistências desde África até as reexistências e reformulações culturais na(s) “América(s) negra(s)”, conforme as análises apresentadas por Roger Bastide que aponta:

Compreendemos, nessas condições, que se possa falar de uma dupla diáspora, a dos traços culturais africanos, que transcendem as etnias, e a dos homens de cor, que podem ter perdido suas origens africanas, à força de misturas, e ter sido assimilados às civilizações limítrofes, anglo-saxônicas, espanhola, francesa ou portuguesa. (BASTIDE, 1967/1974, p. 15).

Por outro lado, havia também o desafio de pensar em como identificar e correlacionar as incidências destes acontecimentos de escala global com a escala local, no caso, a história social do distrito do Grajaú e, em nível micro, as trajetórias sociais dos sujeitos que passam a viver nesta região a partir dos anos sessenta do século XX.

De modo geral, eu sabia que esta região se formou em decorrência do processo de urbanização e industrialização da região Sudeste, que impulsiona o processo de migração interna vinda da região Nordeste.

Em outras palavras, a experiência de estar em um processo de pesquisa para a dramaturgia me permitia também, mesmo sob tensão, visitar assuntos vinculados às temáticas urbanas.

A título de exemplo, os primeiros estudos que acessamos foram as análises de Raquel Rolnik:

a sociologia urbana tem trabalhado a questão da inserção das classes populares na cidade brasileira sem recortá-las do ponto de vista étnico [...] procuraremos aqui percorrer os espaços negros da cidade de São Paulo [...] buscando suas origens e ligações, a partir do final da escravidão, e atentando para a sua particular inscrição na cidade ao longo do tempo (ROLNIK, 1989, p. 75).

Mais adiante, a autora apontara para os aspectos que se tornarão os primeiros elementos em termos de análises interseccionadas entre estudos urbanos e práticas culturais negras semelhantes àquelas que vivenciei através do grupo de teatro e da prática de capoeira Angola, no distrito do Grajaú. Nos termos de Rolnik:

Um dos suportes mais sólidos desse repertório negro foi, desde a senzala, o próprio corpo, espaço de existência [...] Era através dele que, na senzala, o

escravo afirmava e celebrava sua ligação comunitária; foi através dele que a memória coletiva pôde ser transmitida, ritualizada [...] o pátio da senzala [...] transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade [...] o terreiro passou a ser um elemento espacial fundamental na configuração dos territórios negros urbanos – são terreiros de samba, de candomblé, de jongo que atravessam a história dos espaços afro-brasileiros nas cidades. (ROLNIK, pp. 76-77, 1989/2007).

2. QUÃO NEGRO É O DISTRITO DO GRAJAÚ? LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES ENTRE 1992 E 2019

“Nós conhecemos você bem demais” responderam os pássaros, depois de ouvi lo falar. “Você é um sujeito ingrato e cheio de astucias. Se permitirmos que venha conosco, logo, logo fará uma das suas!” [...] O cagado contestou: “Vocês pensam que me conhecem. Eu estou completamente mudado. Aprendi que aqueles que arranjam encrenca para os outros estão mais arranjando encrencas para si próprios”. O cagado tinha muita lábia e em pouco tempo os pássaros concordaram que ele realmente tinha mudado. Então, cada um lhe deu uma de suas penas e com elas o cagado fabricou duas asas” (ACHEBE, C. O. *Mundo se despedaça*, 1958/2020).

Retomando o problema da História do negro no Brasil: Que somos nós pretos humanamente? Podemos aceitar que nos estudem como seres primitivos? Como expressão artística da sociedade brasileira? Como classe social, confundida com todos os outros componentes da classe economicamente rebaixados, como querem muitos? Pergunto em termos de estudo. Podemos, ao ser estudados, ser confundidos com os nordestinos pobres? Com os brancos pobres? Com os índios? (NASCIMENTO, Beatriz. *Por uma história do homem negro*, 1974).

2.1. Apresentando os problemas, os níveis e enfoques de análise

Diante da abrangência do campo de estudos sobre o tema “negros na cidade”, nosso foco específico de análise neste capítulo se restringirá aos estudos que consideram a dimensão temporal e espacial específica do que se entende como período de “surgimento” da região subdistrito do Grajaú.

Sendo assim, iniciamos a segunda parte desta dissertação apresentando uma revisão bibliográfica articulada com nossas questões de pesquisa.

Para responder o conjunto de questões esboçados acima apresentaremos:

- a) Descrição de dados de tipo censitário e recenseamento.
- b) Contextualização do território a partir de aspectos históricos que contribuem para a compreensão acerca da presença e agência de sujeitos afrodescendentes e desenvolvimento de ações no campo das relações raciais e de aspectos associados a práticas culturais afrodescendentes.

- c) Análise das dissertações e teses e suas respectivas implicações para as questões e objetivos específicos da presente pesquisa, no caso, a observação das práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú e a sua relação com processos de construção de identidades conforme apresentadas no terceiro capítulo.

2.2. Dados censitários do processo de urbanização da região do distrito de Grajaú

Localizado na zona sul da capital paulista do Estado de São Paulo o subdistrito do Grajaú é composto atualmente por cerca de 90 bairros em sua área física de 92 quilômetros quadrado.

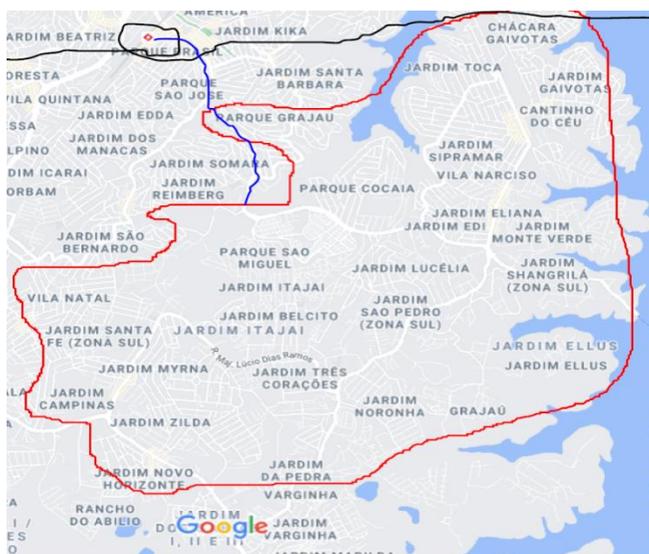


Figura 5. Legenda

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-23.7591181,-46.692561,14z?hl=pt-BR&authuser=0>

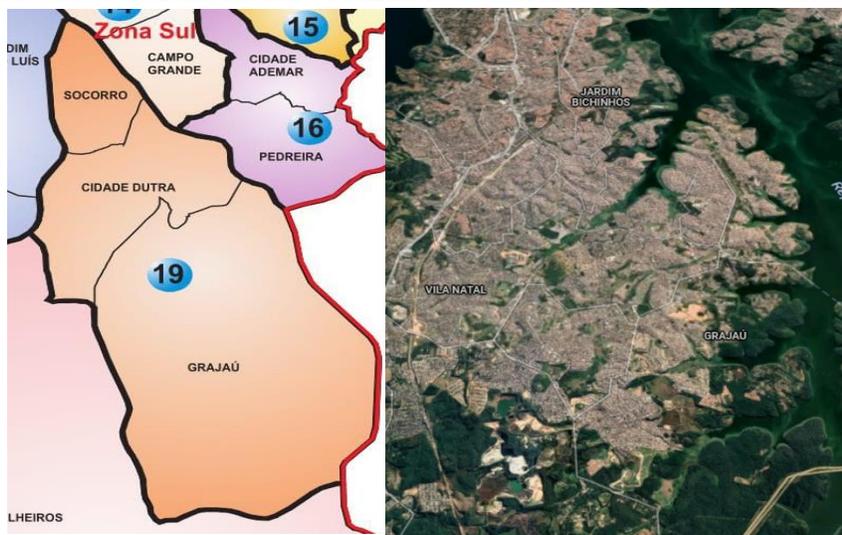
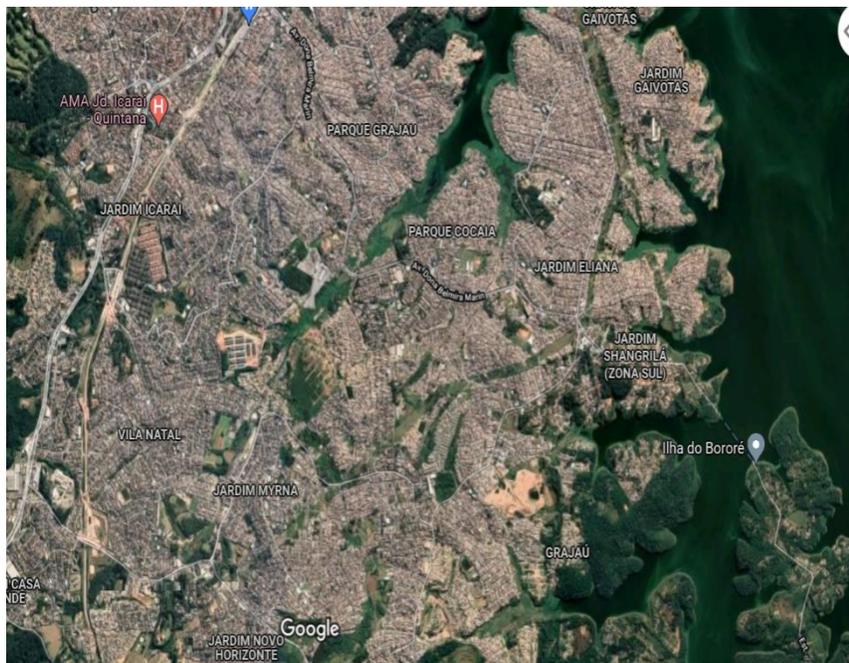


Figura 6. Legenda

Fonte: Dados demográficos. **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758.

Em termos numéricos, de acordo com último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, a região do distrito do Grajaú em si apresenta uma população estimada em 360.787 habitantes.

A região do subdistrito do Grajaú está vinculada política e administrativamente à subprefeitura do distrito de Capela do Socorro, que inclui

mais duas regiões que agrupam: Cidade Dutra, com população estimada em 190.360 em uma área física de 29,3 quilômetros quadrados, e Capela do Socorro, com população estimada em 37.783 e uma área física de 12,90 quilômetros quadrados. Estas regiões também são composta por agrupamentos de bairros em sua área descrita acima²².

Subprefeituras	Distritos	Área (km ²)	População (2010)	Densidade Demográfica (Hab/km ²)
Capela do Socorro	Cidade Dutra	29,30	196.360	6.702
	Grajaú	92,00	360.787	3.922
	Socorro	12,90	37.783	2.929
	TOTAL	134,20	594.930	4.433

Fonte: Dados demográficos. **Prefeitura de São Paulo**

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em 28/02/20

2.3. Dados demográficos a partir de classificação étnico-racial (IBGE e SEADE) nos distritos de Grajaú e Capela do Socorro

Em 2010, o Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, em parceria com o Seade, desenvolveu, em nível nacional, pesquisas sobre percentual da população negra por subprefeituras da cidade de São Paulo.

A região da subprefeitura do distrito de Capela do Socorro, na qual o distrito do Grajaú está inserido, apresentou 51% de pretos e pardos distribuídos entre os bairros que a compõem.²³.

²² Em 2020, não foi desenvolvida a pesquisa do censo demográfico pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) centro de pesquisa que nos apresentaria novos dados demográficos sobre o distrito do Grajaú. De todo modo, alguns estudos demográficos em meados de 2012 já previam concentração populacional em torno de 500 mil habitantes apenas no que hoje se entende por distrito do Grajaú. Optamos por usar os dados do último censo do IBGE, contudo sabe-se da defasagem de informações em relação aos dados atuais.

²³Cf. Prefeitura de São Paulo. **Igualdade racial em São Paulo: avanços e desafios**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf . Acesso em: 28/02/20.

a



*A palavra negra inclui pretos e pardos.

Figura 7. Percentual de negros por subprefeitura

Fonte: Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial (2012).

2.4. Contextualizando historicamente o território da pesquisa

Antes da apresentação das análises mais específicas sobre as dissertações e teses que tratam do subdistrito do Grajaú, assim como a metodologia de análise específica que utilizamos apresentaremos um panorama geral que caracteriza e contextualiza historicamente o subdistrito do Grajaú a partir da utilização de duas fontes de pesquisas que consideramos como fontes abrangentes.

O estudo da história do desenvolvimento da região Sul da cidade de São Paulo, que se constitui a partir da expansão da região central da cidade para as regiões periféricas desde o início do século XX, nos permitiu abrir caminhos de conexão entre:

- a) Estudos mais abrangentes da cidade de São Paulo; Ao analisarmos teses e dissertações na áreas de geografia urbana, descobrimos informações interessantes tanto pela maneira como foram descritas como pelas lacunas de informações sobre sociedades indígenas, africanas e afrodescendentes. Tais questões nos incitam desenvolver estudos futuros sobre a zona sul de São Paulo dos anos sessenta do

século 20 até o século 16. O objetivo destes elementos de pesquisa nos serviriam para pesquisas de releitura sobre a maneira como os indígenas e as populações africanas e afrodescendentes foram representadas pelos discursos das Ciências Sociais.

- b) Os estudos mais regionalizados, no caso, sobre a região específica do subdistrito do Grajaú; Novamente a questão consiste em compreender o que já foi dito sobre a região e como foi construídos as respectivas representações sobre o lugar e os processos sociais.(socialização, ocupação do solo/território etc)
- c) Analise das teses e dissertações visando saber como os respectivos estudos compreenderam ou expuseram, as questões das relações raciais e presença de afrodescendentes que se deslocaram e se deslocam de diferentes regiões do país.

Neste sentido, buscamos descrever e analisar o que estas representações sociais captaram sobre o subdistrito do Grajaú.

2.5. Representações midiáticas

Por um lado, tomamos como referência os estudos acadêmicos produzidos sobre a região, por outro lado, fizemos um levantamento de notícias e reportagens produzida por dois veículos de comunicação de grande circulação na cidade de São Paulo, no caso, os jornais **Folha de São Paulo** e **O Estado de São Paulo**.

Pudemos levantar e analisar quais os assuntos mais recorrentes apresentados pelos respectivos veículos de comunicação de 1974 a 2020 e quais deles apresentavam ou não menção sobre questões das relações raciais ou sobre afrodescendentes durante este período.

Levantamos e analisamos 150 notícias e reportagens. O dado inicial do levantamento apresentado pelas fontes cujos conteúdos acessamos apontavam, em 15/03/2021, para a soma de 287 notícias arquivadas pelo banco de dados do **Jornal da Folha de São Paulo**²⁴. O jornal o **Estado de São Paulo** apresentou, em

²⁴Cf. https://search.folha.uol.com.br/search?q=Distrito%20do%20Graja%C3%BA&site=todos&periodo=todos&sr=251&results_count=286&search_time=0%2C102&url=https%3A%2F%2Fsearch.folha.uol.com.br%2Fsearch%3Fq%3DDistrito%2520do%2520Graja%25C3%25BA%26site%3Dtodo

seu banco de dados, 255 notícias²⁵.

Como procedimento de agrupamento, elaboramos as seguintes classificações temáticas seguida do número total de notícias:

Classificação e agrupamento temático

	Total
Violência e criminalidade: sobre crimes de homicídios, assassinatos, violência escolar, brigas, assaltos, roubos, sequestros.	60
Organizações sociais: organizações comunitárias, organizações não governamentais, política partidária, administração pública, movimentos sociais.	15
Representações sociais dos moradores da região sobre a região: percepções sobre o bairro, percepções de migrantes sobre São Paulo.	08
História e memória do bairro: associações e clubes, depoimentos de moradores, celebrações oficiais da região.	5
Práticas culturais e entretenimento: acesso ao lazer, práticas culturais, juventude, práticas culturais juvenis, cultura de massa.	3

O levantamento procurou observar se os referidos jornais apresentavam, ou não, termos que explicitassem *aspectos da classificação étnico racial*, assim como *descrições sociais afrodescendentes*, na região contextualizada na descrição de suas respectivas notícias e reportagens.

Utilizando a mesma base de dados, agrupamos o conjunto de notícias e reportagens que mencionavam, por parte dos redatores do jornal, as notícias e reportagens que apresentavam os termos associados ao campo de estudo das relações raciais.

s%26periodo%3Dtodos%26sr%3D276

²⁵Cf. [https://acervo.estadao.com.br/procura#!/Distrito%20do%20Graja%C3%BA/Acervo///1/////Cidades|Geral|Im%C3%B3veis|Oportunidades|Metr%C3%B3pole|Economia|Politica|Seu%20Bairro%20\(Regi%C3%A3o%20Sul\)|Empregos|Especial|Editorial|Esportes|Alias|Caderno%202|Feminino](https://acervo.estadao.com.br/procura#!/Distrito%20do%20Graja%C3%BA/Acervo///1/////Cidades|Geral|Im%C3%B3veis|Oportunidades|Metr%C3%B3pole|Economia|Politica|Seu%20Bairro%20(Regi%C3%A3o%20Sul)|Empregos|Especial|Editorial|Esportes|Alias|Caderno%202|Feminino)

Notícias que mencionam questões associadas ao campo das relações raciais ou aspectos sobre afro-brasileiros no subdistrito do Grajaú

Décadas.				
70-80	80 - 90	90 - 2000	2000-2010	2010 - 2020
0	1	2	12	4

2.6. Alguns dados históricos

Apresentaremos a seguir alguns tópicos, separados por décadas, que apontam para eventos que caracterizam o processo histórico social da região e as suas aproximações com nosso objeto central de estudo.

2.6.1. Os anos 1960

O processo de mudança da paisagem rural para as primeiras edificações urbanas na região que atualmente conhecemos como região do subdistrito do Grajaú ocorre na década de sessenta do século XX.

Os estudos referidos ao processo histórico geográfico de metropolização da cidade de São Paulo que tomamos como referência é a coletânea de estudos monográficos organizada por Aroldo de Azevedo denominada **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**, publicada no fim dos anos 1950.

O referido estudo é composto por quatro monografias que tratam de diferentes regiões da cidade de São Paulo.

Entre os textos que compõem a coletânea, há o estudo monográfico de Antônio Rocha Penteado, denominado “Os subúrbios de São Paulo e suas funções”.

A monografia de Penteado apresenta uma descrição da região de Santo Amaro e aponta que tal região remonta ao período anterior ao século XX; contudo, será nos anos 1940 e 1950, com a industrialização da capital paulista, que a região iniciará o processo de transição de uma paisagem rural (áreas de chácaras) para uma paisagem caracterizada como urbana.

De acordo com informações apresentadas por Penteado, presume-se que as regiões atualmente conhecidas como distrito de Capela do Socorro e subdistrito do

Grajaú eram atribuídas apenas à região de Santo Amaro.

Bem ao Sul da Capital paulista encontra-se o subdistrito de Santo Amaro, outrora município autônomo, mas, desde 1938, incluído no município de São Paulo. Contém um aglomerado urbano de quase 25.000 habitantes, que evoluiu extraordinariamente a partir da década de 1930-40, após haver permanecido mais ou menos estagnado durante quase quatro séculos, desde que sua fundação remonta aos meados do quinhentismo. A construção da represa Guarapiranga foi o primeiro passo para o seu rejuvenescimento: a industrialização completou essa transformação. (PENTEADO, 1958, p. 21).

Mais adiante, o autor aponta:

Paralelamente a essa transformação registrada em sua fisionomia, Santo Amaro tem assistido a uma profunda alteração em suas funções, notadamente depois de 1945, tornando-se um centro industrial de destaque e não se limitando como antes, a ser um centro residencial e recreativo, em torno do qual existiam algumas chácaras e olarias, a par de muitas carvoarias, como acontecia ao iniciar-se a década de 1940-50. (PENTEADO, 1958, pp. 23-24)

O estudo apresenta algumas descrições sobre os processos de desenvolvimento demográfico em contextos urbano-rurais associados ao uso da terra para agricultura nas regiões mais adentro (atual Parelheiros, Marsilac) e próximas da represa Billings.

O estudo aponta também a edificação de fábricas de médio e pequeno porte, aspecto que permitiu o processo de constituição da força de trabalho ocorrido na parte da região sul da cidade de São Paulo (Socorro) a partir deste período. Nas palavras de Penteado:

Sua população é constituída por um número elevado de trabalhadores agrícolas, de operários, de funcionários públicos de modesta categoria ou de comerciários, em sua maioria brasileiros, mas apresentando um número apreciável de estrangeiros ou seus descendentes de primeira geração, originários da Itália, especialmente na massa operária, e de Portugal, Espanha e Japão, sobretudo nas áreas agrícolas. (PENTEADO, 1958, p. 13).

Tais descrições, dada a sua consideração de análise geográfica, apresentam consideração aos aspectos físicos da região, no caso, o papel das margens e do Rio Jurubatuba, que estabelece ligação com a represa Billings.

Tratam-se de regiões que atualmente são compreendida como divisas entre

o subdistrito de Grajaú e as margens da região do ABC-Paulista, mais especificamente Diadema e São Bernardo do Campo²⁶.

Ainda nos referindo ao estudo de Penteado para ilustrarmos como teria se dado o processo de mudança da paisagem da região, o autor nos informa também que:

A construção dos reservatórios da "Light" foi a causa direta de uma verdadeira transformação em toda a região e, de maneira particular, nas vizinhanças do Reservatório do Guarapiranga, graças à multiplicação das chácaras de recreio, das habitações destinadas aos fins de semana, dos clubes náuticos e de outros locais destinados à recreação [...] A construção daquele reservatório foi, sem demora, aproveitada no sentido de oferecer à cidade de São Paulo algo com que os homens do passado jamais teriam sonhado: aprazíveis e recortados lagos artificiais, com modestas mas apreciadas "praias". Surgiram os clubes náuticos - como o "late Clube Paulista", o "late Clube Itália,,", o "Clube Náutico de Santo Amaro", etc. - , que propiciam aos seus associados a prática e o prazer da navegação, em veleiros e em barcos a motor. (PENTEADO, 1958, p. 51).

Não obstante, no que se refere ao segundo aspecto, no caso, a presença social e as formas de interação na respectiva região de Santo Amaro situada mais ao Sul, Penteado aponta que:

No reinado de D. Pedro 1º, registrou-se uma tentativa de colonização alemã, na área que vimos focalizando; a instalação do núcleo colonial teve lugar em junho de 1829, contando, inicialmente, com 62 famílias e um total de 299 pessoas. Entretanto, os fados não lhe foram favoráveis e, certamente pelo isolamento em que se encontrava, entrou logo em lamentável decadência. (PENTEADO, 1958, p. 53).

Ainda mencionando o autor sobre a questão do processo de ocupação na região Sul da cidade de São Paulo:

A esse fracasso fez referência o Marechal Daniel P. Muller, ao publicar seu

²⁶ De acordo com dados fornecidos pelo IBGE sobre a Represa Billings: "foi construída em 1925 pela extinta concessionária de energia elétrica Light. O espelho d'água da Billings tem aproximadamente 100 Km² e sua bacia hidrográfica estende-se por mais de 582 km², nos municípios de Ribeirão Pires, Diadema, Rio Grande da Serra, São Bernardo do Campo, Santo André e São Paulo". (In: IBGE, Biblioteca Digital. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=447363>. Acesso em: 30/07/2022). Em função do elevado crescimento populacional e industrial da Grande São Paulo ter ocorrido sem planejamento, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970, a Represa Billings possui grandes trechos poluídos com esgotos domésticos, industriais e metais pesados. Apenas os braços de Itaquaquetuba e Riacho Grande são utilizados para abastecimento de água potável pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp).

"Quadro Estatístico" em 1838, informando que ainda restavam ali 157 colonos. Em 1847, não existiriam mais do que 9 famílias. De acordo com as informações do delegado de polícia de Santo Amaro, em ofício dirigido ao delegado de São Paulo, datado de 1850, a colônia em questão, que se localizava a 4 léguas da vila, estava "quase abandonada, tendo unicamente quatro ou cinco famílias, porque a maior parte delas se tem mudado para diferentes lugares, ignorando-se qual a razão de seu atraso". (PENTEADO, 1958, p. 53.)

Por fim, Penteado nada nos informa sobre a concentração de população indígena na região.

Outro estudo que tomamos como referência geral para a consideração do processo de formação do que se apontam como subúrbios e periferia é a questão específica da região onde atualmente se localiza o distrito do Grajaú.

Referimo-nos à tese de doutoramento em geografia urbana de Richard Langenbuch, publicada em 1968.

O estudo apresenta alguns elementos sobre o processo de transição da paisagem rural para urbana que a cidade de São Paulo vivenciou desde o final do século XIX, mas sobretudo a partir dos anos 1940 do século XX, focando especificamente na questão sobre

a evolução da aglomeração, procurando avaliar, os vários fatores, fases e processos que condicionaram, propiciaram, orientaram e caracterizaram a estruturação interna do organismo metropolitano [...] reconhecer a vinculação genética existente entre as várias porções da periferia paulistana e a parte central da metrópole (LANGENBUCH, 1968, p. 11).

O autor aponta também que sempre procurou "enfocar mais especificamente as posições periféricas da metrópole e suas relações com a porção central (ou seja a "cidade" propriamente dita (LANGENBUCH, 1968, p. 11).

Nosso foco específico em relação às questões apresentadas por Langenbuch refere-se às considerações que o autor apresenta em torno do processo de urbanização dos subúrbios, isto é, as regiões que compõem a circunferência da cidade de São Paulo – em específico a região de distrito de Capela do Socorro e o processo de avanço em termos de ocupação, urbanização da região de Cidade Dutra para as regiões que, após anos 1960, serão conhecidas apenas como Grajaú. Langenbuch aponta:

à porção de edificação compacta e continua da cidade, entremeadas a vários dos núcleos suburbanos, podem ser vistas algumas chácaras recreativas, cujas as edificações testemunham a sua instalação não muito recente. Em geral tais chácaras datam de uma época, que a área era nitidamente rural. O fato pode ser observado, por exemplo, [...] em Rio Bonito. Mais cedo ou mais tarde, a maioria destas chácaras acabará certamente por se transformar em loteamento residencial ou gleba industrial (LANGENBUCH, 1968, p. 371).

As razões são apresentadas mais adiante onde diz:

Os censos demográficos de 1940, 1950 e 1960 [...] trazem o efetivo demográfico por distritos e no caso do distrito de São Paulo por subdistrito [...] houve por bem considerar como “cidade” o conjunto atual distrito de São Paulo, [...] subdistrito de Capela do Socorro, de características nitidamente suburbanas. O restante da área em estudo figura como “arredores”. (LANGENBUCH, 1968, p. 386).

Sobre as releituras da região considerando as perspectivas indígenas e de afrodescendentes

Os apontamentos de Trouillot (1995/2006) sobre a questão das produções de narrativas históricas e, com isso, as produções de silêncios decorrentes da maneira como se evidencia um aspecto em detrimento de outro, nos permitem refletir sobre a maneira como as produções das Ciências Sociais tratam a respeito do subdistrito do Grajaú. Nos termos de Trouillot:

Observo que [...] a história envolve tanto o processo social quanto as narrativas sobre esse processo, as teorias da história na verdade privilegiam um dos lados, como se o outro não importasse. Essa unilateralidade é possível porque as teorias da história raramente examinam em detalhe a produção concreta das narrativas específicas. [...] Narrativas são eventualmente invocadas como ilustrações ou, no melhor dos casos, decifradas como textos, mas o processo de sua produção raramente constitui objeto de estudo [...] a produção histórica ocorre em muitos lugares. Mas o peso relativo desses lugares varia com o contexto (TROUILLOT, 1995/2006, p. 51).

Mais adiante, Trouillot nos aponta que, decorrente da produção histórica ocorrer em muitos lugares, os sujeitos que se encontram nestes referidos lugares (nos quais e pelos quais se produzem as narrativas históricas acerca de um determinado acontecimento) é que experimentam a situação de serem ou não

considerados nos processos de produção de narrativas. A consequência disso é o efeito de poder que a narrativa imprime sobre aquilo que se registra e sobre aquilo que se omite ou se silencia. Sobre isso, Trouillot aponta:

Silêncios ingressam no processo de produção histórica em quatro momentos cruciais no momento de criação dos fatos (elaboração das fontes); no momento da composição do fato (na elaboração das narrativas); e no momento da significância retroativa (na elaboração da história) Esses momentos são ferramentas conceituais [...] ajudam-nos a entender porque nem todos os silêncios são iguais e porque eles não podem ser abordados ou eliminados da mesma forma [...] qualquer narrativa histórica é um conjunto específico de silêncios, o resultado de um processo singular, [...] a operação necessária para desconstruir estes silêncios variará de acordo com eles. (TROUILLOT, 1995/2006, p. 58-57).

A tese de doutoramento de Faria (2016) não apenas preenche as lacunas deixadas por Penteado e Laugenbuch como também apresenta uma perspectiva alternativa e crítica sobre o processo de avanço e de transformação rural para urbana, a partir do ponto de vista das comunidades indígenas que se localizavam na região Sul da cidade de São Paulo, a exemplo a comunidade Tenondé Porã.

Não se pretende aqui fazer a leitura do processo de periferização pela via tradicional, pautada na interpretação do crescimento da cidade de São Paulo somente pelo padrão periférico e, segundo o que se tornou um modelo de análise dual, marcada pelo centro periferia [...] Essa visão dual da cidade, que leva a pensar em um limite preciso e quase intransponível, traz uma redução de seus conteúdos e uma simplificação dos processos. (FARIA, 2016, p. 79).

Mais adiante em seu estudo, Faria apresenta sua perspectiva de análise crítica aos pressupostos da modernidade descritos por Penteado e Langenbuch. A autora afirma:

As obras de infraestrutura, realizadas nos séculos XX e XXI em decorrência do processo de metropolização, promoveram a expropriação das terras dos indígenas, uma vez que reduziram os locais por eles ocupados. Além disso, parte delas foi realizada explorando-se a mão de obra indígena. Destacam-se, nesse sentido, a construção da represa Billings [...] os Guarani não perderam somente parte de suas terras, mas também parte de sua alimentação proveniente da pesca, pois com a expansão da metrópole cresceu a quantidade de dejetos despejados na represa e portanto a contaminação de suas águas, registrando-se casos de mortandade de

peixes (FARIA, 2016, p. 81).

No que diz respeito aos sujeitos que correspondem à centralidade desta dissertação, no caso a população afrodescendente, observamos também que releituras mais recentes sobre a região analisadas com enfoque na década de 1960 e anos posteriores qualificam informações que interessam diretamente ao presente estudo, a exemplo da informação sobre a existência do clube de campo idealizado por parte de uma classe média negra paulistana denominado Aristocrata Clube.

Alguns aspectos deste clube são relevantes para nossa pesquisa, não apenas pelo fato de haver depoimentos colhidos em entrevista que realizamos com sujeitos moradores do subdistrito do Grajaú ao falarem sobre o clube mesmo a despeito das diferenças de status sociais (conferir capítulo III).

Ter localizado alguns materiais de pesquisa produzidos acerca do referido clube permite contribuir, não apenas para a construção de outras narrativas acerca da história do bairro, mas permite inserir nas narrativas já vigentes a presença e agência de diferentes sujeitos que constituem a população afrodescendente paulista. Vejamos alguns registros.

O primeiro conteúdo de relevância é o registro feito nos anos 1980 por militantes do movimento negro de São Paulo que produziram e registraram uma entrevista denominada “A história de Luta” com José Correia Leite, Aristides Barbosa, Raul Joviano do Amaral, Henrique Cunha e Francisco Lucrécio.

A referida entrevista foi produzida pela Enugbarijô Comunicações, de Ras Aauto e Vik Birkbeck, juntamente com apoio do Ibase (Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica) tendo como condutores os militantes e pesquisadores Amauri Pereira e Yedo Ferreira.²⁷

O estudo de Silva Soares (2004, capítulo I), o documentário **Aristocrata**, dos cineastas Aza Pinho e Jasmin Pinho, publicado no mesmo ano, e o artigo de Medeiros da Silva (2019) apontaram para pesquisas sobre as associações negras paulistas no período de 1890 a 1950 analisam aspectos da relação entre a região

²⁷ Cf. CULTINE. **Frente negra brasileira**: edição completa. 01 jul. 2019. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2FRnKpFLiQE&t=5s&ab_channel=Cultne. Acesso em: 31/01/2022.

do Grajaú e as praticas culturais do clube Aristocrata. Mais recentemente o estudo monográfico de Venâncio (2022) apresenta uma analise do clube Aristocrata considerando a dimensão socio espacial do clube dando ênfase por um lado na analise da região onde o clube foi constituído e por outro lado as interações sociais dos sujeitos moradores desta região com o clube.

Observamos, por fim, artigos de jornais que apontam aspectos históricos e problemas sociais do momento presente como o efeito da intensa urbanização e ocupação do terreno onde está localizado o clube de campo.

2.6.2 Os anos 1970

Os principais aspectos sociais que caracterizam a região do Grajaú no contexto dos anos 1970 podem ser apresentados a partir dos seguintes acontecimentos:

Processos de intensificação de desmatamento e abertura de lotes para comercialização de terrenos.

Tal como apontado nos estudos de Penteado (1958) e Langenbuch (1968), ocorrerá, sobretudo nos anos 1970 intensificação de loteamentos de chácaras.

Os documentários produzidos pela Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (Emplasa) sobre os processos de loteamentos em regiões periféricas também oferecerem um quadro de análise sobre as regiões periféricas entre elas a região do Grajaú.²⁸

É preciso observar que a narrativa apresentada pelo referido documentário consiste em apresentar, por um lado, o discurso normativo e as implicações ao se comprar ou construir residências em locais considerados como área de proteção de mananciais sem, no entanto, problematizar o próprio conceito de desenvolvimento urbano, orientado pelas políticas econômicas, e a trajetória das populações não

²⁸ Cf. EMPLASA. **Loteamento Clandestino (1978)**. [s/d]. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3PF9DbqTdA&ab_channel=EMPLASA. Acesso em: 24/04/2022.

descendentes de europeus ao longo do século XX.

As análises de Clovis Moura, por outro lado, apresentadas em **O negro: de bom escravo a mal cidadão** (1977) e **As raízes do protesto Negro** (1983) descrições de processos sociais urbanos da transição do regime social escravista para o processo de organização social supostamente liberal, e caracterizada pelo trabalho livre, e como dentro desta dinâmica ocorreu um processo de marginalização da população negra decorrente de diversas políticas de Estado.

Não se trata, porém, de afirmar que os afrodescendentes não tinham agência decorrente de sua marginalização. Moura aponta, em **Organizações Negras em São Paulo** (1980), elementos que nos permitem inclusive pensar sobre determinadas práticas culturais produzidas aos redores da cidade a exemplo, terreiros de candomblé e casas de Umbandas, assim como escolas de sambas e por fim grupos de capoeira as quais podem ser observadas no subdistrito do Grajaú desde a sua origem em meados dos anos 60/70.

Presença das paróquias católicas

De acordo os dados públicos apresentados pela Diocese de Santo Amaro, identificamos que, em termos cronológicos, o período de surgimento das igrejas católicas na região do Grajaú ocorre entre o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970.

Estas informações permitiram estabelecer cruzamento de dados com os depoimentos dos sujeitos que entrevistamos que apontam a Igreja Nossa Senhora Aparecida, edificada em 1970, e a Paróquia Santa Ana, fundada em 1969, em região próxima ao distrito do Grajaú.

A razão da menção a igrejas também está associada aos estudos acadêmicos sobre os movimentos de bairro desenvolvido entre os anos 1970 e 1980.

O estudo de Singer (1980, p. 95) apresenta fontes de jornais de época que informam sobre os processos de formação de loteamentos nas regiões do Parque Cocaia e do Jardim São Rafael, ambos situados no que hoje se entende subdistrito do Grajaú. Os estudos de Sader (1988, p. 211) em torno da temática dos

movimentos sociais também mencionam organizações provenientes das Comunidades Eclesiais de Base e das organizações de bairros situados na região de Cidade Dutra.

Construção do conjunto habitacional Brigadeiro Faria Lima

O referido conjunto se situa no subdistrito do Grajaú e representa as maneiras como as questões sobre as políticas de habitação popular e políticas de preservação de áreas de mananciais se apresentavam frente ao campo de estudos de planejamento urbano e demográfico da época, conforme nos aponta o estudo de doutorado de Leite (2016, pp. 49, 50, 51). O estudo sobre o conjunto habitacional Brigadeiro Faria Lima apresentado no trabalho de Leite (2016) não apresenta reflexões em torno das características étnico raciais da população residente neste conjunto habitacional.

Mais recentemente tem ocorrido uma iniciativa de recuperação e construção de estudos que se interessam pela memória sobre o conjunto habitacional Brigadeiro Faria Lima, a partir de uma perspectiva da população negra no distrito do Grajaú. É o caso da monografia de conclusão de curso de Venancio (2022) a qual articula o estudo sobre o Aristocrata Clube e as interações de alguns moradores do conjunto habitacional Brigadeiro Faria Lima com este clube. (2022, pp. 64)

A produção do vídeo documentário **Matriarcas**, produzido por Lucimeire Juventino em parceria com o veículo de mídia do Grajaú “Periferia em Movimento” apresenta, no ano de 2018, um dos primeiros passos²⁹ nesse sentido, realizando uma série de entrevistas com mulheres que participaram do processo de edificação de movimentos sociais importantes na região, mas também das práticas culturais que apresentam diálogos com práticas culturais negras.

²⁹Cf. PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Matriarcas**. Episódio 3: Cidona. [s/d]. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4SYUSlvxNKc&ab_channel=PeriferiaemMovimento. Acesso em: 24/06/2022.

2.6.3. Os anos 1980

Adensamento populacional próximo à Represa Billings

O contexto dos anos 1980 apresentará continuação no processo de expansão de bairros mais adentro do subdistrito do Grajaú assim como movimentação substantiva dos chamados "novos movimentos sociais" tal como apontado por Paul Singer (1981) e Emir Sader (1988) e também por sujeitos protagonistas locais moradores da região.

No que se refere ao ponto de vista dos protagonistas, aprofundamos a questão a partir de entrevista com Fátima Rosa, mulher negra que participou do processo de fundação e atuação de umas das primeiras organizações de bairro da região, a Associação de Mulheres do Grajaú.

Associação de Mulheres do Grajaú

O surgimento da Associação de Mulheres do Grajaú está associado ao processo de intensificação dos movimentos sociais do bairro entre fins dos anos 1970 e início dos anos 1980.

Liderada pelas mulheres da região que reivindicavam não apenas infraestrutura básica urbana, mas sobretudo pautas e questões específicas da vida social das mulheres e as questões que as envolvem³⁰.

Tal como mencionado acima sobre o documentário **Matriarcas**, Lucimeire Juventino também apresenta uma entrevista com uma das mulheres que compôs parte da organização da Casa da Mulher do Grajaú, a dona Adélia Prates³¹.

Somam-se a este processo os primeiros elementos de constituição do que veio se tornar parte da base dos Partido dos Trabalhadores, proveniente das ações dos movimentos sociais de bairro e da presença das CEB's.

³⁰ Cf. Páginas da Associação de Mulheres do Grajaú. (Disponível em: <https://associacao-de-mulheres-do-grajau.negocio.site/> e da Casa da Mulher. (Disponível em: <http://asscasadamulher.blogspot.com/search/label/Nossa%20Miss%C3%A3o>) Acessos em: 24/06/2022.

³¹ Cf. PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Matriarcas**. Adélia Prates [s/d]. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=63dSpg3JQql&t=5s&ab_channel=PeriferiaemMovimento. Acesso em: 24/06/2021.

É preciso apontar também que parte das ações da Casa da Mulher do Grajaú será subsidiada por fundações internacionais e por organizações feministas do cenário paulista dos anos 1980. Conforme é possível identificar nas produções de informativos e boletins produzido pela Casa da Mulher do Grajaú assim como por entrevista que realizamos com outra organizadora, Fátima Silva Rosa.

Se durante os anos 1980 começam a aparecer notícias de jornais de grande circulação sobre a região do Grajaú associadas às questões sobre carências de infraestrutura urbana e violência urbana na década de 1990 este tipo de reportagem e forma de representação da região será mais recorrente.

O que observamos no período de passagem dos anos 1980 para os anos 1990 é uma mudança do “regime de representação” produzida sobre o distrito do Grajaú, isto é, se os períodos dos anos 1970 e 1980 são objeto de análise sobre as práticas políticas dos movimentos populares narrada por pesquisadores das Ciências Sociais, os anos 1990 passam a apresentar questões mais associadas aos problemas sociais do que as lutas políticas comunitárias, apresentando outras perspectivas sobre a região ou, nos termos de Hall (2019)[1997a]), outros “regimes de representação”.

Identificamos cinco reportagens sobre o distrito do Grajaú entre o período final dos anos 1970 e 1980. Duas notícias tratam sobre questões da infraestrutura e dos efeitos do processo de intensificação urbana da região Sul da cidade. As três notícias subsequentes tratam apenas do tema da violência urbana na região.

2.6.4. Os anos 1990

Mudanças nos regimes de representação ou Grajaú vira notícia

Das vinte e sete reportagens realizadas na região pelos dois veículos de informação apenas uma informa sobre as práticas culturais presente na região na década de 1990.

Por outro lado, há também notícias sobre problemas básicos associados a planejamento urbano e políticas públicas de saúde e educação e a problemas sociais vinculados à violência urbana.

Das associações de moradores para organizações não governamentais

Ao longo dos anos 1990, observa-se duas questões sociais que apresentam efeitos substantivos no subdistrito do Grajaú. A primeira questão refere-se ao processo de mudança nas formas de organização das associações de moradores de bairro vinculadas a movimentos sociais por moradia e infraestrutura, originadas entre os anos 1970 e 1980 para surgimento e aumento de organizações não governamentais (ONGs). (LANDINH, 1993, pp. 8; 32) (COUTINHO, 2004).

Estas novas organizações sociais atuarão, na região do subdistrito do Grajaú, com as questões sociais mais expressivas, no caso, os campos de assistência social, a infância e adolescência e as famílias de baixa renda.

Um levantamento apresentado pela organização Centro de Divulgação e Valorização da Leitura (CEVALE) com sede na região do Grajaú e hoje extinta apresentou o material denominado "Guia de entidades, ONGs e associações", publicado no ano de 2001.³²

O referido material tinha como objetivo apresentar um mapeamento das organizações sociais compreendidas como associações de bairro, associações comunitárias, associações de moradores, associações culturais, centros comunitários, centros de promoção social, conselhos comunitários, grêmios recreativos, grupos culturais, sociedades de amigos de bairro e união de moradores³³.

Com base no levantamento do CEVALE, os seguintes dados apresentam correlações com o objetivo específico de nossa pesquisa, referindo às práticas de culturas negras.

³² O Centro de Divulgação e Valorização da Leitura consistiu em uma iniciativa de jovens moradores da região do distrito do Grajaú que tinha como objetivo promover a atividade de leitura e acesso a livros e biblioteca no contexto dos anos 1990 e início dos anos 2000. Este período, como aponta um de seus idealizadores, Eduardo, mais conhecido como Eduardo Humanista, ou Eduardo do Movimento Humanista, é descrito como o período em que a região não dispunha de bibliotecas públicas para a realização de pesquisas da educação básica daí a iniciativa do CEVALE como espaço de subsídio para essa demanda existente até os anos 90.

³³ Tal como apontado acima, os estudos de Landin (1993) e Coutinho (2004) aprofundam análises sobre as especificidades culturais, políticas e jurídicas entre associações, sociedade, amigos de bairro, grupos culturais entre outras formas associativas e como sob o processo de ampliação do chamado terceiro setor ocorre um processo de quase homogeneização ou regulação de acordo as legislações que recobrem ONGs no âmbito do chamado "terceiro setor".

O primeiro dado consiste na identificação de 11 entre 42 organizações sociais situadas no distrito do Grajaú, que mencionam algumas práticas culturais negras como capoeira, escola de samba e culturas urbanas como o hip-hop nestas organizações sociais.

Considerando que o levantamento teve início no 2º semestre de 2001, tal como informado por um dos idealizadores da pesquisa, mas que no entanto para nós se trata, do ponto de vista do procedimento de pesquisa, fonte de dado secundário, não sabemos precisar, além das informações contidas no relatório da pesquisa, o período em que as práticas culturais negras acima mencionadas estiveram vigentes.

O que se sabe é o que as organizações mais antigas em termos de fundação, a exemplo da União de Moradores do Parque Cocaia, de 1979, e da Sociedade Amigos do Jardim Reinberg, informam a presença de atividades como capoeira.

No contexto dos anos 1980, identifica-se a atividade com capoeira à Sociedade Amigos de Bairro Parque Residencial Cocaia e ao Movimento Humanista, na região da Ilha do Bororé. Nos anos 1990, com as seguintes organizações: Semear Iniciativa Privada na Ação Social, região de Parque América, e Grupo Itápolos, Ação e Reintegração Social Projeto Anchieta, Centro Comunitário Nossa Senhora de Fátima, Associação São Marcos e Chácara Conrado, Ação Social Cibran do Cocaia, em que é mencionada a Escola de Samba Flor Imperial do Grajaú. No período dos anos 2000, ainda o Centro de Convivência Santa Doroteia.

CEDECA Interlagos

O Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, situado na região de Interlagos (subdistrito de Capela do Socorro), inicia suas atividades a partir do final da década de 1990.³⁴

A relevância desta organização para a presente pesquisa deve-se principalmente aos educadores sociais, que atuaram nesta organização ao longo

³⁴ Cf. Página oficial do CEDECA. Disponível em: <https://cedecainter.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 06/02/2022.

das duas décadas, dos anos 2000 na região do distrito do Grajaú, fazendo deste um espaço de formação, diálogo e encontros entre diferentes grupos de jovens. Outro aspecto relevante é o fato de que serão estes mesmos jovens que atuavam como educadores sociais, assim como frequentadores/educandos desta organização, que irão, ao longo da 2ª década dos anos 2000, formar coletivos culturais cujas as práticas estavam identificadas com algumas expressões culturais negras e com temas sociais associados às relações raciais pensadas a partir dos subdistritos do Grajaú e Capela do Socorro.

Escola de samba Terceiro Milênio

A escola de samba Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio surge no final da década de 1990, fruto da iniciativa de sambistas residentes da região, que transitavam em outras escolas já consolidadas na cidade de São Paulo. Conforme informam os idealizadores:

Os amigos Silvio Azevedo (Silvão) e Eduardo Basílio (presidente e fundador da Rosas de Ouro), tiveram a ideia de fundar uma escola de samba no distante bairro do Grajaú pois haviam muitos ritmistas bons na área e, assim, os sambistas do extremo sul não precisariam mais atravessar cidade para tocar em uma bateria e curtir os ensaios pré-Carnaval. A dupla amadureceu a ideia e um grupo de amigos liderados por Silvão (Silvio Azevedo), entre eles, Alberto Miranda, Machadinho, Talita Galbiati, concretizaram o sonho e fundaram o G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio, sendo Silvão eleito o primeiro presidente. Os primeiros ensaios aconteciam na casa de show "Corujão" e, por isso, a ave coruja é o símbolo e a mascote da nossa escola.³⁵

³⁵ Cf. Perfil da Escola de Samba Terceiro Milênio no Facebook. Disponível em: https://web.facebook.com/terceiromilenio/about/?ref=page_internal. Acesso em: 13/07/2022. O documentário idealizado pelos produtores culturais da "Escola de Sampa" apresentou a série "Quadras de SP - Estrela do Terceiro Milênio" e narra em áudio vídeo a trajetória da escola de Samba. A série pode ser conferida neste link: https://www.youtube.com/watch?v=HQP7-Zwg_d0&t=2s&ab_channel=EscolasdeSamPa. Acesso em: 13/07/2022.

2.6.5. Anos 2000-2010

Pesquisas sociais aplicadas por institutos, representações sociais da mídia e estudos acadêmicos sobre o Grajaú

A primeira década dos anos 2000 pode ser lida a partir de três enfoques interpretativos sobre o distrito do Grajaú.

Do ponto de vista das representações sociais constituídas pela mídia escrita tal como apontamos acima, observamos que prosseguirá a produção de reportagens sobre o suposto caráter violento do bairro.

Com base em nosso levantamento em consultas de notícias de jornais acima mencionados, localizamos no período de 2000 a 2010 entre notícias e reportagens trinta e nove matérias a respeito de problemas associados à violência e criminalidade.

Como contraponto a representações apenas depreciativas em relação à região do subdistrito do Grajaú, ocorrerá a formação de mídias alternativas na região, a exemplo dos coletivos Expressão Cultural Periférica, atual Revista Grajaú, e do coletivo de mídia Periferia em Movimento, que apresentou, a partir de 2009, um conjunto de ações no campo da produção de notícias e reportagens que situam temáticas em torno das questões sociais associadas à infraestrutura, mas sobretudo à pauta da representatividade nas questões de gênero, étnico-raciais e das identidades e práticas afrodescendentes no território. Tal questão será aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação.

ONGs e fundações

Nesta década observa-se a presença de institutos de pesquisas sociais que desenvolveram pesquisa-ação no campo de análises sociais em regiões de pobreza e diálogos com as associações locais.³⁶

Observa-se também fundações constituídas por meio do terceiro setor

³⁶ Cf. BARBAN, Vilma. (Org.) Fortalecimento da sociedade civil em regiões de extrema pobreza. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.

interessadas em pensar políticas e ações sociais, em parceria público-privada, relacionadas a crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil³⁷ e a juventudes e acesso a bens capitais e culturais urbanos.³⁸

Por fim, no campo das ações do Estado, é possível verificar os processos de intervenção na infraestrutura urbana e em equipamentos tais como:

- Alargamento da Avenida Belmira Marin;
- Construção dos Centros Educacionais Unificados (CEUS);
- Urbanização das áreas que margeiam a Represa Billing;
- Início da operação da Estação Grajaú – Osasco, da CPTM (trem);
- Reformas de centros desportivos CDMS;
- Reforma física e administrativa do Centro Cultural Grajaú;
- Processo de expansão da oferta de serviços de internet e, com isso, expansão do uso de microcomputadores e uso das redes sociais em locais públicos e privados;

Estas alterações na paisagem urbana do subdistrito do Grajaú tornam-se temas e referências para produção de vídeos apresentados em plataformas da internet (canais de vídeo, *blogs*, redes sociais) e objetos de reflexão por parte dos coletivos, acerca das formas de uso e do local de utilização dos referidos equipamento públicos para a produção e divulgação de suas práticas culturais.

Tais elementos destas paisagens se converterão em “significantes” vinculados à parte da identidade cultural do subdistrito do Grajaú.

2.6.6 Dos anos 2010 a 2020

Juventudes e políticas públicas de subsídio cultural. Outras formas de agência e produção

No contexto da segunda década dos anos 2000, aparecem os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a região, que tematizarão as questões sobre a presença da população negra na região (NASCIMENTO, 2010; LOPES, 2011;

³⁷ É o caso do Instituto Travessia (Cf. <https://www.travessia.org.br/historico.html>, acesso em 13/02/2022).

³⁸ É o caso do Cenpec (Cf. <https://www.cenpec.org.br/projetos/programa-jovens-urbanos>, acesso 13/02/2022).

LIMA, 2018).

Neste mesmo período, é possível observar o aumento na formação de coletivos culturais no subdistrito do Grajaú, os quais apresentarão diferentes propostas de práticas culturais na região, apresentando com isso elementos de identificação com as questões das relações raciais e com as questões da identidade afro-brasileira.

Estas iniciativas estarão dispersas entre ações promovidas em escolas, centros culturais, praças públicas e também em espaços residenciais.

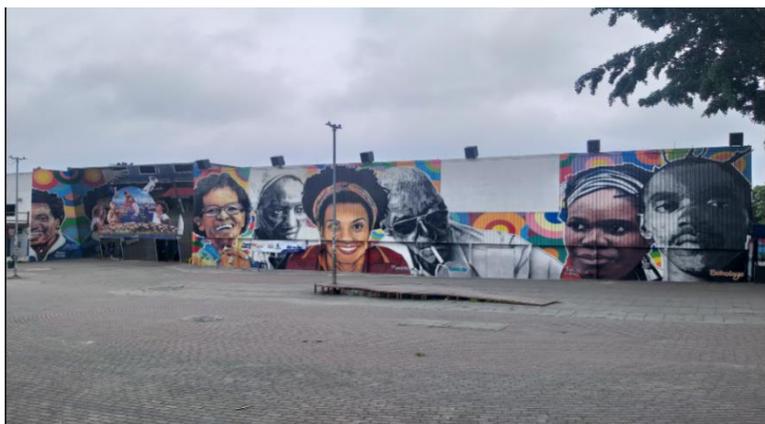


Figura 8. Centro Cultural Grajaú, entrada principal.

Crédito: imagem do autor.



Figura 9. Imagem lateral do Centro Cultural Grajaú.

Crédito: imagem do autor.



Figura 10. Espaço interno da Espaço Cultural Cazuá.

Crédito: Coletivo Identidade Oculta.



Figura 11. Introdução aos elementos de danças de roda afro-brasileiras. Oficina do mestre

Pedro Peu – 1º semestre de 2018.

Crédito: Coletivo Identidade Oculta

Por fim, ao final da segunda década dos anos 2000 observa-se iniciativas culturais vinculadas a práticas econômicas caracterizadas como empreendedorismo e que dialogam, de alguma maneira, com as recentes produções culturais no campo da área de serviços denominada como

“empreendedorismo negro”³⁹ ou “*black money*”.⁴⁰

Embora o presente estudo não tenha se direcionado a analisar a questão do empreendedorismo de sujeitos que se auto identificam como afrodescendentes no subdistrito do Grajaú, foi possível identificar por meio de conversas informais, no desenvolvimento do trabalho de campo, três iniciativas que caracterizam práticas culturais que se fundem a práticas de empreendedorismo.

Trata-se do salão de cabeleireiro Boom Box, da cervejaria artesanal GrajaBeer e, mais recentemente, das ações do coletivo Nós por Nós.

Os sujeitos que compõem estes empreendimentos situados no subdistrito do Grajaú são os mesmos sujeitos que, ao longo das duas décadas dos anos 2000, estiveram envolvidos em práticas culturais que contribuíram para as múltiplas identidades e identificações com o subdistrito do Grajaú. Utilizando as reflexões apresentadas nos termos de Stuart Hall, estes sujeitos promoveram uma mudança nos regimes de representação acerca do bairro.

Uma vez expostos de maneira panorâmica alguns aspectos sociais e

³⁹ Um dos exemplos mais representativos desta ação no Brasil é a a iniciativa denominada PretaHub. De acordo as idealizadoras do projeto: “Este hub não se relaciona exclusivamente com a população negra como o fim de um processo solto na lógica de quem produz e consome no país. O PretaHub pensa a relação com a cultura, a economia e o empreendedorismo pretos, a partir de um olhar honesto e propositivo, entendendo seus papéis fundamentais na mudança estrutural de uma sociedade – e um mercado – que precisa absorver esta população não apenas em seus processos de consumo, mas no respeito à sua existência enquanto potência criativa e empreendedora.” (Cf. PRETAHUB. Página oficial do projeto. Disponível em: <https://pretahub.com/quem-somos/>, acesso em: 12/07/2022). No diálogo entre a idealizadora do projeto e o olhar de organizações como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), é possível compreender também a narrativa que informa as razões e as condições de socioeconômicas que nos permitem compreender como e porque jovens negros passam a empreender. (Cf. SEBRAE. Conheça a história da feira preta e da plataforma PretaHub. Disponível em: <https://sebraeseunegocio.com.br/artigo/conheca-a-historia-da-feira-preta-e-da-plataforma-pretahub/>. Acesso em: 12/07/2022.

⁴⁰ De acordo o site Guianegro, que é “uma plataforma de afroturismo, que realiza experiências turísticas em diversas cidades e faz produção independente de conteúdo sobre viagens, cultura negra, afroturismo e *black business*. Somos os embaixadores do afroturismo”, há um entendimento da noção de *black money* como “os dois principais nortes de um movimento que começa a ganhar força no Brasil, chamado de *black money* (dinheiro negro). A expressão nasceu nos Estados Unidos para definir dinheiro ilegal, mas foi ressignificada pela comunidade negra para incentivar o consumo de produtos e serviços produzidos por afrodescendentes e levar ao público consciência social, econômica e financeira” (GUIANEGRO. O que é *black money*? Disponível em: <https://guianegro.com.br/o-que-e-blackmoney/>. Acesso em: 13/07/2022.) Ainda sobre *black money*, sugiro o artigo “O que é ‘*black money*’ e porque esse movimento vem crescendo”, de Alan dos Santos (2021), publicado na coluna Bula, da **Revista Exame**, disponível em: <https://exame.com/bussola/vozes-o-que-e-black-money-e-por-que-esse-movimento-vem-crescendo/>. Acesso em: 13/07/2022.

políticos que caracterizam o processo social e as formas de organização política e cultural observadas em pesquisas de dados secundários sobre o subdistrito do Grajaú, cabe agora apresentar nosso enfoque teórico metodológico de análise, que parte do pressuposto da relevância da identificação das práticas culturais como resultado de agências dos afrodescendentes.

Sob uma perspectiva de análise urbana e interna do Brasil útil aos estudos sobre o distrito do Grajaú no espaço temporal mencionado acima, observamos também em um artigo denominado “Organizações Negras”, de Clovis Moura (1981), uma breve síntese histórica das práticas sociais dos afrodescendentes, que o autor denomina como “agências negras”:

O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período no qual perdeu o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou – após a abolição – o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas mas sempre constantes [...] A essas organizações, voluntárias ou espontâneas, nós denominamos “grupos específicos negros” [...] esses grupos constituídos basicamente nas cidades, são organizações de resistência social (MOURA, 1981, pp. 143, 144, 145).

Outro exemplo relevante para compreender a presença de agências de afrodescendentes e suas práticas culturais, são os estudos de Abdias do Nascimento, inicialmente apresentados por pequenos textos em torno da proposta do Teatro Experimental do Negro (TEN) como projeto que extrapolava os objetivos puramente artísticos tal como aponta no texto “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”, de 1949:

desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adentrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento de classe média e superior da sociedade brasileira (NASCIMENTO *et al.*, 1950, p. 11).

Em outro texto, denominado “O teatro experimental do Negro e seu instituto de pesquisa sociológica”, é possível identificar uma perspectiva de extensão entre a prática da arte cênica associada à pesquisa social, que utiliza o recurso do conhecimento acadêmico, orientando-se, contudo, a serviço do desenvolvimento da população afrodescendente.

Sobre essa questão, abordada no mesmo período, referindo-se ainda sob o

caráter cultural e político do Teatro Experimental do Negro, Abdias nos diz:

a criação de um departamento especializado que se encarregaria de executar estudos e pesquisas de tudo que se relacionasse com o negro, quer sob o ponto de vista cultural, sociológico, histórico, biológico, antropológico, linguístico ou religioso [...] O Instituto Nacional do Negro que hoje inauguramos está pois destinado a encher na vida do negro um lugar preponderante para a sua valorização cultural mais amplo que a pura atividade teatral (NASCIMENTO *et al.*, 1950 pp. 29-30)

A perspectiva de Florestan Fernandes, por outro lado, terá suas bases desenvolvidas a partir dos anos 1950 do século XX, vinculadas ao projeto Unesco, que tem como objetivo geral “verificar” o quanto, como e de que forma as relações raciais brasileiras estavam constituídas por relações democráticas.

O referido estudo, junto a um conjunto de outros estudos associados ao mesmo projeto, constata que em diferentes regiões do país havia sim na sociedade brasileira situações de discriminação racial empregadas à população negra e que o processo de abolição da escravidão, promulgado em 1888, não teria, ao longo dos anos de entrada no século XX, desenvolvido o projeto de inserção de cidadania ou, ao menos, promovido o *status* de igualdade entre brancos e negros de maneira efetiva.

É o que nos apontam os textos políticos produzidos por Abdias do Nascimento produzidos nos anos 1960 e 1970 e que, para além do fato de terem sido produzidos em pleno período da ditadura militar no Brasil, apresentavam um profundo diálogo transnacional com intelectuais afroamericanos e africanos. Por meio dessa interação intelectual que Abdias apresentara questionamentos acerca das maneiras como as ciências sociais pensavam a experiência social racializada dos afrodescendentes no Brasil.

Em “O genocídio do negro brasileiro”, publicado em 1981, Abdias apresentara um relato em torno de uma recusa de publicação de um ensaio denominado “*Racial democracy: myth or reality?*” por ocasião da FESTAC ocorrida em 1977 na Nigéria, cidade de Lagos⁴¹. (NASCIMENTO, 1981, pp. 13-40).

Deste modo, tanto as reflexões de caráter transnacional e diaspórico

⁴¹ Trata-se do livro **Sitiado em Lagos**: autodefesa de um negro açoitado pelo racismo, do próprio Abdias do Nascimento, publicado em 1981, pela Editora Nova Fronteira.

apresentado por Abdias, por meio de sua participação nos congressos de culturas negras em África, assim como seu diálogo com intelectuais afrodescendentes na América do Norte e África, permite compreender, de acordo apontam Silvério e apud que:

Paralelamente às lutas de libertação no continente africano e em continuidade com o debate cultural anterior, em 1966, dez anos após a *The First International Conference of Negro Writers and Artists* foi realizado no continente africano, em Dakar, Senegal, o 1º *Festival Mondial Des Arts Nègres*. Neste evento, o Brasil inscreveu-se definitivamente nos caminhos da diáspora africana por meio de uma carta aberta enviada por Abdias do Nascimento, a qual denunciava os motivos, em sua visão, da exclusão de sua participação e do Teatro Experimental do Negro (TEN). (SILVÉRIO e et al (2020b).

Mais adiante, tais reflexões apontam que:

Duas ideias passariam a ganhar visibilidade junto aos membros do Teatro Experimental do Negro: a primeira é a ideia de uma irmandade e sua contribuição humanística da raça negra tendo como paradigmáticos os expoentes do movimento da negritude (Léopold Senghor, Aimé Césaire, León Damas e Alioune Diop), como demonstra a orientação discursiva presente na “Carta Aberta ao I Festival Mundial das Artes Negras”, em Dakar, escrita em março de 1966; a segunda, a ideia de pertencimento a uma diáspora negra que teria sido o acontecimento mais trágico da história do homem. (idem).

Por fim, Silvério (2018b) nos aponta que, nas duas décadas finais do século XX, outros enfoques analíticos, como o estudo desenvolvido por Stuart Hall denominado “*Race, Articulation, and Societies Structured in Dominance*” (1981) e, uma década mais tarde, o estudo “*Atlantico Negro Gilroy*” (1993), ao longo da década de 1990 e, sobretudo nos anos 2000, serão compreendidos no contexto brasileiro de produção de reflexão em Ciências Sociais, sendo apresentadas então as primeiras reflexões alternativas aos esquemas de análise social que tomavam como presuspostos análises exclusivamente orientadas à questão da classe como subordinadora da raça, conforme apontam Hall e Gilroy nos referidos estudos mencionado acima.

Portanto, desenvolver uma análise dos estudos já realizados sob o distrito do Grajaú a partir de um exercício imaginativo utilizando referenciais teóricos de estudo de pesquisadores interessados na temática da experiência dos sujeitos afrodescendentes nos permite abrir novos caminhos analíticos para pensar e se

aproximar de noções apresentadas por Du Bois a partir do estudo urbano denominado *The Philadelphia Negro* (1899/2007) e que apresentava uma sistematização original acerca dos aspectos sociais da população negra anterior à consolidação dos estudos urbanos desenvolvidos anos mais tarde pela Escola de Chicago, sendo difundida em parte dos estudos urbanos no Brasil após anos de institucionalização das ciências sociais brasileiras.

Os elementos descritivos encontrados no estudo de Du Bois (expostos nos capítulos III e IV sobre a trajetória da população negra na região de Philadelphia a partir de 1630 até 1896, período em que os distritos de Philadelphia estavam consolidados e formados, em parte, pela população negra dos Seventh Ward) nos inspiram, considerando as devidas diferenças de tempo e espaço, a pensar sobre como se deu o processo de migração para as chamadas regiões periféricas da cidade de São Paulo, em específico para o distrito do Grajaú, de grupos sociais negros provindos de outros estados e, em alguns casos, do interior de São Paulo.

Por fim, outro aspecto importante apresentado em Du Bois (1889) refere-se aos tópicos temáticos que descrevem os aspectos sociais da população negra na cidade de Philadelphia, como os aspectos demográficos e as variáveis etária e de sexo, a questão da educação e analfabetismo, a relação entre ocupados e desempregados, as questões sobre a saúde e, por fim, as formas de organização e associação entre elas e as Igrejas.

Será a partir destes pressupostos que os resultados das análises das teses e dissertações serão considerados a seguir.

2.7. Perguntas de base para a análise das dissertações e teses

Elaboramos duas perguntas de orientação ao nosso procedimento de pesquisa:

- a) Quais os temas e problemas já estudados sobre o subdistrito do Grajaú?
- b) Quais os temas e problemas estudados no subdistrito do Grajaú apresentam análises sobre construção de identidades e práticas culturais que consideram questões situadas no campo de estudos das relações

raciais, estudos afro-brasileiros ou sobre a população afrodescendente?

Para facilitarmos a comunicação sobre como operamos o processo de análise das teses e dissertações a partir das perguntas acima expostas, sinalizaremos a pergunta 1 como questão (A) e a pergunta 2 como questão (B).

O conjunto de subperguntas que orientam a questão (A) sobre o que já se estudou sobre o distrito do Grajaú teve como função fornecer o maior número de informações que acreditávamos ser possível extrair dos referidos documentos estudados.

As subperguntas da questão (A) são:

- Segundo o estudo (dissertação ou tese) qual a data/periodização que aponta para o surgimento do que hoje se entende por distrito do Grajaú?
- Qual o período específico da história da existência do distrito do Grajaú o estudo (dissertação ou tese) aborda?
- Qual a preocupação dos estudos sobre o Grajaú no contexto dos anos 1980, 1990, 2000, 2010 e 2019?
- Que mudanças há nos trabalhos quando comparamos as décadas?
- Do que trata o trabalho (apresentação do tema, problema de pesquisa)?
- O que os trabalhos se preocuparam em desenvolver sobre o estudo do Grajaú?
- Quais regiões específicas do distrito do Grajaú a tese ou dissertação se refere em termos territoriais?
- Quais referenciais teóricos mencionados? (Revisão bibliográfica apresentada no trabalho, considerando as mencionadas, as utilizadas, e as criticadas).
- É possível identificar alguma correlação dos estudos (dissertações ou teses) com algum coletivo cultural localizado no distrito do Grajaú, no momento presente ou passado?

As subperguntas que orientam a questão (B), sobre quais estudos já foram feitos sobre aspectos sociais do distrito do Grajaú que considerassem instrumentais analíticos do campo das relações raciais, assim como os estudos afro-brasileiros, são as seguintes:

- Que aspectos sociais o distrito do Grajaú apresenta em relação aos estudos das relações raciais?
- Que aspectos sociais os estudos sobre o distrito de Grajaú apresenta do ponto de vista da(s) história(s) da população negra e do negro na cidade de São Paulo?
- Como os negros são caracterizados e classificados nos estudos?
- É possível identificar alguma correlação dos estudos (dissertações ou teses) com algum coletivo cultural do momento presente ou passado que expressam uma identificação com as questões afro-brasileiras ou de identificação étnico-racial no distrito do Grajaú?

Utilização das bases de dados

A pesquisa foi realizada a partir de bancos de teses e dissertações de universidades públicas e privadas do Estado de São Paulo.⁴²

O critério de busca tomou como base as seguintes palavras-chave: “distrito do Grajaú”, para um primeiro processo de levantamento, e “Grajaú” para um segundo processo, de levantamento utilizando este mesmo critério para todos os bancos de dados consultados.

Identificamos 40 publicações sendo 10 teses de doutorado e 30 dissertações de mestrado.

⁴² As universidades públicas consultadas foram: USP, UNESP, UNICAMP. No âmbito Federal situadas em São Paulo: UFSCAR, UNIFESP, UFABC. As universidades privadas situadas em São Paulo capital: Fundação Santo André, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Fundação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Universidade Paulista (UNIP), Universidade de São Paulo (UNISA). O primeiro processo de realização da pesquisa de levantamento de teses de doutorado e dissertação de mestrado ocorreu no 2º semestre de 2019. Foram realizados dois levantamentos de checagem entre o final do 1º semestre de 2020 e 1º semestre de 2021. Na segunda checagem encontramos duas dissertações de mestrado defendidas no departamento de Antropologia e História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, publicadas em 2010 e em 2011 e uma tese de doutoramento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida no ano de 2010. Inserimos os respectivos materiais em nosso banco de dados para análise.

Áreas de pesquisa por universidades e departamentos 1990-2019

Universidade de São Paulo - USP

Departamentos	Total de publicações dissertações e teses
Faculdade de Educação FE	2
Departamento de Sociologia FFLCH USP	4
Departamento de Antropologia FFLCH USP	2
Departamento de Ciências Políticas FFLCH USP	1
Faculdade de História FFLCH USP	1
Faculdade de Geografia FFLCH USP	6
Escola de Comunicações e Artes ECA	2
Escola de Enfermagem EE	2
Faculdade de Saúde Pública FSP	1
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU	5
Faculdade de Medicina FMUSP	1
Instituto de Energia e Meio Ambiente IEE USP	1
Faculdade de Economia e Administração FEA-USP	1
Escola de Artes Ciências e Humanidades EACH-USP	1
Total	30

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Departamentos	Total de publicações dissertações e teses.
Departamento de Antropologia	2
Departamento de História	1
Departamento de Assistência Social	1
Total	4

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Departamento	Total de publicações
	Tese
Departamento de Planejamento Urbano e Regional	1
Total	1

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

Departamentos	Total de publicações
	dissertações
Departamento de Instituto de Artes	2
Faculdade de Ciências e Letras (Educação)	1
Total	3

Universidade Nove de Julho – Uninove

Departamentos	Total de publicações
	dissertações
Planejamento Urbano Regional e Demografia	1
Departamento de Ciência da Educação	1
Total	2

Como se observa, os estudos partem de diversas áreas de conhecimento e estabelecem interseccções. De acordo o critério cronológico e temático é importante explicitar o seguinte:

a) Quando, como e quais teses e dissertações sobre o distrito do Grajaú aparece e apresentam questões sobre a população negra a partir do uso e menção de termos que constituem o campo de estudo das relações raciais e estudos afrobrasileiros.

b) Quais os temas e problemas estudados no subdistrito do Grajaú apresentam análises sobre relações raciais, estudos afro-brasileiros ou sobre a população afrodescendente.

c) Os pressupostos teórico metodológico que orientam o enfoque de análise

das teses e dissertações.

Procedimento de localização das teses e dissertações que tratam de temas associados às relações raciais e estudos afro-brasileiros

Os termos de busca foram os seguintes: raça, racismo, racialização, étnico-racial, sistemas de classificação étnico-racial, preconceito racial, discriminação racial, negro, negra, juventude negra, população negra, territórios negros, negros nas cidades, cidades negras, movimento negro, diferença, equidade, igualdade, afro-brasileiro, afrodescendente, quilombo, diáspora africana, diáspora negra, umbanda, candomblé.

Deste modo, o procedimento de busca destes termos sob o conjunto de teses e dissertações se constituiu em dois momentos:

O primeiro, de caráter quantitativo mais geral, em que buscamos mapear se tais termos aparecem ou não nos respectivos estudos.

O segundo, de caráter mais qualitativo, buscou verificar como as referidas questões, quando mencionadas nos estudos, são apresentadas e discutidas nas respectivas dissertações e teses.

Aspectos quantitativos

Apresentaremos a “frequência” da menção dos termos-chave que compõem o campo de estudos teóricos e aplicados das relações raciais e de estudos afro-brasileiros encontrados nas dissertações e teses sobre o distrito do Grajaú.

O pressuposto que seguimos nesta análise, de caráter quantitativo básico, tomou como referência dois fatos sociais históricos, que se articulam às questões das relações raciais como categoria de análise social feita no Brasil.

Em primeiro lugar, o fato de que o recenseamento que considera as questões de relações raciais se apresenta como aspecto social, desde o período do Brasil Imperial, iniciado em 1872.

De acordo com os estudos históricos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as categorias “branco” e “preto” já eram utilizadas em pesquisas

de recenseamento demográfico.

Em segundo lugar, o fato de que, com a institucionalização do IBGE em 1936 as respectivas categorias de classificação étnico racial, não apenas se mantêm enquanto itens de pesquisas censitárias, como também passarão por processos de aperfeiçoamentos metodológicos, a exemplo as mudanças metodológicas ocorrida do contexto dos anos 1950, tal como aponta o estudo “Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça” (2008), sobre a história da inserção das categorias raciais em pesquisas realizadas pelo IBGE:

Os Censos 1950 e 1960 reincorporaram o grupo pardo à categorização de cor, como unidade de coleta e análise, sendo os primeiros levantamentos que orientaram explicitamente nas suas instruções de preenchimento a respeitar a resposta da pessoa recenseada, constituindo a primeira referência explícita ao princípio de autodeclaração. (IBGE, 2008, p. 15).

Mais adiante, o estudo aponta para os processos políticos e metodológicos deste instrumento de mensuração:

No Censo 1970, mais uma vez, a variável foi excluída da pesquisa, sendo que a partir do Censo 1980, o quesito voltou a ser pesquisado, desta vez no questionário da amostra. Em 1991, foi acrescentada a categoria indígena às já mencionadas, após um século de ausência desta identificação, passando a pergunta a ser denominada como de “raça ou cor” e, no Censo 2000, de “cor ou raça”. Em 2010, último censo realizado, repetiram-se as mesmas categorias de classificação da pergunta, que voltou ao questionário básico aplicado à totalidade da população, sendo que, pela primeira vez, as pessoas identificadas como indígenas foram indagadas a respeito de sua etnia e língua falada. (IBGE, 2008, p. 15).

Podemos apontar também mais duas instituições públicas de pesquisa brasileiras que fazem uso da questão “raça/cor” como variável relevante para os processos de recenseamento.

O Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) criado em 1964, que passou a considerar as pesquisas sobre questões raciais a partir dos anos 2000. De acordo o instituto:

Na última década, o IPEA tem desenvolvido uma série de trabalhos sobre as desigualdades raciais no Brasil. Estudos sobre as condições de vida da

população negra e acompanhamento de políticas públicas no campo da igualdade racial têm sido objeto de preocupação da casa. Desde 2003, o Boletim de Políticas Sociais do IPEA dispõe de capítulo específico sobre igualdade racial, trazendo fatos relevantes, acompanhamento da política e temas para discussão.

(https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=39 acesso 01/08/2022.)

Há também, os estudos de pesquisa aplicada desenvolvidos na cidade de São Paulo, pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), constituída em 1978. Esta apresentou temas e áreas de produção de dados estatísticos, que também consideram aspectos das questões raciais articuladas a outras pesquisas sobre demografia, emprego e desemprego.

Deste modo observamos que as questões das relações raciais no Brasil se apresentam para além dos estudos específicos dos campos sobre afro-brasileiros, assim como sobre relações raciais.

As questões sobre relações raciais se apresentam, portanto, como elemento interserccional resultado da composição multicultural da sociedade brasileira e que atravessa os mais diferentes aspectos da vida social, a exemplo dos mesmos aspectos da vida social transformados em áreas de conhecimento com as quais os estudos sobre o subdistrito do Grajaú foram constituído contudo sem considerar a dimensão dos estudos das relações raciais ou dos estudos afro-brasileiros.

Quando e como as questões sobre a população negra aparecem nos estudos de acordo as áreas de conhecimento.

Aspectos qualitativos

Por aspectos qualitativos mencionados acima, compreendemos as formas de uso dos termos que compõem o campo de estudos afro-brasileiros e de estudos das relações raciais estão apresentados nas respectivas dissertações e teses sobre o subdistrito do Grajaú.

Neste sentido, a compreensão sobre como e quando as questões sobre a população negra, assim como os estudos das relações raciais aparecem nas pesquisas feitas sobre o distrito do Grajaú, consistem em saber;

- que posição e ênfase os respectivos estudos sobre a região do distrito do Grajaú

apresentam frente ao fato histórico de que as questões sobre classificação étnico racial enquanto recurso metodológico de pesquisa está presente no mundo das pesquisas sociais desde o início do século XX.

- A consideração da variável fornecida pelos dados quantitativos e censitário que informam presença significativa de pretos e pardos na região do distrito do Grajaú.

Quais os temas e problemas estudados no subdistrito do Grajaú apresentam análises específicas sobre relações raciais, estudos afro-brasileiros ou sobre a população afrodescendente?

Entre os anos de 1992 a 2019 dentre os quarenta trabalhos encontrados apenas seis estudos desenvolveram análises com maior ou menor ênfase no campo das relações raciais e estudos afrobrasileiros.⁴³

Os estudos partem de perspectivas distintas e, em ordem cronológica, eles são os seguintes:

Na área de antropologia, identificamos o estudo de Soares da Silva (2004) que analisou duas organizações negras: o Aristocrata Clube e o Afro Bras. O estudo apresentou também uma análise de contextualização histórica sobre a presença e experiência da população negra na cidade de São Paulo e, dentro deste aspecto, a relação entre as representações sociais em termos de identidade étnico racial e de classe de um determinado grupo de classe média negra paulistana. Este mesmo estudo aponta também a projeção e iniciativa de construção de um clube social na região do subdistrito do Grajaú, em meados dos anos 1960. Soares, entretanto não aprofunda as reflexões sobre a presença da população negra que se constitui na região do subdistrito do Grajaú a partir dos anos 1960.

O mestrado em Antropologia apresentado por Lopes do Nascimento (2010) sobre arte-educação e como os arte educadores pensavam aspectos sobre educandos negros articulados às segregações socio-econômica e espacial na cidade de São Paulo apresentou também considerações sobre a história da

⁴³ A temática dos estudos da diáspora africana compreendida como categoria analítica não se apresentam em nenhum enfoque de estudo sobre questões urbanas específicas da cidade de São Paulo. A razão fundamental para tal fato deve-se ao recente movimento de análise a partir deste pressuposto teórico metodológico tal como apresentado por Silvério (2020).

presença e experiência da população negra na capital de São Paulo, assim como o processo de deslocamento desta população para as regiões periféricas da cidade.

A intersecção em termos de área de conhecimento que o estudo de Nascimento estabelece será com o campo da educação para pensar Arte Educação e com os estudos da antropologia urbana. Quanto ao primeiro campo de análise, Nascimento apresenta mais reflexões produzidas por intelectuais não negros na relação entre Educação e questões raciais do que a relação entre Arte e culturas negras. Ainda assim, tem o mérito de analisar no contexto final da 1^o década dos anos 2000 a lei 10.639 nos contextos práticos da educação em região periférica da cidade, a exemplo o distrito do Grajaú.

O terceiro estudo que identificamos refere-se à análise de Lopes (2011) situado na área de História Social e que busca traçar a trajetória dos idealizadores do grupo de capoeira Corrente Libertadora e a relação deste grupo de capoeira com questões sociais e de cidadania.

A autora analisou a relação entre a prática da capoeira e seu potencial de articulação a causas e práticas políticas vinculadas aos movimentos sociais. O que observamos no estudo de Lopes é a consideração de um aspecto histórico acerca da trajetória de parte do movimento negro paulista, no caso o Grupo de Consciência Negra (Grucon) que um dos sujeitos que compõem o grupo de capoeira acima citado irá participar. Lopes faz uma descrição desta experiência considerando o contexto dos anos 1970, estabelecendo um diálogo entre os movimentos sociais de bairro que já ocorriam na região de Capela do Socorro entre estes, no subdistrito do Grajaú e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A autora faz uso também de uma bibliografia que narra a trajetória da população negra na cidade de São Paulo, desde o fim do século XIX, período também em que a capoeira ganham maior visibilidade no meio social como uma prática entendida na época como ilegal.

Na área de conhecimento da geografia, o estudo de Cavalcanti (2011) apresenta características limiares entre um trabalho que considera o distrito do Grajaú e o correlaciona como um das regiões de São Paulo mais densamente povoada e com mais problemas sociais entre eles. Trata sobre a relação dos meios de transporte como questão associada as formas de deslocamento, distância e

quem se desloca com as questões associadas a grupos de trabalhadores que compõem mão de obra pouco qualificada. Por outro lado, o autor menciona os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconomicos (DIEESE) para descrever o perfil de trabalhadores com baixa qualificação em cruzamento com dados de classificação étnico racial.

É precisamente o fato do autor ter desenvolvido a maior parte do seu trabalho de campo na região do subdistrito do Grajau que o consideramos, entre os trabalhos levantados, como sendo um dos estudos que cruzam dados socioeconômicos com as questões das relações raciais, embora os pressupostos teórico-metodológicos do autor se restrinjam a trabalhar em um eixo mais no âmbito da classe do que da raça.

O trabalho de Thomas Lopes (2017) na área de Artes Cênicas, embora não esteja centralizado no estudo das questões raciais, faz uso de autores preocupados com a população negra e descreve situações sociais práticas em que pessoas negras e homoafetivas enfrentam opressões interseccionadas tais como racismo, sexismo e homofobia. O referido estudo desenvolve estas questões através de um trabalho de campo na região do subdistrito do Grajaú e uma etnografia da dramaturgia denominada **Grajaú Conta Dandaras, Grajaú conta Zumbis**, de 2017.

Por fim o último estudo levantado em nossa pesquisa foi produzido por Lima (2018) na área de Educação Sexual. Este estudo apresentou um enfoque de análise explícito e específico sobre a população negra no distrito do Grajau. Ao lidar com a questão sobre a sexualidade e o processo de desenvolvimento social e psicológico de jovens negras na região. O estudo mobilizou não apenas referenciais históricos acerca da história social da mulher negra, desde o período colonial mas também a literatura que trata sob os efeitos do racismo e do sexismo sob os corpos das mulheres negras.

O estudo de campo desenvolvido por Lima (2018) permitiu também, a partir do desenvolvimento de grupos focais, apreender diferentes perspectivas e representações sociais e individuais sobre a questão da sexualidade em uma sociedade racializada. Por fim, o referido estudo ainda esteve situado no período de

eclosão das publicações em língua portuguesa de autoras como Bell Hooks e Angela Davis e, nesse sentido, apresenta também análise sobre a situação social da mulher negra, a partir do vasto repertório produzido por pesquisadoras negras brasileiras entre elas, Jurema Werneck, Cida Bento e Sueli Carneiro.

Desdobramentos

No terceiro capítulo da presente dissertação, aprofundaremos algumas questões apresentadas nos estudos apontados acima, através do resultado das entrevistas desenvolvidas com sujeitos que estiveram em contato com os grupos sociais entrevistados pelos referidos autores, como aqueles que também experimentaram o ativismo no Grucon, tal como apresentado por Lopes (2011), e aqueles que tiveram contato com o Aristocrata Clube, tal como apontado no estudo de Soares da Silva (2004).

Nosso enfoque, contudo, será a captação das representações sociais destes sujeitos a partir da relação que eles apresentam a partir de suas experiências no subdistrito do Grajaú.

3. CARTOGRAFANDO PRÁTICAS CULTURAIS NEGRAS NO DISTRITO DO GRAJAÚ: REPRESENTAÇÕES, LEVANTAMENTOS E ENTREVISTAS

Que terra mais curiosa é esta – cheia de histórias não contadas, trágicas e cômicas, com um rico legado de vidas humanas; obscurecida por um passado de dissabores, e com um grande promessa de futuro! (DU BOIS, 1903/2020)

Quem vai lembrar o que não se contou?
O silêncio de quem guarda...
Saudade ainda vaga..
De uma memória sem palavras...
Que o gesto resgatou....”
(ZAS, 2019 - Lembranças , 2019, Album: Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar).

3.1. Cartografia como pressuposto teórico da localização das práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú

O uso da noção de “cartografia” utilizado como recurso heurístico para o desenvolvimento da localização e descrições das práticas culturais negras no distrito do Grajaú deriva da concepção metafórica extraída do campo de estudos da Geografia.

De acordo com o verbete apresentado por Smith e Kain, na *International Encyclopedia of Human Geography* sobre a história conceitual do termo “cartografia”, os autores apontam que:

Essa nova abordagem surgiu na década de 1980, impulsionada por fatores externos e internos. Externo a - pode-se dizer estranho para – o mundo da cartografia era o movimento teórico e filosófico pós-estruturalista francês liderados por Michel Foucault e Jacques Derrida que encontrou terreno fértil nas humanidades (incluindo geografia) na Europa no final dos anos 1970 (SMITH; KAIN, 2009, p. 436).

Mais adiante, Smith e Kain apontam para as perspectivas internalistas de análise geográfica e mencionam os autores J. B. Harley e David Woodward, responsáveis pelo projeto *The History of Cartography project*. De acordo Smith e Kain estes autores:

havam abandonado suas insistências sobre o empirismo e estavam aplicando as teorias que encontraram não apenas em Foucault e Derrida, mas também na obra de “proeminentes sociólogos, antropólogos,

historiadores da arte e estudiosos literários e culturais." (SMITH; KAIN, 2009, p. 436, tradução livre).⁴⁴

Finalmente, nos termos de Harley e Woodward, a concepção de cartografia como mapa passa também a ser entendida como "representações gráficas que facilitam uma compreensão de coisas, conceitos, condições, processos, ou eventos no mundo humano". (SMITH; KAIN, p436. , tradução livre).⁴⁵

Foi precisamente o sentido amplo que Harley e Woodward atribuem ao termo "cartografia" que Smith e Kain concluem que "o uso metafórico da palavra "mapa" tornou-se extremamente popular" (SMITH; KAIN, 2009, p. 436)⁴⁶.

Para Deleuze e Guatari (1980/1995), o termo cartografia se apresenta como função de escrita para além do significado que a escrita aponta, nos termos dos autores: "escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir." (1995, p.11).

Por outro lado, os autores apontam também que a noção de cartografia está associada com a noção de rizoma, compreendida a partir de alguns princípios que a caracterizam tais como princípios de conexão e de heterogeneidade, princípio de multiplicidade, princípio de ruptura a-significante, princípio de cartografia e de decalcomania. Tais conjuntos de princípios são resumidos pelos autores do seguinte modo:

os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou, antes, de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda [...] O rizoma é uma antigenealogia [...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga [...] Um rizoma é feito de platôs. (DELEUZE, GUATARI, 1995. pp. 31-32).

⁴⁴ Trecho em língua original: "*had abandoned his insistence on empiricism and was applying the theories he found not only in Foucault and Derrida, but also in the work of "prominent sociologists, anthropologists, art historians, and literary and cultural scholars"*."

⁴⁵ Trecho em língua original: "*Maps are graphic representations that facilitate a spatial understanding of things, concepts, conditions, processes, or events in the human world"*."

⁴⁶ Trecho em língua original: "*is an invitation to overstretch the idea of what constitutes a map to extremes. It is true that the meta phorical use of the word 'map' has become extremely popular"*."

No contexto de análise sobre práticas culturais negras desenvolvidas sob o pressuposto da diáspora como categoria analítica, observamos que a noção de cartografia pensada a partir da ideia de rizoma mencionada acima, tem sido utilizada para pensar as diferentes formas de experiência dos sujeitos afrodescendentes no âmbito da diáspora africana.

Ao analisarmos do ponto de vista da historicidade do uso do termo diáspora como categoria analítica, observamos que Gilroy (1993) na obra **Atlântico Negro**, quando procura analisar a experiência de africanos na diáspora a partir das obras de Martin Robson Delany (1852, 1879) e, em específico a obra Blake (1859) faz uso da concepção de rizoma pensada por Deleuze e Guatari.

De acordo Gilroy, a presença africana nas Américas para além do tráfego transatlântico apontava para uma confluência, em termos de experiência e produção de conhecimento. A partir da experiência do sujeito afrodescendente que fazia uso não apenas de sua experiência individual racializada mas também de uma leitura da experiência coletiva constituída na sua relação com outro (eurodescendente) construí-se nas américas subjetividades caracterizadas por representações sociais híbridas e não “pura” em termos de práticas culturais resultantes do contato entre culturas diferentes.

Nos termos de Gilroy (2001[1993]) recuperando um termo derivado de Du Bois (2021[1903]), a “dupla consciência” seria o contato, construção e reconstrução de ideias não necessariamente pressupostas por uma única “raiz”, ou matriz de pensamento, mas pela utilização de duas referências de formas sociais de pensamento apreendidas pelo sujeito. Sobre isso, Gilroy aponta:

A obra de Delany tem fornecido fortes indicações de que a herança intelectual da modernidade euroamericana determinou e talvez ainda determine a maneira pela qual a nacionalidade é entendida no interior do discurso político negro. Em particular, esse legado condiciona a aspiração contínua de adquirir uma identidade “enraizada” [...] esta identidade invariante é, por sua vez, a premissa de um “eu racial” pensante, socializado e unificado por sua conexão com outras almas [...] (GILROY, 1993/2001, p. 84).

Outros usos da noção de cartografia pensada na perspectiva de análise da diáspora como categoria analítica referindo à experiência dos deslocamentos da população negra, africana e asiática, podem ser identificados nos estudos de Avta

Brah (1996, pp. 10, 13 e 15) em **Cartographies of Diaspora**, publicado originalmente no final da década de 1990.

O referido estudo consiste em uma “cartografia”, no sentido em que é constituído por um conjunto de ensaios produzidos entre os anos 1980 e 1990 e no sentido de que tomam como referência as questões sobre racialização, raça e etnia, gênero, classe, identidades e diáspora numa perspectiva interseccional, isto é, analisando de que forma algumas coletividades são constituídas como "outro", como “diferente” a depender da posição que ocupam e da situação em que se encontram em uma determinada sociedade e contexto cultural. (BRAH, 1996 pp. 15; 181).

A referência específica de Brah consiste no estudo da situação e experiência social dos sujeitos denominados pelos britânicos como asiáticos e afrodescendentes britânicos.

Dois aspectos apresentados por Brah são centrais para a consideração das questões apresentadas no presente capítulo.

A primeira refere-se à questão da experiência articulada à noção de autobiografia como elementos que efetivamente informam de onde parte a narrativa do sujeito ou seja, a posicionalidade do sujeito em um dado contexto social é a "instância" a partir da qual a construção e representação social é enunciada. Brah nos aponta:

O meu uso da técnica da autobiografia nesta introdução expõe as contradições envolvidas na produção da identidade. [...] O modo autobiográfico é útil aqui como um dispositivo disruptivo que revela minha narrativa como uma reconstituição narrativa, vulnerável ao desafio de outras interpretações como o caprichos ou auto representações de um indivíduo. Porém a credibilidade desta narrativa de momentos e eventos políticos depende muito menos dos rabiscos de um “indivíduo”; o narrador “individual” não descreve enquanto um desenrolar dos fatos, mas é produzido no processo de narração. Em vez disso, o aspecto profundo da narrativa produzida que fala os eventos depende fortemente da esperança de que sua versão irá ressoar com o significado construído pelas diversas “comunidades imaginadas”. Minha narração individual é significativa principalmente como lembrança coletiva (BRAH, 1996, pp. 8-9).

O segundo aspecto refere-se ao entendimento do termo diáspora como conceito analítico, que opera de maneira interseccional com os termos de análise “diferença” e “identidade”, sendo estes alguns dos termos que Brah analisa (1996,

pp.16; 208). Para os fins de nossa pesquisa empírica, os termos referidos acima serão os termos mais centrais.

3.2. Conexões para a passagem teórica às análises empíricas: os usos da cartografia e da autoetnografia

Os debates sobre a distinção e formas de uso entre os termos “etnografia” e “autoetnografia” têm sido discutidos sob o contexto de análises entre os pressupostos metodológicos de teorias sociais. Tomam como referência os parâmetros epistemológicos das Ciências Sociais hoje compreendidas como clássica e ocidental, a saber os estudos de Malinowsky (1984 - [1922]) e os desdobramentos dos estudos apresentados por Clifford Geerts (2008 - [1978]) e James Clifford (2002 - [1994]). Geerts e Clifford dialogam, cada um à sua maneira, com os campos epistemológicos hoje compreendidos como pós-moderno e algumas perspectivas pós-coloniais.

No contexto da presente pesquisa, nos orientamos e nos posicionamos através dos apontamentos da autoetnografia apresentado por Ellis, Adams e Bocner (2011) que apresentam uma análise histórica da gênese da autoetnografia, em ***Autoethnography: an overview***⁴⁷.

De acordo com os autores, os aspectos que caracterizam a autoetnografia como método são os seguintes: “um pesquisador usa princípios de autobiografia e etnografia para fazer e escrever autoetnografia. Assim, como método, a autoetnografia é ao mesmo tempo processo e produto.” (ELLIS; ADAMS; BOCNER, 2011, p. 1, tradução livre).⁴⁸

Uma vez mencionados estes aspectos, acreditamos que tais questões reforçam e se articulam com os pressupostos de análise autobiográfica que já apresentamos no capítulo I da presente dissertação.

⁴⁷ O artigo apresenta uma análise ampla da origem e das razões da utilização da autoetnografia enquanto um gênero etnográfico dentro desta técnica de pesquisa social. Comenta também os enfoques de autoetnografia assim como as articulações entre esta e a autobiografia. Ambos posicionados em perspectivas críticas e alternativas às concepções universalizantes de descrições etnográficas pensadas nos enfoques clássicos das Ciências Sociais.

⁴⁸ Trecho na língua original: “A researcher uses tenets of autobiography and ethnography to do and write autoethnography. Thus, as a method, autoethnography is both process and product.”

Decorrente deste contexto de debate teórico entre noção de cartografia e autoetnografia pensada a partir de alguns elementos construídos sob os enfoque de análise pós-moderna e, por outro lado, por estudos denominados como pós-coloniais, apresentaremos os seguintes procedimentos desenvolvidos na pesquisa:

Descrição autoetnográfica: decorre do processo da observação participante das práticas culturais observadas construídas em conjunto. Neste âmbito de análise apontamos para as concepções de identidade e identificação das culturas negras desenvolvidas pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá, em parte da região do distrito do Grajaú.

O período de referência compreende o ano de 2014 até 2019. Este período refere-se ao momento que tomo contato com a região e, a partir daí, passo a construir vínculos com o território e, com isso, passo a acessar referências e memórias anteriores e posteriores ao período acima descrito.

A atividade da pesquisa de campo possibilitou observar os percursos e itinerários dos referidos coletivos e também visualizar as maneiras de conexão e comunicação entre os demais coletivos na presente região.

Descrição e análises dos dados secundários: decorrente dos processos de participação das práticas culturais promovidas pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá, no distrito do Grajaú, durante os anos de 2018 a 2020. Levantamos um conjunto de dados secundários sobre a existência de grupos culturais na região com identificação com as práticas culturais afrodescendentes.

Descrição das entrevistas realizadas: trata-se do conjunto de pessoas que apresentam relações sociais e práticas culturais no distrito do Grajaú, assim como ações nos coletivos culturais Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá durante os anos de 2018 e 2019.

3.3. Notas etnográficas e representações cartográficas em torno das práticas culturais negras no distrito do Grajaú

Os coletivos culturais Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá surgem em diferentes momentos e em lugares específicos no subdistrito do Grajaú. O coletivo cultural Identidade Oculta surge em 2005, em decorrência do Programa Vocacional

da Secretaria de Cultura⁴⁹. De acordo os membros do grupo, que é composto por uma mulher branca, um homem negro e uma mulher negra:

Os projetos e espetáculos sempre tiveram como ponto de partida, o desejo de criar estética e poesia alinhados ao pertencimento o grupo busca refletir sobre as condições impostas a população das margens e a partir do desdobramento das exaustivas reflexões em sala de ensaio, borda-se uma colcha de retalhos estéticos e cênicos, que estabelecem conexões e pontos de tensão, alinhavados com a construção de afetos que miram influências estéticas que estão nas pessoas que acordam às quatro da manhã. É dona Santana que tem 98 anos. O samba, o jongo, o cocô, o maracatu e as macumbas. A estética que nos atravessa, são os atos cênicos do Nego Fugido de Acupê (BA), até o grupo Galpão de Belo Horizonte (MG). De João Guimarães Rosa á Djamila Ribeiro, tudo quanto é fonte refresca e sacia nossa sede⁵⁰. (GRUPO IDENTIDADE OCULTA, 2020).

O coletivo cultural Espaço Cultural Cazuá, formado por três homens negros, uma mulher branca e uma mulher negra apontam:

Estamos em atividade desde 2014, com vivências constantes de Capoeira Angola, percussão, pesquisas e debates sobre africanidade, Samba de Roda, produção e afinação de instrumentos de percussão, realização de gravações em *home studio* próprio, atendimento terapêutico (acupuntura, massoterapia, entre outras). Também é local de realização de atividades pontuais, como temporadas de Peças de Teatro e festas temáticas ligada à Cultura Popular!⁵¹ (ESPAÇO CULTURAL CAZUÁ, 2018).

No ano de 2018, os respectivos coletivos se juntaram em decorrência de uma seleção do edital público denominado Fomento à Cultura das Periferias⁵². As ações

⁴⁹ Inicialmente denominado “Projeto Teatro Vocacional”, nasceu em 2001, no então Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. É um projeto de cidadania cultural da cidade de São Paulo. Respalhado por uma equipe de artistas profissionais, com sólida formação pedagógica, oportuniza, gratuitamente, no decorrer de cada ano, o desenvolvimento artístico de jovens e adultos. O Programa Vocacional acontece em todas as regiões da capital paulista, promovendo a iniciação e o aperfeiçoamento artístico nas linguagens de teatro, dança, música, artes visuais e literatura para jovens e adultos com idade a partir de 14 anos. As ações culturais e mostras artísticas do programa, além de fortalecer a cultura local, fomentam as ações artísticas e a fruição de bens culturais nas regiões onde ele atua.

⁵⁰ Trecho extraído da página oficial do grupo no Facebook, disponível em: <https://web.facebook.com/grupoidentidadeoculta/about>. Acesso em: 26/07/2022.

⁵¹ Trecho extraído da página oficial do grupo no Facebook, disponível em: <https://web.facebook.com/cazuacultural/>. Acesso em: 26/07/2022.

⁵² De acordo com as informações fornecidas pela Secretaria de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo, “O Programa de Fomento à Cultura da Periferia, instituído pela Lei 16.496/16, tem o objetivo de apoiar financeiramente coletivos artísticos culturais que atuam há 3 anos ou mais nas periferias de São Paulo. As propostas de Plano de Trabalho podem durar até 24 meses e as inscrições são feitas através de Editais anuais, com previsão de lançamento sempre em junho de cada ano”. (PREFEITURA DE SÃO PAULO. Fomento à Cultura de Periferia. Página da Secretaria

dos coletivos tornaram-se ações entrecruzadas.

A primeira, referida a um processo de formação interna em torno de aspectos da história e da cultura dos afrodescendentes no Brasil enquanto caminho de constituição da dramaturgia “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar”, que pretendia dialogar de maneira original com a experiência das negritudes periféricas.

Por negritudes periféricas entende-se especificamente a experiência social diversificada de jovens e adultos com distintas orientações de gênero, diferentes características socioeconômicas situadas em um mesmo território e que desenvolvem atividades culturais subsidiadas por políticas públicas, mas também por ações independentes. Os idealizadores do projeto apontam:

Os agentes culturais que se encontram neste projeto, já trançam caminhadas compartilhadas a tempos. Por aqui, tem professor e aluno. Tem gente que dança, tem gente que canta, tem gente que toca, tem gente que escreve, tem gente que atua. Tem capoeira, tem teatro (Grupo de teatro: Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá 2018).

A segunda ação cartográfica e etnográfica sobre os referidos coletivos acima descritos teve como objetivo observar práticas de divulgação do processo constitutivo da dramaturgia por meio de uma série de atividades oferecidas ao público, em geral, residente no distrito do Grajaú.

O objetivo do coletivo tinha em vista a intenção de difundir as suas respectivas concepções e experiências de práticas culturais negras na região e com elas enunciar e anunciar seus respectivos entendimentos sobre quais temáticas e questões, a dramaturgia acima mencionada buscava tratar em linguagem artística.

Descreveremos a seguir as ações de que participamos na condição de observação participante, durante os anos de 2018 a 2019, e que por meio das quais, pudemos visualizar uma constelação de grupos e práticas de culturais negras situadas no distrito do Grajaú que dialogavam em diferentes níveis e perspectiva entre si, dentro e fora do subdistrito.

Ocorreram duas aulas públicas em diferentes praças e parques e duas

de Cultura, 14/11/2020. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/index.php?p=27841>. Acesso em: 26/07/2022.

oficinas abertas ao público.

Os objetivos das palestras, assim como das oficinas, serviriam como subsídio ao processo formativo dos membros que compunham o projeto dramaturgicamente “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar” e também pretendiam dialogar com os demais grupos culturais que constituíam as redes sociais de cada membro do projeto⁵³.

A primeira palestra foi proferida pelo historiador, produtor cultural e músico Salloma Jovino Salomão⁵⁴, com o tema “Identidade brasileira e o povo negro”, título elaborado pelos membros dos coletivos responsáveis pela organização do evento e que tinha como objetivo acessar mesmo que de maneira panorâmica aspectos da história dos afrodescendentes no Brasil.



Figura 12. Cartaz de divulgação da roda de conversa idealizado pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá 2018.

Fonte: Associação Cultural Cafundós.

⁵³ O sentido e referência do termo “redes sociais” aqui empregado está associado ao universo de análise da sociologia e da antropologia social em torno das teorias das redes sociais, isto é, os estudos que observam as formas de vínculos, relações e interações sociais que determinados indivíduos e grupos sociais estabelecem entre si e como se interconectam com outros indivíduos e grupos. (BARNES J. A, 1969). Não se confunde, portanto, com estudos das redes sociais virtuais que surgem por desdobramento do desenvolvimento da rede mundial dos computadores, a internet, embora reconheça os desdobramentos analíticos das teorias sociológicas sobre este campo e incidências empíricas observadas.

⁵⁴ É compositor, educador, ator, dramaturgo. Doutor em História pela PUC São Paulo. Tem pesquisado e publicado diversos trabalhos no campo da música e das artes visuais e cênicas. Seus interesses de pesquisa e estudos referem-se às culturas da diáspora africana e como as práticas das culturas negras têm se apresentado de diferentes maneiras em contextos urbanos paulistas.



Figura 12. Palestra de Salloma Salomão proferida no Parque Linear Cantinho do Céu, distrito do Grajaú – Junho de 2018.
Crédito: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

A segunda palestra contou com a filósofa e escritora Djamilia Ribeiro. O tema solicitado a ela, “Da senzala à favela: mulher negra, memórias e reexistência”, tinha como objetivo por parte dos organizadores apresentar aspectos sobre a trajetória da mulher negra na sociedade brasileira em diferentes perspectivas sociais, bem como abrir reflexões sobre como esse tema permitiria pensar conexões com as mulheres do subdistrito do Grajaú.



Figura 12. Palestra de Djamilia Ribeiro proferida no Parque Linear Cantinho do Céu, distrito do Grajaú – Junho de 2018.
Crédito: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

Djamilia Ribeiro, por sua vez, apresentou também a questão sobre o silenciamento promovido tanto na academia quanto por editoras da produção de intelectuais negros no Brasil e o quanto essa ação política dificultava o acesso a uma parcela da juventude de periferia a uma narrativa histórica constituída por intelectuais negros, assim como em referência à população negra afrodescendente e suas questões sociais⁵⁵.

De acordo com o contexto de referência que Djamilia Ribeiro mencionava sobre esta questão, desenvolvemos posteriormente levantamentos de notícias sobre o assunto, situado entre 2010 e 2018, e os resultados das informações

⁵⁵ Embora não tenhamos feito um estudo sistemático sobre o mercado editorial brasileiro e as publicações com as temáticas negras, o que pudemos observar por meio de pesquisas exploratórias são notícias e reportagens de jornais publicados ao longo da 2ª metade dos anos 2000 e que apontavam tanto para ausência de publicações de literatura negra, assim como para um processo de reivindicação e início de mudança deste quadro com o aparecimento de novas editoras. É o que aponta a matéria “Escritores negros buscam espaço em mercado dominado por brancos”, publicada pelo Editorial da Carta Capital, em 03/12/2017 (Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/escritores-negros-buscam-espaco-em-mercado-dominado-por-brancos/>. Acesso em 01/02/2023) e a matéria “Literatura: ausência de negras revela forma distorcida de representar sociedade”, de Camila Maciel, publicada na página da Agência Brasil, em 14/03/2014. (Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/literatura-ausencia-de-negras-revela-forma-distorcida-de-representar-sociedade>. Acesso em 14/09/2022).

encontradas apontaram para o aprofundamento da reflexão em torno da necessidade de visibilidade das produções culturais produzidas por intelectuais negros.

Os exemplos mais significativos do período de referência da fala de Djamila foram a exposição História Afro-atlântica apresentada no Museu de Arte Moderna MAM e Instituto Tommie Otake, no ano de 2018, e a 15ª edição da Festa Literária de Paraty, que homenageou Lima Barreto e que contou com a presença da escritora Conceição Evaristo, do ator e escritor Lázaro Ramos e da professora Diva Guimarães.



Figura 13. Cartaz de divulgação da roda de conversa idealizado pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá 2018.

Fonte: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

A filósofa apontou também as dificuldades de difusão das referências e temáticas acerca da história e cultura da população afrodescendente nas escolas públicas – mesmo sob existência da Lei 10.639/03 que, em 2018 completou quinze anos de vigência.

Os processos de levantamento de dados sobre as práticas culturais no subdistrito do Grajaú a qual iniciamos após os processos de observação participante dos coletivos permitiu também que encontrássemos informações sobre a realização da primeira Festa literária do Grajaú a “FLIG”, ocorrida em março de 2019⁵⁶.

⁵⁶ Disponível em; <https://www.youtube.com/@fligraja1018> acesso 14/11/2022.

Observamos que as questões em torno da produção literária produzidas pelas escritoras e escritores tinha como base pensar de maneira articulada questões sobre aspectos da afrodescendência em termos de busca e difusão de referências culturais e históricas assim como caminhos para afirmação e difusão de, identidades no caso, o uso e menção do termo “identidades negras” tal como foi possível observar em alguns trabalhos literários a exemplo; **Pretexto de Mulheres negras** organizado por Carmem Faustino e Elisandra Souza e **Pé de Goiabeira** de autoria de Lucimeire Juventino.

3.4. Oficinas promovidas pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá

As oficinas públicas realizadas pelo coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá apresentaram os seguintes enfoques temáticos.

A primeira atividade consistiu nas oficinas denominadas “Dança e Percussão Africana” promovida pela bailarina, percussionista e cantora Mariama Camara, da República da Guiné e pelo percussionista e artesão Assam Mbop, de Senegal⁵⁷.

Os desdobramentos destas atividades promovida pelo coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá consistiram na incorporação do uso dos instrumentos musicais e das respectivas formas de tocar os instrumentos na dramaturgia que se constituía ao longo dos anos de 2018 e 2019.

⁵⁷ “Mariama Camara é guineana e vive no Brasil há 7 anos. Atua como dançarina, percussionista, cantora, coreógrafa e professora. Sua carreira artística é consolidada internacionalmente desde 1999. Integrou o Les Ballets Africains (1999-2007), dançou com artistas renomados como Youssou N'dour, Youssouf Koumbassa e Salif Keita. Desde 2007 tem sido convidada por grupos e produtores culturais que desenvolvem seminários, acampamentos internacionais, cursos e oficinas de dança, percussão, canto por diversos países da Europa, Oriente Médio, Ásia e Américas. O trabalho de Mariama Camara representa a difusão da diversidade cultural africana, a imersão no conhecimento da história da Diáspora da África do Oeste, realiza-se de forma pedagógica e performática com o tripé dos movimentos corporais, cantos e toques de ritmos que nos permitem a releitura de significados ancestrais que são transmitidos de geração em geração nas aldeias e nos balés de Guiné”. Texto extraído da página oficial da Ação Educativa, organização da sociedade civil que promove direitos educativos, culturais e da juventude, tendo em vista a defesa da democracia, da justiça social e da sustentabilidade socioambiental no Brasil. Disponível em: <https://centrodeformacao.acaoeducativa.org.br/subcursos/danca-africana-da-guine-cultura-milenar-e-nova-diaspora/> . Acesso em: 01/02/2023.



Figura 14. Oficina de Dança de Mariama Camara. Espaço Cultural Cazuá.

Crédito: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

///

O aprendizado básico sobre o processo de confecção do instrumento, a socialização da experiência entre indivíduos e membros de grupos culturais oriundos do distrito do Grajaú com perspectiva de coreografia e percussão das chamadas danças da Guiné, a reflexão constituída entre as representações que os membros do coletivo dispunham sobre África e as representações que Mariama Camara e Assam Mbob apresentava sobre África e sobre o Brasil representou para os membros do coletivo um tipo de experiência concreta de diáspora, embora nenhum dos envolvidos utilizassem o termo para nomear as vivências⁵⁸.

A concretude da experiência da diáspora é aqui compreendida tanto do ponto de vista do deslocamento geográfico operado por Mariama Camara e Assam Mbop, do continente africano (Guiné e Senegal) para o Brasil, através de suas respectivas práticas culturais, no caso a coreografia derivada do *Les Ballets Africains*, de Guiné, e o ritmo percussivo produzido pelos Djembes e Dun Dun⁵⁹.

⁵⁸ Apresentaremos o detalhamento desta experiência e intercambio cultural nos depoimento que coletamos em entrevistas com membros desses coletivos no item 3.5 do presente capítulo.

⁵⁹ “Les Ballets Africains é uma das primeiras companhias nacionais de dança da Guiné com sede em Conakry. Percorreu extensivamente todo o mundo. Embora o nome possa sugerir a ideia do “balé” europeu para falantes de inglês, o foco da companhia é, na verdade, promover a dança e a cultura africanas tradicionais. Criado nos anos 50 pelo poeta, político e homem do teatro Keita

Outra vivência ocorrida entre os membros do coletivo e Mariama e Assam foi a comercialização e encomendas de tecidos para confecção das *dashiki*, ou batas africanas, tal como tem sido comercializadas nos últimos anos, na região central da cidade de São Paulo e mais recentemente nos eventos como a feira de empreendedores ocorrido no centro cultural Grajaú nos anos de 2019⁶⁰.



Figura 15. Assam Mbop (terceiro homem da esquerda para a direita ao fundo) e Mariama Camara (camiseta branca) comentam sobre aspectos do mapa político pós-colonial do continente africano. Crédito: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

A segunda oficina aberta ao público tomou como referência a vivência com danças e percussões afro-brasileiras, ofertadas e promovidas pelo mestre de Capoeira e educador de culturas afro-brasileiras, Pedro Peu⁶¹.

As oficinas em questão foram desenvolvidas no espaço externo: na praça do Parque Linear, do Cantinho do Céu, um dos bairros do subdistrito do Grajaú próximo às margens da represa Billings.

A proposta de oficina de mestre Pedro Peu apresentou elementos introdutórios sobre dança, canto e os toques dos instrumentos praticados no Coco

Fodeba (1921-1969), Les Ballets Africains tornou-se companhia estatal como parte da política de Estado pan-africanista que almejava fazer da arte elemento de valorização e promoção das riquezas culturais do país”. Texto extraído da página do Acervo África sobre a referida companhia de dança. (Disponível em: <https://acervoafrika.org.br/artistas/les-ballets-africains/>. Acesso em: 11/05/2022).

⁶⁰ <https://www.redbull.com/br-pt/events/festival-red-bull-amaphiko-2019/programacao-festival-red-bull-amaphiko-19> acesso 12/12/2021.

⁶¹ Pedro Santos, conhecido como mestre Pedro Peu, nasce em berço cultural afrodescendente na região de Feira de Santana, Santo Amaro da Purificação e Salvador, Bahia.

e Maracatus. Houve também por coincidência de período um convite por parte de mestre Pedro Peu para visitarmos a festa de Jongo da comunidade de Tamandaré, bairro de Guaratinguetá, em São Paulo.

A proposta em si não visava uma "formação" específica nas práticas acima mencionadas, mas a apresentação de elementos que permitissem aos participantes estabelecer os primeiros contatos com as referências apresentadas e conduzidas por mestre Pedro Peu a um grupo de jovens interessados em práticas culturais negras – em alguns casos compreendidos pelos próprios jovens como práticas de cultura popular.



Figura 16. Cartaz de divulgação da roda de conversa idealizado pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá 2018.

Crédito: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

À medida que as oficinas de mestre Pedro Peu foram se desenvolvendo, o grupo de jovens que se propuseram a participar, assim como os próprios membros do grupo de teatro composto pelo coletivo Cazuá e Identidade Oculta e responsáveis pela organização e oferta do evento ao público, apresentavam reflexões sobre: “por que razão a região do distrito do Grajaú, sendo composta por número expressivo de migrantes das regiões Norte e Nordeste, locais de onde estas práticas culturais derivam, não se apresentavam como prática cultural comum aos moradores mais velhos da região?”

Em uma outra perspectiva, o artigo de Mira (2009) nos evidencia as reflexões suscitadas pelos grupos de jovens no distrito do Grajaú à medida que a autora se propõe a discutir sobre práticas culturais tradicionais recriadas por grupos de jovens de classe média em bairros como Vila Madalena e Sumaré.⁶²

Como desdobramento destas reflexões, linhas de estudos sobre danças afro-brasileiras foram assumidas por um dos membros do grupo que compunha os coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

A intenção e entendimento por parte do grupo informava um exemplo em torno da questão, sobre processo de construção de práticas culturais negras através do processo de pesquisas continuadas desenvolvidas no âmbito das culturas afro-brasileiras com as quais tivemos contato inicial e que demandavam aprofundamento em torno da história das práticas, da história social dos sujeitos que as praticam e seus respectivos locais de práticas.⁶³



Figura 17. Introdução aos elementos de danças de roda afro-brasileiras. Oficina do mestre Pedro Peu – 1º semestre de 2018

Crédito: Coletivo Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá.

⁶² Outro exemplo seria o Instituto Brincante a qual desde o início dos anos 1990 tem apresentado cursos sobre práticas culturais afrodescendentes e, em alguns casos, sobre práticas culturais nomeadas como cultura popular. (Cf. <https://institutobrincante.org.br/sobre/>. Acesso em: 07/08/2022).

⁶³ Estas questões foram apresentadas em entrevista para o Espaço Terreiros do Riso com Liliâne Rodrigues, artista criadora e membra dos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá, e Vanessa Rosa. Na entrevista, entendemos como essas questões passaram a ser pensadas por ambas, artista e pesquisadora que constroem propostas a partir de experiências amplas como moradoras de regiões periféricas que foram resignificadas. (Cf. <https://www.terreirosdoriso.com.br/> Acesso em: 07/08/2022).

Quanto à prática do Jongo localizado na cidade de Guaratinguetá em São Paulo, as reflexões construídas pelos membros dos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá referiam-se à busca de compreensão sobre os sentidos ritualístico de início do Jongo, a presença e condução dos mais jovens pelos mais velhos e, por fim, o procedimento de preparação dos tambores para o Jongo através da preparação da fogueira que se acende em horário específico, seguido dos primeiros cantos para abrir a roda de Jongo.



Figura 18. Tambores de Jongo próximos ao fogueira para aquecimento do couro. Festa de Jongo de Tamandaré, Cidade de Guaratinguetá. 2º semestre 2018.

Crédito: Coletivo Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá.



Figura 19. Dança do Jongo entre gerações. Jongo comunidade Tamandaré – Guaratinguetá

Crédito: Coletivo Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.

3.4.1. Deslocamentos semânticos pensados nas artes cênicas: das referências biomecânicas de Stanislavski e Meierhold à ideia de “aparição” do Nego Fugido

No segundo semestre de 2018, o coletivo ainda se encontrava no processo de construção da dramaturgia. Parte das reflexões sobre o processo se dividiam agora entre as pesquisas históricas dos termos que designavam a proposta tal como expusemos no capítulo I desta dissertação. Por outro lado, buscava-se pensar, em simultâneo, como o elemento do “corpo cênico” na peça “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar seria concebido”.

Considerando que a noção geral de corpo cênico se refere a uma concepção de corporeidade que se investe de intencionalidade acerca de qualquer pensamento possível, e considerando também que a ação do corpo cênico se constitui a partir de um determinado contexto social, geográfico e de referências culturais ou experimentadas, ou ao menos observadas, os artistas criadores da dramaturgia citada viam-se diante da necessidade de pensar e definir quais seriam as características dos corpos cênicos da dramaturgia em questão.

Que corpo cênico figuraria em uma proposta dramaturgicamente interessada em falar sobre: os processos de deslocamento forçado de sociedades africanas para outro continente e os processos de violência de corpos e almas por meio da escravização? Sobre as sequelas e reproduções das práticas de racialização e racismo acometido aos corpos de homens e mulheres negras?

Para além destas questões, como dizer isso cenicamente?

De acordo com as pesquisas sobre as práticas de artes cênicas que conseguimos localizar no subdistrito do Grajaú que se propunham a desenvolver temáticas associadas às culturas afrodescendentes, identificamos outras propostas dramaturgicamente (como **Grajaú Conta Dandaras**, **Grajaú Conta Zumbis**, que tem início no ano de 2016 e conclui em 2018) também se depararam com as mesmas questões.⁶⁴

O estudo de Thomas Lopes (2017) o qual toma uma prática cultural

⁶⁴ Essa dramaturgia foi descrita parcialmente pela dissertação de mestrado de Thomas Lopes (2017), conforme apresentamos no capítulo II da presente dissertação.

observada no distrito do Grajaú aponta o seguinte:

A pesquisa da Cia. Humbalada começa por meio das máscaras do teatro. Máscara neutra, máscara larvária, *commedia dell'arte*, bufão e *clown*. Cida Almeida, atriz e diretora formada na EAD Escola de Arte Dramática da USP em 1985 e nossa primeira mestra, foi a principal formadora da Cia. Ao apresentar sua pesquisa sobre ator/atriz fabulador/a e a pedagogia de Jacques Lecoq, ator, mímico e fundador da Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq na França, aponta [...] “Pensem ‘pra quem’ vocês estão fazendo teatro. O ‘pra quem’ vai definir o ‘como’”. Esta frase caiu como uma bomba para nós. Nós, que atuávamos nos CEUs com um público que saía no meio da peça quando não gostava, queríamos fazer peça para nossos iguais. Nos interessava pensar uma linguagem para um público ainda não “domesticado”, um público sincero, ativo, autônomo, participativo. Não queríamos ir até o centro da cidade para estar em cena. Nossa intenção era, e ainda é, atuar onde moramos. (...) E para essa entrega da flor, não pudemos negar a relação geográfica da qual nos inserimos na cidade. A relação com os bairros do extremo sul, onde moramos, nos foi e ainda é crucial para as pesquisas artísticas da Cia. A relação entre teatro e Grajaú é o que nos move. Estávamos em busca de um teatro “no” e “para” o Grajaú. (THOMAS LOPES, 2017, p. 29).

Mais adiante, Thomas Lopes aponta também:

Lembro-me que entre nós três, eu, Vanessa e Tatiana, após os encontros de treinamento de máscara neutra, nos perguntávamos muito se o caminho era mesmo aquele: o de pensar um corpo “neutro”. Será que nos interessava pensar um corpo “neutro”? No teatro, não seria um corpo neutro um corpo masculino, branco, heterossexual e europeu? Quer dizer, aquilo que aprendemos lá atrás com a pedagogia de Jacques Lecoq estava sendo colocado em xeque. Não seria melhor assumir um corpo trans? Um corpo gordo? Um corpo negro? Não teria mais a ver com o que estávamos em busca para a cena? (THOMAS LOPES, 2017, p. 152).

A mesma questão se apresentou para a dramaturgia de “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros, Jogados ao Mar”, formada por outro elenco, também constituído por jovens e adultos nascidos e crescidos no subdistrito do Grajaú e caracterizados socialmente por aspectos de gênero, raça e classe.

Seria por meio desta interseccionalidade que a proposta dramatúrgica apresentaria suas escolhas estéticas e inevitavelmente as perguntas que inquietavam a todos e sobretudo a mim em relação a: qual o sentido da escolha? Que correspondências tais escolhas estabelecem com a gente enquanto sujeitos negros? Que correspondências tais escolhas estabelecem com o que já teria sido

produzido na história das artes cênicas negras a começar pelo contexto paulista?

O que sabia, no contexto do ano de 2018, era uma vaga referência da proposta do Teatro Experimental do Negro (TEN) composta por Abdias do Nascimento, Ruth de Souza, entre outros.

Não obstante, dado o lugar e as formas de acesso sobre o que teria sido o TEN no contexto dos anos 1950, e o lugar da onde a dramaturgia proposta por nós se colocava, havia tal como apresentado no capítulo I desta dissertação, tensionamentos de percepção e de adesão a tais referenciais.

Havia também desconhecimentos, sobretudo de minha parte, de outras propostas dramáticas a exemplo da família de Solano Trindade, situada na região do Embu das Artes, na capital Paulista. Vale dizer que uma importante publicação no campo de estudo sobre teatro e dramaturgias negras estava sendo publicado no mesmo ano, no caso, o livro **Negras insurgências: teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas, teóricas e práticas**, da Capulanas Cia. de Artes Negra e Salloma Jovino Sallomão.

A relevância da menção à referida obra para a descrição do resultado de nosso trabalho de campo sobre as práticas culturais construídas pelo coletivo Identidade Oculta (responsável pela dramaturgia “Kalunga Grande...”) é o fato de que a publicação da Cia. Capulanas e Salloma Sallomão situam se em outra região da zona Sul de São Paulo e apresentavam as mesmas preocupações acerca do fazer artístico. Nas palavras de Débora Marçal:

Como pensar as artes cênicas sem o corpo negro? Sem o corpo, o cabelo, a pele ditados pela moda dos últimos tempos? É possível pensar as artes em São Paulo sem refletir o corpo negro? Sem levar em conta um conjunto de símbolos e costumes, sem considerar o campo simbólico no qual esse corpo está inserido? Podemos pensar o movimento da cena paulista, sem as gestualidades e as questões que permeiam esse corpo desde antes do seu nascimento? (MARÇAL, 2018, p. 89).

Contudo, dado que o processo de construção social de identidade negras, bem como os processos de diálogos críticos e contrastivos, constituem-se de maneiras não lineares, a experiência de estudos cênicos e de corpo dos membros da dramaturgia de “Kalunga Grande...” estabeleceu, como caminho formativo em relação ao corpo cênico, uma consultoria da professora e pesquisadora em teatro

Maria Thais⁶⁵.

Foi solicitado à Maria Thais que nos apresentasse elementos dos estudos sobre o corpo cênico e sua preparação, a partir dos teatrólogos e dramaturgos russos Stanislavski e Meirhold.



Figura 20. Cartaz de divulgação da roda de conversa idealizado pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá 2018.

Fonte: Coletivo Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá.

Em meio aos processos de compreensão das respectivas propostas experimentados no contexto da biomecânica dos referidos atores russos assim como uma leitura da peça **O Jardim das Cerejeiras** (1904), de Anton Tchekhov, percebíamos junto a Maria Thais que outras abordagens poderiam se apresentar aos elementos cênicos que já havíamos construídos até então.

⁶⁵ Fundadora da Cia. Teatro Balagan. Professora do Departamento de Artes Cênicas (área de Atuação e Direção) e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da ECA/USP.



Figura 21. Exercício *throwing the stone* (jogando a pedra) na concepção de Meyrhold, Parque Linear Cantinho do Céu, 2018. Orientação de Maria Thaís. Crédito: Coletivo Identidade Oculta Espaço Cultural Cazuá.

Decorrente destas experimentações apresentadas por Maria Thaís, bem como de uma implícita sensação acerca de como os corpos cênicos emergiriam considerando, por um lado, os contextos sociais e culturais dos artistas criadores da dramaturgia “Kalunga Grande...”, que era múltipla ao mesmo tempo que atravessada por aspectos comuns, foi que uma referência estética de corpo cênico se apresentou.



Figura 22. Exercício cênico. Artistas criadoras: Ariadne Caroline e Liliane Rodrigues. Ensaio de “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar”, 2018. Crédito: Coletivo Identidade Oculta Espaço Cultural Cazuá.

Maria Thaís menciona Monilson dos Santos, um dos seus orientandos de

doutorado na Escola de Artes Cênicas da USP, que estava trabalhando em um estudo sobre a proposta do Teatro das Aparições do Nego Fugido⁶⁶.



Figura 23. Aparição do Nego Fugido, cidade de Acupe.
Fonte: <https://www.sinisiaconi.com/post/nego-fugido>

De acordo com Santos (2017) o Teatro das Aparições que ocorre na cidade de Acupe, Salvador, podem ser consideradas a partir dos seguintes aspectos:

É da boca de Domingos Neres dos Santos (Domingos Preto), antigo puxador das cantigas do Nego Fugido, que foram sopradas as palavras que revisitam a comunidade nas tardes dos domingos do mês de julho, ecoadas pelo vento sul, rompendo com o silêncio que ocultou, por décadas, saberes sobre a origem e as práticas da manifestação Nego Fugido. Havia, no passado acupense, entre meados do século XIX e início do século XX, identificado, na tradição oral, práticas secretas de cultos às divindades chamadas de *encantados* e aos voduns. Especialmente ao panteão de voduns chamados família *Sakpatá*, realizados por algumas famílias de escravizados e forros (libertos) dos engenhos Acupe Velho, São Gonçalo dos Poços e do arraial do Vai-quem-quer. (PINTO, 2021, pp. 16-17).

As questões em torno da noção de "aparição" se referem:

As aparições, que aconteciam nos domingos do mês de julho, incluindo a encenação de lutas dos escravizados contra a escravidão (brinquedo de quilombo, brinquedo de preto, o toque-nagô, Nego Fugido), eram o ato público de saudação e evocação da família *Sakpatá*, não havendo separação entre a liturgia, que acontecia secretamente, sem o conhecimento

⁶⁶ Monilson dos Santos é pesquisador e brincante do Teatro das Aparições do Negro Fugido, na cidade de Acupe. Tem publicada a dissertação **Nego Fugido: o teatro das aparições**, defendida na UNESP, em 2014, e o artigo "A dialética da máscara negra: Nego Fugido contra o *blackface*". In: Revista Aspas, Vol. 7, n. 1, 2017.

da maioria da comunidade, e o ato “profano”. [...] O objetivo das aparições era camuflar, esconder a verdadeira função do culto nas ruas da Vila de Acupe. Ou seja, a *Aparição* estendia os cultos às divindades realizadas em espaços secretos às ruas da comunidade, para concluir uma obrigação ritual, rompendo com a estrutura litúrgica, mas mantendo a obrigação a partir do seu deslocamento pelo espaço. (PINTO, 2021, pp. 16-17).

Por fim, sobre seus aspectos culturais e políticos:

aspecto de resistência ao processo de escravidão é tema central na narrativa do Nego Fugido que encena a batalha pela conquista de suas alforrias contra o rei de Portugal, uma representação do *Oriki* (saudar a cabeça) do Orisá *Ogum*, símbolo de guerra e vitória. *Omolu-Obaluaiê-Azunsú*, senhor das doenças e dos mortos, divindade da renovação dos espíritos e regente dos cemitérios, aparece tanto nas cantigas (*sakpatá*) quanto no relato de origem do Nego Fugido, a partir da praga lançada por Iku que, como descrito anteriormente, representa ou relaciona o processo de escravidão no Brasil a uma praga que atingiu as terras do Recôncavo no período colonial (PINTO, 2021, p. 22).



Figura 24. “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar”, em cena.
Credito: André Bueno, 2019.

Por fim, os processos de socialização com os universos de reflexão teórica e aplicada em torno da noção do corpo cênico experimentado pelos membros da dramaturgia de “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar” constituíram uma das portas de entrada em torno das reflexões sobre as práticas

culturais negras no subdistrito do Grajaú e para além delas, isto é, as práticas culturais negras produzidas ao longo da história dos afrodescendentes nas diversas regiões do território brasileiro, assim como dos afrodescendentes na diáspora e em África.

3.6. Sobre as práticas culturais e a problemática da racialização: o projeto Grajaú Contra o Racismo

Esta ação referia-se a uma iniciativa de um dos membros do coletivo Cazuá, o chamado "Grajaú Contra o Racismo". De acordo com os idealizadores, os professores da educação básica, Alan Amaro dos Santos e José Roberto, a iniciativa tem origem no ano de 2003:

Trata-se de uma série de ações que visam refletir, informar, discutir e combater o racismo nas suas diversas formas presente na sociedade brasileira, através de atividades educativas e culturais nos espaços escolares, bem como intervenções nas ruas dos bairros da região.⁶⁷

A ação se deu através de atividades vinculadas à Semana da Consciência Negra nas escolas, como maneira de aplicação de aspectos apresentados na Lei 10.639-03.

Inicialmente, as atividades eram desenvolvidas no interior da escola e organizadas entre professores e alunos dentro da sala de aula por meio da exibição de filmes, documentários e debates conduzidos pelos professores e alunos. As atividades ocorriam também no espaço externo à sala de aula, mas ainda circunscrito ao espaço e ao público escolar, ocorriam as atividades de roda de capoeira e de desfile de moda.

Ainda de acordo com os idealizadores da proposta, é a partir do ano de 2018 que as ações extrapolam os muros da escola e passam a se desenvolver através da articulação entre coletivos culturais situados no distrito do Grajaú, em diálogo com parte da programação da Escola Estadual Professora Maria Luiza, situada no

⁶⁷ Depoimento dos idealizadores da ação feita em 2019, em função da ampliação da proposta da edição e extraído da página do grupo no Facebook. (Cf. <https://web.facebook.com/cazua-cultural/videos/1040088536335450>. Acesso em: 26/05/22.

bairro do Jardim Eliana, elaborada no período de novembro referente à Semana da Consciência Negra.

Será, então, a partir das parcerias de grupos culturais situados nas regiões do distrito do Grajaú e Parelheiros, que apresentaram identificação com as questões étnico-raciais, que as edições do Grajaú Contra Racismo, nos anos de 2018 e 2019, apresentaram uma ampliação das ações.

Observamos que as atividades apresentadas aos finais de semana no interior da Escola Estadual Professora Maria Luiza se constituíram por práticas culturais negras como a roda de capoeira, atendimento de estética capilar afro, marcha nas intermediações do bairro do Jardim Eliana com o estandarte de título "Grajaú contra o racismo", almoço comunitário utilizando a cozinha da escola e organizado por homens e mulheres com afinidade com as propostas dos idealizadores do projeto dos coletivos Identidade Oculta, Espaço Cultural Cazuá e o núcleo de Capoeira Semente do Jogo de Angola.





Figuras 25a e 25b. Cartazes das atividades da referida ação do Grajaú Contra o Racismo, 2019.
Fonte: Coletivos Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá.



Figura 26. Marcha pelas ruas do Jardim Eliana, evento Grajaú Contra o Racismo, 2019.
Crédito: Coletivos Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá



Figura 27. Ação de estética capilar promovida pelo Salão de Cabeleireiro Boom Box.
Crédito: Coletivos Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá

Do conjunto de atividades promovidas pelos respectivos coletivos durante o ano de 2018 e 2019, houve a participação de algo em torno de 250 pessoas.⁶⁸

O que pudemos observar acerca destes eventos refere-se à articulação entre iniciativas individuais e coletivas de que as redes de contatos que os membros dos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá dispunham.

Neste sentido, os referidos coletivos estabeleciam redes de colaboração e participação com diferentes sujeitos engajados em coletivos caracterizado por atividades diversificadas e situadas dentro e fora do distrito do Grajaú. Um exemplo que podemos apontar é o caso das oficinas de percussão desenvolvidas por mestre Pedro Peu no Grajaú e a sua região de residência e prática cultural, no caso, a região Leste de São Paulo, mais precisamente, o bairro de Santa Inês, em Ermelino Matarazzo.

⁶⁸ Nossa base de referência é o número de assinaturas com nome e email coletada durante os eventos como critério de prestação de contas para o programa VAI vinculado à Secretaria de Cultura do município de São Paulo.



Figura 28. Grupo Batakerê⁶⁹

Crédito: André Piranda

Fonte: <https://www.esteticasdasperiferias.org.br/2022/eventos/espetaculo-giranca-grupo-batakere/>

De igual modo podemos citar a apresentação promovida por Vanessa Rosa, idealizadora do projeto de pesquisa no campo das artes circenses denominado “Terreiros do riso” e “Comichidades negras”, que tem como orientação, de acordo a idealizadora:

Terreiros do Riso é um espaço de criação e vivências em artes, guiado pela Alegria como fundamente ético, o riso e as comichidades negras, afro-indígenas e os saberes das favelas. Visa à celebração, o riso em ritualística e rebeldia numa ética do não esquecimento, desenvolvendo diversas atividades relacionadas ao universo do humor, dos afetos e de práticas de saberes ancestrais. A matrigestão é de Vanessa Rosa, artista do riso, educadora, atriz, palhaça e produtora, que tem o Terreiros como seu encanto, e quem guia a jornada, os pensamentos e o fundamento epistemológico e filosófico é Exu.⁷⁰

Por fim, é importante mencionar também a presença de Debora Marçal e a sua proposta de oficina de dança afro-brasileira. Em seu artigo denominado "Como

⁶⁹ “O Grupo Batakerê surgiu em 2000, a partir do encontro de cinco jovens da Zona Leste de São Paulo com o artista e Educador Pedro Peu. Uniram-se em torno da vontade de pesquisar o cruzamento entre a dança, música e brincadeiras presentes nos ritmos e danças da cultura popular brasileira.”. Texto extraído do verbete do grupo na página SP Cultura/site da Prefeitura de São Paulo. (Cf. <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/6551/>. Acesso em: 12/07/2022).

⁷⁰ Cf. <https://www.terreirosdoriso.com.br/> . Acesso em: 11/07/2022.

olhar os corpos? Negros na cena contemporânea", ela aponta:

Parto da minha experiência como artista para desenvolver uma reflexão a respeito de uma possível reconstrução de identidade negra positiva a partir do contato com a cultura, o teatro, a dança negra. [...] Meu aprendizado em dança afro ocorreu, inicialmente de forma não sistemática ou escolar, mas de certa maneira me tornei herdeira de repertórios de conteúdos expressivos religiosos e corporais advindos dessa estética. [...] meu corpo dançante é, com diria Beatriz Nascimento, um corpo documento (MARÇAL, 2018, p. 90).

Decorreu da participação e observação destas ações, entre os anos de 2018 e 2019, a possibilidade de identificar a presença e formas de interação entre grupos culturais vinculados às práticas culturais negras no distrito do Grajaú. Isso surge das observações das atividades desenvolvidas pelos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá.



Figura 29. Cartazes das atividades da referida ação do Grajaú Contra o Racismo, 2019.

Fonte: Coletivos Identidade Oculta – Espaço Cultural Cazuá

É durante o segundo semestre dos anos de 2018 e 2019 que surge a percepção de analisar em termos de pesquisa social, para além dos dois coletivos acima mencionados, e que um levantamento e sistematização sobre outros grupos culturais com identificação e aproximação as culturas negras e afrodescendentes poderiam fornecer caminhos para pensar as perguntas que elaboramos sobre quais temáticas associadas às práticas culturais negras já foram elaboradas e como tais

temáticas se apresentam em relação ao aspecto histórico cultural do subdistrito em questão.

O processo de mapeamento dos grupos culturais situados no distrito do Grajaú permitiu localizar em termos geográficos os territórios de produção de identidades negras enquanto processo de construção de identidades e identificações com as práticas das culturas negras presentes e produzidas por afrodescendentes no Brasil e na diáspora.

Desse modo, apresentaremos a seguir o levantamento que desenvolvemos durante o período de 2020 a 2021, através de base de dados secundária, dado o fato de que o período mencionado foi exatamente o período de suspensão das atividades públicas devido à pandemia de Covid-19.

3.7. O levantamento de dados sobre grupos culturais no distrito do Grajaú

A partir do uso de duas fontes de dados secundários, localizamos os grupos culturais situados no distrito do Grajaú que se identificam com as práticas das culturas negras e afrodescendente.

Dois objetivos orientaram o levantamento:

1) Constituir um conjunto de dados que pudessem oferecer um panorama histórico ou, ao menos, elementos compreensivos, mesmo que parcialmente, acerca da trajetória dos grupos culturais com identificações com as culturas negras e afrodescendentes na região.

2) Desenvolver uma cartografia paralela ao resultado das análises dos temas e problemas de pesquisa presentes nas teses e dissertações sobre o Grajaú (capítulo II) que nos permitisse iniciar processos de aprofundamento descritivo de algumas práticas culturais neste subdistrito, através de entrevistas e pesquisas de materiais e grupos específicos por meio de trabalho de campo.

3.8. Base de dados do VAI

Nosso primeiro levantamento se deu a partir da consulta dos dados públicos dos grupos culturais situados no distrito do Grajaú, que participaram das edições

da política pública denominada VAI (Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais) desenvolvida no município de São Paulo⁷¹.

Ao acessar a base de dados do VAI, conseguimos localizar e descrever o conjunto de informações que permitiam identificar quando a referida política pública passou a ser consumida pelos grupos culturais jovens situados no subdistrito do Grajaú.

O período de início de recepção de projetos e subsídios realizados pelo VAI inicia-se entre os anos de 2004 e 2005, no município de São Paulo. A partir do ano de 2006, a comissão de gestão de projetos do programa passa a publicar as sinopses dos projetos aprovados no edital público.

As informações que contavam nas sinopses de projetos aprovados eram as seguintes: nome do projeto, nome do responsável, local, principais ações, contatos. A partir do ano de 2009, as sinopses estavam subdivididas em eixos temáticos, que eram: artes integradas, artes visuais, áudio visual, cultura tradicional, dança, hip-hop, música, rádio, teatro e outras linguagens. Em 2013, inserem-se as categorias “artes circenses” e “cultura indígena”. O procedimento de classificação adotado pelo VAI consiste em um recurso de organização das temáticas dos projetos.

Em 2017, o relatório de sinopses se apresenta com um texto de análise do programa, dando especial ênfase às análises estatísticas de adesão ao programa ao longo dos anos de vigência. Vale destacar que as informações do relatório da edição de 2017 apresenta uma maior porcentagem de mulheres na proposição de projetos e 47% de proponentes que se autodeclararam como pretos, 21% como pardos e 27% como brancos.⁷²

É com base nestes dados disponíveis ao público que foi possível identificar

⁷¹ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13.540 e regulamentado pelo decreto 43.823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Dados fornecidos pelo site oficial do programa. (Disponível em: <https://programavai.blogspot.com/p/sobre-o-vai.html> acesso 04/10/21. Acesso em: 01/02/2023).

⁷² O referido relatório está disponível para consulta em: <https://programavai.blogspot.com/p/projetos.html> (Acesso em: 08/09/2022). Todas as sinopses de 2006 a 2016 estão disponíveis no site. De todo modo, é no relatório de 2017 que observamos um comentário por parte da coordenação que apresenta os referidos dados comentados acima.

elementos relevantes para a presente pesquisa, isto é, eles permitiram refletir sobre “quando”, “onde” e “como” os grupos culturais situados no subdistrito do Grajaú passam a apresentar temáticas sobre culturas negras, afro-brasileiras e questões étnico-raciais nos processos de seleção pública do programa VAI⁷³.

3.9. Sobre o critério de busca e análise das sinopses fornecidas pelo VAI

Utilizamos os mesmos termos de busca, conforme exposto no capítulo II desta dissertação. Deste modo, os termos “Grajaú” e “distrito do Grajaú” foram empregados para a localização geográfica conforme o banco de dados do programa VAI.

Os termos “raça”, “racismo”, “negro/negra”, “quilombo”, “étnico-racial”, “juventude negra”, “diferença”, “equidade”, “igualdade”, “afro-brasileiro”, “afrodescendente”, “sistemas de classificação étnico-racial”, “diáspora africana”, “diáspora negra” foram empregados para localização das temáticas associadas às práticas de culturas negras, questões étnico raciais e afro-brasileiras apresentadas tanto na classificação dos dados conforme o banco de dados VAI, assim como das informações fornecida pelo resumo dos projetos enviados pelo grupos culturais ao edital.

O conjunto de questões que formulamos para a constituição do levantamento foram;

- Ano que o grupo cultural recebeu o subsídio;
- Nome do grupo;
- Origem;
- Nome do projeto;
- Região de atuação;
- Descrição da proposta do projeto informada pelo grupo.

⁷³ Vale lembrar que a inquirição a partir do termo “quando” não supõe que as práticas culturais negras no distrito do Grajaú tenha surgido apenas e unicamente por meio e a partir desta política pública. Esta questão será apresentada por meio das entrevistas realizadas com o público adulto, que desempenhava práticas culturais em período anterior às políticas públicas na mesma região.

O conjunto de questões orientadas aos dados quantitativos são:

- Total de projetos que apresentam no item “principais ações” conteúdos explicitamente vinculados às práticas das culturas negras, afro-brasileiras no distrito do Grajaú.
- Total de projetos que apresentam no item “principais ações” conteúdos explicitamente vinculados às práticas culturais urbanas orientadas às culturas negras urbanas (rap, grafite, *breakdance*, discotecagem) no distrito do Grajaú.

O recorte cronológico que estabelecemos para a realização do levantamento tomou como referência o ano inicial de publicação dos dados pela Secretaria de Cultura do município de São Paulo a partir do ano de 2006 até o ano de 2017. A política de publicação das sinopses dos projetos aprovados e disponibilizados no site não oferece acesso aos dados dos anos subsequentes.⁷⁴

Ademais, optamos por estabelecer uma correlação entre o período em que a presente pesquisa se institucionaliza, assim como um recorte estabelecido para o levantamento de teses e dissertações sobre o distrito do Grajaú, conforme os dados apresentados no Capítulo II desta dissertação.

Apresentaremos a seguir uma síntese dos dados coletados pelo banco de sinopses do VAI em ordem cronológica, informando o ano que o coletivo foi contemplado com a política, o nome do coletivo, o nome do projeto e a descrição do projeto que o coletivo apresentou à comissão avaliadora do VAI.

Ano que recebeu a política pública	Nome do grupo	Nome do Projeto	Descrição da atividade dada pelo grupo sobre o projeto
2006	Não identificamos participação de coletivos com temáticas do subdistrito de Grajaú.		
2007	Tambores de Lá	Tambores de Lá	Nome do projeto: Tambores de Lá. Nome do responsável: Hertz Oliveira. Local: Salão da Comunidade Vila Cheba e Parque Residencial Cocaia, Subprefeitura Capela do Socorro. Principais ações: Oficinas de danças, capoeira e maculelê.

⁷⁴ Ao entrarmos em contato com a coordenação do programa VAI via e-mail fomos informados que, com a mudança de gestão ocorrida entre os anos de 2019 a 2020, houve modificações na política de apresentação pública das sinopses dos projetos, não sendo informada publicamente no site, a partir das edições de 2018.

2008	Grupo Capulanas	Solano Trindade e a suas negras poesias	Inspirados nas poesias de Solano Trindade (1908-1973), ator, teatrólogo, pintor, dançarino, dramaturgo, artista plástico e grande poeta negro - o grupo Capulanas vem resgatar a cultura negra enfatizando o papel da mulher, criando assim um espetáculo e, paralelamente, reafirmando a importância do negro no mundo contemporâneo por meio de oficinas de Maracatu Nação Cambinda, Dança afro-brasileira e Percussão afro-brasileira. Ao pesquisarmos no site encontramos informações com o mesmo título da proposta, contudo referente a um projeto financiado pela Fomento ao Teatro. Decorrente disso, escrevemos para autora do projeto Adriana Pereira da Paixão em vista de compreender melhor a questão e, se for possível dispor de mais informações sobre como foi essa experiência na região do CEU Vila Rubi.
2008	Xemalami Xeque mate la mission	Projeto Xadrez Sem Muros	Realizar um evento com duração de 20 horas em cada um dos locais descritos acima, promover oficinas de xadrez com a comunidade local para formar multiplicadores dessa prática; apresentar e relacionar em cada evento um elemento do hip-hop; promover a convivência entre as pessoas da comunidade. Registrar por meio de filmes, fotos e relatórios, o perfil e expectativas das comunidades em relação ao projeto.
2008	Tambores de Lá		Realização de oficinas preparatórias do tipo bate-latas, com ritmos diversos, começando por ritmos da cultura afro-brasileira, passando pelo maracatu, olodum, samba reggae, rap, dentre outras batidas variadas. Serão realizadas também aulas de capoeira e dança afro.
2008	Viva sempre no meio		Oficina de materiais recicláveis: produzir materiais utilitários, a partir de materiais encontrados na própria comunidade e em casa. Lixogravura: visa oferecer lazer e entretenimento aos participantes, além de proporcionar outra concepção de lixo transformando-o em arte, especificamente gravura. <i>Breakdance</i> : durante a oficina será elaborada uma coreografia que será apresentada para a comunidade. Grafite: promoverá iniciativas jovens, desenvolvendo um censo crítico por intermédio de manifestações artísticas. Os participantes irão aprender as técnicas básicas de desenhos, pintura e grafite. Curta: produção de um curta, para registrar as ações. Intervenções: intervenção/experimentação em frente ao lixão localizado no Jardim Monte Verde. O objetivo é promover manifestações artísticas, utilizando garrafas PET recolhidas na comunidade transformando-as em arte. Fazer uma grafite ao redor do espaço onde se localiza o lixão, convidando os participantes da oficina de grafite e

			envolvendo jovens grafiteiros da região.
2008	Imargens		5 lixeiras artísticas em locais estratégicos, sendo 1 em cada bairro citado acima, 5 oficinas abordando os três eixos do projeto: Arte, Meio Ambiente e Convivência; 5 painéis de grafite em locais estratégicos, sendo 1 em cada bairro citado acima, abordando aspectos da História da Arte, bem como seu caráter contemporâneo;G13
2008	Morro da Macumba		O objetivo do grupo é grafitar as paredes em formato de quadrinhos, contando a história do bairro e suas necessidades. Terminada essa etapa, iremos fotografar cada quadrinho e, com esse material, editar um livro. Também teremos uma palestra falando sobre o projeto e os assuntos abordados na história.
2010	Imargens		Responsável: Mauro Sergio Neri da Silva Principais ações: o Projeto Imargem é uma intervenção multidisciplinar que, reunindo arte, meio ambiente e convivência, pretende enfrentar o isolamento das comunidades que vivem à margem da cidade, a partir das margens da Represa Billings, região do Grajaú, São Paulo. A proposta atual visa o restauro de instalações construídas pelo projeto Imargem, selecionado pelo VAI em 2007, utilizando como matéria-prima principalmente materiais encontrados ao longo das margens da represa. Local: Capela do Socorro, Distrito do Grajaú.
2010	Coletivo Radioativo	Direito à História e a Memória Cultural.	Reconstruir a história das ações culturais da região da Capela do Socorro, principalmente na área de dramaturgia e música, através da realização de oficinas culturais, intervenções urbanas, programas de rádio web e produção de site.
2012		Desde que o samba é sampa ou samba é sampa	Proposta: O projeto prevê a realização de ciclo de quatro debates (Samba-conversaão), edição e publicação de revista eletrônica inédita "Samba Sampa", com ensaios e artigos produzidos pelos convidados-pensadores, e a produção do documentário homônimo, com trechos dos debates e entrevistas, que também serão disponibilizados no ciberespaço.
2012	Mjiba	MJIBA - Jovens mulheres negras em ação	Proposta: O projeto prevê duas ações artísticas de jovens mulheres negras, desenvolvidas em "MJIBA EM AÇÃO" em comemoração ao dia 25 de julho, dia da mulher afro-latina caribenha. A atividade acontecerá no dia 29 de julho ou 5 de agosto de 2012, e contará com apresentações de música, literatura, teatro e artes visuais. Haverá também um bate-papo sobre o protagonismo cultural de jovens negras. O projeto também prevê a publicação do livro de poemas Águas da cabaça , de autoria de Elizandra Souza.

2012	Roberta	Hip-hop em tela	Proposta: O projeto tem como objetivo a produção audiovisual que registra a cena de hip-hop na região do Grajaú. Para tanto, serão realizadas oficinas de técnica audiovisual, captação em encontros de hip-hop e, por fim, atividades de projeção do vídeo para ampliar sua circulação.
2013	Coletivo Mjba	Pretexto de Mulheres Negras	Atividades: Produção do evento Mjiba em Ação em comemoração ao dia da Mulher Negra; o evento conta com diversas linguagens artísticas. Criação do livro Pretextos de Mulheres Negras com publicação de antologia poética com a participação de 20 escritoras negras da periferia.
2013	Identidade Oculta	De Canto em Canto - De Conto em Conto	Atividades: 1ª Etapa: 13 apresentações do espetáculo no distrito do Grajaú com exteriorização para que o público apresente suas impressões (tradição oral de Câmara Cascudo e valorização do universo sertanejo), para público infanto-juvenil de ONGs e escolas e população nos espaços culturais (Humbalada e Identidade Oculta e Rede Extremo Sul). 2ª Etapa: Pesquisa e produção do espetáculo "Histórias do Velho Batista" e 4 apresentações no Identidade Oculta e 3ª etapa - Todo o trabalho (apresentações e impressões do público) será registrado em fotografia para compor a edição do livro "de Canto em canto - de conto em conto, histórias de que conta e ouve histórias".
2013		Resgate das origens	O projeto tem o intuito de realizar atividades variadas com a temática do hip-hop. Serão oficinas de dança (periódicas), apresentações musicais mensais, oficinas de rima e poesia, oficinas de fanzine, além da exibição de documentários. A programação ocorre uma vez por semana, com 2 horas de atividade.
2013	Associação dos Moradores do Parque Cocaia	Ecoa Grajaú	Atividades: Um encontro por mês na Associação Recanto Cocaia com apresentações culturais de ritmos que usam o tambor: Coco de Roda, Jongo e Maracatu; lançamento de 1000 cópias de DVD com folder do registro de todo o trabalho; debate de encerramento no CEDECA com apresentação musical do grupo Mistura de Raça.
2014	Abayomy Aba	Abayomy Aba pela Juventude Negra Viva	O projeto Abayomy Aba é formado por coletivos de Parelheiros. Procura combater o racismo e mostrar, através de oficinas, curtas e outros meios, que ele ainda existe e que podemos acabar com ele através do combate e da valorização da cultura negra.
2014	Da rua pra rua	Da rua pra rua	A proposta a atividade tinha como objetivo desenvolver ações no campo do hip-hop e grafite a partir da colaboração do CEDECA Interlagos.

2014	DZ9+=20	DZ9+=20	O projeto montará uma escola de skate e uma oficina de grafite, paralelamente produzirá a "Vitroladas", Sound Systems e batalhas de rimas na Favela da Dezenove (DZ9) e na Favela da Vinte (20). O foco é a promoção e imersão de jovens e crianças para o desenvolvimento artístico, musical e esportivo com instruções e acompanhamento qualificado.
2014	ECP Expressão Cultural Periférica	ECP - Expressão Cultural Periférica	O Expressão Cultural Periférica conta com oficinas de: artesanato/reciclagem, artes plásticas, leitura e jogos, além dos saraus - no qual será produzido o Informativo Cultural ECP, com a publicação de poesias de seus participantes - e os debate-papos intitulados ECP Convida. Será produzido também um vídeo com a história do Jd. Reimberg, com o depoimento dos moradores contando suas memórias e, ao final do projeto, acontecerá exposição das atividades criadas e exibição do vídeo.
2014	Graja na Cena - Existir, Resistir e Transmitir	Graja na Cena - Existir, Resistir e Transformar.	O objetivo desta iniciativa é fortalecer a produção cultural do hip-hop no Grajaú a partir de ações que ampliem os meios de criação e de difusão audiovisual de grupos de rap. Pretende-se, por um lado, ser mola propulsora da produção cultural, social e econômica local e, por outro, instrumentalizar jovens que já atuam na construção de videoclipes de forma amadora.
2014	Hip-hop resgate das origens	Hip-hop resgate das origens	A ideia principal do projeto consiste em realizar oficinas gratuitas de arte e hip-hop semanalmente em determinadas ONG's parceiras do projeto, proporcionando assim formação artística/cultural a crianças, adolescentes e jovens de baixa renda. Porém o projeto não se limita a esses espaços e tem visitado também casas de reabilitação de dependentes químicos, escolas públicas, Fundação Casa, presídios, igrejas e outros locais atingidos pela desigualdade social, proporcionando arte, cultura, informação, entretenimento e principalmente transformação educacional.
2014	Hip-hop educa	Hip-hop educa	O projeto levará para escolas elementos diretamente ligados à cultura popular das periferias, falando a mesma linguagem do público, numa somatória de esforços para melhoria das condições e ensino. É uma iniciativa de valorização da autoestima como instrumento de transformação para estudantes, professores, educadores e gestores da educação pública através de apresentações da Cultura de Rua, do Rap, B. boys, <i>Breaking</i> , Grafite, <i>Beatbox</i> , Skate, Street Dance e da poesia.

2014	Coletivo Malungo	Não deixe sua cor passar em branco	O Coletivo Malungo pretende difundir o material produzido no ano passado com subsídio do Programa Vai. A proposta atual é a execução de um ciclo de atividades que trabalhe e pautе de forma massiva a execução da lei 10.639/2003, por meio de Festivais de Música (apresentações dos grupos que fizeram parte da Coletânea Malungo), Cine-debates (a projeção do documentário Malungo, vídeos documentários, longas e vídeo clipes para trabalhos pedagógicos em atividades educativas) e a realização de duas oficinas (zine e estêncil).
2014	Mulheres em cena na quebrada	Mulheres em cena na quebrada	O projeto tem o intuito de realizar um vídeo documentário sobre o cotidiano e a atuação das mulheres na periferia em diversas manifestações culturais e ações sociais. Em seguida, serão realizadas exposições gratuitas seguidas de debates sobre o tema do filme em centros comunitários e espaços culturais, apresentando os potenciais, as dificuldades, as contribuições da atuação das mulheres do Grajaú, visando destacar, valorizar e estimular a participação efetiva das mulheres no cenário social e cultural da região.
2014	Mulheres na luta	Mulheres na luta	Realização de um ciclo de debates com cinco encontros, tratando temas relacionados à mulher que vive na periferia, especificamente no distrito do Grajaú. O intuito é construir juntos discursos, um bate-papo, com troca de experiências e conhecimentos, fortalecendo a coletividade. A cada encontro será realizada uma atividade cultural diferente, a fim de desnaturalizar as ações machistas através da arte. No final, será realizada uma exposição com os resultados do processo.
2014	Oficina Movimento Cultural	Oficina Movimento Cultural	O grupo, formado por jovens artistas, moradores do Grajaú, vê no hip-hop uma forma de expor ideias, levar lazer e conscientizar nossa comunidade sobre nossos problemas e deveres frente a sociedade. Com encontros mensais em pistas de skates em espaços públicos serão realizados grandes eventos com apresentações de MC's e bandas locais, performances de DJs e torneios com a presença de profissionais do skate e artistas do grafite.

2014	Percubeat	Percubeat	O projeto Percubeat pretende estruturar equipamentos que favoreçam um ambiente adequado para práticas artísticas e circular com ele em três bairros que não usufruam deste incentivo, tais como: Jd. Eliana, Jd. Varginha e um terceiro local escolhido através de mapeamentos. A promoção cultural será realizada por meio de debates, oficinas, mostras e competições, como meio de aproximar as pessoas da prática e estimular um pensamento sociocultural.
2014	Posse: Hip-hop e resistência (expresso perifa)	Posse: Hip-hop e resistência	O projeto destaca a importância do movimento hip-hop como força social educativa ativa e seu processo formativo nas gerações advindas dos anos 80, 90 e dos tempos atuais. Pretende repensar métodos educacionais postos e impostos por meio de práticas sociais, culturais e educacionais difundidas e amplamente aceitas pelo movimento Hip-hop e retomar o conceito de "Posse", herança do movimento estadunidense, que eram estabelecimentos onde eram desenvolvidas práticas socioeducativas e, até mesmo, eram oferecidas refeições para a comunidade.
2014	Possibilidades	Projeto Possibilidades	O projeto realizará reuniões semanais para articulação e discussão de temas ligados ao hip-hop, onde serão apresentados textos, poesias, performances, material audiovisual e entre outras manifestações culturais, contando com 8 palestrantes/atrações convidadas.
2014	Coletivo Mjiba	MJIBA - Espalhando sementes	O Coletivo Mjiba, formado por mulheres negras da Zona Sul, pretende consolidar as suas ações culturais e pluralizar as vozes de mulheres negras dentro da cultura de periferia de São Paulo, principalmente na região do Grajaú. Nessa fase, será criado o site do Coletivo Mjiba, com conteúdos literários, vídeos e fotos. Será realizada também uma exposição fotográfica, com material da 3ª e 4ª edição do Mjiba em Ação, que teve grande impacto nas autoras. Mjiba em Ação é a atividade principal, um evento com apresentações de mulheres negras em comemoração ao 25 de julho, Dia da Mulher Negra, e receberá o lançamento do site, o início da exposição, além de apresentações musicais, literárias, programação infantil, entre outros. O projeto conta ainda com vivências para o fortalecimento e formação cultural das autoras da antologia.

2015	Renato Nonat	<i>Break em Foco</i>	O projeto <i>Break em Foco</i> busca criar e fortalecer um espaço de diálogo, organização e troca de experiência entre grupos que fazem parte do cenário cultural e artístico dos bairros do Grajaú por meio da realização de intervenções na praça do Jd. dos Lagos. Serão contempladas no projeto quatro modalidades de Street dances: <i>Breaking, Locking, Popping, Weaking</i> .
2015	Cia. Alabá	Encaracultura	Este projeto trabalha a valorização da identidade étnica racial da criança negra, fazendo com que elas reconheçam as histórias de seus ancestrais e que assim possam se identificar com a suas raízes (seu cabelo crespo, sua pele escura, seu nariz largo). Por meio da contação de histórias, brincadeiras africanas, cantigas afro-brasileiras, jogos teatrais, artesanatos e oficinas.
2015	Cultura de Garagem	Cultura de Garagem abre os portões	O projeto Cultura de Garagem vem no intuito de agregar novas experiências aos jovens e adolescentes dos distritos de Parelheiros e Marsilac por meio de um circuito de oficinas de Teatro e dança hip-hop que serão realizadas em garagens de moradores dessas regiões. Pretende-se, ao final, realizar uma mostra cultural como resultado dos processos vivenciados no projeto.
2015	Coletivo DZ9+1	Coletivo DZ9+1	Proposta de desenvolver uma escola de skate, uma oficina de arte grafite e formação de rodas de capoeira em turma semanais. Em conjunto as atividades predominantes, haverá também "Vitroladas", oficinas de educação ambiental, oficina de construção de brinquedos e a oficina de construção de obstáculos de skate. Além de grandes eventos extraordinários destinados ao público amplo abordando diversas linguagens culturais: o Circuito Skate Educa, Sound Systems, Encontro de Grafiteiros, a Virada Radical e o "Game of Skate" no Festival Satyrianas.
2015	Coletivo Identidade Periférica	Projeto Identidade Periférica	O projeto Identidade Periférica trabalha com a arte urbana (stencil, lambe-lambes, grafite e pichação) na escola EMEF Padre José Pegoraro. Visa incluir na vida escolar dos alunos temas como o feminismo e/ou a luta da população preta e periférica, utilizando para a abordagem a arte de rua. Além de promoverem palestras e conversas com artistas sobre este estilo de arte.
2015	Sarau do Grajaú	Grajaú em Foco	O projeto prevê a realização de um documentário sobre os artistas e ativistas locais, os coletivos existentes e o trabalho que desenvolvem, por meio de de entrevistas e bate-papos, conduzindo o espectador a repensar os paradigmas sobre a periferia e sua produção cultural. Também haverá mensalmente os saraus que reforçam o valor da oralidade, da expressão do indivíduo e da leitura e literatura.

2015	Dona Maria Antifascista	Cine Gueto	O projeto tem como objetivo realizar quatro mostras audiovisuais produzidas por agentes locais, com intuito de valorizar e promover conhecimentos artístico-culturais, fortalecer ações coletivas de enfrentamento da Exclusão Sociocultural, promover a Cidadania Cultural e resgatar a cultura de matriz africana. As mostras serão exibidas na localidade do Grajaú, visando atrair principalmente moradores próximos que têm pouco acesso.
2015	Contos nordestinas	Memórias Nordestinas	O projeto Memórias Nordestinas, tem o propósito de resgatar e fortalecer a cultura nordestina, promovendo encontros mensais, no distrito do Grajaú, com participação de grupos convidados que trabalham com a tradição popular, com o propósito de diminuir a discriminação e valorizar os saberes populares.
2015	Casa Ecoativa	Sarau de Cordel	O Sarau de Cordel possibilita encontros de diversas expressões artísticas no ambiente externo da Casa Ecoativa - debaixo de uma grande seringueira com mais de meio século de vida e em volta da fogueira - resgatando a cultura nordestina com apresentações que exponham traços relevantes dos moradores da periferia, valorizando a comunidade.
2015	Percubeat	Percubeat	O projeto Percubeat pretende potencializar e dar continuidade às práticas de manifestações artísticas e circular nos bairros que não usufruem desse incentivo como Jd. Eliana, Jd. Varginha e Vargem Grande. Promove também debates, oficinas, mostras e competições de danças urbanas como meio de aproximar as pessoas da prática e do pensamento sociocultural.
2015	Congresso dos Lombrasos	Bombardeiro sonoro volume 2	O Projeto Bombardeio Sonoro Volume II tem por objetivo gravar 12 grupos inseridos na cultura hip-hop do Grajaú realizando Jam Sessions entre os artistas. Todo o processo será registrado com o intuito de realizar um documentário. Os CDs e DVDs serão distribuídos de forma gratuita em escolas públicas e espaços educativos.
2015	Nosso som é zum zum zum	Nosso som é zum zum zum	O projeto "Nosso Som é Zum Zum Zum" tem por objetivo tornar a musicalidade da Capoeira acessível a crianças, adolescentes e jovens interessados em enriquecer seu repertório musical e cultural por meio de oficinas pedagógicas relacionadas aos instrumentos percussivos e ao canto utilizado na capoeira. Criaremos material multimídia que servirão de apoio para grupos, alunos, professores e mestres de Capoeira, músicos, instrumentistas e pessoas interessadas.

2016	Grupo Pele	A pele do trabalho amostra	A pele do trabalho à mostra é um desdobramento da pesquisa do processo anterior apoiado pelo VAI. Com intuito de aprofundar as questões da mulher e do negro no mercado de trabalho, buscamos promover espaços em que a oralidade dessas pessoas seja considerada e compartilhada. Para isso realizaremos saraus e oficinas (sarauficinas); a produção de um mini documentário (O olhar do trabalho); reuniremos grupos que também estão começando em uma mostra (Amostra tudo pá nós) e apresentaremos a montagem "A pele do trabalho" em bairros do Grajaú.
2016	Grupo Identidade Oculta	Francisca Travessia	O projeto "Francisca: Travessia..." visa a partilha de diversas ações através de intervenções artísticas e cortejos poéticos. A ideia central é poder experienciar o material cênico levantado na sala de ensaio em diversas possibilidades, como nas ruas, praças e parques... queremos atravessar o cotidiano das pessoas e entender como o impacto desta travessia pode reverberar em nós como artistas cidadãos criadores no mundo.
2016	Carolinas Soltem Suas Vozes	Carolinas Soltem Suas Vozes	O projeto "Carolinas soltem suas vozes", é idealizado por quatro jovens negras com o objetivo de dar voz e visibilidade às histórias de mulheres negras da periferia do Grajaú, Zona Sul de São Paulo. Temos como objetivo realizar intervenções poéticas (com canto, música, poesia e instrumentos percussivos) e a partir das rodas de conversas será elaborado um roteiro com sínteses das histórias colhidas com elas.
2016	Graja groove	Graja Groove no ritmo da história	O projeto Graja Groove é formado por membros de coletivos do distrito do Grajaú que realizam ações independentes ligadas à cultura negra e o hip-hop. O intuito do projeto é fazer uma pesquisa sobre o movimento dos bailes de <i>black music</i> promovidos pela população negra dos bairros mais afastados da área central de São Paulo, por meio de encontros culturais propondo espaços de trocas de informações e saberes, vivências e discussões envolvendo pessoas que tiveram uma grande importância no histórico de produção artística periférica. No decorrer deste processo será feita uma pesquisa pelos participantes sobre as músicas e tradições dos bailes dos anos 70 e 80 e sua importância no cotidiano da população periférica. Os estudos serão retratados no formato de registros artísticos autorais por meio das linguagens do hip-hop. Todas as ações serão expostas em vídeos que estarão sendo lançados na internet mensalmente e uma grande apresentação de fechamento que contará com o lançamento do cd Graja Groove Capítulo 1, e uma performance artística com os quatro elementos juntos expondo o processo de pesquisa do coletivo.

2016	Coletivo Malungo	Contra Toda a Opressão... Existe o Lado Negro da Força	O referido projeto Contra Toda a Opressão... Existe o Lado Negro da Força! consiste na produção da websérie terreiros de memórias - com (06) episódios, que discutirá as implicações do racismo na sociedade, bem como o seu enfrentamento com ações práticas e reflexivas. Também neste projeto, pretendemos produzir o álbum Coletânea Malungo Volume 3, com 43 canções de luta e combate ao racismo, com as bandas/grupos que gravaram os episódios da websérie. E, motivar novos debates a partir da publicação de artigos e ensaios científicos com educadores e estudiosos para a segunda edição do caderno ilustrado Africanidades Afro-Brasileiras.
2016	Regiane	Projeto Infiltração	O Projeto Infiltração irá ministrar cursos de formação cidadã no qual os temas: gênero, sexualidade, raça e identidade afro-brasileira sejam o mote central das discussões. O objetivo é construir uma formação político-cultural acerca da população jovem, preta e periférica em escolas do em torno de Parelheiros no extremo sul de São Paulo buscando atingir alunos entre 13 e 18 anos da rede pública e, por conseguinte, moradores dessa mesma região.
2016	Expressão Cultural Periférica	Comunicação Cultural Periférica	A ideia do projeto é intensificar as ações de articulação e comunicação com coletivos culturais e sociais e com a comunidade em geral, para que possamos produzir nossas próprias notícias, divulgando ações culturais e sociais. O projeto terá duração de dez meses, e por meio de três ações principais, criação da gráfica comunitária, produção da revista Expressão Cultural Periférica e produção do programa expressão cultural periférica, irá contribuir e fortalecer para produção e memória cultural do extremo sul de São Paulo.
2016	Quebrada em foco	Retrato de Luta: Uma Palavra Feminina	O projeto é uma jornada fotográfica que vai retratar a luta das mulheres negras que são artistas na periferia através de oficinas de fotografia com jovens. Como produto das oficinas teremos uma exposição física e outra virtual lançadas no dia da consciência negra nos centros de cidadania da mulher.
2016	Coletivo Sassu	Eu quero ouvir Maria	O fascínio pela maternidade e, principalmente, pela circunstância da maternidade solo motivaram a criação desse projeto que vai ao encontro de relatos de amor e obstáculos de outras mães cujas histórias de vida são diferentes, mas que se assemelham quando o assunto é solidão materna. Somos mães solo e sozinhas enfrentamos as dificuldades, mas juntos podemos ser mais fortes. Desatar os nós de nossas gargantas, desmistificar a maternidade perfeita, e sobretudo questionar a ausência paterna. "Eu quero ouvir Maria! Relatos de uma maternidade solo" será um documentário, e um livro de fotografias sobre o protagonismo da mulher-mãe-solo periférica e sobretudo uma luta

			política que precisa levar em conta as questões do feminismo a serem debatidas no âmbito público
2016	Hip-hop Grajauense, Fomento Cultural aos Conterraneos	Hip-hop Grajauense, Fomento Cultural aos Conterraneos	O projeto preconiza ações relevantes para a cultura hip-hop no Grajaú, tornando o rap um instrumento de estudo com alunos do CEU navegantes, aproximando MC's antigos com novos MC's em potencial, através de oficinas, shows e a gravação de um episódio em registro áudio visual como produtos finais.
2016	Nosso Som É Zum Zum Zum	Nosso Som É Zum Zum Zum	O projeto "Nosso som é zum zum zum" tem por objetivo tomar a musicalidade da capoeira acessível a crianças, adolescentes e jovens interessados em enriquecer seu repertório musical e cultural por meio de oficinas pedagógicas relacionadas aos instrumentos percussivos e ao canto utilizado na capoeira, a partir do ensino do canto e da poesia, do ritmo das palmas, dos toques do berimbau, dos toques de atabaque, do pandeiro, do reco e do agogô. Criaremos a partir das oficinas semanais um material multimídia que servirá de apoio para grupos, alunos, professores e mestres de capoeira, músicos, instrumentistas e pessoas interessadas em aprender e difundir a temática. Todo o material será produzido a partir de uma reflexão sobre a história da capoeira no Brasil, sempre buscando as influências vividas pelos participantes das oficinas, destacando a cultura afro-brasileira presente na capoeira e suas transformações como produção cultural humana. Sem esquecer o contexto ao qual a capoeira se desenvolveu, entre o período da escravidão no Brasil, praticado por negros escravos até os dias atuais, sendo cantada e praticada em 160 países por mais de cinco milhões de pessoas e considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade pela Unesco em 26 de novembro de 2014. Esperamos que os participantes das oficinas aprendam a compor músicas, aprendam a cantar e a tocar os instrumentos, e que as suas experiências com a música da capoeira os tornem novos agentes de produção cultural e musical.
2017	Quando me descobri realeza	Quando me descobri realeza	O projeto tem como objetivo construir um diálogo com jovens em ambiente escolar com oficinas e rodas de conversa sobre o comportamento da juventude periférica negra e indígena. O foco é discutir como se sentem, preconceitos sofridos, e as mudanças que fazem para se adequarem na sociedade. Quer provocar uma reflexão sobre esses assuntos com novos olhares e buscar possíveis soluções.

2017	Desde que o samba é samba	O grupo quer produzir, em revistas, o samba, contando histórias e curiosidades do mundo do samba na cidade de São Paulo.
------	---------------------------	--

3.10. Os grupos culturais no subdistrito do Grajaú de acordo a base de dados do CEMDM

A segunda base de dados secundários proveniente da publicação denominada **Cultura ao Extremo. Mapeamento, Difusão e Memória da produção cultural do extremo sul de São Paulo**⁷⁵ se refere à pesquisa publicada no ano de 2015 realizada por dois coletivos culturais situados no subdistrito do Grajaú, sendo eles o coletivo de comunicação e jornalismo Periferia em Movimento e o Coletivo de Comunicação em Mídia Impressa ECP, atual responsável pela **Revista Grajaú**⁷⁶.

O que extraímos da pesquisa exploratória que fizemos sob os dados publicados pela CEMDM se referiu à localização geográfica e pesquisas nas plataformas digitais sobre os grupos culturais situados especificamente na região do subdistrito do Grajaú, uma vez que a totalidade da pesquisa do CEMDM considerava também distritos vizinho tal como o de Parelheiros e os bairros que compõem o distrito de Capela do Socorro, no caso Cidade Dutra e Socorro.

O levantamento do CEMDM apresentou entre o conjunto de perguntas para captação de dados sobre os grupos culturais o seguinte enunciado: “Quais temas você costuma abordar no seu trabalho?”. Tal pergunta nos permitiu desenvolver o primeiro mapeamento dos grupos culturais especificamente associados às questões das culturas negras e afrodescendentes, a partir do uso dos nossos termos-chave, já apresentados no Capítulo II, e aplicados também na análise das sinopses dos projetos do VAI.

As questões relacionadas às identidades e identificação com as práticas culturais afrodescendentes ou culturas negras, assim como as questões referidas ao campo das relações raciais por parte dos grupos culturais que encontramos no

⁷⁵ Doravante denominado pela abreviação CEMDM.

⁷⁶ Cf. Páginas oficiais da **Revista Grajaú** (Disponível em: <https://revistagrajau.com.br/quem-somos-a-equipe/>) e do coletivo Periferia em Movimento (Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>). Acessos em: 01/02/2023.

banco de dados do CEMDM se desenvolveu também pelo processo de pesquisa que efetuamos via internet através das redes sociais e plataformas de publicação de materiais como sites, *blogs*, Facebook, Youtube e Instagram destes grupos, em vista de observar dois aspectos:

1) O conteúdo das práticas culturais, assim como o período em que o grupo se encontravam desenvolvendo as ações na região.

2) Verificação se os referidos grupos ainda se encontravam na ativa. Em cada modalidade de plataforma digital, foi possível identificar materiais em áudio, em audiovisual, textos, performances, fotografias. Houve casos também que os respectivos coletivos dispunham de material impresso.

Com base no banco de dados extraído do levantamento do CEMDM, identificamos 15 coletivos com temáticas explicitamente orientadas às questões das culturas negras e temas afro-brasileiros, que operam através de financiamentos públicos e independente/privados.⁷⁷

A seguir, apresentaremos os nomes dos respectivos coletivos e seus principais objetivos de acordo suas respectivas autodescrições.

Nome dos grupos culturais/coletivos	Região	Ano de fundação	Narrativa de autoidentificação
Escola de Samba 3º milênio	Grajaú	1998	"Os amigos Silvio Azevedo (Silvão) e Eduardo Basílio (presidente e fundador da Rosas de Ouro) tiveram a ideia de fundar uma escola de samba no distante bairro do Grajaú pois haviam muitos ritmistas bons na área e, assim, os sambistas do extremo sul não precisariam mais atravessar cidade para tocar em uma bateria e curtir os ensaios pré-Carnaval. A dupla amadureceu a ideia e um grupo de amigos liderados por Silvão (Silvio Azevedo), entre eles, Alberto Miranda, Machadinho, Talita Galbiati, concretizaram o sonho e fundaram o G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio, sendo Silvão eleito o primeiro presidente. Os primeiros ensaios aconteciam na casa de show Corujão e, por isso, a ave coruja é o símbolo e a mascote da nossa escola.
Grajaú contra o Racismo.	Grajaú Jd. Eliana	2003	Trata-se de uma série de ações que visam refletir, informar, discutir e combater o racismo nas suas diversas formas presente na sociedade brasileira, através de atividades educativas e culturais nos espaços escolares, bem como por meio de intervenções nas ruas dos bairros da

⁷⁷ Este numero deriva dos 37 grupos culturais mapeados a partir da base de dados do CEMDM. Optamos por apresentar apenas os coletivos que atuam diretamente com questões étnico-raciais ou questões afrobrasileiras.

			região.
Elizandra Souza - Coletivo Mjiba	Jardim Noronha	2004	O nome veio do lado de lá do Atlântico. Mjiba eram jovens mulheres guerrilheiras que, reza a lenda, lutaram pela independência de Zimbábue. Pouco importa se a história dessas revolucionárias foi uma realidade ou apenas parte da obra literária da escritora J. Nozipo Maraire, no livro Zenzele – Uma carta para minha filha . O fato é que cruzando o oceano e chegando no extremo sul da cidade de São Paulo, os ideais dessas guerreiras circularam as ruas do Jardim Noronha por meio de um fanzine, que em 2001 marcou o início de um projeto que comemora mais de uma década de atuação, o Mjiba – Jovens Mulheres Negras em Ação.
Pagode da 27	Grajaú	2005	O Projeto Comunidade Pagode da 27 nasceu em 2005 da reunião de sambistas do Grajaú na rua 27 (R. Manoel Guilherme dos Reis). O samba é tocado na rua todos os domingos e desde o início tem chamado a atenção de muitos amantes do samba. A palavra “pagode” é atribuída a uma reunião de sambistas, por isso a escolha dela para representar este projeto, que traz um repertório de Samba Raiz, preservando assim a qualidade do samba tradicional sem jamais se fechar para o momento atual da cena deste movimento cultural.
Imargerm	Grajaú	2006	O projeto multidisciplinar criado em 2006 propõe um olhar cuidadoso para a paisagem povoada, para pensar e agir diante das potencialidades e problemáticas da nossa sociedade, da margem à centralidade da cidade. Agentes Marginais é o coletivo do Projeto Imargem, são os que agem na margem e lutam contra o isolamento das comunidades a partir da beirada sul de São Paulo às margens da represa Billings com origem no distrito do Grajaú. Essas ações são organizadas tendo em conta a área de preservação ambiental, a desassistência por parte do poder público e a interlocução com os moradores dos bairros. É essa a consciência do coletivo que compõe o projeto, na potência da arte é delineada a metodologia de intervenção, através de ações como: murais, esculturas, oficinas e debates articulados nos eixos: arte, convivência e meio ambiente, apresentando uma arte acessível e politizada resignificando lixo, espaço e fronteiras. O projeto teve início em janeiro de 2007, conforme as concepções brevemente expostas aqui, com financiamento, por três meses, do Programa de Ação Cultural (PAC) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Em 2008 foi contemplado com o Programa VAI da Secretaria Municipal de Cultura, momento em que se deu a Vazão da Margem em Exposição de encerramento na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Capoeira Angola Semente do Jogo de Angola	Grajaú	2007	O grupo de capoeira Semente do Jogo de Angola criado por mestre Jogo de Dentro (Jorge Egídio dos Santos) em Salvador (1990) é fruto da linhagem de capoeira Angola herdada por Mestre João Pequeno, discípulo de mestre Pastinha. Alan Amaro dos Santos formado contramestre em 2018 tem desenvolvido desde 2008 sob a autorização de mestre Fábio "Formigão" responsável pelo primeiro núcleo de Capoeira Angola da linhagem de mestre Jogo de Dentro na zona sul de São Paulo, o ensino e difusão dos fundamentos da capoeira Angola a crianças jovens e adultos no subdistrito do Grajaú. Em 2014 as atividades de capoeira Angola passam a ser desenvolvidas no mesmo local do Espaço cultural Cazuá criado no mesmo ano.
Coletivo Malungo	Jd. das Imbuias	2012	O Coletivo Malungo atua na promoção de ações educativas sobre os temas relacionados às relações raciais.
3 em 1 Guetto Sound		2013	3 em 1 Gueto Sounds Família Sounds é uma equipe de Sound System, que discoteca e vive a música Reggae e a vivência Ancestral Rastafári I Afreeka. Começou a se formar no extremo da Zona Sul de São Paulo, no Bairro Grajaú no final do ano 2009 e se firmando em 2010 com seu primeiro baile na pista de skate do BNH, no dia 24/12/2010, com os membros Gueto Bruno Selecta e Dj e Alan Bóis Selecta. O nome da equipe não era 3 em 1 Gueto, nesse momento se chamava GraJAHroot's. No final do ano de 2010 e começando o ano de 2011 reconhecemos mais um membro da equipe, JahRenan Selcta e Dj, e com o seguir da vivência nosso humilde e amador Técnico de som e engenheiro. Quando o JahRenan entrou na equipe ela ainda se chamava GraJAHroot's e o quartel general era na casa do Bóis. A partir do ano de 2013 foi aberta a loja RastamanSounds's, onde somando força com o irmão Jahdedé realizamos serviços automotivos, e a loja passou a ser o Quartel General do GraJAHroot's, que passo a ser o 3 em 1 Gueto Sounds que para nós representa a santíssima trindade onde 1 é 3 e 3 é 1 e isso nós vivenciamos no gueto. Agora o Jahdedé também passou a ser membro da equipe, passamos a nos reunir na loja e construímos as nossas primeiras caixas de médio e voltamos a pista de skate do BNH, e em homenagem ao nome GraJAHroot's realizamos esse baile com o nome GraJAHroot's no dia 20 de outubro de 2013 e também nos meses seguintes novembro, dezembro e em janeiro convidamos o Inl Sounds Rastaman Sounds para somar na seleção nessa edição. Nesse momento realizamos nossos bailes com um amplificador emprestado e o dono precisou dele e outro que tínhamos avia queimado, passamos alguns meses sem tocar na rua, mas esse tempo foi bom para organização e levante, arrumamos o amplificador queimado, conseguimos um pré-amp e construímos nossas caixas de grave, um par de Scoop's com os falantes de 15 polegadas. Pronto sistema de som montado, e conseguimos iniciar alguns bailes, o primeiro com grave/médio e agudo foi no Cantinho do Céu extremos Sul do Grajaú, o baile COPACABANAROOT'S informando e de forma dançante sobre a nossa vivência como Homens do gueto. O segundo baile foi no Jd. Lucélia Extremos Sul do Grajaú, e esse se chama

			CHALICE onde o 3 em 1 Gueto Sounds encontra um selecta residente do bairro, o irmão Chaves vem somando com belos tunes e boas energias, e enfim graças a JAH podemos voltar a pista de skate do Bnh, nessa volta encontramos os irmãos do Mamute Anciãos. E também no Grajaú o Inl Sounds Amplifica um baile na quadra da caixa d'água "DUBNH" onde soma forças com o 3 em 1 Gueto Sounds. E assim seguimos passo a passo vivendo a música que a gente acredita.
Nóis por nós	Grajaú	2016	O mês é outubro e o ano 2016, pensar, sentir e agir no coletivo foram estruturas primordiais para "dar à luz" ao Nóis Por Nóis, grupo de Economia Solidária preocupado não apenas com a obtenção do lucro e sim com a priorização da gestão democrática e a preservação do meio ambiente. O grupo realiza um evento temático e itinerante a cada estação do ano. Os eventos são direcionados para toda família e comunidade, oferecem feira gastronômica com opção de alimentos vegetarianos e veganos, oficinas artísticas, bazar, artesanato, música ao vivo, danças, dentre outras atividades e oficinas com preços acessíveis e possibilidades de escambo. Durante os eventos Nóis Por Nóis circula o Marginal, a moeda social criada pelo coletivo Imargem, que possibilita o consumo local, gira o capital de maneira independente. O Nóis Por Nóis tem como missão promover o acesso aos bens culturais, autogestão e potencialização dos meios de produção de posse coletiva, favorecendo as relações humanas e o desenvolvimento econômico na comunidade por meio de uma abordagem sustentável e holística.
Grajaminas	Grajaú	2017	Primeiro registro sonoro de mulheres do Grajaú.
Comichidades negras/terreiros do riso	Grajaú	2018	Terreiros do Riso é um espaço de criação e vivências em artes, guiado pela Alegria como fundamento-ético, o riso e as comicidades negras, afro-indígenas e os saberes das favelas. Visa à celebração, o riso em ritualística e rebeldia numa ética do não esquecimento, desenvolvendo diversas atividades relacionadas ao universo do humor, dos afetos e de práticas de saberes ancestrais. A matrigestão é de Vanessa Rosa, artista do riso, educadora, atriz, palhaça e produtora, que tem o Terreiros como seu encanto, e quem guia a jornada, os pensamentos e o fundamento epistemológico e filosófico é Exu.
Masculinidades quebrada	Grajaú	2018	Coletivo que discute Masculinidades no Grajaú SP
Coletivo OjuOju	Grajaú	2019	Oju Oju é um coletivo de pluralidades artísticas negras, em que os focos são o teatro e a performance, pensada e criada por pessoas afro-brasileiras. Em Yorubá a palavra Oju significa Olho, ao ser colocada repetida dessa forma, ela traz a ideia de encontro de olhos. Queremos promover os encontros. A ideia é que nossa formação seja híbrida, que os trabalhos sejam compostos por convidadas, que pessoas possam se aproximar com ideias, e que possamos promover um espaço de troca que possibilite as execuções.

Sankofa Hub	Grajaú	2021	"A Sankofa HUB é um espaço de criatividade, inovações, tecnologia, articulação e desenvolvimento de pessoas e negócios periféricos, localizada no distrito do Grajaú - SP.
Pratos que contam História (sabores divinos)	Grajaú	2022	Sabores Divinos - Prato que Contam Histórias, foi contemplada pelo Proac - Edital 31/2021 - Cidadania Cultura Negra/Urbana/Hip-hop no mês de novembro 2021, ficamos extremamente felizes por ter a oportunidade de gerar este sonho/projeto da nossa cozinheira @maraluizaoliveira, trazendo para nós, pessoas que nos inspiram nas pequenas e grandes cozinhas de nosso país, Grajaú.

Do conjunto de coletivos sobre os quais realizamos o levantamento, observamos que todos constituídos por meio das políticas do VAI desenvolveram produtos, isto é, apresentaram resultados de suas ações a partir e através de materialidades constituídas de diversas ordens; produção de documentários, gravações musicais, realização de entrevistas, oficinas públicas, livretos, livros, revistas, cursos de formação e qualificação para os envolvidos no projeto, intermediação de mão de obra local como transporte, alimentação, logísticas e, por fim, compra de equipamentos eletrônicos e de tecnologia digital para uso dos coletivos em suas práticas culturais pós-projetos e continuidade de outros.

Observamos também que os coletivos que descrevemos a partir da base de dados do CEMDM experimentaram, em algum momento de sua trajetória situada no período da 1^o e 2^o década dos anos 2000, o desenvolvimento de um projeto a partir de um subsídio público, seja ele referente ao programa VAI, seja a outras modalidades de fomento, como o programa da Secretaria da Cultura do município de São Paulo denominado Fomento à Cultura de Periferia".⁷⁸

Mas quais as implicações e correlações com as nossas questões teóricas em torno da ideia de práticas culturais negras?

Apresentaremos a seguir algumas materialidades em algumas áreas de conhecimento cultural que se encontram já consolidada a partir das experiências culturais construídas dentro e fora do subdistrito do Grajaú.

⁷⁸ O Programa de Fomento à Cultura da Periferia, instituído pela Lei 16.496/16, tem o objetivo de apoiar financeiramente coletivos artísticos culturais que atuam há 3 anos ou mais nas periferias de São Paulo. As propostas de Plano de Trabalho podem durar até 24 meses e as inscrições são feitas através de Editais anuais, com previsão de lançamento sempre em junho de cada ano. Cf. <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/index.php?p=27841>

Produção no campo das Artes cênicas



Figura 30. Cia. Capulanas, peça Sangoma, 2013.
Crédito: Xandra Stefanel

Fonte: <https://www.geledes.org.br/a-saude-da-mulher-negra-sobe-ao-palco-em-producao-da-periferia-paulistana/>



Figura 31. “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar”, no Sesc Pompeia, 2019. crédito: Mari Carvalho.

Fonte: https://web.facebook.com/kalungagrande/?ref=page_internal

Produção no campo da Musica



Figura 32. Cartaz da batalha de Mc's do projeto Grajau Rap City atividade organizada grupos de HipHop do subdistrito do Grajaú.

Fonte: https://www.instagram.com/p/CegU_tMO6xw/



Figura 33. Produção visual de divulgação do álbum musical; Da Lama Nasce a Flos de Lótus – Grupo de rap GrajaMinas, 2018

Fonte: <https://web.facebook.com/photo?fbid=435758911905895&set=pb.1000641536805472207520000>.

Produção literária

Livros de Elisandra e livros do Malungo.



Figura 34. Livros da escritora Elisandra Souza.

Fonte: <https://mbasic.facebook.com/livrariafricanidades/photos/a.897753996908611/3989508754399771/?type=3&source=48>

Produção em artes visuais e intervenções



Figura 35. 12º Encontro de Grafite Niggaz. Avenida Belmira Marin, Grajaú. Na Arte-lambe: Carolina Maria de Jesus, Luis Gama, Almicar Cabral e Lélia Gonzales. Concepção arte educador: Tim Coletivo Imagens. 2022. Crédito: Imagem do autor.



Figura 36. Obra “Matas Vivas Vidas Negras, Salvem”. Reproduzida por Mauro Neri, Coletivo Imagem e Instituto de Referência Negra Peregrum. Localizado na Escola Estadual Mariazinha Congílio.

Fonte: <https://desenrolaenaomenrola.com.br/territorios-criativos/uneafro-lanca-grafite-em-alusao-dia-da-consciencia-negra-e-o-racismo-ambiental>

Produção: Educação em africanidades



Figuras 37a e 37b. Material de divulgação do projeto: “Não deixe sua cor passar em Branco”, produzido pelo Coletivo Malungo.

Fonte: <https://web.facebook.com/naodeixesuaocorpassembranco/photos/1307711009266051>



Figura 38. Evento “Pedagogia Anti-Racista”. Organizada pelo Coletivo Malungo.
Fonte: <https://web.facebook.com/naodeixesuacorpssarembranco/photos/1721383711232110>

3.11. O uso do esquema analítico dos Estudos Culturais

Os estudos sobre “circuito da cultura”, de Du Gay, Stuart Hall, Linda Janes, Anders Madsen, Hugh Mackay e Keith Negus, permitem estabelecer algumas relações entre o estudo de caso que desenvolveram na década de 1990 e as práticas culturais negras desenvolvidas no subdistrito do Grajaú.

Em primeiro lugar, cabe informar que o estudo a que nos referimos é ***Doing Cultural Studies; The Story of Walkman Sony***, publicado originalmente em 1996 pela Universidade Aberta de Londres e, posteriormente, reeditado com algumas revisões em 2013 pela mesma editora.

Tal estudo visou apresentar, como elemento didático, uma perspectiva de estudos culturais que permitissem aos alunos vinculados aos cursos da Universidade Aberta de Londres desenvolver uma reflexão e uma análise sobre as formas de uso e implicações culturais no uso de aparelhos eletrônicos nas sociedades contemporâneas caracterizadas como sociedades de massa.

Na ocasião da primeira edição do livro, em 1996, o estudo tomava como análise de caso do *walkman*, um aparelho portátil com rádio transmissor AM/FM e dispositivo leitor de fita magnética passível de gravação e reprodução de áudios.

Na segunda edição, os autores procuraram estabelecer uma análise comparativa entre o aparelho eletrônico *walkman* com aparelhos eletrônicos conectados à internet e constituídos como multifuncionais, como *tablets* e *smartphones*.

Um dos aspectos observados sobre a questão do uso de aparelhos eletrônicos analisados em perspectiva comparada consistiu em perceber que, se por um lado, ocorreu no século XXI a troca do aparelho *walkman* pelos aparelhos *smartphone* e *tablets*, por outro lado, certos aspectos culturais em termos da atribuição de significado desta troca eram analisados do ponto de vista do sentido de uso dos aparelhos que se mantiveram apesar da substituição de um aparelho por outro.

Especificamente o referido estudo buscava descrever e compreender as formas de comportamento cultural, incluindo neste termo os valores morais e éticos que os grupos culturais dispõem para si, entre si e com os outros grupos culturais.

Buscava-se portanto observar os desencadeamentos, não apenas do uso de um dado equipamento eletrônico por um sujeito, mas também as implicações coletivas em termos de produção e reprodução de identidades culturais envolvidas no uso e consumo de aparelhos eletrônicos.

Sendo assim, o referido estudo procura observar as implicações culturais nos processos de interação social tendo como ponto de partida a análise de artefatos construídos e entendidos como aparelhos eletrônicos que são produzidos, distribuídos, comercializados e consumidos sob certas circunstâncias sociais, geográficas e econômicas diferentes.

Dadas essas características gerais em relação às posições e condições sociais em que os indivíduos se encontram, os autores analisarão, também, como o uso destes aparelhos produzem construções sociais de sentido no mundo humano, assim como identificações e distinções sociais por meio do uso destes referidos aparelhos. (DU GAY, 1997/2013).

Em termos de formação discursiva teórica acerca deste processo, os autores apresentam o termo “circuito da cultura”. Trata-se de um termo teórico descritivo do funcionamento das práticas culturais observadas no mundo social. De acordo com

Du Gay:

os cinco principais processos culturais a qual este livro se identifica são: representação, identidade, produção, consumo e regulação [...] considerados juntos, eles compõem uma espécie de circuito o qual nós chamamos de circuito da cultura – a qual qualquer análise cultural seja ela um texto ou um artefato podem ser usado se for adequadamente estudado (DU GAY *et al.*, 2013 p. 30).

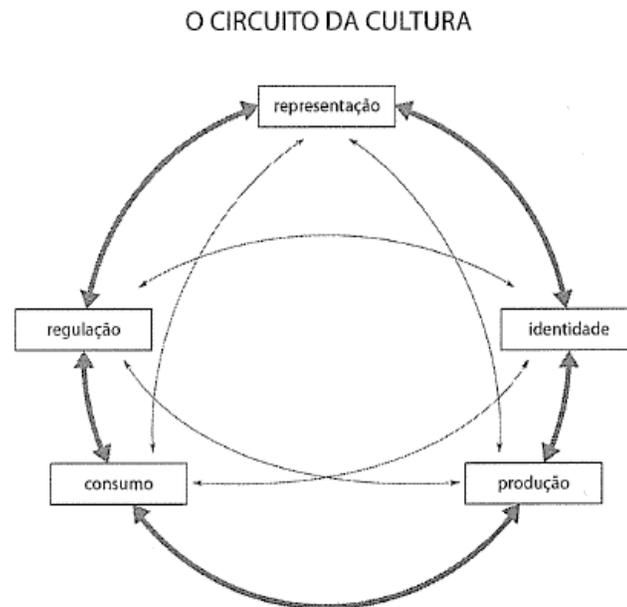


Figura 39. Diagrama do circuito da cultura

Fonte: DU GAY, HALL, JANES, MACKAY, NEGUS – (1997 [2013]).

Há um último aspecto a ser observado em torno do conceito denominado “circuito da cultura” apresentado por Du Gay, antes de estabelecermos uma aplicação do esquema ao caso das práticas culturais negras observadas no subdistrito do Grajaú.

Cada termo que compõe o circuito apresenta uma determinada referência teórica derivada de áreas de conhecimento das Ciências Sociais e Humanas. Observa-se também que o termo “circuito” tem a sua razão de ser por operar como um dispositivo de articulação entre os termos descritos no diagrama, que ilustram o circuito e as correlações dos termos.

Neste sentido, os estudos sobre representação apresentam implicações nos estudos sobre identidade e os estudos sobre identidade apresentam implicações

nos estudos sobre regulação e assim por diante. As implicações nas relações dos termos entre si incidem, portanto em que os termos que correspondem aos enfoques de análise não devem ser compreendidos e analisados isoladamente porque são interdependentes.

Em outras palavras, a ocorrência dos termos “representação”, “identidade”, “regulação”, “consumo” e “produção” consistem em termos que estão vinculados ao campo de estudo da cultura. Por outro lado, os estudos da cultura são constituídos por diferentes áreas de investigação em ciências humanas, a saber, os campos de análise de filosofia, linguística, comunicação, economia, antropologia e sociologia. O que caracterizaria, portanto, o campo dos estudos culturais seria o seu caráter interdisciplinar.

3.12. Aplicação do “circuito da cultura” às práticas culturais negras observadas no subdistrito do Grajaú

Considerando que o esquema do “circuito da cultura” é composto por cinco termos que designam não apenas referências a um determinado campo teórico de análise de fenômenos humanos, mas também descrevem o que caracteriza em termos de descrição do objeto/fenômeno observado empiricamente, isto é, nas práticas culturais, trabalharemos cada tópico separadamente em articulação com a dimensão empírica do nosso estudo, no caso, as práticas culturais negras observadas no subdistrito do Grajaú.

Neste sentido o objetivo consiste em estabelecer uma articulação entre as considerações teóricas que descrevemos sobre o enfoque metodológico do Estudos Culturais a partir do “circuito da cultura” sob as práticas culturais negras observadas no subdistrito do Grajaú.

Sobre a noção de cultura.

A noção de cultura nos estudos culturais aponta que todos os seres humanos produzem cultura. Todos os seres humanos estão inseridos em contextos sociais em que as ações humanas entendidas como práticas são constituídas por processos de comunicação entre seres humanos.

Os processos de comunicação entre seres humanos são constituídos pela linguagem que é entendida como um sistema de produção de sentidos acerca dos pensamentos e ideias produzidos por um indivíduo e compartilhado socialmente entre indivíduos que formam os grupos sociais. Entendemos aqui grupos sociais e culturais como sinônimos, uma vez que o termo “cultura” está sendo pensado aqui como uma categoria analítica.

Neste sentido, os grupos culturais situados no subdistrito do Grajaú produzem cultura, precisamente por disporem e usarem da linguagem e, com ela, a produção de sentidos e significados.

Os sentidos e significados construídos pelos grupos culturais no subdistrito do Grajaú são resultado, portanto, dos diversos processos de socialização dentro e fora do subdistrito, sobretudo resultado da tradução das experiências vivenciadas pelos sujeitos na interação entre as práticas culturais vivenciadas no subdistrito e fora dele.

Sobre a noção de representação.

Os aspectos da “representação” em nossa interpretação do estudo de Hall e Du Gay é compreendido como um termo de duplo estatuto, isto é, por um lado analítico, por outro lado, metateórico, como aponta Du Gay em referência ao estudo de Stuart Hall no estudo denominado “Cultura e Representação” (1997).

Por “representação”, Hall e Du Gay compreendem ser “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e de imagens que significam ou representam objetos. (HALL 1997b/2016, p. 31).

Considerando que a representação é resultado tanto dos processos cognitivos, mas sobretudo resultado das interações sociais, as representações sociais produzidas pelos grupos culturais situados no subdistrito do Grajaú procuram informar as relações sociais que os sujeitos têm estabelecido com os significados e práticas culturais negras, afrodescendentes e da diáspora africana que têm sido veiculados por diferentes linguagens e diferentes meios de comunicação e difusão destas práticas.

As representações sociais das práticas culturais negras produzidas no contexto do distrito do Grajaú enunciam os significados das experiências vivenciadas e, a partir delas, constroem identidades e identificações.

Sobre a noção de identidade

As questões sobre a identidade expressa no diagrama do circuito da cultura nos impõem a antecipação de alguns elementos teóricos que se dirigem à articulação das observações empíricas sobre as práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú.

O estudo de Du Gay (2013) aponta para as análises sobre a identidade desenvolvida por Kathryn Woodward. (1997/2019).

De modo geral, a autora aponta alguns aspectos que descrevem o conteúdo do termo “identidade” extraído das análises de Stuart Hall acerca da relação entre “identidade” e “representação” mencionada no diagrama de análise do circuito da cultura. Woodward aponta que:

para compreender como a identidade funciona precisamos conceitualizá-la [...] a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário [...] as reivindicações estão baseadas [...] em versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco [...] a identidade é relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades [...] a identidade está vinculada também a condições sociais e materiais [...] o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades [...] a afirmação da identidade pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero [...] as identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas [...] as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. (WOODWARD, 1997/2019, pp. 13-14).

As caracterizações que Woodward apresenta sobre o tema da identidade se aplicam às observações feitas aos grupos e as práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú, porque é possível observar nas narrativas discursivas, assim como nas produções de artefatos, os resultados das representações que os conformam a uma identidade.

Mesmo sob contextos em que determinados grupos se auto-representam fazendo uso de discursos que os analistas das ciências sociais consideram como discursos de caráter essencialistas, observamos ao mesmo tempo que a razão da produção do discurso de caráter essencialista é efeito dos grupos sociais que essencializam, ou essencializaram, a região e as pessoas que moram no subdistrito do Grajaú. Um exemplo nítido desta questão são as notícias de jornais de grande circulação produzidas no contexto dos anos 1990 e início dos anos 2000, tal como apresentado no capítulo II.

Outro aspecto da relação de ações de essencialização deve-se também à ausência de uma identificação étnico-racial positiva que marcou parte das narrativas histórica feitas sobre o subdistrito do Grajaú. Este aspecto vai ao encontro dos processos históricos que a sociedade brasileira tem vivenciado, que têm permitido que os sujeitos reconstruam para si e para seu grupo outras narrativas que os posicionem de maneira afirmativa e positiva no que diz respeito às suas identidade. É o que podemos observar nas entrevistas que realizamos com os sujeitos moradores e envolvidos em práticas culturais.

No que diz respeito às condições materiais e sociais, observamos que a população negra sempre buscou recursos para a manutenção de sua vida material.

Ao acessarmos os conteúdos dos vídeos do projeto “Pratos que contam histórias” organizado pela “Sankofa hub” liderado por Barbara Terra, observamos que as questões sobre empreendedorismo consistem em uma prática de organização preta voltada à difusão dos conhecimentos que os grupos e famílias já dispunham, conteúdo veiculado ao público externo, produzindo uma identidade material e simbólica na difusão da informação de que há uma pessoa que faz comida e vende localmente.

Por fim, as construções sociais da identidade observadas e narradas pelos grupos culturais no subdistrito do Grajaú apresentam diferenças internas que os marcadores sociais da diferenças mais explícitos são os aspectos de classe e gênero. O conjunto de coletivos descrito neste capítulo apresentou estas características que podem ser cartografadas a partir dos locais de residências em que estes sujeitos estão localizados no próprio subdistrito do Grajaú.

Outros aspectos que identificamos é que as representações e narrativas sobre ser negro ou se autoidentificar como negro, varia tanto nas práticas às quais se atribui essa identidade quanto na percepção sobre o que ser negro ou afrodescendente pressupõem enquanto prática que regularia um determinado regime de representação.

Sobre a noção de produção

Como se produziu o sentimento de pertencimento positivo ao subdistrito do Grajaú? Quando surgiram tais discursos e narrativas positivas sobre este subdistrito? Quando se deu o processo de produção de uma identificação com as chamadas culturas afrodescendentes ou culturas negras, nesta região da cidade?

Apresentar essas questões sob essa perspectiva nos exigiu retomar tópicos de análise dos jornais, que apresentamos no segundo capítulo desta dissertação, em vista de mapear as notícias apresentadas como depreciativas e positivas.

Ao lado desta tarefa, seria necessário também desenvolver um mapeamento aprofundado de práticas culturais captadas por documentos, filmagens e registros produzidos pelos próprios sujeitos moradores do subdistrito do Grajaú, para então verificarmos as possibilidades em relação a quando surgem tais identificações e como estas e as identidades se apresentam tensionadas, e em disputas, ou reconstruídas.

De todo modo, a construção de uma representação positiva e negativa da região dependem das produções de narrativas e discursos que, por sua vez, e em essência estão atreladas aos meios de difusão e ao poder de difundi-las.

Os meios de difusão em termos de comunicação são, na perspectiva de análise dos estudos culturais apresentada por Du Gay, uma modalidade de meio de produção.

Isto é, a produção de uma narrativa é constituída tanto por referências de determinadas práticas culturais que envolvem a construção de artefatos quanto a reprodução dos discursos que expressam percepções, sentidos, referências e significados. De acordo com Du Gay:

Precisamos pensar sobre como os vários processos de produção são compreendidos e recebem significado ao serem rotulados e categorizados de várias maneiras [...] O que precisamos tentar entender são as práticas distintas usadas na produção e a maneira como essas práticas generalizadas são representadas em termos de valores, crenças e padrões de trabalho específicos (DU GAY, p. 38 1997/2003, tradução livre).⁷⁹

A referência apresentada consiste na análise dos processos de produção que envolveram a construção do aparelho *walkman*, da empresa Sony, e as diferentes formas de representações e narrativas sobre como teria sido produzido este aparelho.

Afirmamos que quando os grupos culturais no subdistrito do Grajaú produzem discursos afirmativos ou de críticas ao subdistrito do Grajaú, os mesmos estão produzindo representações a partir de práticas culturais constituídas por artefatos, isto é, a partir de práticas culturais edificadas por materialidades, reconstruções e recortes extraídos das múltiplas relações sociais interseccionadas por questões de gênero, raça, classe e fatores etários.

As materialidades, de acordo com o que observamos em nossos processos de trabalho de campo, consistem nas produções de grafites nos muros das ruas do Grajaú, nas produções de revistas que narram processos de origem dos moradores da região, na produção de videodocumentários com publicações na internet das atividades desenvolvidas no território, na realização de eventos de divulgação de um dado trabalho em espaços culturais da região, a exemplo do uso do Centro Cultural Grajaú, entre outros.

No campo de produção de videodocumentários sobre o subdistrito do Grajaú, identificamos cerca de vinte e três produções em áudio visual elaborada pelos próprios sujeitos residentes da região e com parcerias constituídas com outras organizações de outras regiões da cidade.

As produções são constituídas como documentários que expressam o resultado dos trabalhos desenvolvidos em um determinado momento dos grupos

⁷⁹ Trecho em língua original: *We need to think about how the various process of production are understood and given meaning by labelled and categorized in various ways [...] To understand production process we need to refer to more than the title of occupational roles [...] what we need to try to understand are the distinctive practices used in the production and the way that such widespread practices are represented in terms of specific values, beliefs and patterns of working.*

culturais e, até mesmo materiais, de divulgação sobre os trabalhos produzidos de maneira coletiva e individual.

Trata-se de práticas culturais diversificadas que foram produzidas ao longo dos anos 1990, mas que se intensificam a partir da 2^o década dos anos 2000.

Todas essas atividades referem-se a processos produtivos, tal como expressa Du Gay, uma vez que para além da produção discursiva sobre estas práticas, há as articulações e agências, isto é, a circulação de valores e negociações destas práticas que se tornam produtos e que mobilizam diversos grupos sociais situados no subdistrito do Grajaú e fora dele. Por exemplo: a confecção de sites, camisetas, prestação de serviços (vendas de comidas, bebidas, serviços de entrega, transporte e outras logísticas) que observamos durante o trabalho de campo bem como nas produções de áudio visual.

Contudo é preciso dizer que estes processos produtivos de práticas culturais não são necessariamente homogêneos e nem consensuais, embora, de acordo com a nossa constituição cartográfica, identificarmos que boa parte dos membros dos grupos dos referidos coletivos se conhecem e, por vezes, consomem e reconhecem as produções culturais desenvolvidas pelos grupos existentes no subdistrito do Grajaú.

Antes de apresentarmos os dados empíricos no campo do audiovisual, a partir de uma classificação entre produtos orientada às questões das práticas culturais negras no subdistrito do Grajaú e a outras práticas culturais que envolvem jovens e adultos negros, é preciso apontar para três coletivos produtores e difusores de conteúdo audiovisual, que também permitem estabelecer uma maior correlação as questões apresentadas por Du Gay e pesquisadores dos estudos culturais.

Sobre a noção de consumo

A noção de consumo, de acordo com a perspectiva de análise dos estudos culturais apresentada no diagrama do “circuito da cultura”, aponta que a dimensão do significado, e do sentido do uso dos resultados dos produtos ou artefatos produzidos por determinados sujeitos inseridos em um determinado contexto cultural, gera sentidos e significados de uso dos seus respectivos

artefatos/produtos, diferenciados de acordo com as trajetórias e experiências culturais dos sujeitos que as consomem. (DU GAY, p. 79-80, 1997/2013).

O que esta perspectiva de análise diz sobre práticas culturais nos ajuda a esboçar elementos para reflexões futuras sobre as práticas culturais negras observadas no subdistrito do Grajaú, que consistem em pensar como têm utilizado tantos sujeitos produtores destes produtos/artefatos, mas sobretudo, aqueles que seriam os potenciais consumidores destes referidos produtos.

Vale lembrar que nos termos de análise em que estamos nos orientando, no caso, os estudos culturais, os termos “consumo” e “produto” não estão codificados e pressupostos nos esquemas de análise das teorias de consumo de massa de Adorno e Horkheimer.

O que estamos dizendo está considerando que, para além dos produtores de conteúdos dos grupos culturais que identificamos, há também o conjunto de sujeitos que são moradores do subdistrito do Grajaú e que, em algum momento da vida se depararam com tais conteúdos, sejam eles produzidos em plataformas digitais, sejam eles apresentados nas ruas como as peças de teatro.

Pensando nos grupos sociais moradores do subdistrito do Grajaú a partir da perspectiva de consumidores das produtos elaborados a partir do sujeitos desta região indagamos; Que significados eles constroem? Que reações em relação aos produtores dos respectivos conteúdos apresentam?

Tal como afirmamos, as questões em torno da análise do consumo e da maneira de uso e significado no processo de consumo das práticas culturais no subdistrito do Grajaú demandaria uma pesquisa especificamente sobre este enfoque de análise, uma vez que nos demandaria verificar sobre os sentidos e significados dados pelos sujeitos produtores, significados e sentidos construídos pelos consumidores nos processos de elaboração dos discursos/representações sobre tais práticas.

Resta-nos, por enquanto, encerrar essa questão apontando um aspecto discutido por Du Gay (et. al. 2013, p. 95) e demais pesquisadores sobre os estudos culturais a partir da questão apresentada no subtópico denominado “*Consumption as appropriation and resistance*” (ou “consumo como apropriação e resistência”, em

tradução livre).

produção e consumo não são esferas de existências completamente separadas mas sim mutualmente constitutivas entre si. O que acontece com o consumo de um produto tem efeito para os produtores e neste sentido, um processo de re construção continua – onde os produtores fazem novos produtos ou diferentes versões de antigos produtos como resultado das atividades de consumo e apropriação – onde os consumidores fazem destes produtos algo dotado de significado e as vezes dando ao produto um outro registro de significado o qual afeta o produto de alguma forma. Deste modo o sentido que os produtos podem ter são construídos neste processo de dialogo embora raramente de maneira igual em termos de relações de poder – entre o produtor e o consumidor. (DU GAY *et al.* 1997/2013, p. 97).⁸⁰

Essa questão apresentada pelos autores nos permitiria formular reflexões sobre como as práticas culturais negras produzidas no subdistrito do Grajaú e as demais práticas culturais não afrodescendentes operacionalizam suas dinâmicas de disputas de construções de significados frente aos usos e consumos que fazem de seus artefatos/produtos frente a outras práticas culturais produtoras também de representações a exemplo das noticias de jornais veiculadas por mídias nomeadas como "hegemônicas" tal como procuramos apresentar no capítulo II.

3.13. Entrevistas

Compreender as representações sobre as práticas culturais associada às culturas negras no subdistrito do Grajaú implicou considerar algumas questões pensadas a partir de um enfoque da oralidade dos sujeitos.

Conforme exposto em nosso capítulo II, ao menos do ponto de vista das produções de conhecimento em formato de teses e dissertações de mestrado sobre o distrito, apenas 4 dos 40 estudos levantados contam com o depoimento de sujeitos que se identificam e são identificados como afrodescendentes, além de

⁸⁰ Trecho na língua original: *Production and consumption are not completely separate spheres of existence, but mutually constitutive of each other. What happens to the consumption of a product has an effect on the producers and in this sense, a process of reconstruction continues – where producers make new products or different versions of old products as a result of consumption and appropriation activities – where consumers do of these products something endowed with meaning and sometimes giving the product another register of meaning which affects the product in some way. In this way, the meaning that products can have are constructed in this process of dialogue, although rarely in an equal way in terms of power relations – between the producer and the consumer.*

moradores da região do subdistrito. (NASCIMENTO, 2010; LOPES, 2011; THOMAS LOPES, 2017; LIMA, 2018).⁸¹

A estratégia de uso das entrevistas como técnica de pesquisa para uma compreensão a partir dos sujeitos acerca de suas representações que apresentam sobre o bairro por meio de depoimentos que narram trajetórias de vida nos permite, portanto, preencher lacunas identificadas nas teses e dissertações e também narrativas alternativas em relação às manchetes de jornais sobre as quais realizamos levantamento sobre as representações sociais produzidas pelos dois órgão de imprensa de grande circulação na cidade de São Paulo, no caso, os jornais **O Estado de São Paulo** e **Folha de São Paulo** apresentados também no capítulo II.

Nosso interesse em relação a estas pessoas consistiu em compreender como o bairro e as respectivas formas de sociabilidades eram narradas por estes sujeitos a partir de suas memórias e experiências no bairro. Em outras palavras, acreditamos que tais depoimentos nos permitiria identificar concepções de territorialidade que nos indicassem onde determinadas práticas culturais ocorriam e as referências simbólicas associadas a elas.

Após a apresentação das primeiras perguntas ao entrevistado em torno de sua origem familiar, o período de chegada na região do subdistrito do Grajaú, apresentávamos duas perguntas que orientam a proposta do estudo:

- 1) Como e quando você se deu conta de sua negritude?
- 2) Você desempenhava alguma prática cultural que você considera como práticas culturais negras?

Por meio destas duas questões, objetivamos explicitar a relação dos sujeitos com os grupos culturais e as respectivas práticas. Deste modo, constituímos dois grupos de entrevistados.

O grupo 1 é composto por pessoas nascidas entre 1950 e 1960. Não fosse o período pandêmico, teríamos acessado pessoas mais velhas. O segundo grupo é composto por pessoas nascidas do final dos anos 1970 a 1990

⁸¹ Para o contexto da análise das entrevistas que apresentaremos a seguir, estamos considerando apenas os trabalhos que desenvolveram entrevistas com os sujeitos que são moradores do subdistrito do Grajaú e que se autoidentificam como afrodescendentes ou como negros.

Fátima Rosa, 62 anos⁸²

Tudo o que era movimento eu tava envolvida.

Sobre as práticas culturais desde a família: a prática da Folia de Reis.

Quando perguntada sobre as práticas culturais experimentadas no contexto de sua família, que é natural da região de Carmo de Minas, estado de Minas Gerais, Fátima Rosa nos fala sobre a prática de Folia de Reis e a associa a seu pai que foi praticante, em Minas Gerais:

Meu pai era Folião, ele cantava. Aí todo ano eles faziam aquela Folia de Reis e saiam, meu pai cantava, ele cantava nas festas, tinha casamento, eles cantavam.

Ao indagá-la sobre porque razão tais práticas culturais, assim como outras, não teriam sido mantidas por ocasião do processo de migração para a cidade de São Paulo, Fátima nos aponta que na região do distrito do Grajaú houve iniciativas comunitárias em praticar a Folia, contudo, a prática não foi continuada por muito tempo.

Aqui em São Paulo a gente tentou fazer Folia de Reis também, até eu tentei também, só que não deu certo. Aqui no Grajaú, nós fizemos alguns termos de Folia de Reis, mas o pessoal foi dispersando.

O nosso segundo entrevistado, Salloma Sallomão – amigo de Fátima e de seus familiares, havia mencionado sobre a presença de tais práticas culturais na

⁸² Auxiliar de docente em educação infantil, monitora do MOBREAL, relações públicas da Casa da Mulher do Grajaú, gerente de loja, conselheira tutelar, educadora social, oficina de artesanato e costureira. Conheci Fátima Rosa no ano de 2007 na Fundação Projeto Travessia, organização social em que trabalhávamos como educadores sociais na região do distrito do Grajaú. Retomamos contato no ano de 2019 por ocasião de um festival organizado pelo Sesc denominado Territórios Grajaú. Este festival contou com a apresentação de diversos coletivos culturais situados no distrito do Grajaú, entre eles o projeto Matriarcas da professora, poeta e pesquisadora Lucimeire Juventino com quem Fátima Rosa compôs a mesa temática denominada “Luta das mulheres no Grajaú”. Texto extraído da página do Facebook da entrevistada. (Cf. <https://web.facebook.com/page/122425324468567/search/?q=Grajaú> , acesso em: 28/09/2021). A entrevista teve duração de 1 hora, 29 minutos e 52 segundos e foi realizada no dia 22 de janeiro de 2022 em sua residência.

região, que envolviam o pai de Fátima, o senhor Raimundo. Dado o falecimento de seu pai, mesmo que há quinze anos atrás, não persistimos em tentar compreender mais sobre essa prática, uma vez que ao longo de toda entrevista Fátima mencionara apenas este aspecto sobre esta prática cultural.

A formação política de Fátima se constitui entre as referências das ações promovidas pela Igreja Católica do período dos anos 1970 que estavam vinculadas à teologia da libertação, compondo as ações dos movimentos sociais por moradia e infraestrutura nas regiões periféricas assim como algumas presença de estudantes de Ciências Sociais.

Eu acho que a igreja contribui muito, o padre Pegoraro⁸³, o Padre Luis, a formação do PT, da discussão do PT, a discussão do partido acontecia lá dentro, a gente ia pra igreja para discutir as questões do bairro, questão da casa que caiu, a gente discutia na igreja, a gente ia, a gente, a gente trabalhava muito dentro da Igreja Católica.⁸⁴

Fátima prossegue apontando os laços entre sua família e o engajamento familiar nas práticas das atividades culturais da Igreja:

Eu lembro que a gente participou dos festivais de música, foi feito várias músicas, poesia, a gente organizou um festival de poesia, músicas contra a carestia e aí que nasceu o Grupo Fé. Eu lembro que tinha vários festivais que os meninos ganhavam, melhor interprete, melhor música, porque tinha que fazer música que falava contra carestia, que falava sobre a situação do povo.

Ao ser perguntada sobre como seu deu o processo de diálogo entre as práticas culturais da família e as atividades da Igreja, Fátima aponta:

⁸³ O padre Giuseppe Benito Pegoraro é natural da Itália e migra para o Brasil em 1968, para lecionar Moral e Direito no Seminário João XXIII. Nos anos 1970, passa a atuar na Região Episcopal de Santo Amaro Arquidiocese de São Paulo. É neste período que passa a atuar como padre vinculado à corrente da Teoria da Libertação e, com ela, a desenvolver atividades de movimento social na região do distrito do Grajaú. Pegoraro é mencionado por outros entrevistados sobre a sua atuação junto aos movimentos sociais no distrito do Grajaú. Cf. <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/20543/15166>, acesso em: 23/06/2022.

⁸⁴ As respectivas igrejas situam-se dentro do distrito de Capela do Socorro, sendo a Igreja Nossa Senhora Aparecida localizada no bairro do Grajaú, fundada em 1970, e a Igreja Santa Ana situada no bairro do Jardim Primavera, fundada em 1969, pertencendo ao conjunto de bairros situados no que se compreende como Cidade Dutra. A distância entre as igrejas é de 5 km aproximadamente. Cf. <https://diocesedesantoamaro.org.br/paroquias-da-diocese-de-santo-amaro/>, acesso em: 10/07/2022.

Na música, foi essa questão dos movimentos, o pessoal, todo mundo era de igreja, todo mundo cantava na igreja, nós fazíamos teatro na igreja, o Braga, o Antônio Braga, ele foi um cara que morou com a gente, ele veio da Bahia, e a Bahia pra mim é o berço, né, o berço da cultura, ele que começou a colocar a questão da música na cabeça das pessoas, entendeu?! E aí que nasceu o Grupo Fé, a música na verdade chegou na vida da gente por conta do Braga, ele cantava, tinha o Jansem, o irmão do Salloma, o Sallomão também cantava, começou a cantar também, aí a gente começou a sair pros festivais, e a gente fazia isso tudo pela igreja, ele ajudou muito a gente, até na consciência política da gente.

Perguntamos à Fátima sobre se ela teria frequentado ou estabelecido algum contato com o Aristocrata Clube e os bailes *blacks*, ambos situados no distrito do Grajaú⁸⁵.

Ao que se refere ao Aristocrata Clube:

Eu fiquei sabendo né?! Por que eu não sei também, é é uma coisa que falavam, que lá era um espaço pra entrar, um espaço para negro, né?! Só que eu nunca fui. Na época, magina, eu era adolescente, eu não tive contato com o pessoal de lá e nem com quem frequentasse.

Sobre a questão dos bailes *blacks*, Fátima responde:

Não, não! Essas coisinhas assim, que a juventude ia eu não gostava, eu não gostava, eu acho que não tinha muito haver entendeu?! Eu sabia que tinha mas eu não ia, eu não ia. Por que o pessoal, por que assim, eu acho que eu cresci muito depressa. Então certos lugares para mim não me interessava, porque eu tava num “up” de descobrir coisas novas, de querer mudar algumas coisas, e geralmente nesses lugares, o pessoal não, tava todo mundo meio alienado, então para mim, esses lugares alienava as pessoas, e até hoje é a mesma coisa, continua a mesma coisa, não adianta a gente falar que ah não, naquele tempo tinha isso, tinha aquilo, mentira! Porque o pessoal ficava alienado. Eu não vou dizer para você que a gente não gostava de dançar, mas era uma coisa que a gente fazia na casa da gente, a gente dançava, a gente reunia o pessoal da igreja, a igreja fazia o nosso bailinho pra gente dançar, pode ser que eu esteja errada mas...

⁸⁵ Nossa referência inicial sobre o Aristocrata Clube assim como aos bailes *blacks* tomou como base o depoimento de outro entrevistado com quem tivemos contato em período anterior à entrevista de Fátima, com que também desenvolveremos o tema.

Atuação política por meio da Associação de Mulheres no Grajaú⁸⁶

Decorrente de suas experiências na Associação de Mulheres, Fátima se identificara com um determinado segmento do movimento feminista. As práticas culturais desenvolvidas em paralelo às ações de caráter reivindicativo de que Fátima participara na Associação de Mulheres, e sob orientação das ideias feministas através de sua participação na comissão de mulheres do PT, gerou um informativo produzido pelas mulheres da Associação chamado “Enfoque Feminista”⁸⁷.

⁸⁶ De acordo com texto informado na página oficial da Casa da Mulher: “A AMG (Associação de Mulheres do Grajaú), também conhecida como Casa da Mulher do Grajaú, desde 1982 é uma associação de direito público e privado, para fins não econômicos, com duração por tempo indeterminado, com sede na Rua João Batista Barroso Filho, nº 183, bairro do Grajaú, São Paulo-SP, CEP: 04842-345. Desenvolvendo atividades que contribuem para a formação da consciência das mulheres, sobre seus direitos como cidadãs e por conquistas de melhorias em sua comunidade [...] A AMG (Associação de Mulheres do Grajaú) busca desenvolver a união entre as mulheres dos bairros e áreas públicas, para a conquista de seus interesses específicos, como: defesa dos direitos à moradia, educação, saúde e, em especial, na luta contra a violência doméstica. Visando seu desenvolvimento econômico e social na luta pelo combate à pobreza. Formando-as para o mercado de trabalho através de seus cursos profissionalizantes e proporcionando a todas a capacidade de suprir seu objetivos como qualquer cidadão.” (Cf. <http://asscasadamulher.blogspot.com/search/label/Nossa%20Miss%C3%A3o> acesso em: 21/07/2022.

⁸⁷ A revista **Enfoque Feminista** consistiu em uma publicação subsidiada pela Fundação MacCarthor, e foi constituída e gerida por grupos de mulheres localizadas em diferentes regiões da cidade de São Paulo. Surge como projeto de 1990 a 1994. Seus objetivos gerais são as principais linhas de trabalho desenvolvidas pelos grupos, que consistem em promover discussões, formação e difusão de informação sobre: direitos reprodutivos, direitos humanos e cidadania; políticas públicas em relação à mulher, formação de profissionais das áreas de saúde e educação através de treinamentos, sensibilização e formação de outros grupos de mulheres na área de saúde. Suas publicações: elaboração de um jornal feminista trimestral de distribuição nacional e de boletins bimensais para divulgação das questões da mulher. A Associação da Mulher do Grajaú atuava como conselho editorial assim como publicava o Boletim Associação de Mulheres do Grajaú, em formato de jornal em folha A4 impresso colorido. Os informes do boletim se referiam a cursos oferecidos pela Associação de Mulheres do Grajaú, serviços de atendimento a mulher e informações sobre encontros e eventos. Encontramos alguns números da Revista e do boletim no Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro.

A percepção sobre a atuação do Movimento Negro Unificado através das práticas da Associação de Mulher do Grajaú; o contato com o Geledés⁸⁸

Observamos pela narrativa apresentada por Fátima que é através da sua participação na Associação de Mulheres que ela terá sua primeira aproximação mais explícita com algumas agências associativas negras na cidade de São Paulo conforme a mesma aponta:

Então, assim, falar sobre a casa da mulher para mim (refere-se à associação de mulheres) sabe?! É como se fosse assim, faz parte da minha vida, porque eu militei no movimento negro, movimentos de mulheres, participei de vários encontros de mulheres, participei do movimento de Diretas Já, a gente foi Brasília, por causa das Diretas Já, depois eu fui a Brasília para a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente ECA junto com as crianças.

É a partir da menção apresentada por Fátima sobre ter militado no movimento negro - informação que tinha apresentado em uma fala pública por ocasião de evento denominado “Territórios”, promovido entre coletivos culturais do distrito do Grajaú e Sesc Pompeia, no ano de 2019, que perguntamos a ela sobre quando teve seu primeiro contato com perspectivas do movimento negro, ao que ela responde:

Foi através do Geledés, Edna Roland né?! Que a Edna Roland era dirigente do Geledes

Ainda sob o tema do movimento negro, Fátima nos diz:

E também eu cheguei ao movimento negro porque, na verdade, o movimento feminista tá muito ligado ao movimento negro, mas assim, eu não gostava daqueles movimentos que, é, o MNU, esses movimentos?! Eu não gostava, sabe porque? Porque eu achava que esses movimentos, eles eram muito de gueto formado de gueto, entendeu?! E eu acho que o movimento negro tem que ser mais abrangente, mas então, eu cheguei ao movimento negro através do Geledés.

⁸⁸ De acordo com sua página oficial, o Geledés é um Instituto da Mulher Negra Geledés foi fundado em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira.” texto informado pelo site Instituto da Mulher Negra Geledés. (Cf. <https://www.geledes.org.br/o-que-e-geledes/>, acesso em: 24/06/2022).

Ao adentrarmos finalmente em nossa questão central de análise, isto é, sob a temática da relação entre os sujeitos envolvidos em ações culturais na região do distrito do Grajaú e em como teria ocorrido o processo de contato destes sujeitos com as organizações negras já presentes no período de referência, no caso o Movimento Negro Unificado (MNU) e Geledés, identificamos, a partir dos apontamentos de Fátima, as questões em torno da relação entre regiões centrais e regiões periféricas e as formas de atuação das organizações negras nas respectivas regiões.

Sob esse contexto, perguntamos à Fátima se ela teria experimentado ou observado ações das referidas organizações negras na região do distrito do Grajaú, ao que ela responde:

Não, era muito lá, era muito mais central, mais pro centro, aqui a gente discutia a questão, a questão do negro, da mulher negra, a gente discutia porque a gente ia, e porque, assim como eu falei, o movimento feminista é muito ligado ao movimento negro, é parecido entendeu?! É parecido, as questões do movimento feminista, é igual, só que o movimento negro, ele tem, é, mais assim, ele tem outras nuances.

Ainda sob o mesmo raciocínio, Fátima apresentou sua percepção acerca das formas de correlação e especificidade entre a sua agência política no distrito do Grajaú, através da sua perspectiva de feminismo e atuação na Casa da Mulher, engajamento no PT e, por outro lado, das formas de presença e diálogo com as organizações negras mencionadas anteriormente, no caso, o Geledés e o MNU. Mais adiante, Fátima diz:

Quando você vai pesquisar a questão da violência contra mulher, quem você vai encontrar mais? Quem você vai encontrar que sofre mais violência? A mulher negra! Se você vai ver a questão da criança, quem é que sofre mais violência? A criança negra! O jovem! Quem sofre mais violência, da polícia de tudo? O jovem negro! Entendeu?! Então, tinha essas questões, que a gente acabava permeando no meio das discussões, então, as nossas questões, muito embora, a gente tinha assim, um apoio do Geledés que vinham, muitas vezes, dar palestras, eram assim a nossa militância, pela Casa da Mulher do Grajaú.

A narrativa de Fátima transcrita acima nos apresentou, por um lado, a maneira como ela compreendia os problemas sociais a partir de uma perspectiva

racializada constituída pela sua atuação na Casa da Mulher que tinha uma perspectiva de atuação feminista e, a partir deste olhar, uma leitura de um dos problemas sociais vivenciados pela população negra.

O conjunto de questões apresentadas por Fátima Rosa acerca de sua experiência e que apresentamos aqui, apenas a partir das questões que tratam sobre a negritude, foi encerrada a partir de nossa pergunta mais central, no caso, sobre quando Fátima teria se dado conta de sua negritude, ao que ela responde:

Olha, desde sempre isso foi muito claro pra mim, porque, assim, meu pai era uma pessoa que gostava muito de contar história para gente, ele gostava muito de contar história pra mim, desde pequena, ele contava muita história de negro, escravo, e a minha mãe contava muito história sobre negros, os negros fugitivos, eles não viveram na época dos escravos mas eles contavam, então, assim não tinha como a gente crescer com outra mentalidade. Então, quando a gente cresceu mais, a gente começou a perceber que a gente tinha que, que não era normal, e eu também tive ótimos professores, no curso que eu fazia de Madureza, eles colocavam muito diretamente essa discussão.

O que observamos, por fim, é que até o momento presente as representações sociais sobre a sua prática social central no caso a militância pela Conselho Tutelar e a reconfiguração da Casa da Mulher apresenta como eixo e pressupostos de sua formação constituída pelos valores do quadro de militância de base dos partidos dos trabalhadores PT do período dos anos 80 e 90 do século XX e uma consideração paralela mas não central em termos de agenda política as questões étnico raciais mesmo tendo um reconhecimento sobre as questões étnico raciais constituídas desde a experiência subjetiva até as relações sociais.

Salloma Jovino Sallomão, 60 anos⁸⁹

Eu ia no Grajaú, por que tinha festas, porque tinha bailes.

⁸⁹ É compositor, educador, ator, dramaturgo. Doutor em História pela PUC São Paulo. Tem pesquisado e publicado diversos trabalhos no campo da música, e das artes visuais e cênicas. Seus interesses de pesquisa e estudos referem-se às culturas da diáspora africana e a como as práticas das culturas negras têm se apresentado de diferentes maneiras em contextos urbanos paulistas. Conheci Salloma Sallomão por intermédio das ações do coletivo de teatro Identidade Oculta e do coletivo Cultural Cazuá, que em 2018 o convidaram para compor parte dos processos formativos da dramaturgia “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros jogados ao Mar”. Salloma fez uma aula pública no Parque Linear Cantinho do Céu sobre o tema “Identidade brasileira e o povo negro”.

Nascido em Minas Gerais, Salloma Sallomão Jovino da Silva migra para a cidade de São Paulo em meado dos anos 1970.

A perspectiva de entrevista com Salloma Sallomão tinha como pressupostos específicos observar a sua percepção sobre como as práticas das culturas negras ocorriam no contexto do distrito do Grajaú, entre fins dos anos 1970 e, sobretudo, durante os anos 1980 e 1990, período em que morou e desenvolveu suas primeiras ações e convívio na região.

Formas de sociabilidades: a Igreja Nossa Senhora Aparecida do Grajaú como local de prática da Folia de Reis

O período de referência no qual Salloma circunscreve sua chegada e início de sociabilidade na região do subdistrito do Grajaú é a segunda metade da década de 1970. No início dos anos 1980, ele passa a residir na região e faz da sua residencia um espaço de sociabilidade negra:

Eu fui morar primeiro no Reinberg, dentro da casa dos Rosas, da senhora Ana e seu Raimundo Rosa [...] a partir de novembro de 1981, eu fui morar no Cocaia, fui morar no Cocaia já com a minha companheira Ana Cristina e a minha casa virou um lugar onde os artistas da região iam, entendeu?! a gente da região, vinha de mais longe [...] da minha casa a gente ia pros festivais, da minha casa a gente ia tocar nas igrejas.

De acordo com Salloma, a região do Jardim Reinberg apresentou um dos pontos de sociabilidades mais expressivos no contexto dos anos 1970:

O ponto de encontro, as festas, as coisas bacanas que tinham, pequenos showzinhos, era na igreja, era na igreja ou na escola.

A igreja a qual Salloma se refere é a Paroquia Nossa Senhora do Grajaú, também mencionada por Fátima Rosa. Esta igreja, ao que consta, era frequentada tanto pela Família Rosa como por Salloma Sallomão. É neste local também que Salloma aponta para a prática cultural de Folia de Reis, que o pai de Fátima Rosa e o senhor Raimundo Rosa participava⁹⁰.

⁹⁰ Quanto à informação apresentada por Salloma sobre a prática de Folia de Reis que tinha como ponto de partida a Igreja Nossa Senhora do Grajaú e a informação apresentada por Fátima Rosa,

Nos anos 1980, eles tinham uma Folia de Reis que saía da igreja, porque as pessoas migram, elas trazem as suas culturas. Quando é possível reconfigurar, elas reconfiguram, tinha uma Folia de Reis, de gente que veio de Minas, do interior de São Paulo [...] o seu Raimundo, e a dona Ana, eles eram de Minas, então, tem muito haver com uma coisa de coletividade que tem a ver com a cultura regional, nordestinos se agrupam, os mineiros se agrupam, os baianos se agrupam, todo mundo se agrupam.

Sobre a sociabilidade juvenil: os bailes *blacks* na região do Condomínio Brigadeiro Faria Lima anos 1970 e 1980

Assim como apontado por Fátima Rosa, contudo, sob uma leitura diferente, Salloma apresenta a prática cultural associada aos bailes *blacks* nos anos 1970 na região do Condomínio Brigadeiro Faria Lima.

Eu ia no Grajaú porque tinha festas, porque tinha bailes, porque tinha meus irmãos e irmãs, tinha as irmãs da minha cunhada. Um dos cunhados de Janssem era músico, ele também tocava, chamava-se Zé Colmeia, esse cara era compositor, então, os caras faziam bailes *blacks* na rua, no conjunto [refere-se ao Brigadeiro Faria Lima] e faziam um som dentro de casa, então, às vezes, tava rolando um baile *black* lá na rua e tava rolando um som dentro de casa.

Ao perguntarmos à Salloma sobre onde ocorriam os bailes *blacks*, ele aponta:

Os bailes *blacks* eram ou no salão ou na sedinha ou na rua. Era um cara acho que chamado Jorge, ele morava perto da caixa d'água, ele dava baile ali perto da caixa d'água, lá dentro do conjunto do BNH isso nos anos setenta. Ele tinha discos, um monte de discos, tinha um cara chamado Isack que trabalha no Centro Cultural São Paulo, Jorge Ben dez anos depois, eram uns caras *blacks* que vieram do centro de São Paulo ou de algum outro ponto da Zona Sul, e faziam ali, botavam a vitrola na rua, porque as ruas eram estreitinhas, fechavam e faziam o baile na rua, quando não tinha baile na rua tinha baile na sede, na sede da Associação de Moradores do conjunto Brigadeiro Faria Lima. Lá tinha baile, tinha baile lá até os anos noventa. Fica do lado da Escola Samuel Weiner, a dona Nélia, uma mulher negra, era uma liderança importante no conjunto da sociedade amigos de bairro.

Sobre a escola de samba:

tentamos aprofundar em processos de pesquisa de campo, porém não conseguimos estabelecer contato com as pessoas (idosas) que Salloma nos apontou devido ao contexto da pandemia de Covid-19 durante o ano de 2021.

Tem uma escola de samba, acho que era Unidos do Grajaú, quem montou essa escola foi o Paulão, que era um cara que veio da Zona Norte. A mulher dele, se tornou assistente social, chamava Brandina.

Sobre o contexto de contato de Salloma com o Grucon nos anos 1980

O termo Grucon refere-se ao Grupo União de Consciência Negra. O contexto de participação de Salloma neste grupo se dá através de suas práticas culturais situadas no subdistrito do Grajaú junto às sociabilidades que estabelece com outros jovens no contexto dos anos 1980. De acordo Salloma:

Na igreja que a gente tocou, na Igreja do Jardim Primavera, uma igreja católica, tinha um padre desta igreja que se tornou meu amigo [...] eu me separei da minha companheira e fui morar na casa paroquial, com esse Padre, Lourival, que me queria, ele queria me levar para a igreja para ser padre, então nessa ocasião eu, Eufraudísio, e vários outras caras da região, entramos num movimento da Igreja Católica chamado Grupo de União e Consciência Negra. Nesta ocasião, a gente conheceu a Petronilha, o Cunha Junior, esses caras davam formação para gente na Igreja da Boa Morte lá no centro de São Paulo, através de um padre batista, que era um padre negro [...] o Grucon era um grupo da igreja e quem levava a gente para a igreja era esse Eufraudísio, que é um mestre de capoeira, uma liderança muito importante do Jardim São José, que funda o grupo de capoeira Corrente Libertadora.

Esta informação apresentada por Salloma articula-se com a dissertação de mestrado desenvolvida por Lopes (2011), analisada no capítulo II da presente dissertação, que menciona o processo de construção de identidade política de Eufraudísio, mestre de Capoeira e um dos responsáveis pelo grupo de capoeira denominado Corrente Libertadora.

O que observamos tanto nos apontamentos apresentado por Salloma assim como nos estudos de Ghanem (1992) e Lopes (2011) que analisamos no capítulo II, é que ambas as pesquisas estabeleciam articulação com os estudos preocupados em apresentar algumas descrições das Comunidades Eclesiais de Base, as chamadas CEB'S.

Observamos sobre a publicação **São Paulo: o povo em movimento** (1981), já mencionada em nosso trabalho, que o estudo de Camargo, Souza e Peirucci, ao falar das atuações das CEB's, não menciona nenhuma questão acerca do Grucon, tão pouco das temáticas raciais problematizadas pelos setores da igreja que

passam a reivindicar a relevância da Igreja Católica em falar sobre a problemática racial.

Salloma nos aponta:

O que precede a ideologia da hip-hop é quando a igreja, em oitenta e dois ou oitenta e três cria o grupo União de Consciência Negra. Estes através das CEB'S conseguem chegar na periferia, mas quem são esses militantes negros? São sobretudo padres negros e católicos negros que através da Teologia da Libertação faz uma nova leitura sobre a questão do racismo. Esse movimento negro é, ele é católico e ele está ligado à igreja. Tem um cara brasileiro, um mentor geral, que é Dom José Maria Pires, chamado de Dom Zumbi [...] então a igreja em oitenta e dois, junto com Milton Nascimento, junto com Dom Pedro Casaldáliga e Pedro Sierra se juntaram e foram fazer um grande evento criticando a igreja, porque ela não fala de racismo. Em oitenta e dois, o Milton lança um disco chamado **Missa dos quilombos**. O Dom José Maria Pires, ele vai ser uma liderança muito importante sobre essa questão da igreja falar sobre racismo, negro e negritude. Em São Paulo, tinha o padre Batista e o padre Heins.

Estes apontamentos tornam-se elementos de uma reflexão que insistimos em discutir com Salloma, mas que, no entanto, precisaremos desenvolver em outro estudo, qual seja, o desenvolvimento de uma pesquisa mais detalhada a começar pela compreensão histórica da origem das CEB'S e, paralelamente a esta, sobre a atuação pós-anos 1950 dos negros na Igreja Católica. Questão trabalhada por Ana Lucia E. F. Valendo (1994) em **O negro e a Igreja Católica: o espaço concedido, um espaço reivindicado**.

Sobre a geografias e as perspectivas de agências das associações negras, MNU, Grucon e CEB'S

Decorre das informações que dispúnhamos antes da realização das entrevistas, bem como da descoberta do Clube Campestre do Aristocrata, localizado na região do distrito do Grajaú, a reflexão sobre qual diálogo o movimento negro, que surgia no final da década de 1970 e início da década de 1980, estabelecia com a presença já consolidada de população negra situada nas regiões denominadas como periferia da cidade, em específico o distrito do Grajaú.

Tal como tínhamos observado no depoimento de Fátima Rosa, a mesma apontava para uma percepção sobre o caráter guetizado por parte do movimento negro.

Vejam a percepção de Salloma sobre o assunto ao perguntarmos se no contexto dos anos 1980 havia análises ou discussões que problematizavam a relação entre as ações dos movimentos negros organizados em contextos mais centrais e em espaços universitários. Indagamos Salloma sobre o fato de que as regiões denominadas como periféricas já apresentavam números significativos sobre a presença e constituição de população preta e parda. Salloma aponta;

Havia, havia sim essa discussão, havia a seguinte discussão, olha, o movimento negro é composto pelo jovens universitários e ele é elitista. Ele não dialoga com a periferia. Essa era uma crítica que tinha, já tinham essa crítica, e era uma crítica de certa forma muito desqualificadora, mas que tem o seu fundamento.

Por outro lado, Salloma nos aponta também a necessidade de compreender os processos de formação de identidades e agência políticas negras que se constituem ao longo dos anos 1980 e 1990 nas regiões periféricas, obedecendo os contextos históricos e as suas respectivas conjunturas. A razão deste apontamento apresentado por Salloma deveu-se à minha insistência na questão que expusemos acima, sobre a relação entre periferias e o movimento negro organizado. Sobre isso diz Salloma:

Quando que nasce essa percepção de periferia? Ela só nasce no começo dos anos noventa, final dos anos oitenta [...] essa percepção de periferia como identidade nasce neste período. Quem traz isso é a cultura hip-hop [...] não que não tivesse a questão de ser negro, não que não tivesse a questão de ser negro e periférico, porque isso tava na paisagem, o que não tinha era uma ideologia que sustentasse uma percepção de identidade [...] uma percepção de identidade da quebrada, da periferia.

Para exemplificar essa questão, Salloma canta o trecho da música do Racionais MC's, "Fim de semana no Parque":

É quase meio dia e a euforia é geral e lá que estão meus irmãos, minhas irmãs e a maioria por aqui se parece comigo" isso é uma formulação teórica do que é ser periférico, negro e jovem. Quando chega em noventa e dois, o álbum Raio X do Brasil dos Racionais, isso já estava consolidado, o que o

Racionais faz é uma câmara de ressonância de algo que estava sendo construído antes, ela transforma num discurso musical, poético e político.

Em seguida Salloma nos diz:

O movimento negro não aparece na periferia, porque o ativismo negro com todas as coisas importantes que ele fez é um ativismo voltado para o trabalhador, para o trabalhador sindicalizado, para o trabalhador urbano, para os professores, para os estudantes e não para o negro periférico afastado lá longe. Ele chega no máximo na porta da fábrica. Porque ele está diretamente relacionado com o ativismo dos trabalhadores urbanos. O discurso não entra porque ele não fala a mesma língua.

Observamos neste ponto que as informações apresentadas por Salloma não nos permitem concluir interpretações sobre a questão sobre as formas de atuação do movimento negro organizado nas regiões periféricas, no contexto dos anos 1980 e 1990, mas sim abrir caminhos de pesquisas futuras.

Entre os sujeitos mencionados por Salloma, aqueles que são centrais para o presente estudo são os que estiveram em atividade no Centro Cultural Interlagos especificamente os sujeitos envolvidos com a cultura hip-hop, os anarcopunks e os capoeiristas. Estes grupos culturais mencionados por Salloma são importantes porque permitem que estabeleçamos elos de ligações com outros entrevistados com quem a presente pesquisa estabeleceu contato.

Observamos que por meio de pesquisas de campo, a presença e atuação de grupos culturais que surgem no contexto dos anos 1990 precisamente por efeito da existência do referido centro cultural, bem como as ações de Salloma na condição de diretor do referido equipamento público parece ter facilitado o desenvolvimento de propostas temáticas ligadas as estas culturas urbanas.

Salloma aponta para as práticas culturais associadas ao rap, promovidas pelo agitador cultural Pivete, um antigo rapper oriundo da região do distrito do Grajaú e membro do grupo de rap Pavilhão 9. Pivete foi também protagonista de um dos primeiros videoclipes com a temática rap, na região do distrito do Grajaú, chamado “Onde São Paulo Acaba” mesmo título do curta-metragem produzido em 1995 pelo diretor Andrea Selgman.

Nós fizemos várias coisas lá na casa de cultura, acho que uma das principais coisas era uma atividade coordenada pelo Pivete, do Pavilhão 9 [...] O Pivete era muito

organizado, ele começou a fazer um evento lá, todo mês, o evento chamava Encontro Regional de Cultura de Rua, e aí colavam rappers, homens e mulheres, colavam, tudo lá, isso foi noventa e um, noventa e dois.

No que diz respeito aos anarcopunks falaremos mais adiante a partir da entrevista com Alan Amaro dos Santos.

Por fim vale lembrar também que no início dos anos 1990, após o mandato de Luiza Erundina, o espaço Centro Cultural Interlagos é obrigado a ceder espaço para uma base da polícia militar. Por outro lado, haverá um intervalo e um hiato de aproximadamente vinte anos para consolidação do atual espaço cultural Grajaú situado mais a dentro da região⁹¹.

Sobre a relação entre os moradores do distrito do Grajaú e o Aristocrata Clube no contexto dos anos 1980 e 1990

O clube Aristocrata foi criado no contexto dos anos 1960 pela classe média negra da capital de São Paulo. O que nos chama atenção a partir dos apontamentos de Salloma refere-se a um aspecto identificado também entre outros entrevistados, a saber, a relação entre os moradores da região do distrito do Grajaú, região que se constitui precisamente no mesmo período, isto é, entre os anos 1960 e 1970, em que o clube de campo está se constituindo. Salloma aponta:

Olha só, teve um período em que meu irmão Jansem queria fazer uma campanha para recuperar o Aristocrata e eu ele fomos conversar com os negão do Aristocrata, lá no centro de São Paulo, falar com os caras, mas os caras acharam que nos éramos uns criolos muito bocó, mas meu irmão ainda ficou um tempo dialogando com eles.

Ao colocar a questão para Salloma, minha dúvida sobre qual relação havia entre os grupos sociais negros dos então nascentes bairros do Grajaú e os grupos sociais negros de classe média residentes das regiões mais centrais, Salloma nos aponta:

⁹¹ Embora a informação apresentada em página oficial aponte para a existência do equipamento desde os anos 1990, há informações que confrontam estes dados aos quais não tivemos acesso via arquivo da subprefeitura de Capela do Socorro. Contudo, há depoimentos de moradores da região que apontam para o início das atividades culturais, a partir dos anos 2000, embora o equipamento já estivesse na região.

Sim, era uma burguesia negra, uma classe média negra que tem em São Paulo desde a década de trinta, era uma coisa um pouco elitista. Quem contribuiu para constituição do Aristocrata foi Jair Rodrigues, o músico brasileiro Agostinho Neto. Esse Agostinho Neto era um dos caras que contribui com grana para o clube Aristocrata.

Mais adiante, Salloma aponta para uma outra percepção acerca do que foi a presença do Aristocrata Clube na região do distrito do Grajaú. Este apontamento nos permitiu identificar os aspectos comuns e distintivos para os moradores do distrito do Grajaú que entrevistamos. A questão é sim era acerca do sentido simbólico deste clube considerando sobretudo as suas formas de participação nele, já no período posterior aos anos 1970. Salloma nos diz:

Mas o que tem de bonito no Aristocrata é o encontro, acontecido na década de oitenta entre membros da Frente Negra e o MNU no clube campestre do Aristocrata. Está o Miltão, Teresa Santos, um amigo meu e José Correia Leite. Isso é feito no clube de campo na década de oitenta.

O evento referido por Salloma trata sobre a entrevista “A história de luta”⁹², com José Correia Leite e o Movimento Negro (MNU).

Sobre a constituição do documentário “Quilombo da Memória” nos anos 1990 e a relação com o grupo de Capoeira Corrente Libertadora

O documentário **Quilombo da Memória**, idealizado por Salloma Sallomão, procura articular a narração histórica do deslocamento das sociedades africanas para a América portuguesa, as origens e gestação da capoeira no período colonial até a República e, por fim, a correlação destes dois eventos com o contexto histórico cultural de um grupo de jovens e adultos migrantes da região Nordeste praticantes de capoeira e moradores na região do distrito de Capela do Socorro.

Salloma nos informa que decorrente de suas vivências ao longo dos anos 1980 no meio artístico e musical vivenciados dentro e fora da igreja, sua relação

⁹² A entrevista está editada e publicada no canal do Youtube, Cultne - Acervo Digital da Cultura Negra. (Cf. https://www.youtube.com/watch?v=2FRnKpFLiQE&t=44s&ab_channel=Cultne, acesso em: 21/07/22).

com Eufraudisio idealizador do grupo de Capoeira Corrente Libertadora irá se consolidar ao longo dos anos 1980⁹³.

Será no contexto das práticas sociais de identificação às questões das identidades negras, como o engajamento no Grucon e, por outro lado, o convite que Eufraudisio faz à Salloma para atuar como educador social na antiga Febem, atual Fundação Casa, que posteriormente Salloma irá constituir o documentário.

Por fim no que diz respeito a nossa questão central sobre como Salloma Sallomão teria constituído sua identificação aos valores afrodescendente é apresentado em sua obra mais recente denominada publicada em 2021: **Pretos, Prussianos, Índios e Caipiras. Culturas e identidades, memórias e invisibilidades históricas nos arredores da cidade de São Paulo, século XVIII ao XXI. Livro I – Biotrajétórias 1961-2021.**

Antônio Augusto de Magalhães Neto, 55 anos⁹⁴

E assim, a minha trajetória é meu segmento. Eu sou da área da dança, eu sempre fui da área da dança, meu negócio era dançar, eu gostava sempre de dançar.

Anos 1980: chegada e sociabilidades

Augusto de Magalhães Neto inicia seu depoimento situando a sua relação com o território, a partir das sociabilidades ocorridas no conjunto habitacional Brigadeiro Faria Lima. A referência à prática cultural são os bailes *blacks* que ocorriam neste território:

⁹³ O grupo Corrente Libertadora refere-se ao grupo de capoeira idealizado pela família Modesto. Tal como informado na dissertação de Lopes (2011). Trata-se de uma iniciativa na prática da capoeira que surge no final dos anos 1970 na Zona Sul de São Paulo.

⁹⁴ Natural de Minas Gerais, cidade de Belo Horizonte. Os pais são da cidade de Diamantina. Augusto migra para a cidade de São Paulo junto aos pais aos 11 anos de idade em 1976. Os aspectos relacionados ao subdistrito do Grajaú e à sua trajetória nesta região também se iniciam por meio de socialização familiar e, em seguida, à socialização em bailes. Formado pela instituição Senai no contexto dos anos 1980, trabalhou como ajustador ferramenteiro de bancada, educador social, na primeira década dos anos 2000, na região do Jardim Eliana, no Centro de Convivência Social Irmãos Santa Doroteia.

Eu conheci Grajaú quando eu era muito jovem, quando eu era muito jovem. Eu tinha aí na faixa aí de 16 anos de idade, tá?! O Grajaú tem uma história muito forte na região. Por quê? Porque é um bairro muito populoso [...] nós temos o primeiro conjunto residencial que é o BNH você entendeu?! Que é ali, no final onde tem os predinhos né [...] você tinha uma concentração de negros ali na época [...] e lá você tinha um espaço, como todo condomínio, tinha uma quadra e tinha um salão de festas que era chamado Tobogã, e nesse Tobagã, antigamente, na década de oitenta, final da década de oitenta e início dos anos noventa, tinha as chamadas domingueiras, as festa de domingo a tarde, e no Tobagã tinha essas festas, era as festas, os bailes para os jovens da minha idade [...] era muito interessante [...] aí existia essa domingueira, que era uma domingueira, pode-se dizer, na época, era domingueira *black*, que era música *black*, no tempo do movimento *soul music*, aí tinha essa domingueira, praticamente a domingueira pra negros né?! Que era onde você dançava o *samba-rock*, a música *black*.

A apresentação sobre o tema dos bailes *blacks* apresentada por Augusto nos permitiu estabelecer conexão com as questões apresentadas por Fátima Rosa e Salloma Salomão.

De nossa parte, de início, havia o interesse inicial de compreender se o movimento negro organizado estava em atuação nas regiões periféricas da cidade de São Paulo. Posteriormente, passamos a compreender que as formas de organizações negras entre o movimento negro organizado e as formas de sociabilidades negras como agências políticas, a exemplo a questão dos bailes *blacks* e as maneiras específicas de tais práticas, sem com isso dizer que estavam necessariamente desligadas.

Augusto nos responde às seguintes questões:

[Risos e gargalhadas] Já estava lá, a organização, a organização social já estava lá, a gente não percebia, mas já estava ali, tanto é que na verdade é assim, a gente não tinha a noção da força que tinha, né?! Na verdade, é isso, nós passamos por um, eu acredito que numa época de jovem, que eu era jovem, eu não tinha a noção da força, importância que tinha esse movimento para minha formação [...] porque era um período, oh Fernando, porque isso que está acontecendo com você é uma atitude de respeito [...] na verdade, esse período que eu vivi na década de oitenta nós tínhamos muito respeito um pelo outro, nós tínhamos naturalmente o fator de você passar e cumprimentar um irmão, era motivo de respeito, de você se identificar, de você dizer opa, ali tem um irmão ali.

Augusto nos informa sobre o Aristocrata Clube, entre o fim dos anos 1980 início dos anos 1990.

Ele é fundado em meados dos anos sessenta, sessenta e quatro se não me engano, não me lembro a data [...] era lá, ali, no Grajaú, que também os jovens, diziam, o que que era um espaço da negritude ali, dentro do Grajaú, apesar de que muitos não conheciam [...] porque se tratava de um clube, mas era um clube que teve uma influência muito grande porque ele trazia, não só gente do Grajaú mas muita gente de Limeira, de Campinas, tinha gente de todo lugar de São Paulo para curtir domingo no Grajaú, porque na verdade esse clube foi fundado com um suporte com a negrada que estava com uma certa ascensão.

O apontamento de Augusto por meio do termo “negrada em ascensão” nos remete à tese de doutoramento apresentada por Silva Soares (2004) que aponta para as representações sociais da classe média negra paulistana e, por outro lado, à maneira de interação de jovens negros oriundos do subdistrito do Grajaú no período referido por Augusto. Esta questão apresentada por Augusto nos incitava perguntar como se dava essa interação:

A galera do Grajaú, Jardim Eliana, frequentavam o Aristocrata, porque na verdade o Aristocrata faziam eventos assim, a festa da cerveja era a festa do chopp, então tinha uma galera assídua, mas isso já era a galera que tinha um acesso ao, às próprias, às grandes festas, você entendeu?! Já saía do Grajaú, já migrava, por exemplo, para o centro da cidade, porque a sede do Aristocrata era no centro, né?! Então você já tinha que ter alguma informação, porque hoje, ao contrário dessa época, a informação chegava muito rápido, nessa época não, você tinha que sacar onde estava acontecendo as festas, né?! Então, você tinha que ter, ou alguém que foi no local, ou alguém que te referenciasse. Opa, não perai tem a tal festa em tal lugar, e você ia, entendeu [...] o Aristocrata foi uma referência, era um lugar de festa boa, lugar de festa pra negrada.

Outro espaço de sociabilidade negra que constitui parte que a experiência de Augusto refere-se ao bairro da Cidade Dutra. Observa-se por parte de Augusto uma trajetória espacial sentido ao centro da cidade de São Paulo.

Augusto nos informa sobre a Associação Clube Ébanos que atualmente se apresenta como Clube da Comunidade (CDC) Ebanos⁹⁵.

⁹⁵ O referido clube foi fundado em 1976. Devido ao período de pandemia entre os anos 2020 e 2021, não conseguimos entrar em contato direto com os atuais diretores do clube. De todo modo, ao pesquisarmos via internet, encontramos algumas (poucas) informações sobre como o clube teria sido em seu período de formação e anos subsequentes.

Para você ter uma ideia, o Ébanos, o Ébanos é um espaço, um clube, ele está ativo até hoje [...] na década de oitenta eu tava estudando no Beatriz Lopes, eu tinha uma professora negra muito, muito boa, muito bacana, ela tinha um projeto, e esse projeto fez com que ela fosse a responsável por nos incentivar a fundar um grupo negro na Cidade Dutra, então nós tivemos, na época, um grupo negro na cidade Dutra que na verdade era um grupo de resgate cultural né?! Da cultura negra. E a gente usava o Ébano como sede.

Por fim, Augusto menciona a Escola Estadual Beatriz Lopes, local em que parte da construção social de negritude parece ter sido constituída:

Nós fazíamos reunião na escola, às vezes, fazíamos no Ébanos, e assim a minha trajetória é meu segmento, eu sou da área da dança, eu sempre fui da área da dança, meu negócio era dançar, eu gostava sempre de dançar. Então, nesse grupo a gente fazia parte, eu também dançava.

A questão sobre a prática cultural da dança apresentada por Augusto terá desdobramentos em diversos aspectos de sua vida. Por um lado, a atividade da dança lhe permite construir uma identificação com a música negra, por outro, lhe permite perceber seu potencial educativo:

Já na década de oitenta já, a gente já tinha esse grupo negro, que era onde eu, eu tinha esses princípios da dança e que posteriormente, passado mais nessa continuidade da prosa, aí você vai entender as outras coisas que eu fiz no Grajaú e tal [...] ainda nessa década de oitenta, já tinha esse grupo negro né [...] e o que eu observei, e que ficaria como registro, é... você usar as artes para poder integrar as pessoas, e outra, para trazer valores para pessoas, entendeu?! Não, você não vai ser dançarino, mas vem cá, vem dançar aqui, pra você entender a sua história, para você entender seus valores.

Anos 1990 e Casa de Cultura na Vila São Jose: oficinas de dança com Vitor da Trindade

Nos anos 1990, Augusto narra duas experiências sociais que consistem também em parte do seu processo de constituição de negritude:

Eu fui morar no São José. Nessa época existia muito as casas de cultura [...] eu me inscrevi numa casa de cultura e comecei a fazer umas aulas de dança, aulas, oficinas [...] eu fazia dança afro na época né, porque já na década de oitenta como eu te disse a gente tínhamos o grupo negro né. Nesse grupo negro nós tínhamos dança afro [...] aí lá eu tive a oportunidade de conhecer [...] Vitor da Trindade né, que o filho, que é um dos filhos da Raquel Trindade,

nessa época, ele acabou ministrando umas oficinas de Maracatu né, que é o Maracatu de Pernambuco, e eu comecei a dançar com ele lá.

Estas questões apresentadas por Augusto se mostram importantes para o nosso trabalho por duas razões.

A primeira deve-se ao fato da circulação e difusão das práticas culturais negras disseminadas pela família de Solano Trindade na cidade de São Paulo, que permitiram, de acordo o depoimento de Augusto, tomar contato com as produções culturais tanto de Solano Trindade, importante poeta e dramaturgo afrodescendente, e sua família, a exemplo das produções de Raquel Trindade e Vitor da Trindade, entre outros membros da família⁹⁶.

A segunda questão está associada à região onde essa prática cultural será divulgada, região da Zona Sul de São Paulo, distrito de Capela do Socorro, bairro de divisa com o subdistrito de Grajaú. Outro aspecto é o subsídio público da Secretaria de Cultura da época em fomentar tais prática culturais. Este aspecto, embora não nos permita generalizar, ao menos indica referências de ações culturais no contexto dos anos 1990 na cidade de São Paulo, que informam sobre como as práticas culturais negras eram pensadas no diálogo entre sociedade civil e instâncias do poder público responsáveis por questões culturais.

Do Grajaú para o Centro Cultural Solano Trindade, em Embu das Artes

Augusto nos aponta deslocamentos e circulação pela cidade, o que nos permite pensar sobre as questões das rotas e cartografias de constituição de identidade sociais na cidade de São Paulo.

Posteriormente, passado um período, eu acabei indo porque essa família Trindade é do Embu das Artes. Eu ia, eu acabei indo parar, fui trabalhar no Embu das Artes [...] lá, eu encontrei com a família Trindade, lá eu fiquei próximo da casa deles e acabou gerando esse encontro né?! Da gente e aí eu comecei a ir todos os domingos, eu saía daqui da região do Grajaú e ia

⁹⁶ Uma interessante análise sobre a trajetória e ativismo nas artes da família Trindade é apresentada por Nabor Junior, em um texto chamado “Baita Clã ou, a história de uma família afro-brasileira” (2016), publicado na **Revista Omenelick 2º Ato**, projeto editorial voltado à reflexão da produção cultural e artística da diáspora negra, em especial no contexto brasileiro. Cf. <http://www.omenelick2ato.com/historia-e-memoria/um-baita-cla-ou-a-historia-de-uma-familia-afro-brasileira>. Acesso em: 22/09/2022.

pro Embu das Artes para fazer oficina de dança com eles e aprender a dançar, então, lá eu acabei crescendo muito meu currículo na parte de dança, porque a gente fazia lá Jongo né meu, que é um segmento da capoeira né, que é o Jongo mas ela tinha um leque maior, Jongo Mineiro, Jongo Fluminense, né, Jongo da Serrinha, então ela já tinha um apanhado, porque a Raquel Trindade é uma mestra na arte da dança e com histórico já de Solano Trindade, o pai dela então, ali era um celeiro cultural e eu acabei, fiquei um bom período lá fazendo esse trabalho, eu e minha esposa e depois eu tive a oportunidade de levar meus filhos, também cresceram lá, também [...] esse trabalho, ele acabou expandido o meu leque né.

Anos 2000

Educador social e seu ensino de práticas afro-brasileira na Irmãs Santa Doroteia

No contexto dos anos 2000 o que observaremos são as atividades que Augusto desenvolve na região do subdistrito do Grajaú que apresentam processos de socialização de seus saberes em contextos de educação não formal.

O que nos chamou atenção nesta fase de sua trajetória de vida é o fato de que com as ações como educador social, Augusto estabeleceu laços com uma jovem com quem atualmente compõe o elenco da dramaturgia “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar”. A referida jovem foi educanda de Augusto, no período de adolescência, em uma das organizações Irmãs Santa Doroteia. Um entidade de fins sociais de organização católica presente na região do subdistrito do Grajaú, a partir dos anos 2000.

Ah tá. Então, é, a minha passagem no Santa Doroteia foi muito interessante, elas me convidaram a mim e a minha esposa para gente fazer um trabalho com os jovens, entendeu?! Como eu já vinha lá do Teatro Popular de Solano Trindade com uma bagagem bacana né, eu acabei ministrando uns dois anos para ela oficinas de danças, danças populares [...] eu trouxe percussionistas do meu grupo, que era do teatro popular Solano Trindade para dar aula, comigo aqui, para eu fazer dança, eu a minha esposa fazia dança, esse percussionista dava aula, de percussão para os meninos [...] a gente dançava o Coco, Maracatu, eu fiz o Coco de Alagoas, fiz Jongo, entendeu, com eles, e assim na verdade o que eu tenho de mais precioso dentro do processo destas oficinas nesses dois anos [...] usar essa ferramenta que é mais importante para estruturar esse menino pra ser o que ele quiser ser. Então naquele período que ele está ali você tá passando para ele valores que era o que eu fazia, valores, você esta acompanhando toda

uma didática para poder entender o “*time*”⁹⁷ desta criança, entendeu?! Deste adolescente, né, você entender as necessidades desse adolescente, tanto branco quanto negro, quanto as questões sociais, né?! Então, era o que eu fazia de melhor, que eu achei que fazia de melhor, a dança era muito bonita, era bacana e tudo.

As entrevistas do grupo 2

No contexto de análise e descrição resultante das entrevistas do grupo 2, observamos que todos são nascidos em São Paulo entre o fim dos anos 1970 até fim dos anos 1990. Todos vivenciaram o processo de socialização secundária a partir e através do território do subdistrito do Grajaú em diálogo com outras regiões da zona sul assim como das regiões centrais da cidade que lhes renderam múltiplas experiências.

Alan Amaro dos Santos⁹⁸

Uma primeira coisa que se precisa pontuar é que consciência de negritude não se dá em um único momento, ela é construída.

Sobre o processo de contato com a capoeira e as “reconstruções” de identidades e identificações.

Os processos de construção de identificação com as práticas culturais afrodescendentes que Alan experimenta ao longo de sua juventude informam um processo de constituição de contraste. Observamos que é por efeito de suas experiências vivenciadas nas práticas culturais urbanas, como o movimento anarcopunk ao qual esteve ligado no início dos anos 1990 e, ao final desta mesma década, o contato com as comunidades indígenas Tenondê Porã – fruto de um

⁹⁷ Refere-se à noção de tempo.

⁹⁸ É contra mestre de Capoeira Angola pelo grupo Semente do Jogo de Angola, idealizado por mestre Jogo de Dentro, discípulo de mestre João Pequeno. Alan Amaro dos Santos é também professor de História da Educação Básica na Escola Estadual Professor Maria Luiza, músico e produtor cultural. Dentre as suas produções no campo do audiovisual, identificamos o documentário **Margens**, produzido em 1997 Além desse, documentários de Alan se referem ao campo das história do negro no Brasil (produzidos em 2010). Seus documentários mais recentes têm sido sobre a capoeira Angola, a partir da perspectiva de Mestre Jogo de Dentro e a história.

trabalho de conclusão de curso que desenvolvia no curso de História, que Alan elaborara uma identificação afrodescendente. Ele mesmo aponta:

O meu contato com as aldeias, com a aldeia Tenondê em específico, não foi assim uma coisa de escolha, foi uma coisa que aconteceu, e a partir desse acontecimento, do meu contato com eles eu passei a refletir sobre, a partir da identidade deles eu passei a refletir sobre a minha identidade [...] e aí, tem toda aquela questão, os caras têm as questões, têm uma porção de questões, mas pra além dessas questões eles têm uma noção de quem são, que eu, e as pessoas que eu conheço no dia a dia não tinham. Questões de consciência étnica, consciência de que independente das influências que possam lhe atravessar, você é quem você é, e aí isso pra mim pegou muito na época, e por conta de eu estar estudando eles, eu comecei a pensar “e você? Quem é você?” (referindo-se a mim mesmo).

É decorrente desta discussão que constituímos a seguinte questão para Alan: Como se da o seu primeiro contato com a capoeira?

No início dos anos noventa, antes de eu virar adolescente, você tinha uma produção televisava muito voltada para as lutas, então tinha filmes chineses, os japoneses, com o karatê e tudo mais, e aí eu acho que no começo dos anos noventa, você tem um filme chamado Esporte Sangrento no qual você tem uma coisa da capoeira aparecendo, a capoeira nesse período, aqui, até onde eu me lembro quando eu era moleque, não tinha uma prática de capoeira na quebrada. Mas enfim, você tinha a academia do mestre Ferrugem lá no final da Belmira Marin, mas que pra mim era uma icognita porque eu nunca parei para entrar lá, eu nunca tive essa oportunidade, e no mais não tinha capoeiristas que você convivesse ou que você soubesse que fazia capoeira, não tinha isso, e aí o que acontece, tinha um rapaz aqui da rua, que era um mineiro, que aprendeu capoeira com outro figura aqui da rua que jogava capoeira. Ele dava uns saltos, fazia uns movimentos, aí depois que a gente assistiu o filme era todo mundo molecada ele disse o vou ensinar a capoeira a vocês e aí juntou a molecada para treinar capoeira com ele [...] o fato é que quando eu entro em contato com a Aldeia (Tendoné Porã) [...] tenho essa coisa de repensar a minha identidade, eu falo “pô uma das coisas que tem muito a ver com a minha identidade enquanto pessoa preta e eu já fazia essa reflexão no contexto do movimento anarcopunk, enquanto pessoa periférica, enquanto alguém que precisa se encontrar, uma das coisa que tem essa relação, essa referência, é a capoeira, é uma coisa que eu já fiz, faz parte da minha vida de alguma forma e tem a ver com a minhas raízes. Aí eu vou buscar a capoeira aqui na região, curiosamente eu tive a sorte de encontrar a capoeira do Eduardo, que era um cara do movimento humanista que fazia essas discussões sociais que eu já fazia na época dentro do contexto anarcopunk, era diferente, mas parecido, e era uma capoeira que não estava preocupada em ensinar as pessoas a bater ou não apanhar e tal, era uma capoeira que está um pouco como símbolo cultural, como manifestação cultural de referência e reverencia a essas

origens africanas, eu encontro esse grupo, me identifico e passo a fazer parte, e aí fico no Força Negra, do período de 1997 até 2001.

Outra pergunta feita foi “De quem foi a iniciativa do Força Negra?”⁹⁹

O Força Negra é uma iniciativa do Eduardo. O que acontece é que o Eduardo é um cara que se formou com o mestre Ferrugem na década de oitenta, ganhou o título de professor [...] Força negra, esse grupo que era um grupo de capoeira, com o discurso relacionado com essa coisa do movimento humanista e, ao mesmo tempo, uma tentativa de se ter uma capoeira fundamentada na coisa da luta contra o racismo, na ideia da luta pela libertação, da valorização da pessoa negra, da valorização da cultura negra.¹⁰⁰

Sobre a inserção no grupo Semente do Jogo de Angola e a questão do processo de construção de uma negritude.

Quando eu me torno professor do Força Negra, eu sinto uma necessidade muito grande de entender mais... como eu sou professor de uma capoeira que eu sinto que deixa a desejar?! [...] na época publicava-se muitas revistas sobre Capoeira Angola, eu olhei e tinha uma entrevista com o mestre Plínio, uma entrevista com a mestra Janja que eu achei fantástica [...] em 2000 eu vou pra Bahia e encontro o pessoal da capoeira Angola de Salvador, e aí conheço o pessoal do Quilombo Cecilia, e aí aquilo vai dar um embrolho na minha cabeça... é uma outra capoeira que demonstra que eu não entendia nada de capoeira e, ao mesmo tempo, é uma capoeira que me encanta porque ela demonstra uma profundidade de conteúdo em relação a fundamento, a ancestralidade, em relação a uma ligação com os mais velhos [...] eu passei durante muito tempo convivendo com movimentos que tinham uma visão de que ser preto era importante, fazia parte ser preto mas que não tinha compreensão do que era isso, eram muito a partir de perspectivas acadêmicas, perspectivas brancas, perspectivas externas, quando eu passo a fazer parte do Semente do Jogo de Angola [...] e começo a fazer um

⁹⁹ O grupo de capoeira Força Negra é uma iniciativa criada por Eduardo Freire aluno de mestre Ferrugem do grupo de capoeira denominado “Arma do negro” Este grupo consiste em entre os demais grupos de capoeira existente entre os anos 80 e 90 do na região do subdistrito do Grajaú. Em um depoimento de entrevista a qual infelizmente não pudemos reproduzir aqui por falta de espaço aponta “[...]e ai gente criou um grupo de capoeira e o nome foi escolhido... por que sempre valorizei ...eu sempre valorizei muito essa questão da cultura negra né?! Eu tenho eu orientei que eles fizessem uma pesquisa sobre a origem da capoeira...sobre a relação da capoeira com a cultura e a resistência dos povos negros..fizemos tambem um estudo sobre o porque a palavra negra estava sempre associada a questões negativas né?!..e foi justamente pra fazer esse contraponto com a palavra negra que surgiu o nome do grupo Força Negra...porque se falava muito em “lista negra”, “magia negra” e a gente queria reconhecer...as contribuições dos povos negros....[...]

¹⁰⁰ Eduardo Humanista, como ficou conhecido, era um líder comunitário local durante os anos 1990 na região do subdistrito do Grajaú e Ilha do Bororé. Eduardo foi dos responsáveis em desenvolver atividades culturais no Centro Cultural Ilha do Bororé, situado no perímetro de passagem da primeira para a segunda balsa da Represa Billings, bem como por expressar preocupações sobre valores humanistas nas relações sociais. No ano 2000, contribui para um mapeamento junto ao Instituto Pólis, de ONGs e associações de bairro.

trabalho de capoeira Angola, o que acontece comigo é a oportunidade, de fato, de poder beber de uma fonte de que sabe o que é pretitude, e que não vai falar de pretitude por discurso, é o conhecimento, a sabedoria, africana, afro-brasileira dessa referência sem ficar precisando, justificando, porque de fato é essa galera que vinha herdando, mestre Jogo de Dentro é essa pessoa, mestre Fabio tem essa relação, e quando você pensa nos mestres que vieram antes deles, o mestre João Pequeno, o mestre Pastinha você vê que tem isso muito na formação deles, essas coisas estão neles [...] ali é a referência, ali é essa essência dessa africanidade, que eu já buscava.

As questões subseqüentes apresentadas por Alan tratam de um segundo aspecto referente ao processo de construção de identidades negras ou afrodescendentes. Se, por um lado, neste primeiro momento observamos aspectos do processo de construção de uma identidade afrodescendente por parte de Alan, agora observamos como a partir de suas opções e escolhas de negritude enquanto uma identidade política e cultural, ele transplantou tal experiência para a prática cultural da capoeira Angola, na região do subdistrito do Grajaú.

Os apontamentos a seguir permitem apresentar alguns pontos que indicam como a prática da capoeira Angola feita no subdistrito do Grajaú se apresenta sob o objetivo também de difundir práticas culturais negras:

Sobre dar aula de capoeira Angola na região do subdistrito do Grajaú:

Quando mestre Fábio me autoriza a dar aulas, qual é a minha grande questão?! Eu acho que tenho duas grandes questões, uma é a possibilidade de retomar um trabalho de capoeira na região, porque era o trabalho que tinha no Força Negra e era bonito, aglutinava uma galera [...] por outro lado, era possibilidade para trazer para a comunidade um trabalho fundamentado, porque infelizmente, essa capoeira de São Paulo e essa capoeira que se desenvolveu a partir dos anos noventa era uma capoeira que foi se perdendo em termos de conteúdo, a chegada de mestre Jogo de Dentro, em São Paulo, é uma figura fundamental, junto com a presença de mestre Plínio [...] a partir de 2008 aqui no subdistrito do Grajaú, é a possibilidade de fazer um trabalho que devolve às pessoas um conteúdo que é delas. Então voltar com a atividade de capoeira Angola nas periferias com um trabalho de capoeira Angola, para mim é a possibilidade de você resolver um problema que o Força Negra tinha, que era falta de conteúdo, e um problema que a capoeira Angola tem e as culturas negras de maneira geral, que é de chegar nas periferias [...], ter capoeira Angola na quebrada, no Grajaú, possibilita que as pessoas pretas possam identificar uma coisa que é preta com conteúdo de fato.

Lucimeire Juventino¹⁰¹

Essas terras eram consideradas terras que ninguém queria morar né?! E acabou que as famílias vieram para cá e se encontraram, e aí o casal se estabeleceu, e foram morar no Jardim Mirna, a terceira casa do Jardim Mirna. Então, a minha família, ela participa desse crescimento. Eu to falando dos anos cinquenta, e depois anos setenta, quando eles veem pro Jardim Mirna como casal, então é daí, é dessa raiz que vem, que surge a Lucimeire Juventino. Eu não consigo falar de mim sem antes falar dessas memórias.

Lucimeire Juventino nos informou sobre quatro práticas culturais, sendo três de sua autoria e uma à qual foi convidada a participar como colaboradora. As ações apresentadas por Lucimeire se situam no campo da literatura, na declamação de contos, poemas e contação de histórias. Juventino atua também na organização e promoção de rodas de conversa e em grupos de estudos sobre africanidades e, mais recentemente, apresentou a 1^o fase da produção de uma série documental denominada Matriarcas.

Todas essas práticas culturais negras giram em torno da sua reflexão sobre memória como território, noção apresentada por ela e a referência específica de tal termo se aplica a sua família, que migrou para a região do subdistrito do Grajaú nos anos 1960. Lucimeire parte de sua experiência familiar para então articular as suas práticas culturais no subdistrito do Grajaú, interseccionando questões de gênero, infâncias e juventude afrodescendente.

¹⁰¹ Iniciou a carreira no movimento hip-hop, é cofundadora do grupo Filhas do Futuro (anos 1990). Participou da Coletânea musical **Da lama nasce a flor de Lótus**, do Coletivo Graja Minas. Pedagoga, contadora de histórias, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Arteterapia, especialista em História e Cultura Afro-brasileira. Escritora, autora de Literatura infanto-juvenil, com textos e poemas publicados em antologias, a mais recente em **Parto Normal** (Feminas, 2021). Foi mediadora da roda de estudos afro-brasileiros do CAPS Artes. Há mais de vinte anos atua na Educação Infantil da rede pública de SP com experiência em gestão educacional e formação de professores, contribuindo com projetos de valorização das culturas das infâncias e descolonização do currículo. Idealizadora, pesquisadora, apresentadora da série de reportagens “Matriarcas”, que conta a história de lutas e conquistas de mulheres do extremo Sul de SP, pela construção do território. Em seu mais novo projeto, Rancho Ateliê, Lucimeire e sua família abrem as porteiras do quintal e convidam para o turismo de experiência, conexão com a natureza, arte e ancestralidade.

No começo da minha pesquisa eu achava que as movimentações sobre as práticas culturais no distrito do Grajaú tinha ganhando expressão apenas na segunda década dos anos 2000, mas ao realizar entrevista com Lucimeire observo que há elementos mais antigos e isso me parece ter relação com processos de construção de identidade. Sobre essa questão Lucimeire nos aponta;

Então, eu acho que o que sempre faltou e falta, ainda é essa questão de visibilidade mesmo. Vou falar de resgate, resgate no sentido, não no sentido de que essas histórias estão mortas, porque essas pessoas estão vivas né?! Mas de trazer mesmo isso à tona, que é uma grande preocupação sempre foi [...] a gente tem uma falsa impressão de que é a academia que vai trazer para gente um conhecimento. Hoje eu, por exemplo, eu vejo que é o contrário [...] era uma época que a gente não tinha hospital, as crianças se machucavam, as crianças ficavam doentes, dona de Lourdes era parteira, então, ela era dona de um conhecimento.

Como se deu a sua atuação no distrito do Grajaú? Qual era a sua relação neste território?

Então, eu venho do hip-hop, eu fiz parte de um dos primeiros grupos de hip-hop do Grajaú, chamado Filhas do Futuro. Então a gente começa vendo aquele movimento de hip-hop, a gente ia na São Bento, a gente viu tudo aquilo, a gente acompanhava, a gente viu as rodas que tinha, a gente via o Nelson Triunfo, e a gente começa perceber que tem poucas mulheres neste lugar, e todas as vezes que a gente queria ver isso, o hip-hop, a gente tinha que ir para o centro, né?! A gente viu depois que tinha um movimento aqui no Grajaú, algumas pessoas que a gente até conhece hoje né?! Dos homens, o Drezz do Xame Lami. Antigamente, tinha o Reação P, do Kleber, mas a gente também queria fazer isso, o hip-hop, só que a gente não via mulheres, e a gente falou “não! vamos fazer também!” Só que era algo muito assim, claro, não era aceito, se você observar essa fotografia, a plástica desta fotografia, você pode perceber, a gente para ser aceita tinha que colocar uma roupa mais larga, a gente precisava ter uma postura diferente, hoje eu entro no hip-hop, saio do hip-hop, enfim, a gente costuma dizer que o hip-hop nunca sai da gente né?! O que quero dizer é que onde eu entro e saio em que há um movimento de hip-hop, eu vou com a minha identidade, comigo mesma, e isso não foi sempre assim, ainda é difícil, mas naquela época a gente tinha uma dificuldade tremenda, que nós só eramos aceita se a gente tivesse essa coisa, e até os trejeitos, isso era cobrado de uma maneira muito insisiva, a gente era muito cobrada, mas então a gente se reunia, as meninas se reunia para dançar, as meninas faziam o Circo Escola Grajaú, eu participei de algumas aulas também, a gente fazia balé acrobático, e isso facilitou muito para a nossa dança, para a gente trazer isso para as rodas, porque quando a gente olha os B-boys e a B-girls, a gente olha o breakdance, e são os movimentos que a gente já sabia fazer porque a gente traz o Circo escola Grajaú.

Sobre a origem da ideia de se construir um documentário sobre as Matriarcas do Grajaú:

O Matriarcas nasceu [...] por conta de uma inquietação que eu carregava há muito anos. A minha família [...] foi uma das primeiras que se estabeleceram aqui no Grajaú [...] eu sempre olhei para minha mãe como quem olha para uma enciclopédia, porque a minha família, a gente sempre teve isso, de olhar para o mais velho, de valorizar, o meu pai sempre me ensinava a valorizar os mais velhos, a gente sempre teve essa coisa de sentar e conversar, de colocar em prática a escuta, então a gente sempre sentou em volta da minha bisavó, por exemplo, e ela dizia pra gente que ela tinha nascido na época da Lei do Ventre Livre mas nunca foi livre. Então [...] dentro de uma memória que não é uma memória de felicidade, é uma memória de genocídio né?! Ainda assim eu cresci achando que eu precisava um dia fazer alguma coisa com isso [...] meu pai era poeta, griot, sempre escreveu, deixou os cadernos dele cheio de escritos contando a história da nossa família [...] foram morar no Jardim Mirna, a terceira casa do Jardim Mirna, então, a minha família, ela participa desse crescimento, eu to falando dos anos cinquenta e, depois, dos anos setenta [...] então o meu quintal, eu costumo dizer, que a minha casa, talvez seja o local onde aconteceu os primeiros Saraus [...] O nosso grande objetivo era mesmo não trazer um produto academicista. Se eu vou falar de ancestralidade, né?! Se a gente vai falar de construção enquanto identidade e protagonismo das mulheres dentro de um território, a gente precisa trazer de uma maneira gostosa, irreverente, a gente precisa fazer com que as pessoas consigam se conectar, consigam ver o encontro de geração que as pessoas consigam rememorar a sua própria história [...] elas conseguem se aproximar das próprias raízes e, neste contexto, eu me sinto muito feliz., porque a gente percebe que a gente conseguiu alcançar muito do que a gente pensou e até com relação às crianças, professores e até com educação infantil, há muitos relatos de pessoas e projetos que utilizam a série Matriarcas.

Lucimeire nos informa que foram as práticas constituídas a partir das rodas de conversas que outras práticas sociais como reivindicação por infraestrutura no bairro foram se constituindo entre as mulheres moradoras do distrito do Grajaú¹⁰².

Sobre os achados da pesquisa Matriarcas, ela nos diz:

Quando eu começo a mergulhar nas pesquisas de Matriarcas, eu descobri um bairro todo constituído por mulheres e crianças [...] mães solo que, na época, eram chamadas mães solteiras, termo de época, ainda estava ligada à questão do matrimônio e que hoje ainda é muito forte, e isso aqui perto da gente no Jardim Sabiá.

¹⁰² Lucimeire refere-se ao trabalho (documentário) que tem feito com algumas mulheres que compunham o movimento social por infraestrutura do bairro nos 1970, no Grajaú.

Os dez episódios da série Matriarcas produzidas por Lucimeire Juventino em parceria com o coletivo de comunicação Periferia em Movimento demonstra um processo cartográfico sobre os territórios e práticas culturais afrodescendentes no subdistrito do Grajaú à medida que informam sobre diversos locais no subdistrito com pessoas propondo ações culturais e, com isso, produzindo memórias e identificação.

A utilização do recurso da internet como ferramenta de difusão desta informação nos permite novamente articular nossa observação do trabalho sobre a série Matriarcas com os elementos de produção cultural descrito por Hall e Du Gay em torno do esquema teórico denominado “circuito da cultura”.

Sobre a prática literária como uma prática cultural voltada a reflexão sobre memórias coletivas para se pensar a infância nas periferias e das mulheres:

A minha prática literária ela é muito voltada para ancestralidade e contar o que acredito que seja muito importante que é contar sobre as nossas raízes. Durante muitos anos nos foi negado fazer parte da história.

Sobre o Sarau das Minas:¹⁰³

Eu fiquei muito feliz com essa coletânea,¹⁰⁴ porque uma questão foi que a gente conseguiu reunir muitas mulheres e trazer um pouco desse contexto de cada uma. Para a maioria foi a primeira publicação, visibilidade literária que foi aspecto importante, importante a gente se mostrar, se revelar, então é isso eu trago, as memórias retiradas da minha infância principalmente entendendo a criança enquanto sujeito de direitos, e tentando levar esse questionamento, qual é o lugar das crianças nas periferias? Porque muitas vezes as nossas discussões são discussões tão amplas, tão amplas que eu não exergo [...] às vezes, a gente não enxerga ali na pracinha perto de casa, as crianças estão brincando? Qual a relação dela com esse território? Será que eu consigo fazer com que as crianças consigam perceber que elas são importantes para o território? [...] eu digo de infâncias porque são várias infâncias porque a sua infância não é a mesma que a minha, embora tenhamos a mesma cor de pele enquanto algo que nos aproxime, ainda assim existem inúmeras infâncias, né?! Mas qual é o nosso olhar enquanto

¹⁰³ O Sarau das Mina é um coletivo composto por mulheres, artistas, poetizas e mães que atuam na Zona Sul de São Paulo, produzindo saraus itinerantes com apresentações de poesia, música, teatro e exposições, tendo como foco ocupar espaços e dar sustento à voz e à representatividade feminina, com temáticas voltadas principalmente para questões de gênero, raciais e sociais e onde mulheres podem se sentir totalmente à vontade e acolhidas para se expressarem e serem ouvidas. (Cf. <https://periferiaemmovimento.com.br/sarau-das-mina-exibe-documentario-vozes-que-ecoam/>. Acesso em 10/01/22).

¹⁰⁴ Trata-se de um livro com poemas e ilustrações incríveis de mais de quarenta mulheres de São Paulo. (Cf. https://web.facebook.com/coletivasaraudasmina/?_rdc=1&_rdr. Acesso em 14/01/2022).

adulto para essas infâncias? Então, muitas coisas que eu pesquiso e que eu trago é justamente para levantar essa discussão: o que nós estamos fazendo pela infância das e nas periferias.

Como ocorreu a iniciativa de desenvolver o grupo de rap Grajaminsas?

Então, a cofundadora do Grajaminsas, uma das cofundadoras é a Aline Spaka [...] era pesquisar a atuação das mulheres no hip-hop no distrito do Grajaú, trazer, registrar, principalmente registrar, a história dessas mulheres, e fazer também um convite para que elas estivessem com a gente e para que houvesse esse encontro de gerações, e que a gente pudesse construir alguma coisa juntos [...] esse trabalho que é “Da lama nasce a flor de Lotus”, ele é um trabalho que foi todo processado em conjunto, né?! Então, a gente não tinha um esboço, tinha uma pesquisa, uma pesquisa que mostrou que havia um número mínimo de mulheres que haviam feito uma coletânea, no caso, que haviam entrado num estúdio, que haviam participado desse universo de uma maneira mais independente, se não aquelas mulheres que faziam *backing vocals*, ou uma participação pequena num CD, no caso era CD ou até em um disco de vinil, quando a gente foi buscar, né?! Que era os vinis masculinos, dos homens. Então as mulheres tinha uma pequena participação, porém elas estavam sempre articulando, né?! Então elas estavam sempre nas raízes, nas estruturas, organizando, fazendo produção, as mulheres na época dos festivais por exemplo, elas quem faziam a parte de venda de convites, elas faziam toda a parte de articular com as casas de shows, contrato de ônibus. Porque no caso, algumas casas eram longes daqui. Por exemplo, daqui do Grajaú, do extremo Sul, e havia isso de pegar a galera, de colocar no ônibus, como a gente não tinha, a gente ainda não, ainda é muito escasso o transporte, e a gente tinha menos ainda na época, então as mulheres que faziam toda essa articulação e também faziam letras, a gente tem relatos de mulheres que trouxeram para gente, que fizeram letras e que esses grupos foram para os estúdios, mas não aparecem como coautoras destas letras, da revisão, essas coisas. Então, a gente sempre teve essas mulheres, então a nossa ideia era trazer isso para a discussão, e principalmente chamar essas mulheres para que elas pudessem falar isso pra gente e que a gente pudesse crescer juntas e traçar um futuro em que a gente tivesse isso como base para seguir, que a gente conseguisse escrever isso mesmo na história, então esse álbum também foi pensado, a gente não queria algo padrão, tanto que se você escuta, a gente tem uma coisa mais do Forró, a gente faz questão de ter essa liberdade né?! De passear, de trazer a experiência de todas, eu por exemplo, eu cresci com meus tios ouvindo samba-rock, Almir Guineto, então, havia essa mistura do *soul*, da *black music*. Na época, isso era muito forte, a gente tinha isso muito forte, então a gente conseguiu dentro do Grajaminsas fazer essa troca. Então cada um trouxe a sua experiência e saiu esse álbum que eu acho incrível, que ele tem vozes diferentes, nós fizemos, conseguimos contruir, é um álbum todo feito por mulheres. Eu acho que é isso, e principalmente a mensagem que o álbum traz, que é deste convite. Então, o Grajaminsas, ele não acabou, as pessoas vão passando pelo Grajaminsas, a gente vai passando, crescendo juntas, nos alicerçando, fortalecendo para ocupar outros lugares. Então foi isso que aconteceu. Quando você olha a Nayra Lais, a Denise Alves, são

mulheres que, quando junta esses contextos, eu acho que isso nos fortalece, eu acho que a gente sai mais fortalecida.

Sobre o ciclo de leituras de questões afrobrasileira:

A Roda de Estudos Afro-brasileiros [...] me lembro que eu fui fazer um curso na USP e nesse curso eu encontro algumas pessoas daqui do Grajaú, um deles eu acho que foi Aliado 13, que é um rapper aqui do Grajaú [...] nós fizemos um trabalho de conclusão de curso. Aliás, esse curso teve um percurso maravilhoso, porque nós fizemos algumas viagens, nós fomos conhecer alguns quilombos [...] foi com um pessoal que atualmente é o Instituto Angana¹⁰⁵ [...] o trabalho de conclusão de curso nós resolvemos fazer uma discussão, e dentro do curso me chamou muito atenção quando a gente viu a autora Carolina Maria de Jesus, estava sendo abordado no curso, a gente já conhecia, mas a gente gostou de ver que ela estava no curso. Então, nós resolvemos fazer um trabalho sobre Carolina no Centro Cultural Grajaú [...] falar um pouco mais sobre a nossa história, falar sobre os territórios negros em São Paulo, porque as pessoas não conhecem, a gente vê o centro como um local que nos expulsa, hoje na verdade eu tenho um outro olhar para o centro de São Paulo [...] eu cresci olhando para o centro como um lugar que eu iria e depois teria que voltar e esse lugar era um lugar que sempre me ameaçava e que não era o meu lugar. Hoje quando eu caminho pelo centro de São Paulo é diferente, aquele também é o meu lugar, eu sei que muito daqueles territórios são territórios negros [...] mas que, ao longo do tempo, teve um processo em que essas pessoas vão sendo expulsas para as periferias né?! Então a gente precisa criar um espaço para que haja essa discussão e foi assim que nasceu a Roda de Estudos Afro-brasileiros, surgiu dessa inquietação, por discutir os territórios negros em São Paulo e a periferia, o Grajaú enquanto um território negro [...] então, me veio essa ideia de criação dessa roda no Centro de Artes e Promoção Social CAPES, da professora e filósofa Maria Vilani.

¹⁰⁵ Educação Patrimonial em Territórios Negros de São Paulo ANGANA surgiu a partir de encontros e discussões de pesquisadores em história e cultura afro-brasileira na sede da entidade Movimento Cultural Penha (MCP) desde janeiro de 2014. Cf. <https://web.facebook.com/angana.pesquisa/?rdc=1&rdr>. Acesso em: 14/01/2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ela pegou um braço de cada um e os três ficaram juntos diante da janela que escurecia, olhando para a via expressa e para a água brilhante. “Que diferença enorme existe”, ela disse, “entre sonhar com uma coisa e ter que lidar com ela!” Nem Vivaldo nem Ingram Falaram. Cass se virou para Ingram e, com uma voz que ele jamais a ouvira usar, ávida e sôfrega, perguntou: “Você está trabalhando em algo novo, sr. Ingram? Espero que sim”. (BALDWIN, 1960/2018, p200).

Como e de que forma essa pesquisa termina

O resultado da pesquisa sobre autobiografia entendida como caminho de formulação de um objeto de estudos apresentou três campos bibliográficos acessado ao longo da pesquisa.

O primeiro refere-se à pesquisa de caráter exploratório em torno do termo “biografia” e “autobiografia”, compreendidos no contexto de produção de análises em Ciências Sociais.

Observamos que o primeiro enfoque de pesquisa sobre “biografia” está situado nos campos da historiografia vinculados à História Social e à História Cultural, conforme nos aponta os estudos de Borges (2005). Dois aspectos foram apreendidos.

O primeiro se refere ao fato de que os enfoques historiográficos considerados como pós-estruturalistas (que deslocam o eixo da análise da classe e das “estruturas sociais”) localizam a experiência do indivíduo como elemento passível de descrição histórica articulada a experiências sociais coletivas passíveis de descrição pelo enfoque biográfico.

O segundo aspecto refere-se ao fato de que uma biografia pode constituir-se pela narrativa que o outro faz de nossa própria experiência, a partir dos documentos ou arquivos que deixamos em nossa trajetória de vida.

Seja pelos materiais que deixamos e se tornam objeto de interesse de outros, seja pelos materiais que o outro encontra sobre nós e que, a partir deles constroem uma narrativa, em ambos os casos ainda estarão sob um processo de “construção”

e “representação” já que segundo Borges (2005) “É impossível se esgotar o absoluto do ‘eu’, seja na compreensão da própria vida, seja na vida daquele que pesquisamos”. (BORGES, 2005, p. 214, 216, 217).

O segundo enfoque de pesquisa autobiográfica que percorremos consistiu na análise do estudo situado no campo da sociologia interseccionada com tópicos da teoria feminista de Liz Stanley (1993).

Os estudos de Stanley a respeito do termo “autobiografia” enquanto recurso metodológico de pesquisa em Ciências Sociais toma como referência dois enfoques analíticos. O primeiro refere-se aos estudos de Robert K. Merton situados no campo de estudo da sociologia do conhecimento. O segundo refere-se aos estudos da teoria social feminista da reflexividade. (STANLEY, 1993).

O que nos chamou atenção em relação às questões apresentadas por Stanley consiste nos seguintes apontamentos:

Algumas reflexões sobre essas histórias paralelas: em primeiro lugar, não apenas a “autobiografia sociológica” desenvolvida por Merton e a “biografia intelectual” desenvolvida a partir de ideias feministas sobre a reflexividade são curiosamente semelhantes, embora desenvolvidas em diferentes contextos intelectuais, mas as diferenças são “simpáticas” ao invés de imperialistas. Com isso quero dizer que as noções “mertoniana” e “feminista” da autobiografia reconhecem que o conhecimento difere sistematicamente de acordo com a posição social; portanto, têm a capacidade de considerar a “diferença” como igualmente válida epistemologicamente, em vez de procurar erodir tal diferença em nome de um fundacionalismo.¹⁰⁶ (STANLEY, 1993, p. 45, tradução livre).

Por fim, o terceiro enfoque de análise autobiográfica que tomamos como referência para a descrição de nosso próprio processo de socialização reconstruído através do elemento da racialização tomou como base a produção bibliográfica produzida por intelectuais negros acerca de suas respectivas trajetórias e experiência sociais.

Tais experiências, quando analisadas do momento presente para o contexto

¹⁰⁶ Trecho na língua original: *Some reflections on these parallel histories: firstly, not only are the 'sociological autobiography' as developed by Merton and 'intellectual biography' as developed from feminist ideas about reflexivity interestingly similar,5 although developed in different intellectual contexts, but differences are 'sympathetic' rather than imperialistic. By this I mean 'Mertonian' and the 'feminist' notions of autobiography both acknowledge knowledge differs systematically according to social position; therefore have the capacity to regard 'difference' as equally valid epistemologically, rather than seeking to erode such difference in the name of an foundationalism.*

em que foram produzidas, tornam possíveis identificar que se apresentavam mescladas entre a tentativa de compreensão da própria vida em sociedade a partir de situações sociais de racialização e restrições de liberdade, simultaneamente à tentativa de compreensão de um mundo racializado a partir da modernidade. (Gilroy 2001, p. 131-155)

É preciso apontar que a compreensão da noção de “racialização” oriunda dos estudos de Fanon apresentada em **Os condenados da Terra** (1968) e utilizada sob outras perspectivas por intelectuais posteriores a exemplo os estudos de Michel Banton **Racial Theories** (1998 – [1987]), Omi e Winant **Racial Formation in United States** (2015 – [1994]) descrita no quarto capítulo da tese de doutoramento de Silvério (1999) que nos impulsionou esboçar as primeiras iniciativas de deslocamentos teóricos. Seja em relação as questões exclusivamente centradas na análise de classe, relação entre capital e trabalho seja em relação as questões apresentadas pelas análises do interacionismo simbólico e a partir dela as análises sobre os processos de socialização.

Efetuamos também um deslocamento referido as questões associada a noção de cultura. Sobre esta noção procuramos nos orientar pelas perspectivas dos Estudos Culturais apresentados em dois momentos por Stuart Hall (2018 - [1980b]) e (2006 – [1992]), bem como a perspectiva apresentada por Paul Gilroy (1993/2001).

No que diz respeito às questões apresentadas por Hall, no primeiro momento (anos 1980), o autor desenvolve uma análise crítica entre as perspectivas culturalistas orientadas pelo marxismo cultural de Raymond Williams, E. P. Thompson e pelo estruturalismo culturalista de Levi Strauss e Althusser. Apresenta também suas possibilidades de uso seletivo ainda como enfoque de Estudos Culturais alternativas a áreas de conhecimentos fechadas em si mesmas. (HALL, (2018 - [1980b])).

Este aspecto nos possibilitou efetuar alguns conjuntos de deslocamentos teóricos e, ao mesmo tempo, usos seletivos de elementos teóricos provenientes dos apontamentos de Hall no processo de construção de nosso objeto teórico e empírico, para além do campo específico da sociologia. No que diz respeito às

análises no âmbito teórico, a afirmação de Hall:

não basta o interminável desdobramento da tradição, tão caro a história das ideias, nem tampouco o absolutismo da ruptura epistemológica [...] O que importa são as rupturas significativas [...] uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas [...] (HALL, 1980b/2018, p 131).

Relativizar certos postulados provindos dos enfoques específicos do campo de análise sociológica que prescreviam conforme certas “regras do método” que as análises sociológicas partem de análises e pressupostos sociológicos, sobre a questão da modernidade e os seus desdobramentos para as questões políticas, urbanas e culturais nos permitiu reconstruir as análise sobre a história de formação do que hoje se entende como subdistrito do Grajaú a partir de análises complementares se não alternativas a aquelas apresentada pelos estudos sobre os movimentos sociais populares difundidas por meio dos estudos; **São Paulo: O povo em movimento org**; Singer e Brant 1981 assim como o estudo publicado alguns anos depois por Sader 1988 – **Quando os novos personagens entram em cena**.

Tais estudos tomam como pressuposto os acontecimentos da modernidade produzidos pelas ciências sociais europeias as quais tendiam a centralizar as análises sobre o Iluminismo, Revolução Francesa e Revolução Industrial como pontos de partida. Tais análises, por um lado, centralizavam a experiência dos trabalhadores europeus e norteamericanos brancos mas não necessariamente a experiência das sociedades africanas na diáspora cuja a experiência da escravidão caracteriza e explicita elementos da modernidade experimentada pelos afrodescendente.

A perspectiva dos Estudos Culturais apresentada por Gilroy na relação entre modernidade e contracultura promovida pelo Atlantico Negro, aponta que:

Tanto os defensores como os críticos da modernidade parecem não atentar para o fato de que a história e a cultura expressivas da diáspora africana, a prática da escravidão racial ou as narrativas de conquista imperial europeia podem exigir que todas as periodizações simples do moderno e do pós-moderno sejam drasticamente repensadas (GILROY, p 103, 2001[1993]).

Neste sentido, as análises de Gilroy possibilitaram, ao menos, perceber que

a questão sobre aspectos políticos e culturais da história social dos afrodescendentes no Brasil e na diáspora podem ser desenvolvidas em perspectiva alternativa àquelas apresentadas pelas análises dos estudos afro-brasileiros desenvolvidos por Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edson Carneiro e Gilberto Freire. Outro conjunto analítico o qual os estudos de Gilroy nos propicia efetuar deslocamentos são também aqueles, posteriores aos primeiros estudos de cultura e relações raciais, não sem reconstruções críticas e seletivas, os estudos desenvolvidos por Roberto da Matta e Lilian Schwarcz, assim como os estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago sobre relações raciais e os estudos feitos no Brasil, a exemplo dos estudos de Oracy Nogueira e Virginia Bicudo em relação ao contexto urbano.

Uma vez acessados os intelectuais negros situados em outras áreas de conhecimento e caracterizado, nos termos de Silvério (2018a), (2018b), 2020a) em abordagens transnacionais, os enfoques de análise autobiográfica sobre racialização e sobre Literatura, assim como os estudos no campo da história social e das filosofias políticas africanas, pudemos inicialmente iniciar um processo de constituição de outra formação além do campo sociológico sobre a questão da história, presença e existência das práticas culturais africanas e afrodescendentes tanto em âmbito nacional (Brasil) quanto em perspectiva transnacional.

No âmbito empírico a descrição da experiência e trabalho de campo constituído junto ao grupo de capoeira Angola Semente do Jogo de Angola e os coletivos; Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá se orientam na perspectiva de Hall (1980b/2018).

Os apontamentos de Hall consistem à análise crítica aos estudos sociais abstratos sobre "cultura" e "experiência" analisada em E. P. Thompson e Raymond Williams os quais pensavam a relação entre cultura como cultura de classe.

Operar o deslocamento das análises apenas centradas na classe para a consideração também das atribuições culturais constituídas por efeito da racialização nos permitiu observar como as relações sociais racializadas se apresentavam nas práticas culturais e histórias de vidas dos sujeitos moradores do subdistrito do Grajau.

Em outras palavras argumento que se por um lado a racialização como aponta Fanon nos colocou sob condição de enclausuramento construído pela narrativa eurocentrada sob as populações afrodescendente esta mesma população em situação de diáspora não deixou de apresentar o que Silvério nos aponta como “agências criativas negras” o que compreendemos também como resignificação do “sentido de ser negro” e de “ser lido como negro”.

Estes aspectos todos referidos à minha experiência, situados entre os anos 2020 e 2022, permitiram deslocarmos das representações sociais apresentadas como produtos de pesquisas sociais através de livros (teses, dissertações, publicações) para experimentar e viver socializações que permitiram desenvolver, por um lado, releituras sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, estudos sobre a história das produções culturais e políticas dos afrodescendentes.

Os processos de re significação permitiram também iniciar um projeto de estudo sobre a história de África e dos afrodescendentes na diáspora constituído de maneira “autônoma” ao mesmo tempo em que buscavamos apreender o sentido e a referência das questões apresentadas pelos autores e textos ofertado na disciplina Sociologia das Diferenças¹⁰⁷.

Por meio da observação destes autores foi que as concepções e representações sociais foram constituindo enfoques analíticos possíveis de serem compreendidos como concepções, perspectivas de experiências sociais coletivas, tomando como referências aspectos históricos e trajetórias de vida.

O primeiro momento de reflexão sobre o uso da concepção de autobiografia a partir da consideração dos e das intelectuais negras na diáspora a que tivemos acesso se deu na identificação dos respectivos títulos das obras: “Autobiografia de um escravo”, “Incidentes da vida de uma escrava contada por ela mesma”, “Autobiografia de um ex-negro”, “Oluale Kossola, as Palavras do ultimo homem escravizado”, “Diário de Hospício”, “The Dusk of Down”, “Black Boy”, “Autobiografia de Malcon X”, “Autobiografia política de Jamil Abdullah Al Amin”, “Just Above My Head”, “Uma autobiografia de Angela Davis”, “Quarto de despejo”, “Escrevendo uma

¹⁰⁷ Nos referimos à disciplina optativa do curso de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, oferecido pelo professor Valter Roberto Silvério dos anos de 2020 a 2021.

autobiografia de Bell Hooks”, “Pichon”, “Becos da Memória”, “Mamãe & Eu”, “Malunga Thereza Santos”, “Oswaldo de Camargo”, entre outros livros mais.

Sobre a compreensão dos sentidos e referências dos termos “identidade” e “identificação”

As questões sobre “identidade” e “identificação” consideradas a partir dos processos de releitura da própria experiência e, ao mesmo tempo, de inserção no programa de pós-graduação dedicado a proporcionar estudos no campo das relações raciais, estudos da diáspora, nos permitiu apresentar outro conjunto de problemas não equacionados nesta dissertação.

Por um lado, a releitura da experiência a partir dos processos de racialização e análise autobiográfica me colocou na condição de construir uma representação de identidade que busca associar-se a referências afrodescendentes e africana na diáspora.

Sabemos que isso, em termos de análise histórica, no sentido de história social, e frente à análise de trajetória pessoal, inserida em um determinado contexto dado, tem seus limites e contradições.

Ainda assim, buscar na história tudo o que foi africano ou descendente de africano – mesmo que as reflexões no campo das ciências sociais sejam elas pós-coloniais, pós-modernas ou até mesmo eurocentradas e, por conta disso, problematizem as noções como “descendência”, “ancestralidade”, “africanidades”, “tradição” e até mesmo “identidade” denotem concepções essencialistas do mundo – estamos dispostos ao menos a experimentar e observar as práticas sociais as quais e pelas quais estes termos são expressos socialmente e, por conta disso, apresentam sentidos e referências específicos. Um exemplo recente em nossa experiência de estudante tem sido as entrevistas da escritora moçambicana Pauline Chiziane.

Por outro lado, sabemos e reconhecemos que os estudos desenvolvidos no campo de uma “sociologia pós-colonial” ou de uma “sociologia da diáspora africana” que faz uso da diáspora como categoria analítica aponta, via perspectiva de Paul Gilroy e Stuart Hall, e Anthony Appiah, referenciais críticos a quaisquer resquícios

de essencialismo nas reflexões sociais em torno das representações da(s) história(s) culturais da diáspora negra e africana.

Numa outra ponta da reflexão acessávamos perspectivas afrocentradas, a exemplo os estudos de Molefe Assanti, a partir da noção de afrocentrismo e recuperávamos também em termos de análise histórica das agências intelectuais negra na diáspora os estudos de Marcus Garvey, para além dos estudos apresentados por W.E.B Du Bois, teórico social central em parte do programa de estudos de Silvério (2018a, 2018b) em torno da questão dos intelectuais negros pensada em chave transnacional.

Formação em Ciências Sociais e perspectivas diluídas de relações raciais, afro-brasileiras, diáspora africana e *black studies*.

O resultado das pesquisas desenvolvidas em torno da ausência da consideração da população negra no âmbito de produção de conhecimentos sociais, bem como a apresentação da experiência social dos afrodescendentes, a partir e através do universo escolar nos proporcionou abrir caminhos para pesquisas amplas no campo da história do negro no Brasil, assim como a história do negro na cidade de São Paulo.

Porém, a questão do alcance e difusão de tais referenciais de luta e representação acerca da agência africana e afrodescendente desde a colônia até o Brasil contemporâneo; mesmo quando se considera a imprensa negra paulista, a Frente Negra brasileira nos anos 1930, e as ações do Teatro Experimental do Negro TEN nos anos 1950, a Associação Cultural do Negro (ACN) nos anos 1960, o movimento negro partir dos anos 1970 e 1980 e, por fim, a participação de tendências do movimento negro na Constituinte de 1988, que buscavam assegurar o direito à educação da população afrodescendente e, com ela, a possibilidade de conhecimento acerca da sua história e cultura, eram pouco conhecidas e divulgadas no contexto social e escolar da população afrodescendente situada nas regiões periféricas das cidades.

Verificando a hipótese da ausência dos estudos sobre a condição da população negra no subdistrito do Grajaú

A proposta de levantamento e análise de dissertações e teses sobre o distrito do Grajaú teve como objetivo operar o procedimento de revisão bibliográfica de maneira exaustiva.

Tal procedimento teve como critério verificar a ausência e presença de determinadas temáticas acerca da população afrodescendente em seus diferentes aspectos sociais tal como classificamos de acordo com as áreas de conhecimentos em que as pesquisas em formatos de dissertações e teses foram desenvolvidas sobre esta região da cidade.

Deste modo, conhecer aquilo que já havia sido estudado no distrito do Grajaú e, com isso, compreender como teria ocorrido o processo de formação da região e transição desta região rural para uma região urbana permitiria também observar quais teriam sido os quadros teóricos de referências mais difundidos nas Ciências Sociais e, a partir deles, aplicá-los nas pesquisas empíricas e compreender como estes quadros teóricos de referências lidavam com as questões em torno das relações raciais, assim como com os estudos afro-brasileiros.

O pressuposto geral que orientava esta estratégia de investigação tinha como questão desenvolver, em paralelo, projetos de estudos mais amplos sobre a história da população negra na cidade de São Paulo e, conseqüentemente, a investigação sobre a história da produção bibliográfica ou historiografia dos estudos sobre a população afrodescendente, fossem aquelas produzidas no contexto da academia, fossem as produções desenvolvidas pelo movimentos negros que captassem as expressões culturais e políticas da população afrodescendente no Brasil.

A razão de interesse sobre os dois enfoques de produção intelectual esteve associado ao nosso processo de formação decorrente de determinados processos de socialização. Tal como apontado no Capítulo I desta dissertação, e por outro lado, pela necessidade de acesso à leitura e pela compreensão e organização cronológica e temática das fortunas críticas produzidas por ambas as instâncias e de diferentes formatos em torno de assuntos, eventos e produções que envolviam

a população negra e seus respectivos aspectos sociais.

As questões sobre quais lugares em termos geográficos se encontravam maior concentração da população negra na cidade de São Paulo e sobre como a partir dos anos 1960, período em que surge a região do distrito do Grajaú, se dá o processo de instalação da população negra nesta região (ou se antes do processo de início da urbanização já havia a presença da população negra e indígena na região) consistiam em questões gerais de interesse, dado que elas permitiriam tanto estabelecer projetos de estudos em relação aos dados históricos do presente para o passado quanto pensar a região e as práticas sociais atuais para além da chave analítica da classe ou das desigualdades sociais.

Do ponto de vista da análise da revisão bibliográfica, tínhamos como hipótese dois estudos mencionados por Silvério (2019) em artigo denominado **“Uma releitura do ‘lugar do negro’ e dos ‘lugares da gente negra’ nas cidades”**.

O primeiro se referia ao artigo desenvolvido por Stuart Hall denominado; **Race, Articulation, Societies structured in dominance** [1980]. De modo geral o artigo procura apontar as insuficiências das análises econômicas para explicar as desigualdades sociais em sociedades constituídas por divisões étnicas e/ou raciais ou nos termos do autor “racialmente estruturadas” (HALL 2019b [1980a] p173,174) Seria precisamente o elemento cultural acerca de como a construção da diferença étnica ou racial elaborada pelos grupos que permitiria compreender inclusive determinados elementos socio econômicos.

O segundo artigo também mencionado por Silvério refere-se ao estudo denominado **O movimento negro na última década** (2018 – [1982] p142-179). Este artigo escrito por Lélia Gonzales apresentam dois pontos importantes para o estudo do subdistrito do Grajaú. O primeiro relacionado a descrição da conjuntura social, econômica e política do Brasil dos anos 60 no Brasil o qual era caracterizado por intensa migração da população nascida na região nordeste do país para região sudestes. Precisamente neste aspecto Lélia nos aponta por meio de uma análise geral elementos aplicáveis para uma descrição social do subdistrito do Grajaú, no caso; a composição étnico racial dos grupos sociais que irão compor esta região e que não é descrita pelos estudos de movimentos de moradia e ações coletivas

mencionado parágrafos acima¹⁰⁸. Outro aspecto também mencionado por Gonzalés refere-se ao elemento cultural cujas as diversas organizações negras praticavam e prática como agência política –sejam sob uma perspectiva “recriativa” seja nas perspectivas de organização focadas em reivindicações políticas específicas. (2018 – [1982] p149) Quando olhamos para as práticas culturais mapeadas no subdistrito do Grajaú assim como os relatos de entrevistas o referido estudo nos permite portanto operar deslocamentos teóricos das dimensões sócio econômicas e de classe para a consideração das práticas culturais negras articuladas a dimensões socio econômicas.

Do ponto de vista operacional, o processo de levantamento exaustivo de estudos referentes à região do distrito do Grajaú constituiu-se parcialmente, uma vez que o período em que iniciamos o levantamento, no final do ano de 2019, para confecção do projeto de pesquisa para o mestrado e o ingresso efetivo no curso de pós-graduação em 2020, ocorreu o fechamento das bibliotecas das universidades devido ao surto de Covid-19.

Estando as bibliotecas e arquivos fechados, não tivemos acesso a referências mencionadas pela dissertação de mestrado de Ghanem (1992) que apresentou, no primeiro capítulo de sua dissertação, referências de teses e dissertações de mestrados produzidas no contexto dos anos 1980.

Sustentamos a hipótese de que a consulta às bases de dados e acervo físico da Universidade de Santo Amaro (UNISA), uma das primeiras universidades constituídas na região da cidade de São Paulo próxima ao distrito de Capela do Socorro, assim como a consulta ao acervo físico da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, possam ainda apresentar materiais não digitalizados sobre a região e que complementariam lacunas que a presente dissertação não pôde investigar.

¹⁰⁸ Nos referimos aos estudos de SADER (2002 - [1988], CAMARGO, (1980).

Os trabalhos de campo, a cartografia e autoetnografia no contexto de pandemia de SARS-COV 2 COVID 19.

Houveram três pontos os quais organizamos enquanto resultado do processo de pesquisa decorrente da conjuntura sanitária vivenciada nos anos de 2020 a 2021;

- 1) Organização das notas etnográficas decorrente do processo de observação participante nas ações dos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá que desempenhavam a constituição e apresentação da dramaturgia “Kalunga Grande, Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar” durante os anos de 2018 a 2019.
- 2) Realização de análises de dados secundários provenientes das sinopses dos projetos fornecido pelo VAI e CDMIN, como meio de cartografar os grupos e as práticas culturais negras identificadas e observadas na região do distrito do Grajaú.
- 3) Realização das entrevistas como uma segunda perspectiva de cartografia das “territórios históricos” das práticas de culturas negras/afrodescendentes no distrito do Grajaú.

Tais resultados apontaram para os aspectos a seguir.

O desenvolvimento da pesquisa de campo sobre as práticas culturais negras no distrito do Grajaú foi afetado de maneira significativa pela pandemia de Covid-19 nos anos de 2020 e 2021.

Nossa percepção sobre o impacto deste problema sanitário ocorrido em escala global informa os limites, decisões e mudanças de estratégias de pesquisa de campo sob os grupos culturais na região.

Os dados que tínhamos constituídos por diário de campo herdado pela formação em Ciências Sociais foi o que nos orientou a constituir uma descrição sobre o sentido e significado das práticas culturais constituídas no interior dos coletivos Identidade Oculta e Espaço Cultural Cazuá, nos anos de 2018 e 2019.

Dada a impossibilidade do avanço de pesquisas de campo no ano de 2020, decorrente da conjuntura sanitária nos impediu de observar quais ações e desdobramentos que os respectivos coletivos projetavam para o ano de 2020 tanto

dentro quanto fora do distrito do Grajaú.

Por outro lado, decorrente da situação pandêmica, a constituição de uma narrativa orientada pelo processo de observação participante no processo criativo do coletivo permitiu encadearmos a dimensão subjetiva e formativa que vivenciei junto ao coletivo. Para além da ação de autoetnografia pude cartografar as redes de contato que cada membro do grupo tinha com outros grupos e sujeitos no distrito do Grajaú, isto é, para além do meu processo de construção de referência que denominei como “processo de reconstrução autobiográfica a partir da perspectiva da racialização”, descrita no capítulo I.

Acreditamos ter estabelecido a passagem de uma instância subjetiva para uma instância objetiva de produção de pesquisa e conseguir visualizar quais os grupos e práticas culturais negras haviam no distrito do Grajaú. Os aspectos a serem observados sobre essa questão são:

a) Desde o ano de 2016 observa-se, de acordo com os dados fornecidos pela CDMIN e VAI, um aumento de apresentações, encontros e atividades de jovens situados nos distritos de Capela Socorro e na região do distrito do Grajaú.

Tais práticas culturais ocorriam não apenas por efeito dos financiamentos decorrentes da participação dos grupos em editais públicos para o desenvolvimento de projetos, mas também pelo efeito das políticas de acesso à educação superior (pública e privada) que jovens de regiões periféricas passaram a experimentar nas duas primeiras décadas dos anos 2000.

A intensificação do acesso aos equipamentos de tecnologias e, com eles, o acesso à internet permitiram, não apenas um maior acesso e consumo de informações sobre o mundo e, com isso, sobre o “mundo afrodescendente” provindo da diáspora e até mesmo de África (penso aqui em específico o contato que jovens do Grajaú tiveram contato com a bailarina de Guiné, Mariama Camará, e com Assam Mbop, do Senegal) mas também, pelo uso da internet, difundir e divulgar seus produtos culturais constituídos em diversas linguagens.

No ano de 2020, contudo, período em que esta pesquisa se inicia, é interrompido o processo de circulação, apresentação e comunicação presencial entre estes grupos no território do distrito do Grajaú. Assim como em várias regiões

da cidade de São Paulo e do mundo diante da pandemia de Covid-19, não dispunhamos de compreensão sobre o que aconteceria no futuro próximo. A partir desta vivência social sob incertezas, os processos de interrupção de projetos e as novas adaptações atravessaram o ano de 2021 intensificando, de maneira significativa, a produção de conteúdo cultural para a internet.

Sobre as entrevistas

Por fim, a realização das entrevistas como uma segunda perspectiva de cartografia dos "territórios" das práticas de culturas negras/afrodescendentes no subdistrito do Grajaú apontaram os seguintes aspectos;

1) O conjunto habitacional Brigadeiro Faria Lima, perímetro que conforma uma determinada geografia de parte do subdistrito do Grajaú, local que foi palco da primeira edificação de prédios de moradia popular na região, consiste em um "território" que, de acordo as narrativas e depoimento apresentados por pessoas acima de 50 anos de idade, podemos afirmar ser um território negro no sentido apresentado por Rolnik, que aponta;

Nossa intenção [...] é demonstrar que existe um território negro específico nestas cidades, território que tem uma história [...] o próprio conceito de território urbano, espaço vivido, obra coletiva construída peça a peça por um certo grupo social [...] ao falarmos de territórios negros, estamos contando não apenas uma história de exclusão, mas também de construção de singularidade e elaboração de um repertório comum (ROLNIK, 1989/2007, p. 76).

A referida região ainda guarda memórias vivas sobre os bailes *blacks* feitos na rua e nas casas que compõem o conjunto o referido conjunto habitacional. É o que nos informam os depoimentos de Salloma Salomão, Augusto, Alan Amaro dos Santos e Lucimeire Juventino. Acrescentamos aos depoimentos de sujeitos que apresentam mais de 40 anos de idade, o depoimento colhido de um jovem (Tiago Morais Silva Santos, 31) conhecido como Tigone, engajado no projeto musical Graja Groove:

A gente chegou a conhecer uma galerinha que dançava, que ia nos bailes, galera da antiga [...] e a gente teve a ideia de fazer um documentário né?!

contando um pouco dessa história, buscando essas pessoas [...] a ideia era trazer alguns entrevistas né?! [...] e também muita gente que a gente conhece que fazia baile, que tinha equipe de som [...] teve uma galera da nossa família que viveu isso né?! Então em algum momento é legal a gente registrar isso.

Sendo assim, um aprofundamento sobre como o fenômeno dos bailes *blacks*, ocorrido entre os anos 1970 e 1980 no Brasil, tema que apresenta expressiva literatura de análise acadêmica, permitiria desenvolver estudos de caso sobre como as sociabilidades dos bailes *blacks* neste mesmo período teriam ocorrido na região do subdistrito do Grajaú.

2) A segunda questão que observamos e que se apresenta como resultado da pesquisa a ser aprofundada consiste na maneira de construção de significado que os entrevistados apresentam sobre o Aristocrata Clube.

Os sujeitos entrevistados, apresentados por Augusto e Lucimeire Juventino, apontam para uma representação do clube como espaço de sociabilidade negra e também como espaços de performatividades negras através da exibição de roupas e carros e também de redes sociais para se conhecer outros circuitos culturais negros na cidade de São Paulo.

Numa outra perspectiva Salloma nos apontou em entrevista o esforço de seu irmão em tentar dialogar com os diretores do Aristocrata Clube no contexto dos anos 1990 em vista de retomar as ações do clube. Embora a ação de Jansem, irmão de Salloma, junto aos diretores do Clube não tenha dado certo, a questão nos fez lembrar novamente os apontamentos da tese de Soares da Silva (2004) especificamente em relação à questão das identidades de classe e das identidades étnico-raciais. Em outras palavras a questão também apresentada pelos estudos sociais sobre afrodescendentes acerca das diferenças sociais (de classe e referências étnicas/culturais) internas.

Tiago Morais (Tigone) membro do projeto Graja Groove nos aponta práticas culturais no universo do hip-hop após a segunda década de 2000, as ações por parte de jovens envolvidos com hip-hop na região e que buscam transformar parte do espaço do Aristocrata Clube que se tornou uma área de moradia. A intenção dos jovens moradores deste local e também produtores de cultura hip-hop é fazer do

local um centro de cultura do hip-hop. Novamente nas palavra de Tiago Morais (Tigone):

É a galera mesmo do Lucélia né [...] eles estão fazendo um parque né. Então, tem uma galera que morava lá na ocupação que traz essa importância de fazer a casa de hip-hop porque era um espaço que é forte da cultura né?! Pra essa questão de bailes, das festas, o coletivo “Nóis por nóis” sempre fala né?! Do Aristocrata então é tipo uma forma de lembrar né?! Fazendo algo lá, que existiu toda essa historia aí né?! Parece que até o Jorge Ben tocou lá né?!

3) Sobre o movimento negro organizado e os diálogos com as regiões periféricas, em específico o subdistrito do Grajaú.

Um dos pontos de partida de nossa pesquisa consistia em indagar sobre porque razão as mobilizações sociais ocorreram mais via Comunidades Eclesiais de Base e Associações de Moradores (anos 1970 e 1980) e, mais tarde, por organizações não governamentais (anos 1990 a 2010) do que pela presença e atuação do Movimento Negro Unificado (MNU).

No caso de Fátima, o contato com o MNU e Geledés se deu entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990. O contato ocorreu por intermédio da sua participação na Casa da Mulher do Grajaú. Esta organização recebia as oficinas de formação do Geledés para as mulheres que frequentavam a respectiva associação. Mas as questões específicas apresentadas pelo Geledés não foram necessariamente pautas incorporadas integralmente às ações da Casa da Mulher do Grajaú.

Salloma Salomão, por sua vez, toma contato nos anos 1980, com o Grucon, outra vertente do movimento negro associado com parte do grupo de padres católicos progressistas vinculados à Teologia da Libertação e às ações das Comunidades Eclesiais de Base. Observa-se também que o contato de Salloma com esta perspectiva, lhe permitiu entrar em contato com membros do movimento negro situados na região central da cidade, por meio dos cursos de formação que ocorriam na Igreja da Boa Morte.

Por fim, no contexto dos entrevistados mais jovens, Alan Amaro nos aponta que o seu contato com o movimento negro ocorre no contexto dos anos 1990 por meio da UNEGRO, por intermédio das ações antirracistas do movimento punk

anarquista e do coletivo denominado Anarquistas Contra o Racismo.

Os pressupostos que orientavam nossa argumentação estavam associados ao fato de que, sobretudo nas regiões periféricas, era maior a concentração de pretos e pardos.

O que verificamos através das entrevistas realizadas foi que os sujeitos moradores e participantes de práticas culturais negras da região do subdistrito do Grajaú tomaram contato com o movimento negro MNU sob diferentes perspectivas e contextos embora as ações dos movimentos negros do período posterior aos anos 70 não estivessem especificamente com ações de formação de base intelectual e cultural nas regiões do subdistrito do Grajaú.

Por que?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Fred. Capoeiras: **Bahia, século XIX**: imaginário e documentação, Volume 1. Bahia: Instituto Jair Moura, 2005.

ALVES DA SILVA, Eliane. **Governar o ingovernável**: gestão da irregularidade urbana em áreas de mananciais em São Paulo. Tese. Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

ALBERT, Verena; ARAUJO, Amílcar. (Org) **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ANDRADE, Aline Silva de. **Jovens urbanos**: estudo de caso de um programa social para jovens moradores da metrópole paulistana. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, 2014.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **The history of an afro-brazilian martial art**. First published 2005 by Routledge, an imprint of Taylor & Francis.

AUGUSTO DOS SANTOS, Sales. A lei 10.639 como fruto da luta antirracista do movimento negro. *In*: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

AZEVEDO, de Aroldo. A cidade de São Paulo. *In*: **Estudos de geografia urbana**. Volume IV - Os subúrbios Paulistanos. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1958.

BANDO, Daniel Hideki. **Padrões espaciais do suicídio na cidade de São Paulo e seus correlatos socioeconômico-culturais**. (Dissertação) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BANTON, Michel. **Racial Theories**. Cambridge University Press 1998 - [1987]

BASTIDE, Roger; FERNANDEZ, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

BASTIDE, Roger. As Américas Negras. Difusão Europeia do Livro. São Paulo - 1974

BARNES, J. A. Redes Sociais e processo político. *In*: **A antropologia das sociedades contemporâneas**. Bela Feldman Bianco (Org.). São Paulo: Editora Global, 1987.

BEATRIZ NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018

BICUDO, Virginia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Marcos Chor Maio (Org.). São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

BORGES, Pacheco Vavy. **Fontes biográficas**: grandezas e misérias da biografia.

- Fontes históricas. Carla B Pinsky (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- BLUMER, Herbert. **George Herhert mead and human conduct**. Edited and introduced by Thomas J. Morrione. AltaMira Press, 2003.
- BRASÍLIA. Ministério da Educação, Secretária da Educação básica. **Sociologia: ensino médio**. Amaury César Moraes (Coord.). Coleção Explorando o Ensino. Brasília: MEC, 2014.
- BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. Gender, racism, ethnicity series. London: Routledge, 1996.
- BRITO, de Celso; GRANADA, Daniel; MARQUES, Matheus do Monte; NASCIMENTO, Ricardo. O “afrocentrismo” e as voltas que o mundo dá: entrevista com mestre Cobrinha Mansa. **Revista Entre Rios**, PPGANT-UFPI, Teresina. Vol 2 n. 2, 2019.
- BUTLER, Kim D. Defining diaspora, refining a discourse. *In: Diaspora: a Journal of transnational studies*, Vol. 10, n. 2, 2001, pp. 189-219.
- CARDOSO, Elizabeth da P. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. (Dissertação) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2004.
- CARLA DOS SANTOS, Patrícia. **Análise espacial dos aglomerados de nascimentos ocorridos em hospitais SUS e não SUS no Município de São Paulo** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo., 2008.
- CAMARGO, Candido Procopio F, SOUZA, Beatriz Muniz, Pierucci, Antonio Flávio Comunidades Eclesiais de Base. *In: São Paulo: o povo em movimento*. Singer e Brant (Org.). 4 ed. São Paulo: Editora Vozes/Cebrap, 1980.
- CAVALCANTI, Herodes Beserra. **Automação comercial e intensificação do trabalho nos supermercados Compre Bem e Pão de Açúcar na cidade de São Paulo**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – 2011
- CARNEIRO, Edson. Capoeira. **Cadernos do Folclore**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1977.
- CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. (Org.) Sociologia e **Ensino Médio em debate**. Experiências e discussão de Sociologia no ensino médio. Rio Grande do Sul: Editora Unijui, 2004.
- CEPÊDA, Vera Alves. DEFACCI, Fabrício Antônio. Repensando o lugar da intelligentsia: desenvolvimento, democracia e projetos. **GT Dilemas da Modernidade Periférica**. 32º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2008.
- COMAS, Juan *et. al.* **Raça e Ciência**. Vol I. Série debates. Ciências Sociais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORAZZA, Delana Cristina. **Os limites da cidade**: direito à moradia e atuação do Estado em casos de remoção no município de São Paulo. (Dissertação) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2014.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem da história da educação dos negros. In: **História da Educação do Negro e outras histórias**. Jeruse Romão (Org.). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

D' ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 2013.

DOMINGUES CARDOSO, Viviane Pedroso. **Uma cidade, várias narrativas**: análise interpretativa das monografias premiadas do Concurso História de Bairros de São Paulo. (Dissertação) Programa de História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

DELEUZE Gilles; GUATARI Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DUBAR, Claude. A socialização. **Construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DU BOIS, W.E.B. **The Philadelphia negro**: a social Study. Oxford: Univesity Press, 1899.

DU BOIS, W.E.B. **The souls of black folk**. Edited with an Introduction and Notes by Brent Hayes Edwards. Oxford: Univesity Press, 2007b.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Tradução, introdução e notas Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Trad. Alexandre Boide. São Pulo: Editora Veneta, 2020.

DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MADSEN, Ander Koed; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. **Doing Cultural Studies**. The Story of the Sony Walkman. Newbury Park: Sage Publications LTD, 2013.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHER, Arthur P. **Autoethnography**: An Overview. Forum: Qualitative Social Research, 12(1), Art. 10, 2010.

EDWARDS, Brent Hayes. The Uses of Diaspora. **Social Text 66**, Vol. 19, No. 1, Spring 2001. Copyright © 2001 by Duke University Press.

EGIDIO, Jorge do Santos. **Jogo de Angola**. Vida e Obra. Mestre Jogo de Dentro. Copyright. Salvador: Editora do Autor, 2010.

EGIDIO, Jorge do Santos. **Capoeira Angola e ancestralidade**. Mestre Jogo de Dentro. Salvador: Editora do Autor, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARIA, Camila Salles. **A luta guarani pela terra na metrópole paulistana: Contradições entre a propriedade privada capitalista e a apropriação indígena**. (tese) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2016.

NORO FERNANDES, Evandro. **Reprodução de pequenos agricultores no espaço metropolizado paulistano: uma análise da porção sul do município de São Paulo**. (Dissertação) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA FONSECA, Ligia. **“Negritude”, “Negridade”, “Negricia”**: história e sentidos de três conceitos viajantes. São Paulo: Via Atlântica, n. 9, jun., 2006.

FERREIRA, Maria Ines Caetano. **Homicídios na periferia de Santo Amaro**. Um estudo sobre a sociabilidade e os arranjos de vida num cenário de exclusão. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. Universidade de São Paulo, 1998.

FERRARA, Luciana Nicolau. **Urbanização da natureza: da autoprovisão de infraestruturas aos projetos de recuperação ambiental nos mananciais do sul da metrópole paulistana**. (Tese) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2013.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos José. **Nem tudo era italiano**. São Paulo e pobreza (1890-1915). Editora Annablume: São Paulo, 2017.

FONSECA, Marcus Vinicius. A população negra no ensino e na pesquisa em História da Educação no Brasil. In: **A história da educação dos negros no Brasil** Marcus Vinicius Fonseca; Surya Aaronovich Pombo de Barros (Orgs.). Niterói: EdUFF, 2016.

FLOR, CAUÊ GOMES. **Diáspora africana: por uma crítica transnacional da política cultural negra**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Campus Marília, 2020

GARCIA, Angélica Gonçalves. **Projeto político pedagógico na escola pública: estratégia e cultura organizacional**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2015

GHANEM JR, Elie George Guimarães. **Lutas populares, gestão e qualidade da escola pública**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Universidade de São Paulo USP, 1992.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34 / Universidade Candido Mendes, 1993.

GIOVANCARLI, Luisa. **Veículos de comunicação comunitários e jornais de**

bairro na cidade de São Paulo. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Resistência e revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento. *In: Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 156-167, dez./fev. 2005-2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Formações nacionais de classe e raça.** Negros nas cidades brasileira. (1890-1950). Ana Barone e Flavia Rios (Org.). São Paulo: Editora Fapesp / Labraça / Intermeios, 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Vozes 1975.

GOFFMAN, Erving. Estigma. **Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GOMES, Janaína Damasceno. **Os segredos de Virgínia:** estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955) / Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia, 2013.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O Jogo das diferenças.** O multiculturalismo e seus contextos. 4 ed. São Paulo: Editora Coleção Cultura Negra e Identidades. Editora Autentica, 2006.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G.; BEATRIZ, P. Aprender a conduzir a própria vida. Dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. *In: De preto a afrodescendente. Trajetos de pesquisa de relações étnico raciais no Brasil.* Lucia Maria de Assunção Barbosa. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Valter Roberto Silvério. (Org.). São Paulo: Editora Edufscar, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **O movimento negro na última década.** *In: Lélia Gonzales. Primavera para as rosas negras. Diáspora Africana – 2018 [1982]*

GORENDER, Jacob. **A escravidão reabilitada.** 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

HALL, Stuart. "Africa" is alive and well in the diaspora. Cultures of Resistance: Slavery, Religious Revival and Political Cultism in Jamaica.' Unpublished Manuscript. **UNESCO Seminar on "Social Structure, Revolutionary Change, and Culture in Southern Africa"**. Maputo, Mozambique, 1976.

HALL, Stuart. Estudos Culturais. Dois paradigmas. *In: Da diáspora identidade e mediações culturais.* Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.[1980b]

HALL, Stuart. The hinterland of science: ideology and the sociology of knowledge. Centre for Contemporary Cultural Studies, Working Papers in Cultural Studies, n. 10, 1977, pp. 9-32. *In: MORLEY, David. Essential essays:* Stuart Hall. London: University of London, 2019a.

HALL, Stuart. Race, Articulation, and Societies Structured in Dominance (1980a). *In: MORLEY, David. Essential essays:* Stuart Hall. London: University of London,

2019b.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.). 2 ed, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HALL, Stuart *et al.* **Culture, media and language**. Working Papers in Cultural Studies 1972-1979. Taylor & Francis e-Library, 2005.

HALL, Stuart. Minimal Selves. In: APPIGNANESI, Lisa. **The real me: post modernism and the question of identity**. ICA Document, London: The Institute of Contemporary Arts, 1987.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, n. 24, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.[1992]

HALL, Stuart. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Thomas Tadeu da Silva. São Paulo: Editora Vozes, 2019.[1997a]

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro. Editoria PUC-Rio: 2016. [1997b]

HARRIS, Joseph E. **Global dimensions of Africa diaspora**. Wasginton DC: Howard University Press, 1993.

HALL, Joseph E. **Diáspora africana no antigo e no novo mundo**. In: História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Brasília: Unesco, 2010.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo. Elefante, 2019.

NUNES DE ANDRADE, Elaine. (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus / Selo Negro, 1999.

JACOB. Amanda Martins. **Vulnerabilidade socioambiental no município de São Paulo: análise das capacidades e liberdades humanas**. (Dissertação) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013.

JUNIOR, José Raimundo Sousa Ribeiro. **Alienação das práticas alimentares e urbanização: uma análise da alimentação da classe trabalhadora em São Paulo**. (Tese) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2015.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo**. Estudos de Geografia Urbana. Tese de Doutorado apresentada a Faculdade Filosofia, Ciências e Letras (Rio Claro Universidade de Campinas), 1968.

LICO, Fátima Madalena de Campos. **Juventude, violência e ação coletiva**. (Tese) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública Universidade de São Paulo, 2009.

LIMA. Elânia Francisco. **Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Sexual.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, 2018

LEITE da Silva, Fabiano. **Metrópole corporativa e fragmentada: a urbanização da península do Ribeirão Cocaia, Grajaú, em São Paulo.** (Dissertação) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

LOPES, Regiane Luzia Lopes. **Capoeira é liberdade! a experiência político-cultural da associação cultural corrente libertadora na cidade de São Paulo (1976-2004).** Dissertação de Mestrado. Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2011.

LOUBACK LOPES, Ana Carolina. **Os meandros da produção pública na construção da paisagem periférica paulistana: o caso dos equipamentos educacionais.** (Dissertação) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2011.

LOPES DO NASCIMENTO, Roseli Machado. **Arte educação no contexto de periferias urbanas: um desafio social.** Dissertação de mestrado. Departamento de Ciências Sociais (Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2010.

LOURDES DOS SANTOS, Antônia de; MUNANGA, Kabengele. **Cem anos e mais de bibliografia sobre o negro no Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo; Centro de estudos Africanos; Fundação Cultural Palmares, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese.(org) **Jovens na metrópole: etnografia de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** 1 ed São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MANSO, Bruno Paes. **Crescimento e queda dos homicídios em São Paulo em 1960 e 2010. Uma análise dos mecanismos da escolha homicida e das carreiras no crime.** (Tese) Departamento de Ciências Políticas da Universidade de São Paulo, 2012.

MARÇAL, Débora. **Como olhar os corpos negros na cena paulista contemporânea? In: Negras insurgências.** Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: Perspectivas históricas, teóricas e práticas. Org; Capulanas Cia de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva. Editora Capulas Cia de Arte Negra, 2018.

MARICONDI, Maria Ângela. **Caracterização das práticas educativas dos “agentes multiplicadores” do projeto Nossas Crianças: janelas de Oportunidades.** Dissertação (Mestrado), Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2010.

MARTINI, Bibiana. **Análise evolutiva da qualidade de vida urbana nos distritos ao sul do município de São Paulo através de práticas de geoprocessamento.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

MATSUNAGA, Melissa Kikumi. **Cantinhos do céu.** (Dissertação) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2018.

MATTA, Roberto da. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. São Paulo: Vozes, 1981.

MEAD, George Herbert. **Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist**. London: The University of Chicago Press, 1962.

MEDEIROS, Priscila Martins. A produção sociológica na área de relações raciais: uma análise teórico-metodológica das pesquisas brasileiras (2001-2017) In: **GT 28 - Relações Raciais**: Desigualdades, Identidades e Políticas Públicas Priscila Martins Medeiros¹, 42º Encontro Anual da Anpocs, 2018.

MEDEIROS DA SILVA, Mário Augusto. Clubes Sociais Negros Paulista, 1890 -1950. *In*: **Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)**. Ana Barone e Flávia Rios (Org.). São Paulo: Editora Fapesp/Labraça/Intermeios, 2019.

MELO, Estefania Momm. **Conflitos em áreas de mananciais em São Paulo**: o caso da Gleba Grajaú. (Dissertação) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2018.

MELLO, Marcia Curti de. **Gestão democrática em um CEI - Centro de Educação Infantil, da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado), Universidade Nove de Julho, UNINOVE, São Paulo, 2019.

MONTEIRO, David Costa. **Bens e serviços para idosos residentes em regiões periféricas da cidade de São Paulo**: a dinâmica dos aparelhos auditivos. Dissertação (Mestrado). Universidade Nove de Julho, UNINOVE, São Paulo, 2018.

MOURA, Clovis. **Rebeliões nas senzalas**. 3 ed. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1977.

MOURA, Clovis. **O negro de bom escravo a mau cidadão?** Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1977

MOURA, Clovis. **Brasil**: raízes do protesto negro. São Paulo: Global Editora, 1983.

MOURA, Clovis. Organizações Negras. In: São Paulo: O povo em movimento. Org; Singer e Brant. 4º edição. Vozes – Cebrab 1983.

MORRIS, A. D. **The scholar denied**: W. E. B. Du Bois and the birth of modern sociology. California: University of California Press Oakland, 2015.

MILES, Robert. BROWN, RACISM. by Routledge First edition. - 1989, second edition. 2003

MIRA, Maria Celeste. Sociabilidade juvenil e práticas culturais tradicionais na cidade de São Paulo. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 563-597, mai./ago., 2009.

MUNANGA, Kabengele. África: trinta anos de processo de independência. **Revista USP**, (18), 100-111, 1993.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. **Resgate: Revista de Cultura**, Campinas, n. 6, p. 17-24, 1996.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo,

identidade e etnia. **Anais do 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB**, Rio de Janeiro, 2003.

NASCIMENTO, Abdias do *et al.* **Relações de raça no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Quilombo, 1950.

NASCIMENTO, Abdias do. **Genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. **Sitiados em Lagos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981

NOGUEIRA, Oracy. Atitudes desfavoráveis de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de Cor. In: **Tanto preto quando branco**: estudos de relações raciais. São Paulo: Editora TAQ, 1985.

NOGUEIRA, Oracy. **Relações raciais no município de Itapetininga**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, USP, v. 19, n. 1., 2007.

OMI, Michel. Winant, Howard. **Racial Formation in United States**. Routledge 2015.

PAULA, Liana de. **Liberdade assistida**: punição e cidadania na cidade de São Paulo. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

PASTINHA. Vicente Ferreira. **Manuscritos do mestre Pastinha**. Portal Capoeira, 2016. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/download/os-manuscritos-do-mestre-pastinha/>. Acesso em: 02/02/2023.

PHAM, Quỳnh N.; Robbie Shilliam. **Meanings of bandung**: postcolonial orders and decolonial visions. Maryland: Rowman & Littlefield International Ltd., 2016.

PRADO, Sônia Regina Leite de Almeida. **Integralidade**: um estudo a partir da atenção básica à saúde da criança em modelos assistenciais distintos. (Tese) Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2005.

PRATT, Marie Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: São Paulo, 1999.

PINHEIRO DA SILVA, Carmen. **Em busca de uma pedagogia artística crítica utópica com crianças, as transgressoras do “tempo-de-agora”**: catadoras de restos e trapeiras. Dissertação (Mestrado em Arte Educação), Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2016.

PINTO, Monilson dos Santos. **Nego Fugido**: o teatro das aparições. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes, área de concentração em Artes Cênicas, UNESP, 2014.

PINTO, Monilson dos Santos. A dialética da máscara negra: nego fugido contra o blackface. **Revista Aspás**, Vol. 7, n. 1, 2017.

PINTO, Monilson dos Santos. **A bananeira que sangra**: desobediência epistêmica, pedagogias e poéticas insurgentes nas aparições do Nego Fugido. Tese. Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas, área de concentração em Pedagogia Teatral, linha de pesquisa Formação do Artista Teatral, ECA-USP, 2021.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simão. **Movimentos da cultura afro brasileira**: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950). Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

POLLI, Simone Aparecida. **Moradia e meio ambiente**: os conflitos pela apropriação do território nas áreas de mananciais em São Paulo. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010.

POPPER, Karl. **A Sociedade Aberta e seus Inimigos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RABAKA, Reiland. **Against epistemic apartheid**: W. E. B. Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. Copyright © by Lexington Books 2010.

RABAKA, Reiland. Du Bois e a Inauguração de uma sociologia interseccional. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 33, jun. / ago., 2020, p. 586-622.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**. Ensaio Socioetnografico. São Paulo: Editora Itapuã, 1968.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1 ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

RODRIGUES, Cintia Leci. **Mortalidade infantil tardia na região da Capela do Socorro**, São Paulo, 2007 a 2009. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2010.

RONILK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidades e cidades em São Paulo e Rio de Janeiro** *In*; Diversidade, espaço e relações étnico-raciais. O negro na Geografia do Brasil. Org Renato Emerson dos Santos. Coleção Culturas negras e identidade - Gutemberg – 2007.

RUFINO DOS SANTOS, Joel. **O movimento negro e a crise brasileira**. Joel Rufino dos Santos, 1985. Disponível em: [http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/artigos/o-movimento-negro-e-a-crise-brasileira.asp_\[1985](http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/artigos/o-movimento-negro-e-a-crise-brasileira.asp_[1985). Acesso em: 02/02/2023.

SADER, Emir. **Quando os novos personagens entram em cena. Experiências e Lutas dos trabalhadores da grande São Paulo – 1970 – 1980**. Editora Paz e Terra. (2002)[1988]

SALOMÃO, Salloma. **Pretos, prussianos, índios e caipiras: culturas e invisibilidades históricas nos arredores da cidade de São Paulo: Séculos XVIII e XIX: Biotrajétórias**. Editora do Autor – Aruanda Mundi – 2021.

SANTOS, Sales Augusto. A Lei 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS SOUZA, Elaine dos. **A parceria entre Estado e as organizações sociais por meio de convênio para execução da assistência social no Grjaú**. (Dissertação), Fundação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra**. Material textual apresentado no curso “Uma história da antropologia brasileira”. Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 1993.

SCOTT, David. **Aquele evento, esta memória: notas sobre a antropologia das diásporas africanas no Novo Mundo**. *Revist ILHA*, v. 19, n. 2, p. 277-312, 2017.

SEGATO, Rita Laura. **The Color-Blind Subject of Myth; Or, Where to Find Africa in the Nation Annual**. *Review of Anthropology*, Vol. 27 (1998), pp. 129-151.

SILVA, Petronilha Gonçalves. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In: ABRAMOWICS, Silvério. **Afirmando diferenças: montando o quebra cabeça na escola**. São Paulo: Editora Papyrus, 2005.

SILVA Geraldo da; ARAUJO, Márcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In: **História da educação do negro e outras histórias**. Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA SOARES, Reinaldo. **“Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra”**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, para obtenção do Título de Doutor, pelo curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo – 2004

SILVEIRA, Laís. **Política e território: etnografia das práticas políticas dos membros de uma Associação de Moradores no Grajaú**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Raça, racismo na virada do milênio: os novos contornos da racialização**. Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de Sociologia do IFCH da UNICAMP, 1999.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, nov. 2002

SILVÉRIO, Valter Roberto. O papel das ações afirmativas em contextos racializados: algumas anotações sobre o debate brasileiro. In: GONÇALVES, Petronilha Beatriz; GONÇALVES E SILVA, Valter Roberto Silvério (Org.). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003b.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ações afirmativas: percepções da “Casa Grande” e da “Senzala”. In: BARBOSA, Lucia; SILVA, Petronilha Beatriz; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.) De preto a afrodescendente, trajetórias de pesquisas sobre relações étnicas raciais no Brasil. 2001/2003a. EDUFSCAR-São Carlos. 2010.

SILVÉRIO, Valter Roberto; TRINAD, Cristina Theodoro. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul. / set. 2012.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **História Geral da África: século XVI ao século XX. Apresentação. Síntese da Coleção.** Unesco; Ufscar; Ministério da educação, 2013.

SILVÉRIO, Valter Roberto. As relações étnico-raciais no Brasil contemporâneo a partir da perspectiva da Diáspora Africana” In: OLIVEIRA, Fabiana Luci de.; RODRIGUES, Tatiane Cosentino (Org.). **Conversas Metodológicas**. São Carlos: UFSCar, 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Quem negro foi, quem negro é? Anotações para uma sociologia política transnacional negra. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramon Gramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura Negra e Identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Transnacionalismo negro e diáspora africana: desafios para uma nova imaginação sociológica**. Rede Intermeios, 2018b.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Uma releitura do “lugar do negro” e dos “lugares da gente negra” nas cidades. In: BARRONE, Ana; RIOS, Flávia. **Negros nas cidades brasileira (1890-1950)**. 1 ed. São Paulo: Editora Fapesp, Labraça, Intermeios, 2019.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Transnacionalismo negro e diáspora Africana. **Conversas Metodológicas**, (2020a). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PRVgdW4Vb8g&ab_channel=ClickCi%C3%AAnciaUFSCar. Acesso em: 24/09/21.

SILVÉRIO, Valter Roberto; HOFBAUER, Andreas; KAWAKAMI, Érica Aparecida; FLOR, Cauê Gomes. Diáspora africana: caminhando entre genealogias, abrindo novos horizontes. Contemporânea, **Revista de Sociologia**, UFSCar, v. 10, n. 3, set. / dez., 2020b, pp. 877-902.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Projeto de Pesquisa. In: <https://valtersilverio.com/pesquisa/> (2020c) acesso 10/07/20.

SILVÉRIO, Valter Roberto. KAWAKAMI, Érica Aparecida; FLOR, Cauê Gomes Tornar-se sujeito afro-diaspórico: *working with* Du Bois, Fanon e Stuart Hall. Contemporânea. **Revista de Sociologia**, da UFSCar, v. 10, n. 3, set. / dez. 2020d, pp. 1289-1322.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890**. Access Editora, 1999.

SOUZA, Angelita Gomes de. Distribuição espacial da mortalidade por acidente cerebral vascular e fatores socioeconômicos nos distritos da cidade de São Paulo, Brasil. Dissertação (mestrado), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA REIS, Leticia Vidor. **A CAPOEIRA: DE "DOENÇA MORAL" À "GYMNÁSTICA NACIONAL"** R. História, São Paulo, n. 129-131, p. 221-235, ago.-dez./93 a ago.-dez./94.

SOUZA SANTOS, Neuza. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2 ed. São Paulo: Editora Graal, 1990.

SLENES, Robert. A importância da África para as Ciências Humanas. Seminário **Respostas ao racismo**: produção acadêmica e compromisso político em tempos de ações afirmativas. 3 dez. IFCH/UNICAMP, 2009.

SMITH, C. D.; KAIN, R. J. P. History of cartography. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. **International Encyclopedia of Human Geography**. Vol. I e II. São Paulo: Elsevier, 2009.

STANLEY, Liz. **ON AUTO/BIOGRAPHY IN SOCIOLOGY**. Source: Sociology, Vol. 27, No. 1 (February 1993), pp. 41-52 Published by: Sage Publications, Ltd.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras**: a busca da identidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

TALIB Yusof; SAMIR Faisal. A diáspora africana na Ásia. In: EL FASI, Mohammed. **História Geral da África**. Vol. 3 - África do século VII ao XI. Brasília: Unesco, 2010.

TOMAZ LOPES, Bruno César. **Quando uma bixa periférica faz teatro ou quando o teatro faz uma monstra**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, 2017.

TUNER, Victor W. **Liminaridade e Comunitas**. In: O Processo ritual. Estrutura e Anti estrutura. Editora Vozes. 1974 [1969]

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. Brasília: Unesco, 2010.

VASCONCELO DE OLIVEIRA, Maria Carolina. **Instituições e públicos culturais**. Um estudo sobre mediação a partir do caso Sesc, São Paulo. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, 2009

VENANCIO, Robson Cardoso. **O Aristocrata Clube: resistência e movimentação da população negra na cidade de São Paulo (1960 - 1970)** Dissertação de monografia para obtenção do título de graduação em História - Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Guarulhos, 2022.

VEIGA, Cynthia Greive. Promiscuidade de cores e classes: tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira. In: FONSECA, Marcus Vinícius; POMBO DE BARROS, Surya Aaronovich. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

VIEIRA DA SILVA. Pedro Antônio. **Atlas das condições de vida e situação de saúde da população da Subprefeitura da Capela do Socorro de 1996 a 2006.** (Dissertação) o Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública Universidade de São Paulo, 2006.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Estudos Afro-Asiáticos.** (34): 81-121, dez., 1998.

WOODWARD. Kathryn. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Thomas Tadeu da Silva. São Paulo: Editora Vozes, 2019.

ANEXOS

Levantamento parcial de notícias sobre o subdistrito do Grajaú 1990-2010

Título da Notícia	Ano	Jornal de Circulação	Autoria
Cadáver é deixado na rua por 15 horas em SP	1994	Folha de São Paulo e Estado de São Paulo Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/09/cotidiano/17.html Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Homicídios crescem 5,5% no 1º semestre em São Paulo.	2000	Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20000719-38991-spo-0017-cid-c1-not/busca/Graja%C3%BA Acesso em: 31/01/2023	Natalia Antab
LONGE DO PERIGO Segundo a União dos Moradores, local está entre os menos violentos de São Paulo, com 11 homicídios em 99	2000	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0110200010.htm Acesso em: 31/01/2023	Célia Chaim
Quatro são baleados em bar na zona sul de SP; um morre	2000	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u14242.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Risco de ser vítima de homicídio cresce 9%	2000	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1501200003.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Motoristas de ônibus estão em protesto na zona sul de São Paulo	2000	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u10467.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Duas pessoas morrem em tentativa de chacina	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u18999.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Um morre e dois ficam feridos em tentativa de chacina	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u21887.shtml Acesso em: 31/01/2023	José Eduardo Rondon

Três ficam feridos em nova tentativa de chacina no 101 DP	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u22005.shtml Acesso em: 31/01/2023	José de Oliveira Júnior
Acusado de 18 assassinatos é preso na zona sul de São Paulo	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u27081.shtml Acesso em: 31/01/2023	Lívia Marra
Três são baleados na zona sul de SP; dois morreram	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u27216.shtml Acesso em: 31/01/2023	Lívia Marra
Tarefas de todos combate a violência	2001	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!//20010526-39302-nac-0084-fem-f6-not/busca/distrito+Graja%C3%BA Acesso em: 31/01/2023	Vera Fiori. Berenice Santos Guimarães.
Sargento da PM é preso, acusado de ter assassinado dois na zona sul	2001	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2307200137.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada

Grupo metralha delegacia, polícia revida e pelo menos 3 morrem	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u33470.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Quadrilha trocou tiros por 40 minutos com policiais; três detentos morreram na delegacia e outros quatro, em Parelheiros	2001	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2407200101.htm Acesso em: 31/01/2023	Paloma Cotes
"Achei que não sairia viva daqui"	2001	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2407200102.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Quatro mulheres são assassinadas em mais uma chacina em SP	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u37731.shtml Acesso em: 31/01/2023	José Eduardo Rondon
Três pessoas são encontradas mortas em parque de São Paulo	2001	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u42780.shtml?origin=folha Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Polícia encontra cativo e liberta vítima na zona sul de SP	2002	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u57574.shtml Acesso em: 31/01/2023	Lívia Marra
Denuncia leva a rota de cativo de dona de casa.	2002	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#/1/20020817-39750-spo-47-cid-c4-not/busca/Graja%C3%BA Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Violência	2002	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0605200311.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Rapaz é assassinado em escola da zona leste de São Paulo	2002	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u53207.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Carro da PM e bases da GCM são alvos de novos ataques em SP	2003	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85017.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Invasão ansiada	2003	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0204200311.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Acusado de tráfico de drogas morre em confronto com a PM de SP	2003	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u66200.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada

Cobrador morre e passageiro fica ferido após assalto em SP	2004	https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u88742.shtml Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Pedro, 9, foi jurado de morte por traficante	2004	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1411200412.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Grajaú concentra 10% dos casos registrados em SP	2004	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1411200415.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Mulher é assassinada na frente dos filhos	2004	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1412200426.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Filha de fazendeiro é libertada de cativo	2004	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1412200427.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Índice de homicídio cai em bairro mais rico	2005	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0507200522.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Grajaú recebe unidade para emergências	2005	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2107200530.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
A cada assassinato em Moema, 130 são mortos no Grajaú	2007	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200725.htm Acesso em: 31/01/2023	Gilmar Penteadado
Para autora, história explica a baixa criminalidade de Moema	2007	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200728.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Jovem queima filhas após discutir com marido	2008	https://www.estadao.com.br/brasil/jovem-queima-filhas-apos-discutir-com-marido/ Acesso em: 31/01/2023	Não informada
Garoto de 12 anos é detido pela 9ª vez em SP	2008	https://www.estadao.com.br/brasil/garoto-de-12-anos-e-detido-pela-9-vez-em-sp/ Acesso em: 31/01/2023	Não informada
PM é preso acusado de matar eletricista em briga de trânsito	2009	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2610200918.htm Acesso em: 31/01/2023	Não informada

Levantamento de documentários produzidos por coletivos situados no subdistrito do Grajaú 1990-2021.

Nome do documentário	Ano	Classificação temática
Educação: o caminho para a liberdade	1991	Educação popular de jovens e adultos na região do Grajaú.
Corrente libertadora. Quilombo da memória.	1992	História e cultura dos afrodescendentes através da prática da capoeira no subdistrito do Grajaú e Vila São José.
Margens	1997/1998	Questões ambientais, moradia e migração para região do subdistrito do Grajaú.
Onde São Paulo acaba	1994/1995	Violência urbana e juventudes urbanas de periferia, hip-hop com o grupo de rap Pavilhão 9.
Onde São Paulo acaba Pivete Branco (videoclipe)	1995	Videoclipe musical do grupo Pavilhão 9 nas regiões de Grajaú e Jardim Varginha.
Aristocrata Clube	2004	História e memória do clube social negro Aristocrata, o processo de encerramento do clube campestre e a relação com o subdistrito do Grajaú.
NCA.	2005	Veículo de produção e difusão de material de audiovisual autoral de grupos culturais das regiões de periferia.
Periferia em movimento	2009	Produtora independente de jornalismo com temática voltada às práticas culturais de periferia e a assuntos que ocorrem no cotidiano das periferias.
Caos e equilíbrio na metrópole	2011	Um documentário sobre a capoeira Angola em contexto urbano produzido por Alan Zaz, contramestre de capoeira Angola do Semente do Jogo de Angola - Núcleo Grajaú.
Onde São Paulo começa	2012	Documentário que procura apresentar uma perspectiva acerca da paisagem urbana que constitui o subdistrito do Grajaú e as suas práticas culturais.
Um país chamado Grajaú - EMEF Padre José Pegoraro	2013	Produzido a partir do contexto escolar entre alunos, professores e educadores sociais da região em vista de construções de novos sentidos sobre estar e produzir cultura nos bairros do Grajaú.
Documentário Malungo	2013	Toma como referência a Lei 10.639 de 2003 para pensar, a partir das práticas culturais produzidas nas periferias (Grajaú), o problema do racismo e as formas de combatê-lo dentro e fora da escola.

Xemalami "Xeque Mate La Misión" na Tv, nas Ruas	2014	Depoimento do grupo de rap Xemalami sobre a origem do grupo e as reflexões entre educação, questões raciais e hip-hop no Grajaú.
Projeto memórias nordestinas.	2015	Apresentação do grupo Maracaguetto no Projeto Memórias Nordestinas, no Jardim Cocaia, da Zona Sul Paulista.
Bombardeio Sonoro - Documentário Completo	2015	Documentário que narra o processo criativo no estúdio de gravação de músicas rap e a percepção dos sujeitos sobre o sentido da música em suas vidas.
Graja Groove, como tudo começou	2016	Depoimento dos sujeitos que participarão das ações do Graja Groove na produção cultural que envolvem o hip-hop e os diálogos com a <i>black music</i> , grafite e dança.
Coletivo quebra mundo	2016	Produtora cultural com ênfase em práticas culturais LGBTQI+ das periferias.
Do Grajaú a Taipas	2017	Atividade com crianças que percorrem diferentes regiões dos extremos da cidade orientadas por educadores sociais que lhes informam sobre as práticas culturais urbanas (grafite, fotografia, cinema).
Documentário Grajaú conta Zumbis Grajaú conta Dandaras.	2017	Narração do processo de criação e percepção dos artistas envolvidos na confecção da dramaturgia.
Um giro no Grajaú O Giro da Periferia (Webdocumentário)	2018	Documentário que narra 5 experiências de produtores culturais no Grajaú.
Série matriarcas: histórias de mulheres que cavaram os alicerces de lutas por direitos.	2019	Adélia Prates
		Maria da Glória
		Cidona
		Zilda
		Marina Amparo
		Lourdes
		Maria Garcia Afonso
		Maria Vilani
		Maria do Carmo
Célia Marina		
Escola de Samba Terceiro Milênio	2021	Documentário que narra a história da fundação da Escola de Samba Terceiro Milênio.
Dji Mavic Pro - Sobrevoando o BNH - Grajaú	2021	Imagens aéreas sobre parte da região do subdistrito do Grajaú.